

Hugo Fernando Parracho Gomes

TEMA: O Vidro Pré-Romano no Norte de Portugal



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto 2012

Hugo Fernando Parracho Gomes

TEMA: O Vidro Pré-Romano no Norte de Portugal



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto 2012

Hugo Fernando Parracho Gomes

TEMA: O Vidro Pré-Romano no Norte de Portugal

Trabalho apresentado à
Universidade Fernando
Pessoa como parte dos
requisitos para obtenção
do grau de Mestre em
Arqueologia

Sumário

O presente trabalho tem como objectivo principal contribuir para o estudo e conhecimento das sociedades do Noroeste Peninsular português, integradas na área de influência da chamada “Cultura Castreja”, ao longo do I Milénio a.C., até aos inícios do domínio romano, utilizando como ponto de partida e objecto de estudo os artefactos em vidro que foram até à data encontrados.

Concretamente, procuraremos compreender de que forma o espólio vítreo se enquadra no conjunto de estímulos exógenos que terão sido sentidos pelas populações desta região no decurso deste período e que terão determinado o curso evolutivo das sociedades locais e contribuído para a singularidade da chamada “Cultura dos Castros”. Do ponto de vista geográfico, o estudo abrangerá a tradicional área de influência da “Cultura Castreja”, excluindo o território espanhol a Norte do Rio Minho, apresentando os seguintes limites: o rio Vouga, a Sul; o rio Minho, a Norte; o Oceano Atlântico a Oeste; os rios Tua e Rabaçal a Este.

O vidro deste período encontrado em Portugal não foi ainda alvo de qualquer tipo de estudo ou abordagem sistemática pelo que se tratou de um trabalho pioneiro que implicou a realização de um inventário exaustivo dos materiais encontrados e o seu estudo morfo-tipológico. Do trabalho realizado resultou um aumento significativo do número de sítios com objectos de vidro pré-romanos face aos levantamentos anteriormente realizados, para além de ter permitido comprovar a presença de artefactos vítreos, designadamente contas, nos momentos de mais marcada transição/transformação das sociedades do Noroeste Peninsular.

ABSTRACT

The present study aims at contributing to the study and knowledge of the societies which lived in the portuguese Northwest of the Iberian Peninsula, integrated in the area of influence of the "Castro Culture" along the I millennium BC until the beginning of Roman rule, using as a point of departure and subject of study glass objects that have been found to date.

Specifically, we will seek to understand how the vitreous objects found, historically and archeologically articulated with the set of exogenous stimuli that have been felt by the people of this region during this period, which determined the evolutionary course of local societies and contributed to the uniqueness of the "Castro Culture". From a geographic perspective, the study will cover the traditional area of influence of the "Castro Culture," excluding the Spanish territory North of the Rio Minho, with the following limits: the Vouga river, to the South; the Minho River to the North; the Atlantic Ocean to the West and the rivers Tua and Rabaçal to the East.

The glass of this period found in Portugal has not yet been subject to any kind of study or systematic approach so this was a pioneering work that led to the completion of an exhaustive list of found materials and their morpho-typological study. The labor resulted in a significant increase in the number of sites with pre-roman glass opposing to the results of surveys previously conducted. It also allowed us to prove the presence of glass artifacts, particularly beads, in the more significant transition / transformation periods of the societies from the Northwest of the Iberian Peninsula.

DEDICATÓRIAS

Finda mais uma etapa do meu percurso acadêmico é imperativo absoluto que dedique este trabalho àqueles que me são mais próximos e sem os quais não teria chegado até aqui.

À minha Mulher, Ariana, pelo seu amor, dedicação, paciência, pelos seus conselhos, por estar sempre presente a meu lado e, sobretudo, pela crença inabalável que mantém em mim e nas minhas qualidades e capacidades, nos momentos em que vacilo.

Ao meu Filho, Rafael, pela alegria e felicidade, por dar razão e sentido a tudo o que está para trás e motivação adicional para continuar e melhorar.

Aos meus Pais, Fernando e Maria Eduarda, por todo o amor, incentivo e apoio que sempre deram aos meus “devaneios” arqueológicos. Ao meu Pai, devo muitas idas a museus e exposições que, desde criança, estimularam a minha curiosidade pelo saber e pelo Passado.

Às minhas Avós, Laurinda e Felicita, por terem sido, para mim, aquilo que deveriam ser: as minhas segundas mães.

Por último, dedico este trabalho ao meu Irmão, João Paulo, por ter sido sempre e ser, o melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, mestre e amigo Doutor Francisco Manuel Veleda Reimão Queiroga; ao Professor Julian Henderson, pelo apoio científico e disponibilidade; ao meu amigo, Manuel António Vitorino por todo o apoio dado a nível gráfico e pela disponibilidade; ao meu amigo e colega Francisco Faure pelo apoio e conselhos.

A nível institucional:

Museu da Sociedade de Martins Sarmiento, Guimarães: António Amaro das Neves, presidente da direcção e Patrícia Aguiar; Museu Municipal de Penafiel: Maria José Santos, directora e Helena Bernardo; Estação Arqueológica do Monte Mozinho, Penafiel: Teresa Pires de Carvalho; Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga: Isabel Silva, directora e Maria Clara Lobo; Núcleo Museológico da Casa dos Nichos (Viana do Castelo): Jorge Correia; Câmara Municipal de Viana do Castelo: Miguel Costa; Museu de Aveiro: Ana Margarida Ferreira, directora e Sandra Drummond; Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga: Carlos Maia; Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende: Ana Paula Almeida; Museu Municipal da Póvoa de Varzim: José Flores, director; Gabinete de Arqueologia da C. M. de Vila do Conde: Paulo Costa Pinto; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira): Armando Coelho Ferreira da Silva, director; Câmara Municipal de Ponte de Lima: Sandra Rodrigues; Museu dos Terceiros (Ponte de Lima): José Dantas, director; Câmara Municipal do Porto: António Manuel Silva; Solar dos Condes de Resende (C. M. de Vila Nova de Gaia): Gonçalves Guimarães; Câmara Municipal de Matosinhos: José Varela; Museu de Espinho: Jorge Salvador; Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão: Felisbela Leite; Museu dos Lóios: Ana José Oliveira, directora; Museu Municipal Abade Pedrosa: Álvaro Moreira, director; Museu de Baião: Carla Stockler, directora; Direcção Regional de Cultura do Norte: Paulo Amaral; Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Carlos Alberto Brochado de Almeida, Maria de Jesus Sanches; Universidade do Minho: Ana Bettencourt, Manuela Martins,

Francisco Sande Lemos; Universidade Portucalense; Maria de Fátima Matos Silva;
Museu da Olaria (Barcelos); Cláudio Brochado; Marcelo Mendes Pinto; Ivone Pedro;
João Inês Vaz; Huet Bacelar; António Pereira Dinis; Ana Abrunhosa; Gertrudes Branco;
João Tiago Tavares e Javier Larrazabal.

| | |
|---|-----------|
| I - INTRODUÇÃO – ESTADO DA QUESTÃO..... | 5 |
| I.1 - Razões da escolha | 5 |
| I.2 - Introdução/Objectivos..... | 6 |
| I.3 - Estado da questão: O estudo do vidro em Portugal e a nível europeu..... | 8 |
| I.4 - Dificuldades Sentidas | 14 |
| I.5 - Metodologia | 17 |
| II - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO | 23 |
| II.1 - Caracterização Geomorfológica | 23 |
| II.2 - Enquadramento Histórico-Arqueológico..... | 24 |
| II.3 - A economia e a sociedade | 30 |
| III - O VIDRO ANTIGO | 33 |
| III.1 - Breve História do Vidro | 33 |
| III.1.i - Da origem ao vidro soprado..... | 33 |
| III.2 - O estatuto dos artesãos vidreiros e a importância do vidro na antiguidade | 41 |
| III.3 - O vidro como material..... | 43 |
| III.3.i - Composição físico-química..... | 44 |

| | |
|---|-----------|
| III.3.ii - Agentes colorantes | 45 |
| III.4 - Técnicas de fabrico / produção..... | 48 |
| III.4.i - Técnicas de Fabrico | 50 |
| III.4.ii - Técnicas decorativas | 53 |
| IV - A CIRCULAÇÃO DO VIDRO NO MUNDO ANTIGO | 57 |
| IV.1 - Os Centros Produtores | 57 |
| IV.1.i - Os principais centros produtores: Mediterrâneo Oriental e Próximo Oriente | 58 |
| IV.1.ii - Produção de vidro na Europa Ocidental | 61 |
| IV.2 - O Comércio do Vidro..... | 64 |
| IV.3 - Os Principais Agentes do Comércio Vidreiro..... | 67 |
| IV.3.i - O Bronze Final..... | 68 |
| IV.3.ii - O I Milénio – Fenícios, Gregos, Cartagineses e Gaditanos | 71 |
| V - O VIDRO PRÉ-ROMANO NA PENÍNSULA IBÉRICA | 77 |
| V.1 - O Território Espanhol..... | 77 |
| V.2 - O Vidro no Território Português | 80 |
| V.2.i - Centro e Sul de Portugal | 80 |

| | |
|---|------------|
| VI - O NORTE DE PORTUGAL (ENTRE OS RIOS VOUGA E MINHO) | 87 |
| VI.1 - Os sítios e os contextos | 87 |
| VI.2 - Tipologia e Cronologia dos Materiais | 90 |
| VI.2.i - Os Contextos | 90 |
| VI.2.ii - Contas | 93 |
| VI.2.iii - Vasos | 112 |
| VI.2.iv - Braceletes | 113 |
| VI.2.v - Dispersão geográfica dos achados | 114 |
| VII - O SIGNIFICADO DO VIDRO NO CONTEXTO DO I MILÉNIO A.C. NO NORTE DE PORTUGAL..... | 115 |
| VII.1 - A origem do vidro encontrado no Noroeste Peninsular e a sua cronologia.. | 115 |
| VII.2 - O comércio com o Noroeste Peninsular: entre o Atlântico e o Mediterrâneo | 117 |
| VII.3 - A função e o significado social e simbólico: o vidro no quotidiano | 120 |
| VII.3.i - As contas: objectos de adorno, de prestígio e mágico-simbólicos | 123 |
| VII.3.ii - Os vasos sobre núcleo de areia ou argila..... | 126 |
| VIII - DISCUSSÃO | 129 |
| IX - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 135 |

| | |
|---|------------|
| X - BIBLIOGRAFIA | 137 |
| XI - ANEXOS..... | 161 |
| XI.1 - Estampas | 163 |
| Fichas de Inventário | 175 |
| XI.1.i - Nota explicativa | 175 |
| XI.1.ii - Tabela de Índice das Fichas | 179 |
| XI.1.iii - Fichas | 181 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Terminologia adoptada para as cores..... | 21 |
| Tabela 2 – Sítios, número de contas por sítio e cronologia das peças..... | 88 |
| Tabela 3 – Tabela de distribuição das contas “oculadas” | 99 |
| Tabela 4 – Tabela de distribuição das contas policromas não “oculadas” | 104 |
| Tabela 5 – Principais cores presentes nas contas monocromas..... | 110 |
| Tabela 6 – Tabela de correspondência tipológica..... | 185 |

I - INTRODUÇÃO – ESTADO DA QUESTÃO

1.1 - Razões da escolha

A escolha deste tema prendeu-se com duas ordens de razões: pessoais e científicas. As primeiras consistem na minha predilecção pela actualmente designada Pré-História Recente, em particular, pelo período entre o Bronze Final e os inícios da ocupação romana, isto é, entre os finais do II e finais do I milénios a.C. e no interesse científico que desenvolvi, ao longo dos anos, pela chamada “Cultura dos Castros” ou “Cultura Castreja”, que caracteriza, genericamente, a região no período referido. A segunda ordem de razões, prende-se com o grande interesse e pertinência do tema. Efectivamente, a investigação sobre a evolução da “Cultura Castreja” encontra-se, de certa forma, num impasse científico. A maior parte das intervenções nos grandes castros e citânias, como Briteiros e Sabroso, foram realizadas há muitos anos, muitas entre os finais do século XIX e a primeira metade do século XX e, em muitos casos, sem o devido enquadramento metodológico. Ao nível da cultura material foi colocado o ênfase no espólio da fase mais tardia - “galaico romano” - a partir da segunda metade do século II a.C.. No entanto, os avanços da arqueologia ao longo da segunda metade do século XX e o advento das datações por radiocarbono foram fazendo recuar a génese da identidade dos povos do Noroeste Peninsular até, pelo menos, ao Bronze Final, tradicionalmente localizado, cronologicamente, no último quartel do II Milénio a.C. (Silva, 1994: 31). No entanto, foram escassas as intervenções entretanto realizadas e têm faltado trabalhos e linhas de investigação inovadoras, susceptíveis de trazer novas perspectivas e abordagens capazes de explicar a dinâmica evolutiva destas sociedades.

Neste sentido e na medida em que consideramos que as transformações ocorridas entre os finais do II milénio a.C. e os finais do I milénio a.C. só poderão ser verdadeiramente compreendidas a partir do estudo e conhecimento das relações estabelecidas entre as populações locais e as regiões atlânticas e mediterrânicas, no âmbito, essencialmente, das trocas comerciais que se terão verificado e intensificado nesta fase, optámos por estudar um conjunto de materiais de proveniência claramente alógena, os vidros, que

não foram, ainda, pelo menos no caso português, alvo de qualquer análise ou estudo. Tratando-se de um primeiro olhar sobre o espólio em causa, o manancial de informação nova será, necessariamente, significativo pelo que, do estudo que realizámos, esperamos que possa advir um contributo real para desbravar novos rumos para a investigação da “Cultura Castreja”.

1.2 - Introdução/Objectivos

O presente trabalho teve por objectivo primaz estudar as sociedades do Noroeste Peninsular até aos alvares da Romanidade através da análise de um determinado tipo de vestígio arqueológico ou materialidade: o vidro. É sabido que, pelo menos desde o III milénio a.C., ocorreu uma intensificação dos contactos comerciais entre a Península Ibérica e as restantes sociedades do mundo antigo. Estes contactos, em termos arqueológicos, traduzem-se na presença de materiais de proveniência claramente alógena, ou na importação de “tipos” culturais que foram absorvidos e cristalizados na chamada cultura material local contribuindo para a formação das várias singularidades culturais e regionais peninsulares. Entre os diferentes materiais de importação temos as peças em vidro, essencialmente, contas de colar, mas também fragmentos de recipientes – unguentários, *aryballos*, *amphoriskos* – utilizados como contentores de perfumes e unguentos.

Somos da opinião e procuraremos demonstrá-lo no estudo que realizámos, que o *processus* evolutivo das sociedades arcaicas e, neste caso, do Norte de Portugal, só é explicável através de uma melhor compreensão do quadro de contactos e intercâmbios ocorridos entre as várias populações e regiões, que claramente se intensificaram a partir do último quartel do II milénio a.C., altura em que parece ter ocorrido a génese identitária ou a etno-génese das sociedades peninsulares que conduzirá ao quadro de alguma complexidade que as populações romanas encontraram ao entrar no palco ibérico. Isto sem que, de forma alguma, pretendamos ser neo-difusionistas ou negar o importante papel dos mecanismos de evolução interna intrínsecos a cada população e sociedade e, muito menos, defender a deslocação maciça de populações e a substituição

de uns povos por outros que não nos parece tenha sido um fenómeno que caracterize a história antiga da Península Ibérica, a não ser em casos muito pontuais, específicos e relativamente bem conhecidos (caso da “*cultura dos campos de urnas*” na região catalã).

Uma vez que não foi ainda efectuado qualquer estudo ou análise sistemática deste tipo de materialidades no território nacional, o questionário possível, relativamente a estas produções, é, praticamente, total. Neste sentido, procuraremos responder a algumas questões, tais como:

- Em que período(s) é que estas produções chegaram ao território nacional?
- Quando é que surgem pela primeira vez no Noroeste Peninsular?
- Qual a sua proveniência/origem?
- Por que meios/vias chegaram até ao nosso território e, em particular, ao Noroeste Peninsular?
- Qual a diversidade tipológica dos materiais encontrados até hoje?
- Qual a sua função e significado (social e simbólico) para as populações do Noroeste Peninsular?
- Quem utilizava/usava estes produtos? Os homens? As mulheres? Ambos? E de que forma?

A resposta a estas questões poderá permitir responder a uma outra que corresponde ao objectivo traçado: a cronologia dos materiais exumados no Norte de Portugal pode, de algum modo, relacionar-se com momentos de transição identificáveis ao nível do registo arqueológico e com aquilo que se sabe relativamente à evolução das sociedades do Noroeste Peninsular?

Em caso afirmativo, comprovar-se-á a utilidade das peças de vidro como indicador válido, a nível cronológico e cultural, relativamente à questão dos contactos, de resto, idêntica às restantes “materialidades”, desde que haja um melhor conhecimento dos arqueólogos/investigadores a seu respeito.

1.3 - Estado da questão: O estudo do vidro em Portugal e a nível europeu

Não pretendemos aqui ser exaustivos sobre a temática geral do estudo do vidro em Portugal, na medida em que tal fugiria ao âmbito do nosso trabalho. Importa, em todo o caso, que percebamos, genericamente, qual a situação por uma questão de contextualização.

No quadro geral dos estudos relativos ao espólio ou, se preferirem às “materialidades” exumadas nas intervenções arqueológicas no nosso país, o vidro tem sido uma espécie de parente pobre. De qualquer modo, existe já um manancial considerável de trabalhos publicados, particularmente, no que aos vidros romanos diz respeito. A este nível, os trabalhos de Jorge e Adília Alarcão relativamente ao espólio vítreo de Conímbriga (Alarcão, J. e A.; 1965) entre outros relativos a várias colecções existentes em museus portugueses, privadas ou resultantes de trabalhos arqueológicos (Alarcão, 1968a; 1968b; 1970a; 1970b; 1971; 1975; 1976; 1978 e 1981; Alarcão e Alarcão, 1963a, 1963b, 1963c, 1964a, 1964b e 1967) merecem referência pelo seu cariz pioneiro. Merecem também menção os estudos empreendidos por Jeannete Smit Nolen, sobre os vidros de S. Cucufate, de Torre de Ares, Balsa e da Herdade das Represas (Nolen, 1988, 1994 e 1996) e, mais recentemente, os desenvolvidos por Mário Cruz (Cruz, 2009) relativamente aos vidros romanos provenientes de Braccara Augusta. Este último, é particularmente significativo por se tratar do único estudo de fundo sobre vidro antigo que concerne à região do Norte de Portugal.

Também relativamente aos vidros de fases mais recentes foram realizados já alguns estudos, nomeadamente, por Manuela Ferreira relativamente aos vidros islâmicos e modernos (Ferreira, 1994, 1997, 2003 e 2004) e por Maria da Conceição Rodrigues

(Rodrigues, 1993, 1997, 2003 e 2007), neste último caso, com enfoque sobre as contas de vidro de origem mediterrânica e africana dos “tipos” “*Nova Cadiz*” e “*Chevron*” também de cronologia moderna (séculos XV a XVII).

Neste quadro muito geral e mesmo considerando faltarem algumas referências de menor importância que poderiam ser aqui apresentadas, é possível constatar o pouco que se tem feito no que ao estudo do vidro concerne comparativamente ao que existe sobre cerâmicas, líticos e, mesmo, metais.

Mas, apesar do quadro traçado, a situação piora, consideravelmente, quando se fala em vidro de cronologia pré-romana. Efectivamente, o vidro pré-romano tem sido negligenciado no âmbito dos estudos da proto-história recente peninsular por vários motivos: os achados são muito escassos no contexto global dos materiais encontrados nos sítios; tem sido encarado apenas como parente pobre, um subproduto, do comércio orientalizante de origem mediterrânica que se terá desenvolvido e intensificado ao longo do I Milénio a.C., impulsionado por Fenícios, Gregos e Cartagineses; a ausência, até muito recentemente, de metodologias e tecnologias suficientemente desenvolvidas para analisar este tipo de materiais de modo a extrair informação para além da meramente tipológica, nomeadamente, através da realização de análises químicas.

O facto é que, devido a estes factores, o espólio vítreo pré-romano encontrado em Portugal, não foi ainda alvo de qualquer tipo de abordagem ou estudo, sistemático ou não, no sentido de dele procurar retirar mais informação. As únicas referências a este tipo de materialidades são as patentes nas descrições das fichas de sítio apresentadas na base de dados *Endovelico* do IGESPAR, I.P., extremamente sumárias e lacunares, e as listagens de espólio de alguns sítios intervencionados que se encontram publicadas e que apresentam, apenas, algumas descrições morfo-tipológicas básicas.

No caso português, conhecemos apenas quatro trabalhos que abordaram, directa ou indirectamente, a temática do vidro pré-romano e, ainda assim, de forma pouco aprofundada: um texto da autoria de Adília Alarcão (Alarcão, 1989) no âmbito da exposição organizada pelo Museu Nacional de Arte Antiga e pela Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, subordinada ao tema “O Vidro em Portugal”, em

que a autora faz um balanço dos achados de vidro entre a Proto-História e os inícios da Idade Média; um artigo da autoria de Carlos Fabião (Fabião, 2001) sobre os materiais de Cabeça de Vaia Monte (Monforte), um artigo da autoria de Armando C. F. da Silva e José Marcelo Mendes Pinto (Silva e Pinto, 2001), sobre o comércio púnico com o Noroeste Peninsular e a recente dissertação de mestrado apresentada por Gabriel Pereira relativo ao mesmo tema (Pereira, 2011). Relativamente ao primeiro caso, é interessante constatar que no levantamento apresentado pela autora não consta qualquer sítio do Norte de Portugal, sendo a estação mais setentrional assinalada a do Crasto (Tavarede, Figueira da Foz). No terceiro, os autores procuraram fazer um primeiro levantamento dos sítios em que surgiram materiais de importação púnica na região referida, incluindo os vítreos. Os dados apresentados são, no entanto, bastante escassos pois os autores basearam-se apenas em elementos publicados ou que eram do seu conhecimento pessoal. Assim, é referido um total de, apenas, seis contas de pasta vítrea distribuídas por quatro sítios (em Romariz, Santa Maria da Feira; no Castro das Ermidas, Vila Nova de Famalicão; em Santo Estevão da Facha, Ponte de Lima; no Castro de S. Domingos, em Lousada), para além de três fragmentos de *amphoriskos* ou *aryballos*: um em *Cale*, no Morro da Sé do Porto (Arqueosítio da Rua D. Hugo nº 5) e dois também no Castro das Ermidas (Silva e Pinto, 2001: 234-235). O inventário mais expressivo, realizado até à data, de achados vítreos pré-romanos para a nossa área de estudo, foi o, já referido, realizado por Gabriel Rocha Pereira (Pereira, 2011), dedicado, como dissemos, ao tema dos contactos púnicos com o Noroeste Peninsular, entre os séculos VI e III a.C., no âmbito do qual o autor procurou realizar um balanço dos materiais de importação púnica encontrados na região, entre os quais se encontram os vítreos. Assim, ainda que acessoriamente, são referidos diversos achados vítreos, provenientes de vários sítios, designadamente: Cabeço do Vouga; Cividade, Romariz; Cruito; Palheiros; São Domingos; Morro da Sé (Porto); São Julião; Castro de Penices; Monte das Ermidas; Castro de Sabroso; Citânia de Briteiros; Santo Estevão da Facha; Castro do Vieito; Castro de Salreu; São Julião do Freixo, Quinta de São Salvador e Correlhã. No entanto, dos dezoito sítios inventariados, cinco correspondem a identificações que merecem algumas reservas, nomeadamente, São Julião (Vila Verde); Sabroso; São Julião do Freixo; Quinta de São Salvador e Correlhã, às quais se junta outra referência a contas encontradas em São Caetano, Chaves (Pereira, 2011: 136). Efectivamente, no primeiro caso, como veremos adiante com maior pormenor, a peça identificada por Ana

Bettencourt (Bettencourt, 2000: 23, Est. CV: 2) parece corresponder, tipologicamente, a uma conta “*gold-in-glass*”, de cronologia romana; ao passo que, nos restantes casos, em que o autor se baseou em referências bibliográficas (Chaves 1955: 137-141), se tratarão de contas africanas ou tipo “*chevron*” de cronologia moderna, situação que, de resto, foi alvo de alguma clarificação num artigo da Dr^a Thea Haevernick (Haevernick, 1964). Registe-se, ainda, uma outra referência questionável (Pereira, 2011: 105) relativa a uma suposta conta de pasta vítrea da Idade do Bronze, proveniente de Castelo de Matos (Figueiral e Queiroga, 1988). De facto, a peça referida foi alvo de análises químicas no âmbito de um trabalho conjunto de Raquel Vilaça, Edith Stout e W. C. Beck (Vilaça *et alii*, 2002: 61-78), tendo-se verificado ter sido elaborada numa rocha vítrea aparentada do quartzo e não em vidro.

Apesar destas pequenas questões, o levantamento realizado é particularmente útil, na medida em que fornece uma boa contextualização relativamente às “importações” de origem mediterrânica que chegaram ao Noroeste Peninsular.

Transportando o ponto de situação para nível peninsular, verificamos uma maior quantidade de estudos, ainda que o quadro geral seja também pobre. É, assim, de referir o trabalho de Garcia-Heras (Garcia-Heras *et alii*, 2005) sobre os materiais vítreos (contas) da necrópole de Numantia, um estudo de cariz arqueométrico; e, particularmente, os trabalhos de Ruano Ruiz (Ruano Ruiz, 1995 a, 1995 b, 1996, 1997; Ruano Ruiz *et alii*, 1997) que incidiram sobre vários conjuntos de contas de pasta vítrea, sendo particularmente relevante o relativo às contas do Museu Arqueológico de Ibiza y Formentera (Ruano, 1996), por se tratar da primeira tentativa de sistematização de dados sobre o vidro para todo o território espanhol e, conseqüentemente, a nível peninsular. De destacar, ainda, os levantamentos de achados vítreos efectuados por Rovira i Port, para a região catalã (Rovira i Port, 1996a, 1996b); os trabalhos de Javier Jiménez Ávila sobre os objectos de vidro do sítio de Pajares (Jiménez Ávila, 1999) e, por último, os de Teresa Carreras Rossell sobre recipientes de vidro (Rossell, 1995) e sobre o vidro pré-romano em geral no âmbito da exposição “*La fragilidad en el tiempo. El vidrio en la antigüedad.*”, realizada pelo Museu d’Arqueologia de Catalunya (Rossell, 2005).

Ao nível da Europa extra-peninsular, o panorama é, consideravelmente, melhor. Para além de uma série de publicações e artigos menores, a obra coordenada por Feugère, em 1989 (Feugère, 1989), sobre o vidro pré-romano na Europa Ocidental, que reúne os trabalhos de vários especialistas, constitui ainda uma importante referência (num dos artigos, da autoria do próprio Michel Feugère, são, inclusivamente, mencionados alguns sítios portugueses no âmbito do levantamento dos achados de vasos sobre núcleo de areia ou de argila encontrados na área referida, ainda que apresentando erros ao nível da cartografia), mas os trabalhos mais recentes coordenados por Nenna (Nenna, 2000), Foy e Nenna (Foy e Nenna, 2001) e Foy (Foy, 2003) constituem importantes contributos relativamente aos últimos avanços da pesquisa nesta área, nomeadamente, no que concerne à produção e circulação do vidro no mundo antigo.

Quanto à problemática da origem/proveniência dos objectos de vidro, por sua vez, directamente relacionada com as da tecnologia e da identificação dos centros produtores, vários autores lhe têm dedicado particular atenção. Trata-se de uma área de investigação directamente relacionada com os estudos de cariz arqueométrico e químico, que tem conhecido notáveis desenvolvimentos nos últimos anos. A este nível, é de realçar o trabalho desenvolvido, há mais de duas décadas, por Julian Anderson, de que resultaram inúmeras publicações. O seu trabalho tem assentado na descoberta de novos métodos de análise de materiais arqueológicos (Henderson, 1985 e 1989), com particular incidência no vidro, no sentido de determinar, de forma eficaz qual a sua origem. As suas investigações assentam na utilização do método de espectrometria de massa de iões térmica no sentido de obter uma análise isotópica dos constituintes do vidro, metodologia que tem vindo a aperfeiçoar (Henderson, 2005; Barkoudah e Henderson, 2006; Henderson *et alii* 2006). São ainda de destacar os trabalhos de Degryse e Shortland (Degryse e Shortland, 2009).

Refira-se que, relativamente ao Noroeste Peninsular, são particularmente escassos os dados de cariz arqueométrico disponíveis, relativamente a vidros pré-romanos,

resumindo-se a dois trabalhos¹: um de Ana Abrunhosa (Abrunhosa, no prelo) sobre as contas de vidro encontradas no Crasto de Palheiros, Murça, e, o outro, uma nótula de Julian Henderson sobre os vidros encontrados no Castro das Ermidas (Vila Nova de Famalicão) num artigo de outros autores (Queiroga e Pautreau, 1990: 44-49) relativo ao mesmo arqueossítio².

No que concerne ao estudo da “Cultura Castreja”, a grande obra de referência continua a ser a de Armando C. F. da Silva (Silva, 1986), recentemente objecto de uma actualização pelo mesmo autor (Silva, 2007). Os trabalhos de Francisco Queiroga (Queiroga, 1992), para a região entre Douro e Minho, de António Manuel S. P. Silva (Silva, 1994), para a área entre o Vouga e o Douro, de Carlos Alberto Brochado de Almeida (Almeida, 1996), para a área entre o Cávado e o Minho e, a um nível mais micro-regional, o de António Pereira Dinis (Dinis, 1993), para a zona do Baixo Ave, o de Manuela Martins (Martins, 1990), para a Bacia do Cávado, o de Tarcísio Maciel (Maciel, 1997), para o Vale do Neiva, o do, já referido autor, Carlos Alberto Brochado de Almeida (Almeida, 1990), para a bacia inferior do Lima, o de Paulo Amaral (Amaral, 1993), para o vale superior do Tâmega e o de Ivone Pedro (Pedro, 1995) para a região de Viseu, constituem também importantes referências. A região transmontana foi objecto de muito menos investigação, sendo de destacar os trabalhos desenvolvidos por Maria de Jesus Sanches (Sanches, 1992 e 1997) e o de Francisco de Sande Lemos (Sande Lemos, 1992) relativo à ocupação romana e da Idade do Ferro. No caso da

¹ De resto, desconhecemos quaisquer outros estudos deste tipo que tenham sido realizados sobre vidro pré-romano no território nacional.

² No primeiro caso, tratou-se de um trabalho experimental que não revelou resultados significativos (procurava-se aquilatar da possibilidade de produção local das contas exumadas), para além de alguma informação sobre alguns dos elementos químicos constituintes das peças analisadas. No segundo, o autor revela que a composição química dos vidros analisados (sódio-cal-sílica) corrobora uma cronologia sidérica, posterior ao século VIII a.C..

primeira destaca-se também a investigação conduzida, nos últimos anos, no Crasto de Palheiros, Murça (Sanches, 2000-2001, 2004 e 2008).

Finalmente, temos a problemática dos contactos entre o Noroeste Peninsular e as restantes regiões. O debate, a este nível, centra-se, tradicionalmente, nas evidências de contactos com o mundo atlântico e com o mundo mediterrânico, para além de influências continentais de cariz céltico. As influências atlânticas são, geralmente, consideradas mais significativas durante a Idade do Bronze, ao longo do II Milénio, originando mesmo a designação “Bronze Atlântico” e as mediterrânicas no decurso do I Milénio, sendo os contactos com o mundo ocidental protagonizados por populações oriundas do Mediterrâneo Oriental - Micénicos e Sirio-Palestinianos, seguidos dos Fenícios -, do Egeu – Gregos –, do Norte de África - Cartagineses – e finalmente pelos Romanos, sobretudo a partir do século II a.C.. Relativamente às influências atlânticas, temos como principais referências os trabalhos de Coffyn (Coffyn, 1985) e o excelente balanço realizado no colóquio “*Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*”, coordenado por Susana Oliveira Jorge, em 1998 (Jorge, 1998). Quanto aos contactos mediterrânicos destacaríamos as sínteses sobre o tema de Ana Margarida Arruda (Arruda, 1995) e de Eugénia Aubet-Semler (Aubet-Semler, 1994). Ainda relativamente a estas matérias merecem referência os trabalhos de Ruiz-Gálvez Priego (Ruiz-Gálvez Priego, 1993, 1998 e 2009) e de Senna-Martinez (Senna-Martinez, 1995 e 2010).

1.4 - Dificuldades Sentidas

Foram várias as dificuldades sentidas no decurso do trabalho, algumas das quais já foram referidas.

Em primeiro lugar, a ausência de qualquer estudo sistemático a nível local ou regional deste tipo de materiais no nosso território. Mesmo considerando a totalidade da Península Ibérica são, como vimos, muito escassos os estudos relativos a vidro pré-romano. Nesta perspectiva, não é de estranhar a escassez de referências bibliográficas a espólio vítreo deste período existentes em Portugal. Estas referências consistem,

basicamente, em apontamentos realizados em artigos ou monografias mais gerais, sobre sítios ou regiões, em que se indica, geralmente, o número de achados e se elabora uma breve descrição morfo-tipológica. Para além disto existem algumas indicações do achado de peças vítreas na base de dados de sítios arqueológicos *Endovellico*, no *site* do IGESPAR I.P..

O vidro proto-histórico, a nível europeu, integra um lote relativamente restrito de categorias – chamemos-lhe assim – distintas: vasos (essencialmente, para unguentos, óleos e perfumes ou essências); contas de colar e amuletos e braceletes (associadas, sobretudo, ao mundo céltico continental).

A quase totalidade dos materiais vítreos pré-romanos encontrados no âmbito de intervenções arqueológicas, no nosso país, é formada pelas contas de colar. A análise deste tipo de espólio é, no entanto, duplamente problemática: por um lado, são escassas as peças provenientes de escavações recentes e que provenham de contextos seguros e bem definidos; por outro, o desconhecimento relativamente à tipologia destes materiais fez com que os arqueólogos os tivessem negligenciado nas suas análises de espólio, referindo-os muito lateralmente, ou mesmo, ignorando-os. Os investigadores focaram, geralmente, a sua atenção exclusivamente nas contas de vidro com decoração oculada que foram, de qualquer modo, encaradas apenas como um sub-produto do comércio orientalizante, não sendo possível ir muito mais além em termos de informação a extrair. É um facto que, até muito recentemente, se verificava uma incapacidade tecnológica de realizar análises capazes de extrair informação deste tipo de material para além da meramente tipológica, o que se alterou, essencialmente, nos últimos vinte anos com a possibilidade de realização de análises químicas e isotópicas direccionadas para a identificação de centros produtores, isto é, para a determinação da origem dos materiais.

Outra dificuldade, prendeu-se com o facto das peças se encontrarem dispersas por dezenas de autarquias e museus municipais, sendo particularmente complicado reunir a informação, até porque, como referimos, se tratam, em muitos casos, de artefactos que nunca foram alvo de qualquer publicação ou referência, sendo necessário (e bastante difícil) rastrear o seu paradeiro, nomeadamente, nos casos de intervenções mais antigas.

Associado a este problema referimos o facto de, por motivos vários, em alguns casos não termos conseguido acesso directo aos materiais pelo que tivemos que nos basear em dados publicados ou em indicações dos próprios arqueólogos (aos quais deixamos os nossos agradecimentos), o que criou também alguma distorção nos dados e, desde logo, inviabilizou uma eventual abordagem estatística aprofundada.

Uma última dificuldade relacionou-se com a própria caracterização tipológica dos materiais, designadamente, das contas. Apesar de nos termos alicerçado, essencialmente, em dois trabalhos de referência, o de Beck (1973) e o de Van der Sleen (1973), de resto, bastante metódicos e exaustivos do ponto de vista tipológico, o facto é que a própria natureza dos materiais vítreos, associada às tecnologias usadas na sua produção, impede uma fácil classificação, pois as peças são muito pouco uniformes, existindo muitas imperfeições e distorções, não se verificando a ocorrência de duas peças exactamente iguais, o que, torna efectivamente problemática, em muitos casos, a atribuição de “tipos” específicos.

Em todo o caso, pensamos que estas dificuldades, associadas ao facto de se tratar de um tema ainda não devidamente tratado, constituíram um aliciante e um atestado da importância da realização do presente trabalho.

Resumindo, as principais restrições sentidas foram: o facto de muitos dos materiais serem provenientes de escavações antigas realizadas sem o devido enquadramento metodológico e, como tal, não apresentarem contexto seguro; a escassez de trabalhos de referência sobre vidro pré-romano o que, se por um lado tornou o projecto mais aliciante e importante, não nos possibilitou o exercício comparativo através do qual poderíamos calibrar as nossas opções metodológicas e a própria cronologia dos materiais; a dispersão das peças por dezenas de museus municipais e autarquias, o que colocou problemas de logística e de gestão pessoal; a dificuldade em caracterizar as peças do ponto de vista formal devido à própria natureza do vidro e não ter sido possível a análise directa de todos os materiais inventariados.

Uma última chamada de atenção para uma das grandes dificuldades associadas ao estudo do vidro, de resto, já referida por Mário Cruz (Cruz, 2009): “*Enquanto objecto*

precioso o vidro não constitui um indicador cronológico e cultural particularmente fiável. O seu reduzido tamanho, valor e resistência ao tempo e às modas, faz com que percorram facilmente longas distâncias e perdurem no tempo, tornando problemática a leitura das tradições e cronologias associadas a cada objecto na ausência de contexto.”

No entanto, apesar deste aspecto, como referimos acima, pensamos que, de um efectivo melhor conhecimento deste tipo de materialidade, resultará a efectiva percepção da sua utilidade como mais um elemento susceptível de nos fornecer informação histórica e arqueológica válida, ou, por outras palavras, capaz de nos ajudar a compreender e conhecer melhor a história da região no decurso do I milénio a.C..

1.5 - Metodologia

A primeira questão metodológica que se nos colocou foi a escolha do próprio título do trabalho. A nossa opção final pela designação “pré-romano” prendeu-se com duas ordens de razões: em primeiro lugar, com o facto de ser o termo utilizado na generalidade das publicações e estudos realizados sobre o tema a nível mundial; em segundo lugar, com a constatação de que, apesar de ser uma realidade histórica que, efectivamente, os Romanos são contemporâneos de grande parte dos materiais estudados, todos os trabalhos/estudos sobre vidro romano realizados que conhecemos incidem, apenas, sobre os materiais vítreos com cronologia posterior aos finais do século I a.C. e, geralmente, com particular ênfase nas peças produzidas a partir de meados do século I da nossa Era, altura em que foi introduzida a tecnologia do soprado.

Prosseguindo na nossa explicação metodológica, no sentido de tentar responder ao questionário traçado, optámos pela realização do levantamento, tão exaustivo quanto possível, de todos os materiais vítreos existentes na região passíveis de se enquadrarem no âmbito cronológico do nosso estudo e fizemos a sua análise morfo-tipológica e estatística no sentido de recolher dados que possibilitassem, conjuntamente com os dados bibliográficos, responder a algumas das questões colocadas e ter uma melhor

noção das problemáticas existentes no que concerne às restantes. Por exemplo, relativamente à proveniência/origem dos materiais vítreos (no sentido duplo de centro produtor e de qual o povo responsável pela sua chegada ao território peninsular), uma das questões centrais do presente trabalho, apenas poderemos colocar hipóteses, pois uma resposta mais definitiva, exigirá a eventual realização de análises químicas. Tal determinação, associada à definição da cronologia dos materiais e ao quadro de dispersão dos mesmos, poderá trazer nova luz às teorias relativas aos contactos e dinâmicas comerciais deste período e à forma como estes ajudaram a moldar as sociedades do Noroeste Peninsular e contribuíram para o desenvolvimento da singularidade da “Cultura Castreja”.

Também importante, a nível metodológico, foi a definição da área geográfica em que incidiu o trabalho, a que já aludimos acima. A nossa opção seguiu, essencialmente, os critérios definidos por López Cuevillas (López Cuevillas, 1933, 1953) e aceites por outros investigadores (Queiroga, 1992: 11), que consideram que o limite Sul da “Cultura Castreja” é definido pelo rio Vouga e o Este pelos rios Tua e Rabaçal (a partir daqui consideram os autores que se verificam influências mais sensíveis das culturas meseténicas). A Norte optámos por um limite que obedece a critérios geográficos (rio Minho) e políticos (fronteira entre Portugal e Espanha), mas não culturais, na medida em que a “Cultura Castreja” integra a totalidade do território galego. O limite ocidental não colocou qualquer problema pois corresponde ao Oceano Atlântico.

Relativamente à investigação propriamente dita, o nosso trabalho passou por várias fases que passamos a referir:

- **Pesquisa e consulta bibliográfica geral e específica** sobre o vidro, bem como sobre a Pré-História Recente portuguesa e europeia (com ênfase entre os finais do II milénio e os finais do I milénio a.C. e no Noroeste peninsular), nas bibliotecas e na própria Internet (incluindo a base de dados *Endovellico* do IGESPAR, IP);

- **Definição dos locais** com provável existência de objectos de vidro pré-romano;

- **Trabalho de campo** que passou pela obsevação directa (sempre que possível) dos materiais e pela recolha de toda a informação que considerámos necessária, essencialmente, de cariz morfo-tipológico. O trabalho implicou:

- Preenchimento de fichas descritivas previamente elaboradas com os critérios considerados relevantes (descrição morfo-tipológica, contexto, proveniência, etc.);
- Registo fotográfico das peças.

O, já referido, desconhecimento existente relativamente aos materiais de vidro pré-romanos, em particular das contas de colar, que constituem mais de 99% dos materiais inventariados, forçou-nos a uma opção metodológica, particularmente trabalhosa, que foi a de realizar o levantamento da totalidade destes materiais existente nos sítios a que nos deslocámos, de modo a podermos obter uma base de dados mais alargada sobre a qual pudéssemos alicerçar as nossas observações. Esta opção acabou por se revelar a mais correcta pois, ao analisar as várias colecções de materiais existentes, foi possível detectar várias peças que correspondem a tipos da Idade do Ferro, inéditas que vieram alterar, consideravelmente, o quadro de dispersão conhecido para estes materiais. Directamente relacionada com esta situação, esteve a nossa escolha de apresentar, no anexo respectivo, a totalidade dos materiais que inventariámos, independentemente da cronologia das peças, opção que consideramos justificar-se pelos motivos mencionados tendo, nesse sentido, sido nossa intenção criar uma base de informação para futuros investigadores e investigações relacionadas com estas matérias.

Como se pode constatar, o nosso trabalho assentou na caracterização morfo-tipológica das peças, algo que consideramos como sendo basilar para o desenvolvimento de qualquer trabalho de investigação sobre materiais arqueológicos. No entanto, é de ressalvar que o estabelecimento de “tipos” não deve ser um fim em si mesmo, mas sim um ponto de partida para chegar a outro tipo de asserções ao nível do conhecimento e caracterização das sociedades e populações em estudo.

A nível de ensaios tipológicos, como referimos acima, baseámo-nos, essencialmente, nos trabalhos de dois autores: a obra de referência, para as contas de colar, continua a ser a “*Classification and Nomenclature of Beads and Pendants*” publicada por Horace C. Beck, em 1928 e reimpressa em 1973 (Beck, 1973); o outro trabalho é o de W. G. N. Van der Sleen, intitulado “*A Handbook on Beads*” (Van Der Sleen, 1973) que, apesar de baseado no primeiro, é de mais fácil consulta e aplicação do ponto de vista prático. Ainda a este nível, poderíamos ter optado pela proposta elaborada por Encarnación Ruano Ruiz com base nas contas do Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera. No entanto, a mesma parece-nos demasiado esquemática e simplista, ainda que tenha sido fundamental para calibrarmos algumas observações, por se tratar da única existente, especificamente, sobre a realidade peninsular. Uma última referência para a dissertação de Rebecca Ingram (Ingram, 2005) que incide sobre o estudo das contas de vidro e *faïenza*, provenientes da intervenção arqueológica realizada na embarcação naufragada em Uluburun, ao largo da costa turca, nos finais do séc. XIV a.C.. Trata-se de um trabalho incontornável e particularmente relevante para tratar das questões do comércio do vidro e do enquadramento tipológico das contas cronologicamente balizáveis no Bronze Final, encontradas na área de estudo.

Ainda quanto à questão tipológica, importa deixar uma última nota no seguimento do que dissemos anteriormente. Relativamente às contas de colar é, claramente, necessário distinguir a tipologia puramente formal, que obedece a critérios de cariz geométrico, temática, de resto, tratada com grande rigor pelos autores em que nos baseámos (Horace C. Beck e W. G. N. Van der Sleen) e uma tipologia de cariz mais técnico e estético, em que se distinguem diferentes produções, ou mesmo cultural (por exemplo, no caso das contas “oculadas”). É possível estabelecer a relação entre estas duas categorias, verificando que tipos formais estão mais frequentemente associados a determinados fabricos ou produções, mas a primeira sem a segunda é quase desprovida de significado, o que não é válido no sentido inverso. A título de exemplo, se dissermos, apenas, que uma determinada conta apresenta forma globular ou anular, do ponto de vista cronológico tal significaria que, a mesma, poderia ser balizada entre os inícios da produção do vidro e os nossos dias. No entanto, se dissermos que se trata de uma conta “*gold-in-glass*”, ou “*oculada*”, ou ainda “*Chevron*”, dependendo, obviamente, também do conhecimento que temos das produções existentes nas regiões dos achados,

estaremos a falar de materiais que terão, muito provavelmente, cronologia romana, da Idade do Ferro e da época Moderna, respectivamente.

Neste sentido, os dados que apresentaremos privilegiarão a questão do tipo de produto independentemente da sua forma, ainda que a componente formal acompanhe as nossas análises do ponto de vista descritivo, sendo um auxiliar e um indicador adicional.

Prosseguindo, no que diz respeito aos vasos fabricados sobre núcleo de areia ou argila, a sua tipologia foi definida por D. B.Harden (Harden, 1981) no seu *“Catalogue of Greek and Roman Glass in the British Museum”*.

Ainda relativamente aos critérios utilizados na descrição dos materiais optámos, no que concerne à indicação das cores, por seguir, genericamente, a proposta de Mário Cruz (Cruz, 2009: 93) relativamente aos vidros romanos por nos parecer a mais pragmática e que consta na Tabela 1, de resto, decalcada da obra do referido autor.

Tabela 1

| Terminologia adoptada | Terminologia equivalente em uso | Pantone |
|------------------------|---|----------------|
| Amarelo | Amarelo canário, amarelo limão | Process yellow |
| Amarelo acastanhado | Amarelo ocre, mel, âmbar | Pantone 132-A |
| Azul | | Process cyan |
| Azul claro | Azul "Caran d'Ache", azul turquesa, azul água | Pantone 297-A |
| Azul escuro | Azul ultramarino, azul cobalto, azul marinho | Pantone 294-A |
| Azul esverdeado | Azul gelo, azulino esverdeado | Pantone 306-A |
| Branco | | Opaque white-A |
| Castanho | | Pantone 168-A |
| Incolor | (ausência de cor) | |
| Incolor esverdeado | (cor visível nas fracturas ou em vidros espessos) | |
| Tingido de... | (cor levemente detectada à transparência) | |
| Preto/negro | | Opaque black-A |
| Verde | Verde relva, verde esmeralda | Pantone 347-A |
| Verde acastanhado | Verde azeitona (mais correctamente v. azeite) | Pantone 399-A |
| Verde amarelado | Verde maçã, verde amarelo | Pantone 380-A |
| Verde amarelado escuro | Verde musgo | Pantone 370-A |
| Verde azulado | Verde gelo, verde azul, verde azulino, | Pantone 338-A |
| Verde claro | Verde relva amarelado, verde pálido | Pantone 372-A |
| Verde escuro | Verde sombrio | Pantone 341-A |
| Vermelho | | Pantone 180-A |
| Violeta | | Pantone 266-A |

Tab. 1 – Terminologia adoptada para as cores (de acordo com Cruz, 2009: 93)

II - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO

II.1 - Caracterização Geomorfológica

A região em apreço caracteriza-se por apresentar uma rede hidrográfica particularmente densa que associada à origem geológica de grande parte dos seus solos, proporciona grande riqueza hidrográfica e elevado potencial agrícola e de utilização de recursos florestais e prática silvo-pastoril.

Efectivamente, a região é atravessada por sete dos mais importantes rios de Portugal Continental, designadamente, de Norte para Sul: Minho, Lima, Neiva, Cávado, Ave, Douro e Vouga. A estes encontra-se associada uma densa rede de cursos de água subsidiários de maior ou menor dimensão.

No que concerne aos solos, estes são maioritariamente graníticos, sobretudo no Entre-Douro-e-Minho, o que contribuiu, como veremos, para o cariz de “civilização da pedra”, que se encontra associado às sociedades da região no período cronológico considerado. De resto, como afirma Armando Coelho F. da Silva, esta realidade confere “...ao habitat castrejo a mais antiga expressão do emprego da pedra na paisagem construída.” (Silva, 1986 e 2007).

Para além deste aspecto, um outro foi particularmente relevante na antiguidade, funcionando como principal móbil do interesse de civilizações distantes, particularmente das mediterrânicas, no nosso território: a sua riqueza metalúrgica. De facto, com particular incidência nas zonas de contacto entre os granitos e os xistos foram explorados desde épocas remotas filões auríferos, de que é exemplo a Serra de Valongo e de cassiterite, nas bacias do Minho e do Coura (Silva, 1986; Silva e Gomes, 1994).

O rio Douro desempenha na região um papel determinante, não só do ponto de vista climático como na organização e ocupação humana da região. Segundo Estrabão (3, 3, 4) seria navegável durante oitocentos estádios, até ao Cachão da Valeira, sendo considerada uma das principais vias de penetração de influências externas de origens várias.

A região do Entre-Douro-e-Vouga é bastante diferente apresentando uma área de planície litoral, limitada a Este pelas serras da Gralheira e das Talhadas. Na zona litoral predominam as formações sedimentares, ao passo que o interior é formado por granitos e xistos. Trata-se, também, de uma área particularmente rica em estanho e metais preciosos, em particular, na bacia do Vouga, situação bem documentada pela existência de várias jazidas mineiras, característica que terá motivado contactos meridionais, comprovados arqueologicamente, desde períodos anteriores à própria chegada dos Fenícios ao palco peninsular.

II.2 - Enquadramento Histórico-Arqueológico

A área de estudo encontra-se integrada na esfera da designada “Cultura Castreja” que caracteriza a Idade do Ferro do Norte de Portugal (Silva, 1986 e 2007; Cuevillas, 1953). Efectivamente, os seus limites foram há muito definidos por vários investigadores (Vasconcellos; 1897, 1905 e 1913; Silva; 1986, 1994 e 2000; Queiroga; 1992; López Cuevillas; 1933, 1953). Assim, o rio Vouga será o seu limite sul, os rios Navia e Esla, o oriental, constituindo o Oceano Atlântico o limite setentrional e ocidental. Isto significa que territorialmente integra a totalidade do norte de Portugal, toda a Galiza, a parte ocidental das Astúrias e as regiões imediatamente adjacentes (Silva, 2007). No entanto, segundo López Cuevillas (López Cuevillas, 1933, 1953), o limite oriental da cultura castreja corresponderá à barreira natural formada pelas bacias dos rios Tua e Rabaçal, na medida em que o autor considera que a restante região transmontana apresenta maiores afinidades com a cultura mesetenha do que com a “Cultura Castreja”, situação que, de resto, tem sido aceite por vários autores (Queiroga, 1992) e por nós próprios no presente trabalho.

Genericamente, trata-se de um povoamento que ao longo da Idade do Ferro se caracterizou, essencialmente, pela existência de núcleos de povoados geralmente fortificados, com implantações estratégicas e defensivas, em locais elevados, controlando geralmente pontos de passagem (rios), e por estruturas arquitectónicas de planta predominantemente circular construídas em pedra quer nas zonas de granito, quer nas de xisto.

Armando C. F. da Silva (1986 – reeditado e actualizado em 2007), traçou desde há alguns anos um quadro evolutivo genérico para a “Cultura Castreja” que apresenta o seguinte faseamento:

1ª Fase – 1ª metade do Iº milénio a.C.. Formação em contexto atlântico com relações continentais e mediterrânicas;

2ª Fase – Divide-se em duas partes: entre 500 e 200 a.C. (II A) e entre 200 e 138 a.C. (II B). A primeira corresponde à fase de desenvolvimento da sua originalidade sob a acção de estímulos interiores de natureza post-hallstática ou dos campos de urnas da Idade do Ferro (Zapatero, 1985), de migrações internas peninsulares como a dos *Turduli Veteres* e do comércio Púnico (II A); a segunda parte decorre já sob os auspícios das primeiras importações itálicas, que anunciam próximos contactos directos entre romanos e indígenas;

3ª Fase – de 138-136 a.C. (data da campanha de Décimo Júnio Bruto até à 2ª metade do século I d.C.. Fase de apogeu e declínio (altura das reformas flavianas na região) que se caracteriza pelo surgimento de um proto-urbanismo.

Ainda que, genericamente, o quadro traçado acima seja ainda válido (em particular para a região mais litoral do Entre-Douro-e-Minho), é cada vez mais óbvio, com base nos trabalhos entretanto desenvolvidos, que não existe uma unidade cultural absoluta em toda a região considerada, havendo algumas diferenças, mais sensíveis à medida que se avança para Sul do Douro em direcção ao Vouga, território considerado de influência Túrdula, e mais para o interior, onde se fazem crescentemente sentir as influências meseténhas.

No que concerne à questão cronológica, Ana Bettencourt (Bettencourt, 2005), com base em datações recentes de radiocarbono obtidas em intervenções por si realizadas em várias estações do Norte de Portugal, do Entre-Douro-e-Minho, considera que o Bronze Final se prolongou durante todo o primeiro quartel do I Milénio a.C., período ao qual se terá seguido uma fase de transição, tendo a Idade do Ferro o seu início no séc. IV a.C.. A autora propõe um faseamento diferente para o estágio inicial da cultura castreja, designadamente, um prolongamento do Bronze Final até ao século VII a.C., a existência de uma fase de transição Bronze/Ferro (que denomina precisamente assim) até aos finais do século V/ inícios do século IV a.C. e o início da Idade do Ferro a partir, apenas deste período (Bettencourt, 2005: 31).

Ao nível da explicação da dinâmica evolutiva da “Cultura Castreja” ao longo do I Milénio, a autora refere a existência de factores endógenos a par de outros exógenos (considerando mais importantes os primeiros), que se traduzem, por um lado, no facto das sociedades locais serem “...*abertas, capazes, não só de receber e aceitar, mas também de assimilar as novidades e as transformar...*” e, por outro lado, num crescente intercâmbio com populações exteriores à região. Já Manuela Martins (Martins, 2005), coloca a tónica nos mecanismos internos das sociedades da região relegando para um plano secundário eventuais influências alógenas.

De qualquer modo, o habitat de tipo castrejo parece ter as suas origens no universo cultural dos finais da Idade do Bronze, sensivelmente a partir de 900 a.C., sendo que, os primeiros assentamentos, constituem aglomerados de relativamente reduzida dimensão.

Ao nível da arquitectura interna dos povoados, nas áreas habitacionais, é característica ainda que não exclusiva, a chamada “casa redonda”. A tradição deste “tipo” parece ser bastante antiga, ainda que não esteja definitivamente comprovada nas fases mais antigas e traduz um dos aspectos mais originais, do ponto de vista cultural, da área considerada a par da utilização generalizada da pedra na construção das estruturas. Na generalidade dos sítios cronologicamente balizáveis entre os finais da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro, as estruturas são ainda construídas em materiais perecíveis. No entanto, há exemplos da utilização da pedra em momento recuado, designadamente, numa das estruturas do castro do Coto da Pena, onde se verifica construção pétrea, associada a

uma ocupação datável de meados do século IX a.C. (Silva, 2007: 34). Trata-se, segundo Armando C. F. da Silva, de uma casa alongada e não circular, de perfil curvilíneo, com 6 metros de comprimento máximo, por 4,5 metros de largura máxima. Existem, no entanto, indícios de utilização de plantas circulares no Castro de Baiões (S. Pedro do Sul) e em São Julião (Vila Verde).

Esta fase cronológica, de formação ou de origem da Cultura Castreja, parece estar intimamente ligada com um desenvolvimento excepcional da metalurgia do bronze, de que são testemunho os achados de depósitos de fundidor e de artefactos metálicos por toda a região com tipos reveladores de influências predominantemente atlânticas, a par de outros menos numerosos de clara feição meridional.

A casa redonda parece afirmar-se definitivamente a partir dos séculos VII-VI a.C., de acordo com os dados obtidos no Castro de Torroso (Mos, Pontevedra), em que se verifica a presença de várias casas de planta circular, curvilínea e mista, corroborados por outros exemplos galegos (Silva, 2007: 36).

É também a partir desta fase que começa a verificar-se um crescendo das influências mediterrânicas atestada pela presença de materiais metálicos de modelo e eventual origem meridional em algumas estações castrejas, de que é exemplo o Coto da Pena, o tesouro de Baião ou a arrecada de Paços de Ferreira, entre outros (Silva, 2007: 37).

De uma maneira geral, no decurso do Bronze Final, com particular ênfase na transição do II para o I milénio a.C. parece ter-se verificado uma implantação de povoados *ex-novo* em pontos estratégicos, maioritariamente em posições elevadas (outeiros e remates de esporões), de altitude média e bom controlo visual da paisagem envolvente. Esta implantação visava, sobretudo, o controlo das bacias fluviais e exploração de recursos naturais, designadamente, os mineiros, com destaque para o estanho e o ouro, e o domínio das principais vias de penetração e comercialização, o que revela a integração das sociedades do noroeste num sistema económico de largo espectro. (Silva, 2007: 38).

Esta realidade é, claramente, diferente do conhecido para a fase anterior, em que se verificava a ocupação de terras baixas por parte das comunidades.

A ocupação de sítios naturalmente defensivos e fortificados, em que são manifestas preocupações estratégicas, parece relacionar-se com a efectiva e crescente necessidade por parte das comunidades e, em particular, das elites em crescente afirmação, de domínio “...sistemático do território e dos mecanismos de produção e intercâmbio dos produtos metálicos pelas elites locais (Silva, 2007: 38).

É, efectivamente, a partir dos séculos VII-VI a.C. que se torna notório o incremento das influências meridionais, agora, com um cariz marcadamente litoral e que estará associado ao surgimento dos Fenícios no palco peninsular. Ao longo de toda a costa portuguesa, desde Castro Marim (Vila Real de Santo António) até ao Coto da Pena (Foz do Minho), e prosseguindo para a costa galega, são cada vez mais frequentes os sítios com influxos de materialidades de cariz mediterrânico, que incluem os primeiros ferros, de que são exemplo os artefactos encontrados no Castro de Torroso (Mos, Pontevedra).

A partir de meados do I milénio a.C., o Noroeste Peninsular, terá sido alvo de uma célebre expedição conjunta de Túrdulos e Célticos, eventualmente, também motivada por interesses comerciais, referida pelos autores clássicos, em particular, por Estrabão. Um desentendimento entre estes dois povos terá levado à deserção dos túrdulos, que se terão então dispersado pela região a sul do Douro, algo que tem vindo a ser atestado pelos dados arqueológicos. Este povo terá passado a designar-se por *Turduli Veteres* e a sua presença na área entre o Douro e o Mondego, na faixa litoral, será a justificação de algumas diferenças em relação ao território imediatamente a Norte.

É a partir do século V a.C. que se verifica uma mais marcada presença, directa ou indirecta, de cariz púnico nas costas portuguesas. A presença destas populações, que seriam portadoras de uma cultura superior terá sido factor potenciador do desenvolvimento das comunidades indígenas, algo que parece transparecer no processo evolutivo castrejo, em particular, nas regiões litorais. No Castro de Romariz, é significativa a percentagem de cerâmica de origem púnica nesta fase, comprovando o peso destes contactos de origem mediterrânica (Silva, 2007: 42).

Ao nível do habitat, vulgariza-se a utilização da pedra como matéria-prima preferencial, verificando-se também, nalguns casos, um alargamento da área habitacional e um

reforço dos sistemas defensivos, que implicou a construção de fortes muralhas (Cidade de Terroso, Castro de Sabroso, etc.) e a introdução de novos sistemas defensivos, como as pedras fincadas, patentes nos castros mais interiores devido a influências meseténhas, e os fossos. O cariz guerreiro das populações do Noroeste parece, efectivamente, acentuar-se neste período em que se verificariam algumas tensões entre as várias comunidades, pelo domínio dos recursos e dos pontos estratégicos que possibilitassem posição privilegiada no interior da vasta rede de intercâmbios que passava também pelo território do Norte de Portugal.

De uma forma geral, os dados sugerem que foi na fase final da Idade do Ferro que terá ocorrido um fenómeno de “oppidização”, que traduz um processo de reordenamento territorial, consubstanciado numa maior concentração demográfica em povoados de maiores dimensões, com implantação geo-estratégica na paisagem e algum dinamismo sócio-político, que é acompanhado, do ponto de vista arquitectónico, pela utilização da pedra na construção e por um “proto-urbanismo” (Silva, 2007). Existe, efectivamente uma rede de grandes povoados como Sanfins (Paços de Ferreira), Briteiros (Guimarães), Alvarelhos (Santo Tirso) e Mozinho (Penafiel), entre outros, que manifestam uma equidistância entre si, na ordem dos 25 Km, correspondente a uma jornada, que parece traduzir uma medida de ordenamento regional dos povoados e o testemunho de uma certa hierarquização da ocupação em que os lugares citados, entre outros de maiores dimensões, terão desempenhado o papel de lugares centrais (Silva, 2007: 24). Vários autores associam estas transformações à presença ou, pelo menos, aos contactos com as populações romanas. No entanto, segundo Ruibal (Gonzalez Ruibal 2006-07), estão já disponíveis dados que indicam que tais lugares centrais se terão desenvolvido anteriormente à efectiva conquista romana do noroeste e que sugerem antes uma datação coincidente com a emergência dos oppida da Europa temperada, no período La Tène C, a partir de meados do século II a.C.. Segundo Carla Martins e outros autores (Martins et alii, 2010), os oppida representam uma nova tecnologia de poder, tal como a decoração arquitectónica, entre outros elementos, que recorria a símbolos partilhados por toda a comunidade como forma de justificar e consolidar o poder das elites. Efectivamente, tudo indica que se terá criado uma identidade social comum associada a uma maior complexidade, acelerada e/ou precipitada pelos contactos com as populações romanas.

Paralelamente aos grandes povoados, parecem ter sido fundados outro tipo de sítios, de que são exemplo os “castros agrícolas”, que terão visado, essencialmente a exploração de recursos de vale (Almeida, 1990).

Ao nível do novo urbanismo, patente nos grandes povoados, o caso melhor estudado é, sem dúvida, o da Citânia de Sanfins que, a título de exemplo, passamos a descrever em linhas gerais de acordo com o exposto por Armando C. F. da Silva (Silva, 2007: 53-56). Assim, o espaço do povoado organiza-se a partir de um arruamento central largo, orientado no sentido Norte-Sul, que se ramifica ortogonalmente em arruamentos transversais, mais ou menos equidistantes e mais estreitos, formando uma espécie de quarteirões ou bairros, que, por sua vez, se subdividem em unidades intermédias que integram, geralmente, quatro núcleos, cada qual formado por quatro a cinco unidades circulares e angulares, convergentes para um pátio comum, quase sempre lajeado e com acessos próprios. Estas áreas, de cerca de 200 a 300 m²., pertenceriam a uma *família extensa*. Esta organização em quarteirões criou uma malha reticulada que se adequou aos acidentes do terreno. O modelo casa-pátio adoptado é já revelador de claras influências romanas.

A arquitectura dos povoados manifesta um cariz bélico cada vez mais acentuado, sendo caracterizado pela presença de imponentes estruturas defensivas formadas, geralmente, por várias linhas de muralha, fossos e torreões. Nos povoados mais interiores, esta panóplia era ainda acompanhada pelos, referidos, campos de pedras fincadas (Silva, 2007: 27). Estas infraestruturas seriam, no entanto, multifuncionais pois, para além do aspecto prático defensivo, tiveram uma função simbólica (o poder das elites) e identitária (funcionando como marcos na paisagem pela sua monumentalidade).

II.3 - A economia e a sociedade

Os povoados da Idade do Ferro do Norte de Portugal dependiam, geralmente, do ponto de vista económico, da produção agrícola e da criação de gado/pastorícia, assim como da exploração dos recursos naturais directamente disponíveis nas áreas envolventes. Foi

sempre fundamental para as populações a presença de água, não só pelos motivos óbvios de subsistência mas também como vias de comunicação, a maior ou menor distância, entre as comunidades pelo que se verifica uma preferência estratégica pela fixação em esporões nas curvas dos rios e em vales encaixados com terras com boa capacidade produtiva. Outro factor, tradicionalmente associado e que terá sido importante para a implantação de alguns povoados, é a exploração dos recursos mineiros, considerando alguns autores que os castros de cariz mineiro seriam, geralmente, de menores dimensões e estariam, de algum modo, hierarquicamente submetidos a outros sítios de maior dimensão (Lemos, 1993).

Do ponto de vista social, os castros parecem organizar-se internamente nas referidas unidades pluri-habitacionais familiares com espaços funcionais distintos. Desde as fases mais antigas que se verifica uma actividade diversificada no interior dos povoados, com evidências de diversos trabalhos domésticos e artesanais como a moagem, a tecelagem, ou a fundição, que seriam acompanhados de outras actividades como a caça, a pesca, a recollecção, agricultura e metalurgia (Silva, 2007: 35).

Os dados, em particular os fornecidos pela estatúria e por alguns elementos metálicos, parecem indicar, claramente, que se tratavam de sociedades guerreiras e, do ponto de vista iconográfico, verifica-se que as estátuas dos chamados “guerreiros galaicos”, se encontram espalhadas um pouco por toda a área considerada.

De resto, o carácter bélico das sociedades do Noroeste Peninsular foi já objecto de uma apreciação bastante exaustiva e multifacetada no trabalho de Francisco Queiroga intitulado, precisamente, “*War and Castros*” (Queiroga, 1992).

Uma nota, apenas, para referir que não abordaremos aqui questões relacionadas com as especificidades da cultura material associada às populações da região no período considerado, tema que, de resto, foi já alvo de vários estudos facilmente consultáveis pelos interessados em aprofundar conhecimentos sobre tais matérias. A excepção a esta situação, prende-se com a referência que faremos a dois materiais de importação que estarão directamente associados à própria presença do vidro: a cerâmica ática e a cerâmica púnica. No entanto, também relativamente a estes casos, a análise será

meramente relativa ao padrão de distribuição destes materiais de acordo com os dados publicados conhecidos e da comparação dos mesmos com o que se sabe relativamente ao vidro sidérico.

Findo este muito breve, mas necessário, enquadramento, avançaremos, nos capítulos seguintes, para o estudo do vidro no mundo antigo pré-romano.

III - O VIDRO ANTIGO

Dado o tema do trabalho e o facto de se tratar, como vimos, de uma matéria pouco ou nada estudada no nosso país, parece-nos pertinente abordar aqui, ainda que de forma necessariamente breve, a história deste material bem como alguns aspectos culturais, técnicos e químicos do mesmo.

III.1 - Breve História do Vidro

III.1.i - Da origem ao vidro soprado

Relativamente a esta matéria baseámo-nos, em grande medida, no trabalho de Daniela Ferrari (Ferrari, 2005: 21-32).

Como acontece com praticamente todas as grandes descobertas tecnológicas da Humanidade ocorridas em tempos remotos, também a descoberta do vidro se encontra envolta na vestimenta do mito veiculada, em particular, pelos autores clássicos ainda que existam referências anteriores.

As mais antigas serão as patentes na literatura cuneiforme, datada do II milénio a.C., com origem na Mesopotâmia. Tratam-se de alguns textos com instruções muito precisas relativas ao fabrico de pasta de vidro, com indicação dos materiais utilizados, dos componentes necessários, informação sobre a composição química e sobre a forma de obter as cores pretendidas, os diferentes tipos de fornos e a forma de os construir. Os textos apresentam ainda informações relativas ao ritual a seguir durante o processo de

fabrico incluindo instruções sobre as ofertas que deveriam ser feitas aos deuses no sentido de auxiliarem a um fabrico bem sucedido.

Já as fontes gregas e latinas são particularmente ricas em nomenclatura genérica. Nas primeiras, são cinco as designações utilizadas para esta matéria-prima (Trowbridge, 1930): *Kyanos*; *Lythos Chytê*; *Hyalos*; *Krystallos* e *Mórria* e nas segundas, quatro, três das quais sendo meras transliterações do grego para o latim e apenas uma original – *Uitrum*, citada em Lucrecio (*De rerum natura* 4, 145) e em Cícero (*Pro Rabir. Post.* 14, 50) que acabou por ser a que deu origem à designação actual dos idiomas românicos. Nestes textos são já identificadas algumas das principais características deste material: o seu brilho, fragilidade, transparência e plasticidade.

O vidro é também referido em obras como a Bíblia, a Ilíada e a Odisseia, para além de por outros autores clássicos como Hesíodo, Heródoto, Aristófanes, Platão, Dioscórides, Teofrasto, Lucano, Petrónio, Marcial, Séneca, Dião Cássio, Tácito, Plínio o Velho, Pausanias, Isidoro e Flávio Josefo. São, sobretudo, referências às virtudes deste material, o seu valor económico, a tecnologia de fabrico, a sua beleza, etc.

Pertence a Plínio O Velho, o principal relato que nos chegou versando o tema da origem do vidro cuja descoberta atribui a mercadores fenícios que se encontravam nas margens do rio Belo (Hist. Nat. XXXVI, 65-70):

“Este rio, limoso e profundo, mostra as areias quando o mar se retira. Depois de terem sido arrastadas pelas águas, brilham pois perderam toda a impureza. Acredita-se também que as águas do mar as removem e que nada valeriam se assim não fosse. O litoral não é maior que quinhentos passos e este é o único lugar que, durante muitos séculos, serviu para produzir vidro.”

“...Conta-se que uns mercadores de nitro, tendo ancorado o seu barco, preparavam a comida espalhados pelo litoral; e ao não encontrarem nenhuma pedra para suportar as marmitas ao alto, usaram torrões de nitro da sua carga. Quando os acenderam com a areia do litoral, observaram que escorriam uns fios transparentes de um líquido desconhecido: esta foi a origem do vidro.”

Estes relatos vieram a ser progressivamente desmentidos pelo registo arqueológico, sendo que, hoje em dia, sabemos que o vidro terá surgido na região Mesopotâmica (Iraque e Síria) no mínimo, na segunda metade do III milénio a.C., durante a Idade do Bronze (Ferrari, 2005: 21). A descoberta deverá ter sido accidental resultando de uma série de experiências ao nível das vitrificações utilizadas para cobrir as pérolas, placas de cerâmica ou com a *faïenza* (pasta silícea esmaltada) e incrustações.

Este produto terá depois chegado ao Mediterrâneo oriental e à Europa costeira através de contactos transmarinhos, certamente de índole comercial, entre o Egeu e as comunidades ocidentais da época.

Os primeiros vasos de vidro terão surgido entre os séculos XVI e XV a.C.. Os achados efectuados apontam para que os mais antigos objectos de vidro tenham sido feitos na antiga Alalakh (Antioquia, Síria do Norte) e no Norte da Mesopotâmia (Nuzi, Tell el-Rimah, Assur e Nínive). Tratam-se de vasos de cor azul, decorados com fios de diferentes cores, elaborados através da técnica de fusão sobre um núcleo friável que reproduziam, em menores dimensões, as principais formas da cerâmica mesopotâmica contemporânea: cálices, copos e pequenas garrafas de corpo piriforme, terminadas em ponta. Paralelamente a estes existiam também vasos fabricados com a técnica do molde ou com a do mosaico e uma extensa variedade de objectos de menor dimensão como contas, incrustações para jóias, selos, amuletos sobre núcleo ou fundidos.

Cerca de um século depois o vidro terá chegado ao Egipto, onde se desenvolveu uma produção vidreira que se destacou pela variedade de formas e pela riqueza polícroma. Os mais antigos objectos conhecidos correspondem a pequenos vasos do reinado de Tutmés I (1493 a.C.-?), mas são considerados importações mesopotâmicas, o que já não ocorre com dois vasos encontrados no túmulo de Tutmés III (1479-1426 a.C.) que imitam formas cerâmicas egípcias.

Os egípcios especializaram-se ao nível dos recipientes para cosméticos (pequenos tubos para colocação de *kohl* e unguentários), vasos rituais e figurativos (sendo particularmente famosos os que tinham a forma de pés). Tratam-se de peças produzidas

sobretudo com a técnica do núcleo friável. No reinado de Amenhotep III, também se difundiram os vidros de mosaico.

Contemporâneas destas produções são também as peças de colar e umas plaquinhas para incrustar fabricadas na Grécia micénica. Desde o séc. XV que um pouco por todas as zonas costeiras do Mediterrâneo ocidental integradas na esfera do comércio Egeu, surgem pequenos botões e contas de colar idênticos aos materiais micénicos antigos.

Resumindo, ao longo do IIº Milénio a.C. existiam três grandes centros produtores de vidro: o norte da Mesopotâmia; o Egipto e Micenas.

No entanto, sensivelmente a partir de 1200 a.C. os principais centros da Idade do Bronze terão entrado em colapso, entrando-se num período obscuro. As principais indústrias produtoras de bens de luxo quase desapareceram, sendo poucos os sítios arqueológicos que até cerca de 900 a.C., fornecem objectos de vidro (registam-se apenas algumas contas de colar e pequenos apliques).

A partir da primeira centúria do Iº Milénio começa a verificar-se uma retoma da produção de vidro, fundamentalmente no Próximo Oriente: Persia (Marlik – inícios do Iº milénio -, Hansalu – finais do séc. IX a.C.) e, um pouco depois, Fenícia e Síria, onde se produziram plaquinhas e painéis de marfim com incrustações de vidro fundido.

A produção de vasos parece ter sido retomada em grande escala durante o séc. VIII a.C., centrada na área mesopotâmica e sirio-palestiniana. As produções mais características entre os séculos IX e VII a.C. são os vasos monócromos fundidos em molde com a técnica da “cera perdida”. As formas, abertas (taças) ou fechadas (jarros, ânforas) apresentam paredes muito espessas e quase transparentes, geralmente de cor verde imitando formas habitualmente feitas em pedra ou metal. As taças surgem maioritariamente na Assíria, ao passo que as formas fechadas têm surgido na mesma região e também no Chipre, Itália e Espanha (um exemplar, em Aliseda). Desconhece-se o centro produtor destes produtos sendo geralmente colocada a hipótese de ser a Assíria ou a Fenícia.

Entre os séculos VIII e VII a.C. são também produzidas peças para incrustar e plaquinhas de vidro mosaico, para além de se assistir ao renascimento da produção dos pequenos vasos de vidro fundido sobre núcleo friável, que parecem ter origem mesopotâmica, tendo em conta os lugares em que ocorre a maioria dos achados. A forma predominante destas peças é o *alabastron* decorado com linhas de círculos ou em zig-zag. Ao longo do séc. VII, estes vasos difundiram-se por todo o Mediterrâneo, em parte, devido à instalação na ilha de Rodas de artesãos oriundos do Próximo Oriente. No século VII existem outros, mais finos e com decorações diferentes o que sugere a existência de outros centros produtores que não foram até ao momento identificados, ainda que devam localizar-se no Mediterrâneo oriental.

Entre os séculos VI e IV a.C. assistimos, mais uma vez, à circulação dos tubinhos para *kohl* (pó negro utilizado para pintar os olhos no Antigo Egipto), de forma cilíndrica, elaborados com a técnica da fusão do vidro sobre uma barra metálica. Seriam produzidos, com algumas diferenças, no Iraque ou no Irão. Estes produtos desaparecem a partir de 612 a.C. com a destruição do reino assírio.

Os vidros aqueménidas, da Pérsia Ocidental, nos séculos V e IV a.C., são realizados com o método da “cera perdida” e integram essencialmente vasos para beber elaborados em vidro transparente monócromo, geralmente incolor, com reflexos amarelados ou esverdeados, por vezes decorados com caneluras, ou decorações incisas bastante elaboradas. A nível formal temos as taças (*phialai*), as taças com protuberância central (*phialai mesomphaloi*) e os vasos, todas inspiradas em modelos realizados com metais preciosos.

Ao longo do Iº milénio a.C., desenvolveram-se, também, alguns centros produtores no Ocidente, relacionados com as produções anteriores e derivadas da importação das novas tecnologias do Próximo Oriente.

As contas de colar, monóchromas ou decoradas com “olhos”, ou fios, continuam a ser fabricadas em grandes quantidades.

Uma das áreas de produção europeia foi a área etrusca da Itália Central e da Câmpania. Aqui, entre os séculos VII e VI a.C., geralmente em espólios funerários, compostos por materiais exóticos e de prestígio, surgem vasos de vidro monócromo azul ou marrón-âmbar realizados sobre núcleo friável ou sobre uma barra, que serviam para transportar unguentos e perfumes e que não parecem ser produções locais. As formas são fechadas: *alabastra*, *píxides*, *aryballoi* piriformes e *oinochoai*.

Uma produção característica da zona alpino-adriática seriam as chamadas *Halstatt-Tassen*, taças de pequenas dimensões, lisas ou com a superfície ondulada, geralmente de vidro monócromo, de cor amarelada, verde-marrón ou transparente, decoradas com círculos, encontradas na Eslovénia, Austria e Itália (Trieste), com cronologia entre os séculos VI e V a.C..

Outra produção que teve o seu início nesta época é a dos braceletes de vidro, que se tornaram numa das jóias mais apreciadas pelas populações celtas, sendo, geralmente, um adorno feminino. Eram realizadas com vidro multicor, decoradas com fios de vidro da mesma cor ou com outras cores e usadas na zona do antebraço.

A partir do século VI, generalizam-se os contentores designados “mediterrânicos”, dada a sua distribuição por toda a bacia mediterrânica, que iram dominar como principais produtos de vidro em circulação (a par das contas e amuletos). Tratam-se de vasos para conter óleos, unguentos e perfumes que circularam, genericamente, entre o século VI e os inícios do século I d.C.. São geralmente divididos em três grupos cronológicos, de acordo com a, já referida, proposta de D. B. Harden (Harden, 1981), cada qual com o seu repertório de formas, tipos de asas, decorações e combinações de cores. Desconhece-se a localização exacta do centro ou centros de produção.

O Grupo Mediterrâneo I está balizado entre meados do século VI e princípios/1ª metade do século IV a.C.. As formas são inspiradas nas da cerâmica grega, designadamente: *alabastron*, *amphoriskos*, *aryballos* e *oinochoe*. Eram, geralmente, peças feitas em vidro escuro, normalmente azul e, mais raramente, marrón-avermelhado, decoradas com cores claras, sobretudo a branco, amarelo, e azul turquesa, mas também eram feitas em vidro

claro, geralmente branco com decorações escuras. Estas consistem em linhas em espiral ou em zig-zag ou em bandas de plumas.

O mais provável é que estas peças fossem produzidas na ilha de Rodes por artesãos oriundos da Mesopotâmia. A grande difusão destes produtos no mundo grego e egeu e a grande presença grega no mundo sirio-palestiniano à época, leva a que estes vidros sejam considerados mais um produto “greco-oriental” do que fenício. Os achados encontram-se em áreas do Mediterrâneo e do Mar Negro abrangidas pelo comércio grego em contextos em que, geralmente, se encontra cerâmica grega, designadamente, ática.

Este grupo vítreo desaparece, sensivelmente, nos inícios/1ª metade do século IV, eventualmente, devido à queda das três principais cidades de Rodes (Camiro, Lalisos e Lindos) em finais do século V.

O Grupo Mediterrâneo II (2ª metade do séc. IV- finais do séc. III/inícios do séc. II a.C.), apresenta um menor número de exemplares conhecidos, mas um leque de formas mais alargado, num total de sete, as quatro já existentes na fase anterior e três novas: *stamnos*, *hydriska* e *unguentarium*. As peças apresentam fundos que variam entre o azul, o verde-escuro, o cinzento esverdeado ou o amarelo-marrón, sendo as decorações a branco, amarelo e turquesa (geralmente, franjas de plumas e, menos frequentemente, bandas de círculos ou linhas em zig-zag entre linhas horizontais ou em espiral).

Estes vasos distribuem-se de forma diferente dos anteriores. Ainda que presentes no Mediterrâneo oriental, foram detectados, sobretudo, em necrópoles do norte e centro de Itália, na Magna Grecia, em Tessália, na Macedónia, na Bulgária e na antiga União Soviética, dados que sugerem a existência de um eventual centro produtor (ou mais) na área do Mediterrâneo ocidental.

Temos, finalmente, o Grupo Mediterrâneo III (2ª metade do séc. II a.C. - inícios do séc. I d.C.). Caracteriza-se por dois tipos de vaso: *alabastra* e *amphoriskoi*. Nesta fase, ocorre uma profunda transformação das formas e das asas, sendo que todos os vidros têm correspondência entre as cerâmicas e as ânforas de transporte tardo-helenísticas.

Apenas um tipo se inspira na ânfora púnica. As cores e motivos decorativos são idênticos aos da fase anterior com uma novidade: as asas e as bases são feitas com vidro incolor ou claro, translúcido, diferente da cor do resto da peça. Estas peças surgem muito no Levante e na sírio-palestina o que sugere localizar-se aí o seu centro produtor.

Os vasos realizados sobre núcleo desaparecem no início do século I d.C. ao mesmo tempo em que surge a nova técnica do soprado que viria a marcar toda a indústria vidreira até aos nossos dias.

Um tipo de peças que também circulou muito por toda a bacia do Mediterrâneo foi o dos amuletos figurativos, elaborados com a técnica do modelado sobre uma barra. As formas mais comuns são as máscaras demoníacas, cabecitas masculinas com traços de rosto negróides, cabecitas masculinas com cabelos e barbas lisas, por vezes com um caracol, cabecitas masculinas com cabelos encaracolados e barbas lisas ou com sulcos verticais, cabecitas masculinas com cabelos e barbas encaracolados, cabecitas femininas com cabelos encaracolados ou com uma franja em espiral, amuletos zoomórficos (pombas, cães, galos, cabeças de carneiro) e outros como contas com rostos, cachos de uvas, campânulas e falos. A policromia era utilizada, muitas vezes, para dar maior vivacidade e expressão à iconografia apresentada.

Os amuletos mais antigos datam dos séculos VIII a VII a.C. e terão sido fabricados no Egito; os exemplares dos séculos VII-VI/V a.C. serão de produção fenício-cipriota, eventualmente inspirados em modelos cartagineses e os elaborados a partir da 2ª metade do séc. IV até ao séc. II a.C. serão de produção cartaginesa. Tudo indica que este tipo de peças será uma criação original da cultura fenício-púnica.

III.2 - O estatuto dos artesãos vidreiros e a importância do vidro na antiguidade

Como foi já salientado, o vidro era, particularmente no mundo pré-romano, uma matéria-prima de luxo e chegou mesmo a superar o valor do ouro e das pedras preciosas que, de resto, imitava.

Os mestres vidreiros da antiguidade clássica e pré-clássica eram considerados alquimistas ou feiticeiros, capazes de criar o valioso material nos seus cadinhos, partindo de complexas e secretas fórmulas ((Beveridge et alii, 2004). De resto, tratava-se de um estatuto idêntico ao que, certamente, gozariam outros artesãos como os dos metais.

Shortland (2007: 261-274) analisou o estatuto de que gozariam os artesãos vidreiros em meados do II milénio a.C., tendo concluído que a produção vidreira, pelo menos nas fases mais antigas da sua história, terá sido uma actividade controlada, de muito perto, pela própria corte. Em particular, este controlo seria assegurado por membros das elites especializados em técnicas rituais e divinatórias, que aplicavam ao próprio processo de produção, cujo sucesso dependia (segundo a mentalidade da época), parcial ou mesmo totalmente, da boa vontade dos deuses. Estes “sacerdotes” seriam, obviamente, auxiliados no processo de produção pelos artesãos vidreiros especializados, propriamente ditos, muitos dos quais também conhecedores e com competências ao nível dos rituais necessários à transformação alquímica de areias, cinzas e metais, em vidro, espécie de pedra mágica semi-preciosa com poderes curativos.

Este processo técnico, tão simbiótico com o mundo mágico-religioso, teria certamente lugar, pelo menos, parcialmente, no interior da área do templo, onde existiam as infraestruturas necessárias ao lado ritual e podia ser assegurado um controlo mais rigoroso. Esta situação, explica a existência das tabuinhas cuneiformes com rituais e fórmulas associadas à produção do vidro, pois, no âmbito do controlo sacerdotal referido, seriam anotados, cuidadosamente, todos os aspectos relacionados com o processo, quer pelos próprios sacerdotes, quer por escribas a mando destes.

No livro de Job, do Antigo Testamento, datado dos inícios do século V a.C., podemos ler uma passagem que atesta o elevado estatuto do vidro: *“E a sabedoria, de onde procede? Onde se encontra a inteligência? O homem ignora o seu caminho (...). Não é possível compará-la nem ao ouro nem ao vidro.”*

O vidro no mundo antigo era, em si, como vimos, um produto com uma importante carga mágico-religiosa, para além do valor puramente económico que possuía e foi utilizado de diversas formas: como adorno pessoal, sob a forma de contas de colar ou de pulseira; para servir e/ou armazenar alimentos sólidos e líquidos, preparados medicinais, perfumes, óleos e cosméticos, como elemento de adorno para peças de mobiliário e como amuleto protetor, em particular, o vidro azul que se considerava possuir propriedades apotropaicas e mágicas para além de imitar o *lápiz-lazúli*, pedra semi-preciosa muito apreciada no mundo antigo.

A associação do vidro ao ouro ocorreu, de forma frequente, na Antiguidade atestando o seu valor. São, por exemplo, famosas as contas de colar micénicas denominadas *“en relieve”*, datadas da segunda metade do II milénio a.C., que eram feitas de vidro e cobertas com folhas de ouro e que seriam, pelo menos, tão valiosas como as próprias contas de ouro, já que o vidro era uma matéria especial e exótica (Dubin, 2009: 46). Outra evidência do valor do vidro é-nos fornecida pelos dados provenientes do naufrágio de Uluburun, ocorrido nos finais do séc. XIV a.C. (Singer, 2007: 21), que transportava um carregamento de 175 lingotes de vidro, com peso entre 1 e 3 Kg, a par de milhares de contas de vidro e de *faienza* (Singer, 2007: 25 e Ingram, 2005: 49), em associação com um conjunto de outras matérias-primas e objectos valiosíssimos, em que se destacam os metais, designadamente, lingotes de cobre e estanho, tão cobiçados no mundo antigo. No caso de Uluburun, a maior parte dos lingotes de vidro bruto eram de cor azul, atestando o, já referido, relativamente à importância do vidro desta cor.

Outra utilização dada ao vidro, bem reveladora da sua importância, foi a de contentor preferencial de cosméticos, associação, esta, que originou um produto final com valor duplo, extremamente luxuoso. Efectivamente, na Antiguidade, os perfumes eram mercadorias preciosas, de grande valor e que, dada a imensa procura, eram, inclusivamente, mais caras que o ouro e a prata (Rossell, 1995: 157). Devido às suas

características físicas – inodoro, impermeável e insípido - o vidro tornou-se o material escolhido para o transporte destes produtos. Tratam-se de vasos de tamanho muito reduzido donde apenas se retiravam quantidades ínfimas de perfume de cada vez, às vezes umas poucas gotas. Se o conteúdo era caro e limitado, o contentor era luxuoso e exclusivo, estatuto que só se atenuou com o advento do vidro soprado (Rossell, 1995: 160).

Relativamente às contas de colar citaríamos aqui o que diz Rebecca Ingram: “...*the motivation behind such use most certainly includes personal adornment; beads were also instrumental in signifying social status and possessed amuletic or religious value. The use of beads during this period, then, may have been due to one, or a combination, of those three functions: personal adornment, social differentiation, and amuletic use. It is often, however, difficult to attribute a particular find or representation to any one of these three uses.*” (Ingram, 2005: 5).

III.3 - O vidro como material

O vidro pode ser considerado o primeiro material de síntese obtido pelo Homem através da mescla de diversos componentes submetidos a temperaturas elevadas.

Antes de iniciar a abordagem ao vidro como matéria-prima, ou material, gostaria de deixar uma nota prévia de carácter técnico com base no referido por Estefanía Sanz Lobo (Sanz Lobo, 2005): existem três materiais presentes na história do vidro e relacionados entre si que, frequentemente, são confundidos nas referências a este tipo de materiais pelos investigadores, patentes nos livros e nas listagens das peças nos museus: o vidro, o vidrado e a *faïenza*. Os três consistem, geralmente, em sílica e contêm cal e álcalis em distintas proporções. A *faïenza*, é geralmente erradamente denominada pasta de vidro e tem apenas quantidades muito reduzidas de sódio. Consiste, efectivamente, em quartzo moído que se mantém unido com a adição de uma mistura ligeira de cal e sódio e que é aquecido até que essa substância se encontre suficientemente fundida para manter unidas as partículas de quartzo, que não chegam a vitrificar-se. Deveria antes

chamar-se “matéria silícea vidrada”. Já o vidro apresenta-se como um material independente, ao passo que o vidrado é associado a outro material, sobre o qual se deposita, como a cerâmica ou o metal.

Ainda a propósito da designação pasta de vidro ou vítrea, Barthelemy (Barthelemy, 1992, p.29) refere que “...os vidros elaborados à base de areia são opacos e mal denominados pasta vítrea como se se tratasse de outra matéria distinta do vidro na sua composição.”

No entanto, como veremos adiante, a pasta vítrea era efectivamente uma técnica associada à da *modelagem sobre núcleo prévio ou núcleo de areia* que passava por cobrir as paredes de um molde com vidro pulverizado, que era depois fundido no interior do forno, assumindo a forma do molde.

III.3.i - Composição físico-química

De uma forma simples, podemos dizer que o vidro é obtido a partir da fusão de algo tão comum como a areia e, desde os primórdios da sua produção, foi associado às pedras preciosas e semi-preciosas mais apreciadas no Mundo Antigo.

O vidro distingue-se pelas suas qualidades plásticas que advêm da sua composição química sendo as suas principais características a transparência; o brilho; a translucidez e a plasticidade.

A nível químico, o vidro é um líquido. Apesar de solidificar, a sua estrutura amorfa não permite que lhe seja aplicada a categoria de sólido, ainda que também não possa ser considerado um líquido em sentido estrito. A definição que sugerimos, com base noutros autores (Beveridge et alii, 2004), é a seguinte: produto inorgânico fundido, que arrefeceu até ter atingido um estado rígido, sem se submeter a uma cristalização.

O vidro, de um modo geral, é composto por areia de sílica, à qual são depois adicionados óxidos metálicos secos e pulverizados ou granulados. A fusão – passagem do estado sólido para o líquido – destes elementos, cria uma pasta viscosa que se transforma numa massa transparente e homogénea a partir de temperaturas na ordem dos 1000° C.

Os vidros mais antigos eram, geralmente, formados por sílica, sódio e cal. A preferência pela utilização do sódio em vez do potássio devia-se à maior plasticidade conferida pelo primeiro que permitia, por conseguinte, trabalhar melhor a peça. O problema era que o ponto de fusão só era atingido aos referidos 1000° C o que, nos tempos mais antigos, resultava em algo, tecnicamente, complicado de alcançar pelo que o potássio foi, preferencialmente, utilizado no início.

Gratuze e Billaud, referem a existência de três famílias químicas principais para os vidros da Proto-História e da Antiguidade: os vidros calco-sódicos de cinzas vegetais; os vidros elaborados a partir de uma base mista sodo-potássica e os vidros calco-sódicos de soda mineral (Gratuze e Billaud, 2003: 12).

III.3.ii - Agentes colorantes

Uma primeira ideia a reter no que concerne à coloração do vidro é a de que este possui cores consideradas naturais, para além das cores artificiais, que resultam da adição voluntária de determinados óxidos metálicos.

Quer as cores naturais, quer as artificiais, dependem directamente da composição química dos vidros, isto é, da família ou grupo químico em que estes se enquadram. Um determinado corante/óxido pode originar cores muito diferentes de acordo com as características químicas do vidro.

Posto isto, a cor natural de um vidro traduz, basicamente, as impurezas que existem naturalmente nas matérias-primas que o compõem, que, no caso, são a areia e o natrão, e que são específicas a cada grupo.

As cores naturais do vidro são, geralmente, o verde azulado ou o azul esverdeado e devem-se à presença, como principais impurezas, de óxidos de ferro e de manganésio, que, à semelhança de outros óxidos metálicos, podem ser também adicionados voluntariamente de modo a criar cores artificiais.

Abordaremos agora, a questão de quais os óxidos subjacentes às principais cores, de acordo com o exposto por Mário Cruz no seu trabalho sobre os vidros romanos do Noroeste Peninsular (Cruz, 2009: 100-105).

Assim, o óxido de ferro permite a obtenção de uma vasta gama de tonalidades verdes; o óxido de cobre, conjuntamente com o óxido de cobalto, geram o azul escuro. De resto, o azul surge sempre associado à presença de cobalto (Gratuze e Soulier 2000: 406).

O verde intenso (artificial) é obtido pela adição de cobre e o azul claro opaco e o verde azulado opaco pertencem, muito provavelmente, a família dos vidros de cinzas.

O vidro vermelho apresenta uma quantidade de cobre superior ao usado nos verdes artificiais e tem por base um vidro de chumbo, ao passo que o amarelo opaco seria obtido com o antimoniato de chumbo.

No caso do vidro branco, segundo Mário Cruz “...*é praticamente impossível dissociar o corante do opacificante, tanto nas análises químicas como na realidade. Um vidro branco translúcido é quase um contra-senso. Sabemos que os vidros mais antigos eram corados e opacificados a antimoniato de chumbo, sendo que, a partir de inícios do sec. III, este foi substituído por estanhato de chumbo.*” (Cruz, 2009: 103).

O preto é obtido com grandes concentrações de óxido de ferro ou de óxido de manganésio e pode resultar da saturação dos agentes corantes: se o corante principal for

o óxido de manganésio resulta um “preto violeta”; se o corante principal for o óxido de ferro, o produto final é um “preto verde”

Por último, referimos o violeta que se obtém adicionando grandes quantidades de óxido de manganésio.

É também possível recorrer ao uso de descorantes no sentido de limpar as tonalidades naturais do vidro e obter um produto verdadeiramente incolor. Esses descorantes são, geralmente, o óxido de antimónio e o óxido de manganésio.

A nossa percepção da cor de um vidro depende dos pigmentos existentes e também da intensidade e incidência da luz e da espessura do fragmento ou da peça.

Isto coloca a questão do grau de transparência, sendo que, genericamente, o vidro pode, a este nível, ser dividido em três categorias:

- **Transparente** – quando permite não só a passagem da luz mas também a visualização de objectos através do vidro;
- **Translúcido** – quando permite a passagem da luz mas não a visualização nítida através do vidro, para além de se verificar uma intensificação da cor quando exposta à luz;
- **Opaco** – quando não permite a passagem da luz e a visualização através do vidro

Vimos já, quando referimos o preto, que a opacificação pode ser obtida através da saturação dos agentes corantes. Existe outra forma que passa pela adição de determinadas substâncias opacificantes que provocam a formação de cristais. Apenas esta última técnica cria um vidro verdadeiramente opaco que não permite, efectivamente, a passagem da luz.

Dito isto, não é fácil identificar os agentes opacificantes mas sabemos que os vidros mais antigos eram corados e opacificados com o recurso ao antimoniato de chumbo.

Em suma, a coloração do vidro é um processo bastante complexo que seria, certamente, difícil de dominar de forma perfeita nos tempos antigos o que, como vimos, conferia àqueles que o conseguiam um estatuto místico, aliás à semelhança do que ocorria com outros artífices como, por exemplo, os associados à transformação de metais.

III.4 - Técnicas de fabrico / produção

Relativamente à tecnologia de fabrico do vidro utilizámos como referência a síntese realizada recentemente por Teresa Carreras Rossell (Rossell, 2005: 13-20).

Como vimos, na produção do vidro intervêm uma série de elementos químicos fundamentais: a sílica, minerais calcários e materiais alcalinos (sódio ou potássio). É a proporção destes elementos e a sua mistura com outros mais secundários, designadamente, óxidos ou sais metálicos, que irão conferir à peça final características próprias que a distinguirão de outras ao nível da cor, dureza e plasticidade.

Os vidreiros foram sempre, particularmente, zelosos relativamente aos segredos por detrás da sua arte, não revelando nunca a fórmula que utilizavam para fabricar os seus produtos.

Uma vez triturados todos os elementos que compõem o vidro procedia-se a uma primeira mescla dos mesmos, que eram aquecidos a uma temperatura entre os 700 e os 800° C. Em seguida, procedia-se à sua fusão no cadinho, a mais de 1000° C, até atingir uma massa pastosa quase líquida.

A temperatura do forno determinava se o vidro era mais ou menos transparente pelo que os vidros mais antigos apresentam, no seu interior, bastantes bolhas de gás carbónico

produzidas por uma reação da sílica com os restantes carbonatos. Efectivamente, como veremos adiante, os vidros opacos são mais frequentes nas peças mais antigas devido a limitações técnicas que levavam a que o vidro fosse cozido a baixas temperaturas.

Não existem grandes referências a que possamos recorrer nos autores clássicos relativamente às características dos mais primitivos fornos vidreiros. Ao que parece, os fornos seriam formados por um simples buraco aberto no solo onde era queimada a lenha e, sobre esta, eram colocados os elementos que compunham o vidro. Certamente, seria construída alguma estrutura ao redor e a tapar o fogo para se poder obter uma temperatura mais elevada.

Rapidamente, no entanto, terá surgido um tipo de forno mais evoluído que terá durado desde a Antiguidade até à Idade Média. Este era formado por três corpos, sendo que num deles era queimada a lenha, no outro eram cozidos os elementos constituintes e o último servia para ir reaquecendo as peças enquanto estavam a ser trabalhadas e para as arrefecer uma vez terminadas. Para que as peças de vidro não se quebrem é necessário que o arrefecimento seja gradual.

O texto mais completo que nos chegou dos tempos antigos relativo ao fabrico do vidro está patente num conjunto de tabuinhas de argila, datadas entre 669 e 629 a.C., da biblioteca de Assurbanipal, em Nínive. Relativamente à construção de um forno vidreiro diz o seguinte:

“Quando fizeres a planta de um forno para vidrados escolherás um dia favorável do mês afortunado, e farás a planta do forno, (os) vigiarás e trabalharás tu próprio. Na casa do forno colocarás imagens dos deuses criadores. Outro, um estranho, não poderá entrar, nem alguém que não esteja limpo pisará diante deles. Oferecer-lhes-ás a cada dia as libações devidas. No dia em que puseres os minerais dentro do forno oferecerás um sacrifício aos criadores, colocarás um incensário com incenso de pinho e verterás diante deles cerveja kurunnu. Acenderás um fogo por baixo do forno e colocarás o mineral no seu interior. Os homens que escolheres para cuidar do forno devem-se purificar antes que os coloques a tratar do forno.”

Os textos apresentam, de seguida, várias receitas relativas ao fabrico de vidro incolor (*ahuzzu*), vidro azul (*uknû*) ou para colorir um vidro com óxido de cobre. Fala-se, também, de como obter vidro púrpura e das misturas necessárias para conseguir vários tipos de vidros e as várias cores.

Quanto aos utensílios utilizados no trabalho vidreiro na Antiguidade, as informações são muito escassas, mas seriam, certamente, semelhantes aos utilizados actualmente nas produções mais artesanais, esquecendo aqui os característicos do vidro soprado que não faz parte do âmbito do presente estudo. Instrumentos como o mármore ou a prancha, de ferro ou de pedra, onde se trabalhava e começava a dar forma à peça depois de retirada do forno; os cadinhos ou recipientes de argila refractária onde se misturavam os vários ingredientes do vidro; o fole para avivar o fogo; os moldes de argila, metal, madeira ou pedra e ferramentas várias para o trabalho como, por exemplo, tenazes, pinças, varetas, ganchos, espátulas, garfos, punções, ancinhos, pás e conchas, etc.

III.4.i - Técnicas de Fabrico

Apresentamos de seguida as várias técnicas utilizadas no trabalho vidreiro. As evidências encontradas pela arqueologia sugerem que as primeiras técnicas utilizadas terão sido o talhado; o estirado e o moldado:

- **talhado:** começou a ser utilizada na segunda metade do II milénio a.C.. Consistia em talhar a frio um bloco de pasta de vidro até se obter um recipiente ou peça ornamental. Podia utilizar-se, também, como técnica decorativa complementar de outro procedimento.

- **moldado (ou fusão dentro de um molde):** surgiu ainda na Idade do Bronze. Colocava-se o vidro triturado num molde simples e depois de cozida, desprendia-se a peça elaborada do molde e polia-se a sua superfície o que levava a que os objectos tivessem uma face plana.

- **cera perdida:** processo idêntico ao utilizado para os metais. Consistia em preencher o espaço vazio, deixado no molde pela cera, com vidro triturado, muito fino e, depois, colocado o molde no forno, a peça adquiria a forma que o modelo de cera deixara.

- **modelado sobre núcleo prévio ou núcleo de areia (ou de argila):** é a técnica exclusiva do trabalho do vidro mais antiga até ao surgimento do vidro soprado. Consistia em modelar sobre uma vareta um núcleo com a forma do objecto pretendido. Este núcleo podia ser de areia, argila ou matéria orgânica, uma vez fixado o núcleo à vareta. O processo posterior variava: podia-se introduzir no cadinho com o vidro fundido ou podia-se cobrir o núcleo com fios de vidro viscoso e depois rodá-lo repetidamente sobre o mármore (ou prancha de ferro ou de pedra) de modo a uniformizar a superfície, dissimulando as diferentes camadas, ou, alternativamente, fazendo girar o núcleo sobre algum vidro em pó (a chamada “pasta vítrea”), aquecendo-o para obter uma boa adesão da primeira camada, repetindo a operação as vezes necessárias até atingir a espessura de parede pretendida. Uma vez obtida a forma do vaso procedia-se à decoração do mesmo pela aplicação de fios de diferentes cores, aos quais se conferia o padrão e forma pretendida com a utilização de varetas ou punções.

O último passo passava pela adição das asas, do pé e da boca, de acordo com o modelo previsto. Uma vez temperado o objecto, retirava-se o núcleo e a vareta.

- **modelado sobre uma vareta cilíndrica:** trata-se de uma variante da técnica anterior em que a vareta era coberta por uma fina camada de argila. A diferença é o tamanho do núcleo que era cilíndrico e mais estreito. Servia para fazer recipientes tubulares e certos tipos de contas de colar e os característicos amuletos em forma de cabeça. A peça era terminada de forma análoga à da técnica anterior.

- **modelado sobre um molde convexo:** esta técnica foi utilizada na época helenística para elaboração de taças hemisféricas de uma só cor, taças multicores e o vidro mosaico.

Nas primeiras, fazia-se um disco de vidro plano que se colocava sobre um corpo hemisférico e se levava ao forno. O disco adquiria, assim, a forma da matriz e, depois de frio, só era necessário polir o seu interior e o bordo.

As **taças de bandas multicores**, necessitavam de uma fase prévia em que se preparavam umas bandas de vidro de diferentes cores que eram distribuídas de acordo com o padrão decorativo pretendido e às quais era conferida a forma circular e rodeadas por uma banda de vidro que corresponderia ao bordo. Depois eram aquecidas para aderirem. Uma vez frio, o aglomerado era colocado sobre o molde convexo e reaquecido para adquirir a forma. Depois de novo arrefecimento, era necessário polir o interior, pois o exterior já se encontrava polido devido à acção do fogo.

O **vidro mosaico** carecia também de uma preparação prévia. Em primeiro lugar, produziam-se varetas de vidro de diferentes cores, que se distribuíam de acordo com o padrão decorativo e que eram soldadas entre si com o calor, mantendo o desenho original. A barra resultante era, em seguida, cortada transversalmente em pequenos segmentos que se dispunham na forma de um mosaico circular e eram, mais uma vez, aquecidos até aderirem. Após novo arrefecimento, o disco obtido era colocado sobre o molde convexo e o restante do processo era idêntico ao já descrito. Este processo terá surgido cerca de 1500 a.C. na Mesopotâmia, mas o seu apogeu ocorreu já sob a égide romana, a partir do século I a.C..

- **o estirado e moldado sobre uma vareta**: esta técnica era mais utilizada para o fabrico de contas de colar. Consistia em enrolar um fio de vidro em torno de uma vareta de metal, dar-lhe a forma desejada e introduzi-lo no forno. Uma vez obtida a consistência necessária, retirava-se a peça e procedia-se à sua decoração que podia ser muito variada: com depressões, incisões, aplicações a quente, etc. Em seguida, a conta era extraída da vareta deixando a peça com uma perfuração transversal por onde passaria o fio.

- **o estirado e moldado sobre uma barra:** técnica utilizada para obter as denominadas pulseiras celtas. Processo similar ao anterior com a diferença de que, para obter a forma da pulseira e o tamanho desejado, era utilizada uma vareta que permitia ampliar o seu diâmetro e a peça era polida e decorada com estampilhas, aplicações, incisões, etc.

III.4.ii - Técnicas decorativas

Para além da própria forma que era, em si mesma, muitas vezes, decorativa, haviam outras técnicas, já afloradas acima que podiam ser utilizadas para a decoração das peças, designadamente, o pintado, o gravado, o polido, o talhado, o dourado, ou as aplicações de vidro nas mais variadas formas, as deformações, o repuxado, etc. Os acabamentos diferenciavam as peças e conferiam-lhes uma maior qualidade.

- **o pintado:** era aplicado com um pincel sobre a superfície do vaso. Por vezes marcava-se o esboço do desenho com uma incisão. Após terminado o desenho colocava-se a peça no forno a baixa temperatura para a pintura aderir.

- **técnicas abrasivas: o polido, o gravado e o talhado:** com estas técnicas faziam-se decorações geométricas (linhas paralelas, triângulos e círculos concêntricos) bem como figurativas, em baixo ou alto-relevo (cenas mitológicas, bucólicas, paisagens, retratos, animais ou plantas) que se podiam representar em camafeos e entalhes, em “diatretas” e em painéis, em apliques e em diferentes tipos de vasos.

- **aplicações a quente:** podiam ser realizadas durante a execução da peça ou depois desta se encontrar terminada. As decorações **com fios ou fragmentos de vidro** podiam ser da mesma cor, ou não, da base da peça. A tipologia decorativa deste método é bastante variada: fios em espiral, manchas, plumas, grinaldas. Decoravam, geralmente, o colo, o corpo e o perfil de uma peça.

As **gotas e aplicações em relevo**, decoravam o corpo ou as asas do vaso em forma de conchas, máscaras ou outro tipo de disposição.

Temos ainda as **nervuras e pontos em relevo** extraídos com pinças da superfície da peça por repuxamento e as **depressões** efectuadas nas paredes do vaso.

- **o vidro dourado**: também se pode considerar uma técnica decorativa. É um processo separado do da produção da peça. Consistia em colocar uma folha de ouro, devidamente trabalhada com os motivos pretendidos, entre duas capas/camadas de vidro, as quais, depois de unidas entre si, eram aplicadas a quente no local escolhido da superfície do vaso. Também foi aplicada nas contas de colar feitas de ouro e vidro, denominadas “gold-in-glass” beads (Boon, 1977; Spaer, 1993).

Relativamente às **contas de colar oculadas**, gostaríamos de deixar, aqui, uma última nota de cariz técnico/tecnológico, com implicações tipológicas. A técnica de elaboração destas contas foi estudada por Gustaf Eisen, em 1916 (Eisen, 1916), tendo o autor proposto três categorias para a execução destes adornos de acordo com a decoração da superfície que apresentam, designadamente: 1) com “olho” simples”; 2) com “olhos” mosaico e 3) com “olhos” estratificados.

1) “Olho” Simples - nestas contas o “olho” surge como gotas de cristal ou anéis impressos no interior da matriz da peça. Esta técnica decorativa, cujas peças poderão ser as mais antigas, leva a que, muitas vezes, se verifique o desprendimento dos “olhos”, deixando depressões na superfície das contas.

2) “Olho” Mosaico – este tipo de decoração terá surgido no século V a.C. mas só se generalizou por volta de 200 a.C., começando, então, a substituir, nalguns sítios, os “olhos” estratificados, num processo que foi completado já no período romano.

3) “Olhos” Estratificados – terão surgido no Egipto por volta de 1500 a.C.. Foi uma técnica utilizada pelos fenícios no decurso do I milénio a.C.. Neste caso, uma gota de cristal era colocada sobre a matriz da conta e era empurrada para dentro da mesma, enquanto esta ainda se encontrava branda, sendo, de seguida, introduzida outra gota no interior da primeira, num processo que se poderia repetir as vezes que fossem necessárias e, do qual, resultava uma sucessão de círculos concêntricos com um ponto central – “pupila” – mais escuro e espesso. Nalguns casos, os “olhos” poderiam ser elaborados em separado e depois inseridos na matriz da conta.

IV - A CIRCULAÇÃO DO VIDRO NO MUNDO ANTIGO

IV.1 - Os Centros Produtores

Como diz Yael Gorin-Rosen (Gorin-Rosen, 2000: 50), é hoje bem conhecido, entre os estudiosos do vidro antigo, que a produção de vidro enquanto matéria-prima e a efectiva produção de vasos e outras peças, de uso comum ou ritual, em vidro eram processos separados. Os centros produtores da matéria-prima localizar-se-iam em áreas onde abundavam ou, pelo menos, existiam em maior quantidade, quer os materiais necessários para a combustão (madeira), quer os componentes do vidro, geralmente, a alguma distância dos próprios centros urbanos. Em contrapartida, os centros produtores das peças finais, localizavam-se no interior das cidades, no sentido de prover às necessidades quotidianas.

Isto faz com que, no estudo da produção vidreira seja necessário fazer a distinção entre *ateliers* primários (onde se produzia a matéria-prima, isto é, vidro em blocos para exportação para centros de transformação destes em objectos finais) e os *ateliers* secundários (que recebiam a matéria-prima e a transformavam em vasos e outros objectos). Obviamente que, no caso dos primeiros, também poderia ocorrer a produção de peças acabadas e não apenas de blocos em bruto. O estudo de Gorin-Rosen (Gorin-Rosen, 2000), com base no caso israelita, permitiu ao autor concluir que a principal razão para a distribuição e localização das indústrias do vidro era, precisamente, a proximidade do combustível, o que conferiria um carácter algo nómada à actividade, acrescentando nós, que isto seria verdade sobretudo em áreas em que esses recursos fossem relativamente escassos.

Este é um tema que tem conhecido alguns desenvolvimentos interessantes ao longo dos últimos vinte anos, quer devido aos resultados obtidos pela arqueologia em várias regiões, quer devido ao desenvolvimento dos estudos de cariz arqueométrico, sendo de destacar, a este nível, os trabalhos coordenados por Nenna (Nenna, 2000), Foy (Foy,

2003) e Foy e Nenna (Foy e Nenna, 2003), particularmente dedicados ao estudo da produção e circulação do vidro ao longo da História.

Os estudos arqueométricos com vidro conheceram um grande desenvolvimento, em particular nos últimos 20 anos, constituindo hoje um importante indicador na tentativa de definir prováveis áreas de proveniência das peças de vidro. Aliás, é com base nestes mesmos estudos arqueométricos que, hoje em dia, sabemos que a quase totalidade do vidro em bruto que circulou até à Idade Média era proveniente de centros produtores primários localizados no Mediterrâneo Oriental (Picon e Vichy, 2003: 17-31).

Para além das duas vertentes referidas, temos também algumas informações que nos chegaram dos autores clássicos e de outros textos antigos que referem alguns centros de produção do Mundo Antigo.

IV.1.i - Os principais centros produtores: Mediterrâneo Oriental e Próximo Oriente

Como vimos, a origem do vidro encontra-se na Mesopotâmia (Iraque ou Síria), sendo que os dados arqueológicos apontam para uma cronologia de finais (ou 2ª metade) do III milénio a.C. (Sternini, 1995: 11). Efectivamente, foram encontradas em Eshnunna, uns blocos ou barras de vidro semi-elaborado (Ferrari, 2005: 21).

Os primeiros vasos de vidro datam de cerca de XVI-XV a.C., sendo oriundos, de acordo com o padrão de distribuição dos achados, da zona de Alalakh (planície de Antioquia, norte da Síria) e da Mesopotâmia setentrional (Nuzi, Tell el-Rimah, Assur e Nínive).

Valérie Matoïan (Matoïan, 2000: 23-48), analisando evidências arqueológicas, designadamente, a distribuição de peças vítreas e alguns eventuais restos de produção, sugere, também, a possibilidade de ter existido um centro produtor de vidro, eventual *atelier* primário, em Ugarit, na actual Síria, entre os séculos XVI e XIII a.C..

Em período ligeiramente posterior, ainda dentro do século XV a.C., durante o Império Novo, surgem os primeiros vidros de produção egípcia (vasos encontrados no túmulo de Tutmés III (1479-1426 a.C.). Alguns autores (Nicholson e Jackson, 2000: 11) consideram que os primeiros vidros deliberadamente produzidos, foram-no, efectivamente, no Egipto cerca de 1500 a.C.. Em todo o caso, foi, sensivelmente, por esta altura que se iniciou a tradição egípcia de vasos de vidro contentores de cosméticos. A questão da produção de vidro no Egito não tem sido pacífica, sendo que a visão que tem prevalecido nos últimos anos é a de que, no II milénio, os egípcios eram exímios artesãos vidreiros, mas não produziam o vidro, importando a matéria-prima em bruto de outro lugar, provavelmente da Mesopotâmia. Ou seja, o Egipto tratar-se-ia de um *atelier* de produção secundário e não primário. Trabalhos de escavação e de arqueologia experimental recentes, desenvolvidos na área de Tell El-Amarna, em que foram, inclusivamente, identificados fornos que se pensa estarem associados à produção vidreira, sugerem que os egípcios terão provavelmente tido produção vidreira em larga escala, que poderá ter, inclusive, estado ligada às grandes redes de trocas da época (Nicholson e Jackson, 2000: 20).

A expansão do vidro prosseguiu para a Grécia micénica onde foram produzidas contas de colar e plaquitas para incrustar. São, particularmente, famosas as contas micénicas de vidro azul cobertas com folha de ouro denominadas “*en relieve*”, já referidas.

Resumindo, relativamente ao II milénio a.C., conhecemos três grandes áreas de produção (Mesopotâmia setentrional, Egito e Micenas) mas, à excepção do caso egípcio acima referido, desconhecemos centros produtores em concreto.

Relativamente ao I milénio, entre os séculos IX e VII a.C., continuou, aparentemente, com base na distribuição de achados vítreos e nas fontes escritas (tabuinhas de argila em escrita cuneiforme encontradas na Babilónia, Nínive e locais da Assíria e Anatólia), a ser o Próximo Oriente a principal área de produção vidreira (o Egito parece sair de cena como grande centro vidreiro até ao surgimento dos vidros produzidos nos *ateliers* de Alexandria). Também os Fenícios terão iniciado, nesta altura, a sua actividade enquanto produtores vidreiros. Neste período, a partir do século VII/VI a.C. e até ao surgimento do vidro soprado, no século I a.C., o vidro circulou, essencialmente (e no que concerne

a objectos), sob a forma de vasos de tipologia variada destinados a conter cosméticos, óleos e unguentos (incluindo os vasos designados “mediterrânicos”), contas de colar e amuletos. Não se conhecem os centros produtores em concreto dos primeiros. Considera-se que os mais antigos (Grupo Mediterrânico I) terão sido produzidos em Rodes, os seguintes (Grupo Mediterrânico II) terão sido elaborados em mais do que um centro (inclusive na Europa Ocidental), estando associados ao comércio púnico e grego e os últimos (Grupo Mediterrânico III) terão origem sírio-palestina, mas são já, cronologicamente, contemporâneos do poderio romano. No que concerne aos amuletos, os mais antigos (séc. VIII-VII a.C.) terão sido fabricados no Egito, os dos séculos VII e VI a.C., na Fenícia e no Chipre (eventualmente, inspirados em modelos cartagineses) e os datados da segunda metade do século IV ao século II a.C., terão origem púnica. Durante a época helenística, verificou-se uma produção localizada em Rodes, Chipre e Egito e assistiu-se a um grande incremento da produção vidreira devido à recuperação comercial de grande alcance dos bens de luxo, originada pela consolidação das poderosas dinastias surgidas após a morte de Alexandre Magno, em 323 a.C. (Ptolomeu no Egito, Selêucida na Síria e na Mesopotâmia e Antigónides na Grécia e na Macedónia).

Os vidros de produção aqueménida continuaram a ser imitados nas oficinas da Grécia e da Macedónia, às quais se juntaram outros centros de produção, designadamente, Sídon (na Síria-Palestina) e Alexandria (no Egipto).

Os vidros helenísticos começaram por herdar as tradições anteriores a nível tipológico mas, a partir do século III-II a.C., surgiram novos tipos e estilos, devido a inovações tecnológicas e ao ressurgimento do vidro mosaico. Entre as várias produções, merecem destaque as taças decoradas com motivos vegetais e folha de ouro, elaboradas, muito provavelmente, em Alexandria.

As contas de colar terão sido fabricadas um pouco em todos os locais referidos, inclusivamente, em *ateliers*, provavelmente, secundários localizados na Europa Ocidental.

IV.1.ii - Produção de vidro na Europa Ocidental

Ao contrário daquilo que se pensava até há alguns anos, não foi apenas na área oriental do Mediterrâneo e no Próximo Oriente que se produziram peças de vidro. Já em 1989, foi publicada a obra coordenada por Michel Feugère (Feugère, 1989), dedicada ao vidro pré-romano na Europa Ocidental, que reunia um conjunto de contributos de vários investigadores, em que era feito um ponto de situação relativamente, não apenas à dispersão dos achados vítreos importados encontrados na área, mas também, à questão da produção de vidro na região.

A questão da antiguidade dos primeiros vidros encontrados na Europa Ocidental e de uma eventual invenção local e produção autónoma desde tempos muito antigos, anterior aos próprios vidros egípcios e micénicos, fez já correr bastante tinta. No essencial, assenta sobre a descoberta de vidros (contas de colar) em supostos contextos do Bronze Antigo/Médio ou mesmo anteriores, em sítios franceses das províncias do Languedoc e Provença (Ambert e Barge-Mathieu, 1989) e em Inglaterra, no Wessex.

O trabalho de Ambert/Barge-Mathieu levou a que os autores concluíssem que o início do trabalho regional do vidro era correlacionável com o de uma metalurgia autónoma, datada na segunda metade do III milénio a.C. (Ambert e Barge-Mathieu, 1989: 15).

Aurora Martín, retoma este tema num trabalho dedicado ao vidro mais antigo encontrado no nordeste catalão (Martín, 2005). Refere a autora, com base nos trabalhos já referidos, que “*os objectos de pasta de vidro são conhecidos no ocidente europeu em contextos do Bronze Antigo, pelo menos, e quem sabe já desde o Neolítico Final/Calcolítico.*” (Martín, 2005: 26). Diz também que, inicialmente, se considerou que seriam materiais importados através de um comércio mediterrânico de longo alcance, mas que os trabalhos realizados por Colin Renfrew no Wessex vieram pôr em causa essas asserções.

Também Julian Henderson (Henderson, 1989), ao realizar um balanço dos mais antigos artefactos (mais uma vez, contas de colar) encontrados no território inglês e na Irlanda, verifica que estes seriam cronologicamente balizáveis na Idade do Bronze, entre cerca

de 1550/1250 a.C. (achado mais antigo, correspondente a uma conta de colar encontrada em Wilsford, Wiltshire) e cerca de 650 a.C.. O autor refere, a propósito, que não deve ser assumido aprioristicamente que todo o vidro foi importado para a Europa a partir do Próximo Oriente e que algum do vidro encontrado terá sido produzido na Europa e, possivelmente, também na Inglaterra e na Irlanda (Henderson, 1989: 19).

No entanto, mais recentemente, no âmbito de um novo projecto de investigação sobre o vidro antigo na área francesa (Gratuze e Billaud, 2003), foi realizado um censo dos achados de contas de vidro (para além das áreas do Languedoc e da Provença, incluiu achados do norte dos Alpes e do Jura, da Bacia Parisiense, dos arredores do Maciço Central e da Bretanha), em contextos do Bronze Final e inícios da Idade do Ferro, balizados entre 2500 a.C. e 750 a.C., tendo sido analisadas cento e cinquenta contas de vidro e trinta de *faienza*. Com base em dados arqueométricos, os autores concluíram que cerca de 63% dos objectos de vidro encontrados seriam provenientes de oficinas ocidentais, provavelmente do norte de Itália (Frattesina). Concluíram também, que a maior parte dos achados de vidro atribuídos ao Bronze Antigo, se encontravam mal contextualizados, não havendo peças anteriores ao Bronze Médio e que estas parecem ter, de facto, uma origem oriental, sendo muitas delas idênticas às encontradas no naufrágio de Uluburun, datado do século XIV a.C.. Apenas as contas encontradas em contextos do Bronze Final parecem ter sido produzidas na Europa, provavelmente no Norte de Itália, sendo muito semelhantes às encontradas em Frattesina (Rovigo, Norte de Itália).

Efectivamente, os dados obtidos por Julian Henderson em Frattesina (Henderson, 1991), relativamente a análises químicas efectuadas sobre vidros, indicam que, para além de haver produção vidreira no local, o próprio vidro utilizado seria também oriundo da região, considerando o autor muito improvável, à luz dos dados, que a matéria-prima tivesse sido importada de paragens mais orientais. No local em causa, o vidro aparece em grandes quantidades, “...em grandes pedaços, aderente a cadinhos e sob a forma de contas inacabadas e com deficiência.” (Henderson, 1991: 160). Outro aspecto muito interessante, relativamente a este sítio, prende-se com o seu enquadramento cronológico, uma vez que está datado entre os séculos XI-X a.C., imediatamente após o colapso da civilização micénica.

Há luz dos dados apresentados, Frattesina, poderá ser um dos mais antigos centros produtores de vidro, designadamente de contas de colar, da Europa Ocidental, funcionando, aparentemente e eventualmente, como *atelier* primário e secundário e sendo a provável fonte de muitas das contas de colar encontradas na região com cronologia da Idade do Bronze.

Também Daniela Ferrari (Ferrari, 2005) considera que a antiguidade dos primeiros vidros produzidos na Europa Ocidental, não irá além dos inícios do I milénio a.C. e que os vidreiros europeus terão importado as tecnologias orientais.

No que concerne a fases mais recentes, já dentro da Idade do Ferro, é bastante segura a existência de centros produtores em Inglaterra (Henderson, 1989), em Meare Lake Village (Somerset), Hengistbury Head (Dorset) e Culbin Sands (Moray Firth) e na Alemanha, em Manching (Pfaffenhofen, perto de Ingoldstadt). Neste último sítio, terão sido maioritariamente produzidas os braceletes, ditos célticos e contas de colar, tanto para consumo local, como para exportação (Gebhard, 1989). Em qualquer dos casos citados, não foram encontrados os fornos propriamente ditos, subsistindo a dúvida sobre se se tratarão de *ateliers* primários ou secundários de produção vítrea. O início da produção vidreira em Manching data, segundo o autor, de 260-250 a.C. e cerca de 50 a.C..

Como já apontámos acima, dados arqueométricos recentes indicam que, pelo menos até à Idade Média quase todo o vidro teve origem no Mediterrâneo Oriental, significando esta asserção que era aí que se localizavam os *ateliers* primários (Picon e Vichy, 2003: 17-32). O vidro bruto aí produzido era, eventualmente, transportado para outras regiões, inclusive localizadas, certamente, na Europa Ocidental, onde existiam alguns *ateliers* secundários, dos quais alguns exemplos serão, certamente, os referidos no parágrafo anterior, que transformavam a matéria-prima no produto final.

IV.2 - O Comércio do Vidro

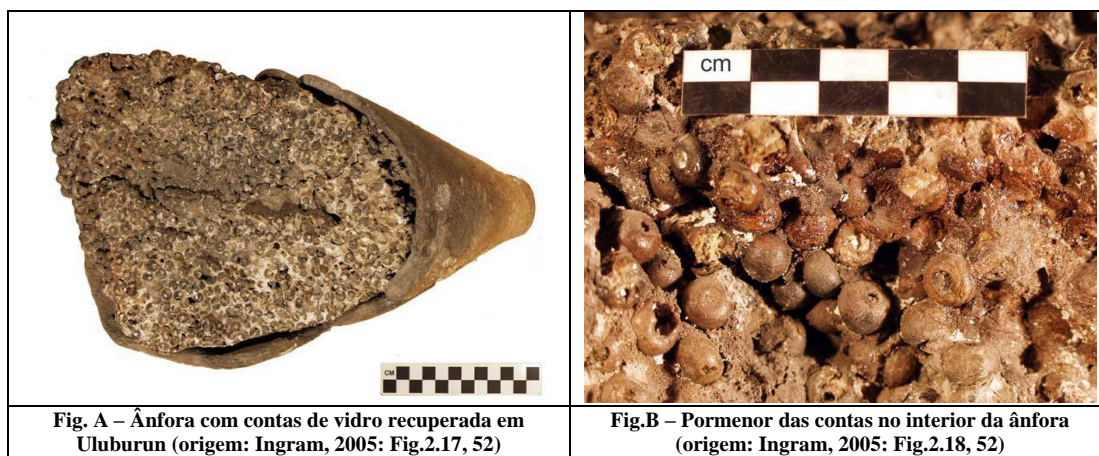
Como vimos, no processo da produção de vidro existiram ao longo dos tempos *ateliers* primários, em que se produzia vidro como matéria-prima e *ateliers* secundários, onde os blocos ou lingotes de vidro eram trabalhados por outros artesãos especializados que criavam os objectos finais. Estes dois locais de produção, tanto podiam localizar-se relativamente próximos um do outro como a milhares de quilómetros, o que, por vezes, implicou a circulação de vidro, em bruto ou sob a forma final, a grandes distâncias.

Foi já referido que o vidro, durante os tempos proto-históricos, era um material precioso equiparado, em termos de valor, ao próprio ouro e às pedras preciosas e semi-preciosas que, frequentemente, imitava. Por outro lado, os vasos de vidro serviram como contentor preferencial para ouros produtos de luxo, tão ou mais valiosos, os cosméticos, unguentos e óleos, muito apreciados pelas elites do Mundo Antigo. As próprias contas de colar e amuletos eram itens de prestígio, carregados de valor simbólico e mágico-religioso.

No que concerne a evidências arqueológicas do comércio de vidro na Antiguidade, para além da presença de materiais de clara origem forânea em diferentes áreas, o destaque vai para a descoberta de embarcações naufragadas, havendo dois excelentes exemplos de cronologia pré-romana, ainda que de períodos completamente distintos: os naufrágios de Uluburun (Kas, província de Antalya, na costa turca) e de Les Sanguinaires A (Ajaccio, Córsega).

O primeiro foi detectado em 1982 e escavado entre 1984 e 1994. Trata-se de uma embarcação, datada de cerca de 1300 a.C., cujo carregamento consistia de matérias-primas e bens manufacturados provenientes do Mar Egeu e do Levante (Singer, 2007). A embarcação representa o maior conjunto de artefactos (c. de 18.000) do bronze tardio já encontrados. Trata-se de um barco mercante de origem levantina (sírio ou cananeu) preparado para o transporte de bens a longa distância numa navegação de cabotagem, com um comprimento de 15 metros e uma capacidade de carga de 20 toneladas. O seu destino seria eventualmente Creta ou Rodes.

O carregamento transportado é deveras impressionante.



Incluía objectos provenientes da Síria-Palestina, Chipre, Egipto, Mesopotâmia, Península Itálica e Egeu, designadamente: lingotes de metais (cobre e estanho) e de vidro, vigas de ébano, jarras cananeias com resina (Terebinto), marfim (presas de elefante e hipopótamo), âmbar (contas de colar do Báltico), ovos de avestruz, peças de ourivesaria cananeias e egípcias (incluindo milhares de contas de vidro e de faiança), selos mesopotâmicos, cerâmica egípcia, cipriota, micénica e sírio-palestina, ferramentas e armas de bronze cananeias, da Península Itálica e de outras regiões europeias (Roménia, Bulgária ou outras regiões dos Cárpatos).

Relativamente ao conjunto enunciado interessa-nos, no caso vertente, destacar a presença dos lingotes de vidro em bruto e de vários milhares de contas de vidro e *faianza*, reveladora, desde logo, do enorme valor que estes materiais possuíam. Relativamente aos primeiros, tratam-se de 175 lingotes em formato de cone truncado, com um peso variável entre 1 e 3 kg, de cor azul cobalto (ou lápis-lazúli), turquesa, púrpura e âmbar (Singer, 2007, p.25). A sua origem mais provável seria o Egipto ou o Levante (o azul cobalto seria egípcio, o turquesa da Mesopotâmia e os restantes da Síria-Palestina).

Relativamente às contas de colar de vidro e *faïenza*, estas foram objecto de um estudo específico por Rebecca Ingram (Ingram, 2005). O conjunto é formado por 75.000 contas de *faïenza* e 9.500 contas de vidro. Apesar do mau estado de muitas das peças, o azul á claramente a cor maioritária, havendo também contas nas cores vermelha, amarela, branca e turquesa. Um aspecto curioso, patente nos dados do naufrágio, prende-se com o facto de as contas serem transportadas em vasos (Fig.A e Fig.B), soltas e não integradas em colares ou pulseiras o que, eventualmente, poderia ocorrer num segundo momento da sua comercialização.

Relativamente ao naufrágio Sanguinaires A, trata-se de uma embarcação datada de 220 a.C., do período helenístico e é o primeiro testemunho arqueológico encontrado no Mediterrâneo Ocidental, que comprova o transporte do vidro em bruto (Fig. C) dos *ateliers* primários da Síria-Palestina para ateliers secundários aí localizados (Alfonsi et alii, 1997).

Foi descoberto em 1987 à saída do golfo de Ajaccio e objecto de quatro anos de intervenção, entre 1988 e 1991. A sua carga era composta pelos lingotes de vidro, ânforas (de Rodes, greco-italicas e púnicas), cerâmicas e lingotes de cobre. As ânforas deveriam todas conter vinho.

Até ao momento, foram recuperados cerca de 550 kg de vidro sob a forma de lingotes mas também de restos de objectos manufacturados.



Fig. C – Fragmento de vidro em bruto do Sanguinaires A (Web Source: www.wmaker.net/ARASM/EPAVES-DE-VERRE-EN-CORSE_a14.html)

Estes achados (a par de outros de menor relevo que não referimos) são particularmente importantes por razões óbvias: atestam a importância do vidro e o seu valor como mercadoria de luxo, bem como a sua circulação em bruto e como produto final praticamente desde os inícios da sua produção em larga escala até aos finais do I milénio a.C..

Gratuze e Billaud (Gratuze e Billaud, 2003: 13), referindo-se à circulação das contas de vidro na Antiguidade, consideram que relativamente aos materiais de origem oriental a via marítima de transporte, efectivamente, seria a mais aconselhável, referindo a propósito os casos citados.

IV.3 - Os Principais Agentes do Comércio Vidreiro

Abordaremos aqui, apenas, o período compreendido entre o Bronze Final (a partir do séc. XIII a.C.) e o final da Idade do Ferro (meados do séc. II a.C.). Esta opção prende-se com dois factos: o achado de vidro mais antigo conhecido no território português está datado da segunda metade do II milénio a.C. (Necrópole da Atalaia, Ourique); as peças de vidro mais antigas que registamos no Norte de Portugal, estão contextualizadas entre os séc. XI e IX a.C. e são, como tal, inseríveis na Idade do Bronze e anteriores aos primeiros estabelecimentos fenícios no território peninsular, o que nos obriga a recuar a nossa análise aos seus antecessores.

Tudo indica que as principais razões da expansão dos contactos comerciais das populações do Mediterrâneo oriental para ocidente se prenderam com a busca de fontes alternativas de matérias-primas metálicas, escassas e de grande valor, como o estanho, a prata, o ouro e o cobre (Martín, 1999: 249).

IV.3.i - O Bronze Final

A questão do comércio do vidro nos finais da Idade do Bronze foi já, parcialmente, aflorada a propósito dos naufrágios referidos. Efectivamente, no que concerne à circulação vítrea neste período parece evidente, à luz do já exposto, o importante papel desempenhado pelas populações do Mediterrâneo Oriental, em particular, as da zona levantina, designadamente, Sírios e Cananeus, de onde parecem ser originárias as embarcações naufragadas em Uluburun e Cabo Gelidonya. De resto, as evidências existentes relativamente à origem das tripulações das embarcações são esclarecedoras: seriam tripulações mistas formadas, essencialmente, por marinheiros Sírios, Cananeus e Micénicos, para além de, no caso de Uluburun, um membro de origem romena ou búlgara (Singer, 2007: 31).

Os Cananeus de Biblos, antepassados dos Fenícios, não parecem, no entanto, ser os responsáveis pela primeira chegada de produtos orientais às regiões mais ocidentais do Mediterrâneo. Esse papel terá, mais provavelmente, cabido aos navegadores micénicos ou circum-micénicos. A propósito da presença micénica no Mediterrâneo Central e Ocidental, lembramos aqui o que dizem as fontes clássicas, designadamente, a *Odisseia* homérica: a chegada de Ulisses ao país dos lotófagos na Líbia; o doce cativo em que Calipso o retém na sua ilha de Ogígia, para lá das Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) ou em Malta, entre outros. A navegação foi, efectivamente, o principal meio de expansão da civilização micénica havendo evidências por todo o Mediterrâneo da mesma. As marcas micénicas são particularmente sensíveis no Mediterrâneo oriental, com destaque para as ilhas de Rodes, Ialysos e Kamiros. Aliás, terá sido precisamente a colónia micénica de Rodes que desenvolveu o comércio com o Mediterrâneo ocidental entre 1400 e 1100 a.C., ainda que os testemunhos micénicos nesta área sejam francamente mais escassos. Também Chipre foi importante colónia micénica (com sede em Enkomi). É, particularmente, significativa a presença micénica em Itália, sendo os objectos encontrados, essencialmente, de origem ródia ou cipriota. As ilhas Lipari e a Sicília eram encaradas como uma das mais importantes etapas da Rota do Estanho, no trânsito para a Europa central e ilhas britânicas. A região da Apúlia era também importante pois conectava às rotas do âmbar proveniente do Báltico.

No caso da Península Ibérica, o achado de cerâmicas micénicas em Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba) e de algumas contas de *faienza* (cerâmica esmaltada) em Fuente Álamo (Almería), vieram confirmar a existência de uma rota ocidental que atravessaria a Sicília, Vivara e a Sardenha até alcançar o território peninsular (Martín, 1999: 230). Estes achados peninsulares ibéricos, serão datáveis, segundo Alfredo Martín do Heládico Final IIIA2/IIIB (1365 a 1190/1185 a.C.).

Ruíz-Galvez Priego (Ruíz-Galvez Priego, 1995: 143), considerava que as escassas evidências do comércio oriental existentes no ocidente peninsular se deviam ao facto de se tratar de um comércio marginal de tipo exploratório na busca de novos recursos. Já Vagnetti (Vagnetti, 1996: 114; 1997: 162), era da opinião que esses vestígios traduziriam intercâmbios entre a Península Ibérica e o Mediterrâneo central, mais concretamente, com a Sardenha, e não directamente com a Grécia continental. Para Martín (Martín, 1999: 248), existiu, efectivamente, um comércio claramente dirigido à Península Ibérica desde o Mediterrâneo Oriental (Levante, Chipre) e do Egeu (Grécia meridional).

Ruiz-Galvez Priego, num artigo recente (Ruiz-Galvez Priego, 2009: 94), efectuou uma reavaliação dos dados relativos à questão micénica peninsular considerando que as cerâmicas encontradas no referido sítio de Montemoro permitiram, efectivamente, encaixar num marco cronológico compreensível outros achados antigos, claramente mediterrânicos mas não fenícios, habitualmente etiquetados como pré-coloniais. A autora defende que a colonização fenícia (e também a grega) do I milénio a.C. não foi fruto do azar, de “viagens exploratórias”, ou de uma fase prévia de comércio sem colónias, mas que se deveu ao facto de os confins ocidentais fazerem já parte das rotas comerciais mediterrânicas desde algum ponto do II milénio a.C., propondo-se então a definir qual esse marco temporal.

Começa por salientar, que é só a partir dos séculos XIII/XII que surgem representações de embarcações tipo pentecotera, com capacidade de carga e suficiente autonomia para navegar sem vento, tornando possível a existência de rotas de longa distância que permitissem alcançar a Península Ibérica (Ruiz-Galvez Priego, 2009: 97). Isto significa que, anteriormente ao séc. XIV ou XIII, não se verificaram condições para uma

extensão do comércio mediterrânico para a região. Assim, a data mais provável, com base em diferentes pressupostos, para os achados cerâmicos micénicos de Montoro será entre os meados do séc. XIII a.C. – 1250 a.C. – e cerca de 1000 a.C. (Ruiz-Galvez Priego, 2009: 100).

Por outro lado, é, de facto, entre os séculos XIII/XII a.C. e X/IX a.C., que começam a existir evidências mais abundantes e contextualizadas de uma relação directa ou indirecta (a autora inclina-se para a segunda hipótese) entre o Mediterrâneo Oriental e a Península Ibérica.

Os contactos e contextos mais fiáveis e abundantes de comércio mediterrânico pré-fenício, na Península Ibérica, situam-se em datas de transição entre o II e o I milénios a.C. e mais no Sudoeste do que no Mediterrâneo espanhol, sugerindo um interesse direccionado a territórios e a produtos atlânticos localizados para lá da Península Ibérica, aos quais se poderia aceder através dos sítios portugueses que, desse modo, representariam a ligação com os mundos marginais do ocidente europeu no Bronze Final. Esta integração do ocidente e, em particular, do território português neste tráfego comercial entre o Atlântico e o Mediterrâneo é comprovada pela cronologia dos primeiros ferros e importações mediterrânicas verificadas em vários sítios portugueses do Bronze Final, para além da importação de modelos culturais relacionados com o mundo mediterrânico, patentes nas representações das estelas do Bronze do Sudoeste – capacetes com cornos, escudos com chanfradura em V, etc. – e na metalurgia e ourivesaria peninsulares, caso, por exemplo, dos ponderais.

Quanto aos protagonistas deste comércio com o Ocidente, ocorrido nos finais da Idade do Bronze, tal papel parece ter cabido a Cipriotas e Cananeus, por vezes, certamente, ao serviço de outras potências. Isto porque, nem o Chipre, nem os pequenos estados periféricos cananeus colapsaram nos finais da Idade do Bronze, por terem um sistema político menos centralizado, ao contrário do que se verificou com as grandes potências da época entre as quais se encontravam, por exemplo, Micenas e Creta.

A autora conclui, deste modo, que não foram micénicos mas sim cipriotas ou uma *koiné* de agentes orientais (com o provável contributo de intermediários ocidentais) quem

esteve por detrás das cerâmicas micénicas encontradas em Espanha e das restantes importações mediterrânicas encontradas na Península Ibérica em contextos do Bronze Final (Ruiz-Galvez Priego, 2009: 107). Estes contextos, estão todos datados de uma época em que os palácios micénicos já tinham desaparecido ou estavam em vias de desaparecer. Refira-se também, a este propósito, que o paralelo para as cerâmicas de Montoro é cipriota e não micénico (Torres Ortiz, 2008).

É, precisamente, no contexto balizado entre o colapso dos palácios e a instalação dos colonos fenícios no Ocidente, entre 1250-850/825 a.C., sob a acção de agentes intermédios de origens diversas, que a autora pensa que ocorre a primeira chegada do comércio mediterrânico à Península Ibérica (Ruiz-Galvez Priego, 1999: 109) protagonizada por uma *koiné* de comerciantes do Levante, do Egeu e do Centro do Mediterrâneo que terá sido, assim, a responsável pela extensão das rotas mediterrânicas para a Península Ibérica e, consequentemente, pelos achados vítreos com cronologias mais antigas detectados no território português, em que se integram, como veremos adiante, alguns achados do Norte de Portugal.

IV.3.ii - O I Milénio – Fenícios, Gregos, Cartagineses e Gaditanos

Abordaremos aqui, apenas aqueles que terão sido os principais interlocutores do comércio com o ocidente peninsular, a partir do segundo quartel do I milénio a.C., deixando, propositadamente, de fora povos como os Etruscos que tiveram grande importância e chegaram a ser uma das grandes potências Mediterrânicas mas que não terão desempenhado um papel tão relevante no que concerne ao comércio com o ocidente da Península Ibérica.

Os conhecimentos existentes relativamente a este período são, exponencialmente, superiores devido à existência de muito mais abundantes fontes escritas, para além das arqueológicas.

Assim, a partir dos inícios do I milénio a.C., os Fenícios iniciam um avanço de cariz colonizador rumo ao Ocidente. Os mais antigos assentamentos fenícios na Península Ibérica datam entre 800 a.C. e 750 a.C (Gadir/Cádiz). Tal como aconteceu relativamente aos seus predecessores, o interesse dos Fenícios eram os metais, particularmente, a prata (abundante na área tartéssica), o ouro e o estanho, sendo este último essencialmente proveniente do Noroeste e da Beira Interior (Alarcão, 1996: 19).

Os Fenícios vão estabelecer entrepostos próprios, ou articular-se com povoados indígenas localizados ao longo da costa portuguesa, nos estuários ou no curso dos principais rios, no sentido de apoiar um comércio de cabotagem: Castro Marim e Bensafrim (Algarve); Sines (Alentejo); Alcácer do Sal (Foz do Sado); Alcáçova de Santarém (curso do Tejo) e Santa Olaia, Tavarede e Chões de Alpompé, na Foz do Mondego (SILVA, 1990: 145 e 147).

Após a queda de Tiro, em 573 a.C., Cartago, que era uma antiga colónia tíria fundada em 814 a.C., assumiu, ou herdou, o papel da sua cidade-mãe bem como a sua vocação comercial, assumindo-se como uma potência, não apenas nessa vertente, mas também a nível militar, no Mediterrâneo, até à sua destruição por Roma, em 146 a.C..

O papel de Cartago não foi, no entanto, tão hegemónico como havia sido, nas centúrias anteriores, o dos seus antecessores Fenícios devido, em grande medida, à existência de outros povos na região, nomeadamente, os Gregos, os Etruscos e, posteriormente, os Romanos.

As movimentações comerciais dos Gregos no Mediterrâneo Ocidental são, por motivos óbvios, abundantemente referenciadas pelos autores clássicos. Heródoto, por exemplo, aborda a expedição de um navio de Colaios, confiado a Corróbio pelos Sâmios e que terá alcançado as Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) e chegado mesmo a Tartessos (Tavares, 2001: 18). Para além dos Sâmios, também os Fócios são referenciados pelo mesmo autor clássico, que nos diz ter este povo fundado Marselha (Massália), cerca de 600 a.C. e encetado, também, contactos com Tartessos (Tavares, 2001: 19). Os fócios desenvolveram, efectivamente, intensa actividade comercial com o

território ibérico, em particular com a costa levantina e terão tido confrontações com os Cartagineses, vencendo-os mesmo, segundo nos diz Pausânias, numa batalha naval.

É, efectivamente, a este povo de origem grega que se deve atribuir, por exemplo, a difusão para a Península Ibérica de materiais gregos, designadamente, da chamada cerâmica ática que surge, em diversos contextos, ao lado da cerâmica púnica.

Para combater a ameaça fócia, os Cartagineses ter-se-ão aliado aos Etruscos conseguindo infligir-lhes, então, várias derrotas, entre as quais a célebre Batalha de Alália, em 535 a.C., nas costas da Córsega, segundo relato de Heródoto (I, 165). Esta batalha terá servido para demarcar as áreas de influência dos três intervenientes: os Etruscos terão ficado com a região de Itália, à excepção do Sul; os Gregos terão ficado impossibilitados de comerciar directamente com o Ocidente e os Cartagineses passariam a dominar esta última região do ponto de vista comercial. Esta situação não terá sido tão linear mas os Cartagineses terão, em todo o caso, passado a gozar de uma posição mais privilegiada no comércio com o ocidente peninsular, sendo que possuíam já um importante posto avançado para esse domínio na colónia de Ibiza, fundada em 635 a.C..

São várias as passagens dos autores clássicos que abordam a questão das navegações dos Fenícios / Cartagineses para Ocidente, de que são exemplo o relato de Diodoro da Sicília ou os périplos de Hanão e Himilco (Tavares, 2001: 22). A viagem de Himilco, que navegou para o Norte, seguindo as costas da Península Ibérica, chegou até ao nosso conhecimento devido ao relato de um outro autor, Rúfio Festo Avieno e à sua *Ora Marítima*, obra do século IV d.C., que tem por base um périplo do último quartel do século VI a.C., atribuído a um marinheiro massaliota, que poderá ter sido Eutímenes. Este périplo descreve a viagem marítima de Tartessos até Massília, mas integra várias referências relativas às costas atlânticas, à Bretanha (Estrímenes), a Tartessos e às ilhas da Irlanda e da Grã-Bretanha. Deixemos, então, aqui uma passagem da *Ora Marítima*: “Entre os Tartéssios havia o costume de negociar nos confins das Estrímnidas. Também os colonos cartagineses, e o povo que habitava junto às Colunas de Hércules, frequentavam estes mares que, no dizer do cartaginês Hímilco, apenas em quatro meses – como ele próprio afirma ter verificado, quando aí navegou – podem ser percorridos...”.

Esta citação é, também, um bom ponto de partida para abordar o papel que os próprios Gaditanos, ou Tartéssios, terão desempenhado no tráfego comercial entre o Mediterrâneo e a costa atlântica, questão que foi tema de um trabalho recente de Martín Almagro-Gorbea e Mariano Torres Ortiz (Almagro-Gorbea e Torres Ortiz, 2009: 113-142). Como vimos, a citação da obra de Avieno refere que os Tartéssios, bem como “...o povo que habitava junto às Colunas de Hércules...”, costumavam desenvolver actividade comercial, com alguma regularidade, com as Estrímnidas (Ilhas Britânicas). Almagro-Gorbea e Torres Ortiz, seguem esta linha e falam de uma “Colonização Tartéssia”, com base na análise que fazem de dados, essencialmente, arqueológicos e linguísticos. Para estes autores, o papel directo das populações originárias do Mediterrâneo oriental no processo colonizador, para lá das Colunas de Hércules, terá sido reduzido ou mesmo inexistente, tendo o mesmo sido desempenhado pelos Tartéssios que terão funcionado como intermediários e principais agentes do comércio com as regiões atlânticas, em que se inclui a costa portuguesa, referindo, a este propósito, a própria presença dos Turduli Veteres, na região a Sul do Douro (Almagro-Gorbea e Torres Ortiz, 2009: 129).

González–Ruibal (González-Ruibal, 2004 e González-Ruibal et alii: 2007), abordou, especificamente, a temática do comércio mediterrânico com o Noroeste Peninsular na Idade do Ferro de forma, particularmente, aprofundada. Para este autor, é possível distinguir três momentos de importações mediterrânicas para o mundo galaico no I milénio: 1) comércio com Fenícios e, sobretudo, Tartéssios (s. IX-VI a.C.); 2) comércio púnico (s. V-II a.C.); 3) comércio romano (s. I a.C. – I d.C.).

No entanto, salienta que o processo de transição entre o comércio dominado pelos púnicos para o verdadeiramente controlado pelos romanos não foi simples pois, como referem as fontes clássicas, a rota do Noroeste terá prosseguido sob controlo gadirita (ou gaditano) durante todo o século II a.C.. A primeira expedição romana, documentada, às Cassitérides, terá sido conduzida por Públio Crasso, em 96 a.C. Segundo Estrabão (Estr. 3, 5, 11), Crasso divulgou as rotas para as terras do estanho aos que não as conheciam, designadamente, aos navegadores romanos que não estavam vinculados às antigas cidades púnicas do Estreito (Gibraltar). Efectivamente, até meados do século I a.C., o

comércio com o Atlântico, ter-se-á, em grande medida, mantido sob monopólio ou domínio gadirita (González-Ruibal et alii, 2007: 43-44).

V - O VIDRO PRÉ-ROMANO NA PENÍNSULA IBÉRICA

Agora que definimos a origem do vidro que chegou, no decurso da Proto-história, ao palco peninsular e definimos quais os prováveis agentes da sua comercialização e transporte, iremos passar a analisar os principais achados vítreos no ocidente peninsular.

Neste capítulo, abordaremos, de forma sumária, a presença do vidro no território espanhol e no Sul e Centro de Portugal, no sentido de fornecer alguma contextualização relativamente aos materiais exumados na área de estudo, que será analisada no capítulo seguinte.

V.1 - *O Território Espanhol*

Relativamente ao território espanhol, os dados existentes não são muito mais abundantes do que os existentes para o território português. No entanto, Encarnación Ruano (Ruano, 1996), no seu trabalho relativo às contas de Ibiza y Formentera apresenta um quadro geral da distribuição deste tipo de artefactos em todo o território espanhol, para além de um quadro tipológico dos materiais e quadros adicionais com a distribuição de cada tipo individual e algumas considerações sobre a sua cronologia com base nos paralelos conhecidos.

No mapa geral de distribuição dos materiais apresentado (Est.2, fig.2), bem como nos restantes, verifica-se a existência de algumas regiões a branco, sendo que, como bem apontou Carlos Fabião (Fabião, 2001: 205), “...as distribuições, presenças e ausências (...) (sobretudo estas últimas)...”, documentam, certamente, o estado dos conhecimentos sobre o assunto à altura da realização do estudo. Em todo o caso, as regiões em que se verifica a ausência de contas de vidro pré-romano são as seguintes: Galiza (Lugo e Ourense); Asturias; Castilla y León (León, Zamora, Salamanca, Palencia

e Burgos); Cantábria; País Basco; La Rioja; Navarra; Aragão (Huesca e Teruel) e Castilla La Mancha (Guadalajara, Toledo e Ciudad Real).

Do ponto de vista formal a autora identifica oito “tipos” de contas no território: anulares, esféricas, cilíndricas, gomadas ou aos gomos (agallonadas), fusiformes, bicónicas, elipsoidais, espiraliformes, em forma de coração (acorazonadas) e toneletes, com cronologias para o conjunto que oscilam entre finais do séc. VII e o século II a.C., havendo que ter em conta a perduração deste tipo de materiais no registo arqueológico.

O trabalho de Ruano tem uma grande limitação que reside no facto de apenas tratar a questão das contas de vidro, não abordando a distribuição e características dos vasos vítreos que, como vimos, circularam ao longo da proto-história, servindo, essencialmente, como contentores para perfumes, unguentos e óleos.

No que concerne às contas de vidro com cronologias mais antigas, encontradas no território espanhol, estas parecem ser enquadráveis nos finais da Idade do Bronze e foram, pela primeira vez, estudadas por Rovira (Rovira I Port, 1994). Mais recentemente, Aurora Martín (Martín, 2005), num trabalho que incidiu, precisamente, sobre a área catalã, actualizou os dados apresentados por Rovira. Considera esta autora que os materiais vítreos com cronologias do Bronze terão, na sua maior parte, chegado à Península Ibérica por via mediterrânica, mas não descarta, relativamente a alguns materiais, nomeadamente, os encontrados em regiões mais interiores da Catalunha e na zona pirenaica, que os mesmos possam ter chegado por via continental a partir do território francês. Estes materiais com cronologias mais antigas são, no entanto, muito escassos e segundo a mesma autora, só a partir do século VI a.C., já na Idade do Ferro, é que se verifica uma generalização dos achados vítreos na região, a par de outros em *faienza*, com destaque, a nível quantitativo, para a colónia grega de Ampúrias (Martín, 2005: 29).

Os artefactos vítreos encontrados na área catalã dividem-se nas duas categorias principais: as contas de colar, amuletos e pulseiras e os vasos contentores de cosméticos, óleos e perfumes. A par destes surgem outros, de cariz mais cultural/sagrado, como são os escaravelhos e amuletos de *faienza* egípcios. A autora

destaca a presença, no conjunto, das pulseiras de vidro, ditas “celtas”, originárias do mundo centro-europeu do séc. III a.C..

Os vasos em vidro para perfumes encontrados nas necrópoles ampuritanas têm datações que oscilam entre o último quartel do século VI e os finais do século V a.C., sendo habitual a sua presença nos espólios funerários ampurdaneses.

As contas oculadas e os amuletos moldados sobre vareta que se encontram com regularidade em Ampúrias, são também muito mais escassos nos sítios indígenas. O modelo de amuleto mais comum é o da cabeça masculina com barbas, estando presente, para além de Ampúrias, num exemplar do *Oppidum* de Sant Juliá de Ramis e noutro de El Brul. Pela sua tipologia serão peças provenientes de oficinas cartaginesas (Seefried, 1982). Também se verifica uma cabeça bifronte em vidro azul (*Oppidum* de Sant Andreu de Ullastret) semelhante a outra de Puig des Molins de Eivissa (Carreras, 2003), peças, também elas, de origem mediterrânica.

As, já referidas, pulseiras célticas também surgem no séc. III em vários sítios do Nordeste catalão.

Para a área da Estremadura destacam-se os trabalhos de Jimenez Ávila (Jiménez Ávila, 1999) relativos à Necrópole de Pajares (Villanueva de La Vera, Cáceres), onde foram exumadas mais de trezentas peças em vidro. O espólio de Pajares é particularmente significativo pois, tratando-se de uma área de fronteira com o território nacional, fornece uma base comparativa para alguns dos materiais encontrados nos sítios portugueses, particularmente, no Alentejo e nas Beiras, para além de revelar a existência de grandes concentrações de peças de vidro em regiões muito interiores. Destaca-se a presença de vinte fragmentos de vasos de vidro numa das maiores concentrações deste tipo de peças a nível peninsular.

Ainda relativamente ao vidro pré-romano espanhol destacaríamos um artigo de González Ruibal (González Ruibal, 2004) em que, a propósito do achado de um *askós* púnico de Ibiza, datado do século III a.C., o autor faz uma reflexão sobre a presença púnica na costa norte-ocidental atlântica da Península, em que apresenta um mapa com

o levantamento dos materiais de origem mediterrânica encontrados no Noroeste Peninsular, designadamente, na área correspondente ao Norte de Portugal, à Galiza e às Astúrias, em que inclui os achados vítreos, designadamente, contas de colar (Est.4, Mapa 4). O autor indica, para o território galego e asturiano, um total de vinte sítios com ocorrência de contas de vidro, para além de cinco sítios no território português.

V.2 - O Vidro no Território Português

Analisaremos agora, de forma muito sumária, apenas com o intuito de contextualizar os achados do Norte do país, os achados de vidro do restante território nacional.

V.2.i - Centro e Sul de Portugal

A maior concentração de achados de vidro pré-romano no território nacional encontra-se, sem qualquer tipo de surpresa, na região sul. No entanto, é nas zonas mais interiores do território que os objectos surgem em maiores quantidades devido a dois factores: a articulação das elites locais que controlariam os recursos mineiros do *hinterland* com os povoados, indígenas ou de fundação *ex novo* oriental (fenícia, púnica ou gaditana), localizados nas zonas litorais e que funcionariam também como centros redistribuidores dos itens de prestígio que chegavam às costas portuguesas; o facto da região se localizar na esfera de influência tartéssica ou ser mesmo parte do território tartéssico.

Os achados de vidro mais antigos datam do Bronze Final e correspondem a um conjunto de 35 contas de vidro, de forma anular, elipsoidal ou cilíndrica, com cor amarela, castanha ou azul, provenientes da Necrópole da Idade do Bronze da Atalaia (Schubart, 1975: Taf.22, 195). Da mesma cronologia será uma conta de vidro azul encontrada no povoado de Passo Alto (Soares, 2005: 13, 5).

A partir dos inícios da Idade do Ferro, generalizam-se os achados de vidro um pouco por todo o Sul de Portugal concentrando-se, na sua quase totalidade, em dois tipos de contextos: necrópoles e depósitos votivos, estes últimos em zonas de localização de eventuais santuários.

Antes de enumerarmos, de forma não exaustiva, os principais sítios e achados vítreos da região, gostaríamos, desde já, de salientar uma diferença óbvia entre a realidade do Sul e mesmo da generalidade das restantes regiões peninsulares e o Noroeste Peninsular castrejo, que passa pela ausência de contextos funerários/necrópoles de cronologia sidérica. Esta realidade, condiciona, sobremaneira, a dimensão da amostra em termos numéricos, pois a realidade arqueológica dos espaços de vida (povoados) é, claramente, muito mais fragmentada e fragmentária do que a dos espaços da morte (necrópoles) e religiosos, onde as peças foram depositadas inteiras (desde que o ritual não exija a sua fragmentação) ou completas, para não mais serem mexidas.

Finda esta nota, passamos então à enumeração dos sítios e, sempre que possível, da relação dos mesmos com o número de peças vítreas exumadas:

Necrópoles

- **Tesouro do Gaio, em Sines** – colares com contas de vidro oculadas e fragmento de *alabastron* de vidro (Gomes, 1990: 56) – I Idade do Ferro;

- **Necrópole da Fonte Santa (Ourique)** – 26 contas em vidro azul turquesa, oculadas a branco e azul escuro, com forma esferoidal; 20 contas de vidro (19 esféricas e 1 tubular), sendo 9 azuis turquesa oculadas a branco e azul escuro, 1 amarela, 2 verdes, 3 castanhas e 1 preta oculada a branco. – I Idade do Ferro

- **Necrópole do Pardieiro (Odemira)** – 2 contas de vidro oculadas; 75 contas de vidro; 85 contas de vidro oculadas; 3 contas de vidro (Beirão, 1990: 107-118) – I Idade do Ferro;
- **Necrópole da Fonte Velha (Bensafrim)** – número elevado de contas de colar (Correia, 1995-1997: 187);
- **Necrópole da Herdade do Pego (Ourique)** – 2 contas oculadas e 2 decoradas com zigue-zague fino e branco; 2 contas negras; 1 conta tubular de vidro amarelo claro translúcido; 2 contas tubulares, negras, com zigue-zague fino e branco; 1 conta negra, tubular, com espiral em zigue-zague branco (Beirão *et alii*, 1970) – séc. VI-V a.C.
- **Necrópole do Galeado (Vila Nova de Milfontes)** – 3 contas de vidro “...*azul turquesa oculadas a branco e a azul ultramarino, com perfuração cilíndrica, medem cada uma 0,008 m de diâmetro por 0,005m na maior espessura...*” (Beirão, 1983: 226)
- finais do séc. VI – inícios do séc. V a.C.;
- **Necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova (Ourique)** – 34 contas oculadas; 1 conta decorada com zigue-zague fino e branco; 1 azul cobalto; 64 negras; 4 contas fusiformes ou tubulares de cor amarelo translúcido; 1 conta de vidro cor de laranja (Beirão *et alii*, 1970);
- **Necrópole da Herdade da Favela Nova (Ourique)** – 1 “...*pequenina conta tubular de vidro preto com 10 mm de comprimento e 2 mm de diâmetro...*”; 1 “...*conta de vidro preto com pequenos “olhos” brancos e pretos (...) com 11 mm de diâmetro máximo, 8 mm de espessura e 3,5 mm de diâmetro de orifício de suspensão*”; 1 “...*grande conta esférica de vidro transparente tornado translúcido por abrasão na superfície externa com 18 mm de diâmetro e 4,5 mm de diâmetro do orifício de suspensão.*” (Dias e Coelho, 1983: 201-203) - séc. VI-V a.C.;

- **Necrópole de Almogrove (Odemira)** – 16 contas de vidro negro (15 esferoidais e 1 tubular), oculadas a branco e negro (as esferoidais) e com finas linhas brancas em ziguezague (a tubular).

- **Necrópole de Fernão Vaz (Ourique)** – “*Na decapagem da Necrópole de Fernão Vaz foram encontrados objectos de adorno entre os quais contas de colar (27 de pastavítrea negra oculadas a branco e 15 de resina)...*” (Arruda, 2001: 240) – séc.VIII-IV a.C.;

- **Necrópole de Cerro do Ouro (Ourique)** – “*...contas de colar de pasta vítrea de cor negra e oculadas a branco, e outras translúcidas de cor verde e castanha...*” (Arruda, 2001: 249);

- **Necrópole da Chada (Ourique)** – “*...contas de pasta vítrea negras ou azul turquesa oculadas a branco...*” (Arruda, 2001: 251);

- **Necrópole de Palhais (Beringel, Beja)** – na Sepultura 1 foi detectado um colar de “*...contas de pasta vítrea (...) composto por 438 contas de tipologia anelar (...) e por uma conta fusiforme...*” (Santos, F. *et alii*, 2009: p. 761). As contas anelares apresentam diâmetros variáveis entre 5 e 3 mm e espessuras de 1 a 3 mm, sendo monócromas com domínio dos fundos azul, branco e verde. A conta fusiforme, encontra-se muito fragmentada e erisada e é de cor azul brilhante com decoração em raias onduladas ou fios horizontais brancos por toda a superfície.

A Sepultura 2 apresentava, igualmente, um colar de “*...contas de pasta vítrea de diferentes tipologias (três fusiformes, duas bitroncocónicas brancas, três esféricas monócromas azuis claras e duas pequenas contas esféricas oculadas de fundo verde com “olhos” únicos e linhas a branco)...*” (Santos *et alii*, 2009: p. 763) – séc. VII-VI a.C.

Habitats

- **Povoado de Fernão Vaz (Ourique)** – “...Fernão Vaz apresenta também objectos de adorno (contas de pasta vítrea oculadas)...” (Arruda, 2001: 235);
- **Cerro da Rocha Branca (Silves)** – fragmento de *amphoriskos*; 2 contas de vidro bitroncocónicas azuis (Gomes, 1993: 80) – II Idade do Ferro;
- **Povoado do Almaraz (Almada)** – 2 bordos de vidro; 3 contas: uma oculada em vidro azul, amarelo e branco; uma esférica em vidro opaco branco e uma discóide em gomos, em vidro azul (Barros, et alii, 1993: 154) – II Idade do Ferro;
- **Alcáçova de Santarém (Santarém)** – “...contas de colar de pasta vítrea azul, uma das quais oculada.” (Arruda, 1993: 200) – I/II Idade do Ferro (séc. VII-V a.C.);
- **Santa Olaia (Figueira da Foz)** – Vidros (?); contas de colar “... frequentes (...) Normalmente (...) sem decorações, de pasta vítrea azul anil opaco, em foma de anel. Outras, mais raras, são decoradas – oculadas a branco.” (Pereira, 1993: 300); “...fragmento de unguentário em forma de ânfora, fabricado sobre núcleo, azul anil opaco, decorado com três bandas paralelas de cor amarela na parte superior e com zigue-zagues a amarelo e azul-esverdeado, no bojo.” – I/II Idade do Ferro (séc. VII-V a.C.);
- **Mesas do Castelinho (Almodôvar)** – fragmento de *amphoriskos* (Fabião, 2001: 213).
- **Corvo I (Castro Verde)** – “...recipientes de vidro policromo, e contas de pasta vítrea, algumas das quais oculadas...” (Arruda, 2001: 279);

Santuários / Depósitos Votivos

Santuário da Azougada (Moura) – “...numerosas contas de vidro, algumas de cor azul turquesa, oculadas nas cores branca e azul ultramarino (...) contas de pasta vítrea, de cor azul escura ou azul clara, oculadas nas cores branca e azul de cobalto, pouco brilhantes, possivelmente de fabrico púnico, semelhantes a muitas outras que, a partir do século IV a.C. abundam na orla circum-mediterrânica.” (Gomes, 2001: 108 e 111) – II Idade do Ferro;

Santuário / Depósito Votivo de Garvão (Ourique) – “...maxilar inferior humano (...) em pasta vítrea. (...) fragmentos de dois oenochoe de boca trilobulada e de alabastron, assim como cinco contas, duas esféricas achatadas e três tubulares de vidro. Um dos oenochoe é de cor negra e tinha o corpo decorado com plumeados nas cores amarela de cádmio e branca, sendo o gargalo envolvido por enrolamento de fio daquela primeira cor. O segundo oenochoe era de cor azul escura e a boca decorada com fio de cor amarela de cádmio. O alabastron era de cor azul turquesa e o lábio ornado com fio de cor amarela de cádmio. Trata-se de contentores de perfumes, que também serviam como adereços e, possivelmente, como ex-votos.” (Gomes, 2001: 123) – séc. IV-III a.C.;

Cabeça de Vaiamonte (Monforte) – 863 contas de vidro monócromas e 24 contas de vidro oculadas; pendente de vidro policromo, cabeça de carneiro, Tipo E2 de Seefried; fragmentos de dois recipientes moldados sobre núcleo friável do grupo M-1; fragmento de alabastron do grupo M-3; “tonelete” azul, com remates a amarelo e ondulações ao longo do seu diâmetro também amarelas; 2 contas quadrilobadas verdes; 2 mameas verde-gelo; fragmento de pulseira (Grupo 3a, tipo 4, de Gebhard) de vidro negro (Fabião, 2001: 203 e 204); séc. V-I a.C.;

Uma última nota para o que diz Ana Arruda relativamente à presença das contas de vidro nas necrópoles do Baixo Alentejo: “Assim, deve destacar-se a grande quantidade de objectos de adorno, muito especialmente as contas de colar, devendo notar-se que, em alguns casos, esta deposição foi exclusiva (Pêgo: monumentos I, V e VI). Em outros, as contas de colar, de pasta vítrea oculadas, de resina, cornalina ou cerâmica surgiram

associadas a outras jóias (escaravelhos, botão de ouro, ou amuletos de prata) e mesmo a outros objectos como armas e vasos cerâmicos.” (Arruda, 2001: 270).

O breve e, certamente, muito incompleto quadro apresentado, é revelador do grande peso mediterrânico existente sobre as sociedades do Sudoeste Peninsular, particularmente sensível, entre os séculos VII e V a.C. e que parece ter diminuído, consideravelmente, no período subsequente (Arruda, 2001: 207-292). Curiosamente, os dados relativos ao Norte de Portugal indicam, precisamente, o quadro inverso para a região, pois a generalidade dos achados vítreos e não só, de origem mediterrânica, enquadra-se no período entre os séculos V e II a.C..

VI - O NORTE DE PORTUGAL (Entre os rios Vouga e Minho)

No corrente capítulo apresentaremos os principais dados obtidos relativamente à área de estudo do nosso trabalho.

VI.1 - Os sítios e os contextos

A recolha que realizámos incidiu, essencialmente, sobre os povoados castrejos que constituem, como vimos no primeiro capítulo, a matriz do povoamento proto-histórico da região. Ao contrário do que ocorre nas regiões centro e sul (sobretudo nesta última), os contextos de necrópole (de cronologia sidérica, pois existem dois casos de cronologia romana) e depósito votivo estão ausentes o que, desde logo, reduz, consideravelmente, a amostra de materiais. A título de exemplo, o referido sítio de Cabeça de Vaiamonte, sozinho, apresenta um número de objectos vítreos superior (898) à totalidade dos que inventariámos em toda a região do Norte de Portugal (801), ainda que possamos considerar que a referida estação constitui, também ela, um caso excepcional em termos de volume de material vítreo e que, em ambos os casos, se encontram contabilizadas muitas peças de cronologia mais recente (romana ou posterior).

Na tabela seguinte (Tabela 2), apresentamos a lista de sítios que forneceram peças de vidro, a relação do número de peças por sítio e se se tratam de materiais com ou sem contexto arqueológico conhecido.

Tabela 2

| Origem | Concelho | Nº Peças | Contexto | Cronologia |
|---------------------------|--------------------|-----------------|-----------------|---|
| Cabeço do Vouga | Águeda | 57 | Desconhecido | Idade do Ferro e Romano |
| Morro da Sé | Viseu | 1 | Conhecido | Idade do Ferro |
| Castro de Salreu | Estarreja | 2 | Conhecido | Idade do Ferro – séc. IV-II a.C. (?) |
| Vale da Malhada | Sever do Vouga | 95 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano (?) |
| Castro da Cárcoda | S. Pedro do Sul | 173 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Castro de Romariz | Stª Mª da Feira | 10 | Conhecido | Idade do Ferro – séc. V-III a.C. |
| Cividade | Arouca | 2 | Conhecido | Bronze Final / Ferro Inicial – século VII-IV a.C. |
| Castro de Valinhas | Arouca | 20 | Conhecido | Idade do Ferro - séc. IV-II a.C. e Romano |
| Castro de Ovil | Espinho | 9 | Conhecido | Idade do Ferro – séc. IV-III a.C. |
| Bom Jesus de Gaia | Vila Nova de Gaia | 4 | Conhecido | Romano-Medieval (?) |
| Morro da Sé | Porto | 1 | Conhecido | Idade do Ferro – séc.VI-IV a.C. |
| Castro de Guifões | Matosinhos | 3 | Conhecido | Romano |
| Monte Mozinho | Penafiel | 11 | Desconhecido | Romano |
| Cruito | Baião | 12 | Conhecido | Romano – séc. I |
| Castelo da Fonte do Milho | Peso da Régua | 9 | Conhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Castro de S. Paio | Vila do Conde | 4 | Conhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Castro do Monte do Padrão | Santo Tirso | 9 | Desconhecido | Romano |
| Castro de Alvarelhos | Trofa | 2 | Desconhecido | Romano |
| Citânia de Sanfins | Paços de Ferreira | 27 | Conhecido | Idade do Ferro e Romano |
| Castro de S. Domingos | Lousada | 14 | Conhecido | Idade do Ferro – séc. IV-III a.C. e Romano |
| Cividade de Terroso | Póvoa de Varzim | 2 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Villa Romana da Estela | Póvoa de Varzim | 8 | Conhecido | Romano – século I |
| Castro de Penices | V. N. de Famalicão | 11 | Conhecido | Idade do Ferro e Romano – Séc. V a.C. a I d.C. |

| | | | | |
|-----------------------------------|--------------------|-----------------|--------------|--|
| Castro das Ermidas | V. N. de Famalicão | 8 | Conhecido | Idade do Ferro e Romano – Séc. V a.C. a I d.C. |
| Crastoeiro | Mondim de Basto | 17 | Conhecido | Séc. II a.C.- I d.C. |
| Crasto de Palheiros | Murça | 55 | Conhecido | Séc. V a.C.-I d.C |
| Citânia de Briteiros | Guimarães | 22 ³ | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano (?) |
| Citânia de Sabroso | Guimarães | 1 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Povoado de Stº Ovídio | Fafe | 1 | Conhecido | Romano |
| Castro de S. Lourenço | Esposende | 38 | Conhecido | Idade do Ferro e Romano |
| Castro do Senhor dos Desamparados | Esposende | 1 | Conhecido | Romano – meados séc. I a.C. – meados séc. I d.C. |
| Castelo de Faria | Barcelos | 51 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Balneário Castrejo C.P. | Braga | 2 | Conhecido | Idade do Ferro / Romano – séc. II / I a.C. e Época Moderna |
| Povoado das Eiras Velhas | Póvoa de Lanhoso | 1 | Conhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Povoado de S. João de Rei | Vila Verde | 1 | Conhecido | Romano |
| Povoado da Santinha | Amares | 1 | Conhecido | Bronze Final – Séc. XI-IX a.C. |
| Citânia de São Julião | Vila Verde | 7 | Conhecido | Bronze Final (séc. XI a IX a.C.); Idade do Ferro e Romano |
| Castro de Sto Estevão da Facha | Ponte de Lima | 21 | Conhecido | Idade do Ferro e Romano – séc. VI a.C. – séc. I d.C |
| Citânia de Santa Luzia | Viana do Castelo | 79 | Desconhecido | Idade do Ferro / Romano (?) |
| Castro do Vieito | Viana do Castelo | 3 ⁴ | Conhecido | Romano – século I |

³ A propósito das contas provenientes de Briteiros, com base nos apontamentos do Coronel Mário Cardozo, aos quais nos foi facultado acesso, serão provenientes desta estação, pelo menos, mais três contas com provável cronologia pré-romana: uma azul escura oculada a branco com ponto central de cor não identificada e duas gomadas de cor azul escura decoradas com uma faixa central horizontal a branco.

⁴ Deste sítio apenas constam do nosso inventário final as três contas oculadas encontradas mas foram exumadas mais dezassete contas monócoras (SILVA, 2009: PHOTO 3.10).

| | | | | |
|----------------------|------------------|---|-----------|------------------------------------|
| Castro de Romarigães | Paredes de Coura | 3 | Conhecido | Idade do Ferro / Romano |
| Cidade de Cossourado | Paredes de Coura | 2 | Conhecido | Idade do Ferro – séc. IV – II a.C. |
| Castelo Velho | Mirandela | 1 | Conhecido | Romano |

Tabela 2. Sítios, número de contas por sítio e cronologia das peças

Para além dos materiais inventariados, tivemos conhecimento de mais alguns conjuntos que não nos foi possível integrar na recolha que realizámos, designadamente: duas contas monócromas (uma azul e uma amarela) do Alto do Couto da Pena (Caminha), que se encontram em exposição no museu local; duas contas monócromas do Cabeço do Couço (Vouzela)⁵; seis contas monócromas (quatro azuis e duas castanhas), em exposição no Museu de Chaves e duas contas oculadas provenientes da necrópole luso-romana dos CTT em Braga, em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, que ainda aguardam estudo preliminar pelo que, compreensivelmente, não nos foi facultada a possibilidade de realizar o seu registo.

VI.2 - Tipologia e Cronologia dos Materiais

VI.2.i - Os Contextos

Foi já referido que o nosso trabalho assentou, essencialmente, em dois vectores: na recolha de informação no terreno, tão exaustiva quanto possível, tarefa que implicou que nos deslocássemos a algumas dezenas de autarquias, quer houvesse indicação (bibliográfica ou oral) de existirem contas ou outros materiais considerados sidéricos,

⁵ Informação que nos foi dada pela Dr^a Ivone Pedro a quem deixamos o nosso agradecimento.

ou não e na inventariação das características morfo-tipológicas e dos contextos (quando conhecidos) das peças. Relativamente ao primeiro ponto, a nossa opção deveu-se, precisamente, à assunção de que se verifica um grande desconhecimento relativamente a este tipo de materiais por parte dos próprios investigadores, o que poderia originar a existência de peças que se encontrassem desvalorizadas, ou incorrectamente balizadas cronologicamente, dentro das várias colecções, pressuposto que se viria a revelar correcto em vários casos.

A questão da contextualização dos materiais revelou-se, particularmente, problemática. Uma análise aos dados patentes na Tabela 2 revela que a maioria dos sítios apresenta peças devidamente contextualizadas. No entanto, cinco dos seis conjuntos mais numerosos de materiais são provenientes de sítios de que, por motivos diversos, se desconhece o contexto, designadamente, do Castro da Cárcoda (173); Cabeço do Vouga (57); Castelo de Faria (51); Citânia de Santa Luzia (79) e Vale da Malhada (95). A excepção é o Crasto de Palheiros (55). Isto significa que, contabilizando, apenas, os materiais destes sítios, numericamente, mais de metade das peças se encontra perfeitamente descontextualizada. A estes juntam-se conjuntos menos numerosos que se encontram, também, globalmente descontextualizados e materiais que, embora devidamente contextualizados, provêm de contextos dúbios do ponto de vista cronológico, como limpezas de muralhas e limpezas e recolhas de superfície das estações.

Os motivos da descontextualização dos materiais são, como referimos, diversos. O caso mais normal é, no entanto, o dos materiais provenientes de recolhas ou escavações muito antigas, das quais se perdeu a referência contextual, situação que abrange os seguintes casos: Vale da Malhada; Citânia de Santa Luzia; Castro da Cárcoda; Castelo de Faria; Castro de Alvarelhos; Castro do Monte do Padrão; Citânia de Briteiros; Citânia de Sabroso; Castro de Terroso ou Monte Mozinho. No caso dos conjuntos da Malhada e de Santa Luzia, a própria proveniência/origem das peças é duvidosa. Tratam-se de peças que se encontravam depositadas, respectivamente, no Museu de Aveiro e no núcleo museológico da Casa dos Nichos (Viana do Castelo), integradas em colares de elaboração recente com a finalidade de as expor. O colar da Malhada está registado como sendo uma doação antiga do arqueólogo José Fortes, com a indicação de se

tratarem de materiais da II Idade do Ferro. Desconhece-se a efectiva localização desta estação arqueológica com a qual se poderá, no entanto, relacionar o célebre achado do torques de Vale da Malhada, Sever do Vouga (Silva 1986: 236). Relativamente ao colar da Casa dos Nichos, fomos informados de que terá sido encontrado entre o acervo pessoal do arqueólogo Abel Viana, tendo-se partido do pressuposto de que seria proveniente das escavações realizadas por esse investigador na Citânia de Santa Luzia. Analisando os dois colares é, particularmente, curioso notar a grande semelhança das contas, em termos de tipos e cores, semelhança que se estende à existência, em ambos os casos, de uma única conta oculada. Estas contas oculadas são tipologicamente idênticas entre si, mas claramente distintas das restantes contas do género encontradas na região e na generalidade do restante território. Curiosamente, ou não, os exemplares mais próximos destas contas que conhecemos são provenientes do Crasto de Tavarede, na Figueira da Foz, estação muito próxima do povoado de Santa Olaia, com ocupação sidérica datável entre o século VII a.C. e os inícios do século IV a.C. Tratam-se de duas contas oculadas (Fig. D), fragmentadas, que se distinguem dos exemplares mais setentrionais da Malhada e Santa Luzia por apresentarem “óculos” com ponto central azul e não castanho (Pereira, I. 1994: 28). Mais adiante, analisaremos, com maior pormenor, as características morfo-tipológicas de alguns destes materiais e aquilo que deles se poderá concluir.



Apesar do quadro traçado, foi possível obter alguma calibração cronológica para uma boa parte dos achados com base nos sítios com contextos melhor definidos e, desse modo, criar um quadro de informação que iremos apresentar nos pontos seguintes.

VI.2.ii - Contas

As contas de colar correspondem, inequivocamente, ao conjunto mais representativo existente na região no que concerne aos materiais vítreos anteriores à efectiva romanização do território (cerca de 99,99%). Num universo de 801 peças inventariadas, muitas das quais de cronologia romana e não sidérica, apenas registámos três fragmentos de vasos datáveis da Idade do Ferro.

A análise deste tipo de peças colocou alguns problemas, em parte, já enunciados na introdução e no ponto anterior: a ausência de inventários destes materiais que, por vezes, não são referidos nas próprias publicações dos sítios e a ausência de contextos de muitas das peças inventariadas, o que dificulta a integração cronológica das contas de “tipos” mais universais em termos morfológicos e transversais em termos cronológicos, caso das azuis escuras ou azul cobalto e das próprias contas castanhas. Neste sentido, revelou-se, em certos casos, muito difícil, ou mesmo impossível, avançar com conclusões seguras relativamente a alguns “tipos”, mas a análise do conjunto dos materiais e os dados, apesar de tudo, já relativamente numerosos, provenientes de trabalhos mais recentes, permitiram-nos, como referido, sugerir um leque de hipóteses mais prováveis para o seu balizamento cronológico.

Passamos, de seguida, à apresentação dos materiais encontrados na área de estudo cujas características morfo-tipológicas, ou contexto arqueológico, permitem o seu provável balizamento cronológico em fase pré-romana. No final, apresentaremos algumas reflexões e teceremos algumas considerações relativamente ao conjunto de contas apresentado.

Contas do Bronze Final

No conjunto estudado, destacam-se algumas contas cronologicamente enquadráveis no Bronze Final.

A peça mais interessante, significativa e característica, corresponde a uma conta esferóide oblata (**nº inv. 247**), em vidro opaco negro, decorada com pequenos nódulos de vidro de várias cores (amarelo, branco, castanho avermelhado e azul claro), encontrada no Povoado da Santinha, em Amares (Bettencourt, 2001: 29, Est. XLI:2). Existem paralelos para este tipo de conta no, já referido, naufrágio de Uluburun (Ingram, 2005: 65). Rebecca Ingram denomina este tipo de conta de “*glass crumb bead*” que, traduzido à letra, significa “conta com migalhas de vidro”. Refere a autora, que a técnica de fabrico deste tipo de peça passava por rolar ou polvilhar a conta, ainda quente, sobre/com pequenos nódulos de vidro de várias cores e, de seguida, rolá-la novamente sobre uma superfície dura de modo a que estes ficassem incorporados na matriz da peça de forma um pouco aleatória (Ingram, 2005: 65).

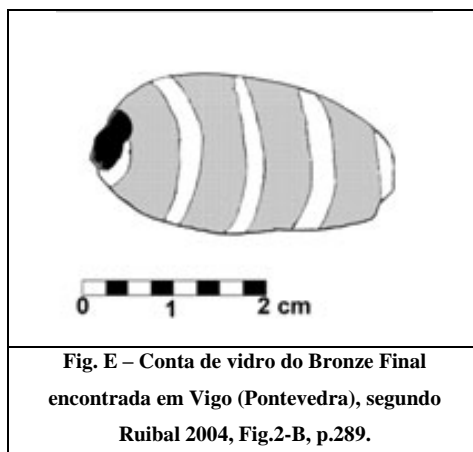
Este tipo de conta entra na categoria das chamadas “oculadas” e foram encontrados paralelos no cemitério micénico de Pylona, em Rodes (Karantzali, 2001: 74, nº695 a-c). Ingram refere, ainda, que são contas bastante raras nos contextos do séc. XIV a.C.. A conta da Santinha, encontra-se num contexto do Bronze Final, cronologicamente balizado, no sítio em causa, entre os séculos XI e IX a.C..

Não conhecemos os limites cronológicos deste tipo de conta mas, como vimos, está presente em contextos muito antigos, pelo menos desde meados do II milénio a.C., bem anteriores às datas da Santinha. A presença deste tipo de materiais em Uluburun, num contexto do século XIV a.C., é, disso, testemunho.

Outras contas para as quais é indicada uma cronologia coeva (entre os finais do século XI e IX a.C.), surgiram no Povoado de São Julião, em Vila Verde (Bettencourt, 2000) – **nºs inv. 335, 336 e 337**. Tipologicamente (forma), correspondem a uma conta esferóide

oblata (**nº inv.335**) e a duas globulares, em vidro opaco, sendo duas monócromas, uma azul turquesa (**nº inv.335**) e outra azul muito escuro ou negro (**nº inv.336**) e a terceira, preta, decorada com uma banda horizontal a branco (**nº inv.337**). Relativamente à primeira (Bettencourt, 2000: 27, Est. CIV: 2; **nº inv.335**), parece poder, também, enquadrar-se, em termos de paralelos, no mundo das contas encontradas em Uluburun, referindo a autora que este tipo de contas esferóides monócromas é frequente em sítios cipriotas e da costa sírio-palestiniana (Ingram, 2005: 61). Relativamente à terceira (Bettencourt, 2000: 27, Est. CIV: 1; **nº inv. 337**), temos um paralelo no trabalho de Lois Sherr Dubin (Dubin, 2009: 53), referindo a autora tratar-se de uma conta de vidro que procurava imitar paralelos em ágata, apontando para a mesma uma conologia de inícios do I milénio a.C.. Quanto à segunda (**nº inv. 336**), é um pouco menor do que os outros exemplares e não encontramos referência à mesma em nenhuma publicação mas seguimos a indicação cronológica patente no inventário do Museu D. Diogo de Sousa. As suas características, no entanto, são, aparentemente, compatíveis com o âmbito cronológico em análise.

Refira-se, que os exemplares citados não se encontram isolados no Noroeste Peninsular, pois também na área galega, em Vigo (Pontevedra), foi detectada uma conta (Fig. E) com cronologia coeva (González Ruibal, 2004: 289), com paralelos, igualmente, no naufrágio de Uluburun (Ingram, 2005: 54-55). De resto, Rebecca Ingram refere que se trata de um tipo frequente em contextos do Bronze Final mediterrânico, com paralelos também no naufrágio do Cabo Gelidonya, Pylona (Rodes) e em Badari e Gurob no Egito (Ingram, 2005: 55).



Também de São Julião, provém uma conta de vidro incolor ou amarelado com inclusão de ouro (Bettencourt, 2000: 23, Est. CV: 2; **nº inv. 339**), que referimos no início do presente trabalho, para a qual a autora refere um contexto cronologicamente um pouco posterior, entre os séculos VIII e VI a.C., mas ainda balizável no Bronze Final regional. Este enquadramento cronológico afigura-se, no entanto, algo problemático à luz dos dados que recolhemos, pois as características da peça sugerem que, a mesma, corresponde a uma conta de vidro com ouro, de tipo “gold-in-glass”, que, geralmente, surge em contextos já associados ao mundo romano, entre os séculos I a.C. e I. d.C. e cujos exemplares mais antigos datam do século III a.C., tendo sido produzidos no Egito e em Rodes (Spaer, 1993).

Por último, relativamente a este âmbito cronológico, ou a uma fase um pouco mais recente, falta-nos referir dois exemplares, provenientes do sítio da Cividade, em Arouca, de contas esferóides, ligeiramente oblatas, que nos parecem ser de vidro opaco, monóchromas, uma de cor azul escuro (**nº inv. 58**) e a outra cinzenta escura ou preta (**nº inv. 59**). A cronologia das mesmas é inferida, essencialmente, a partir da cronologia estimada para o sítio (Silva, 1994: 50, Pereira, 2011:134), entre o século VII e IV a.C., ainda que as peças apresentem características que não impossibilitam o seu enquadramento nesta fase mais recuada.

Contas da Idade do Ferro

O grosso dos materiais de vidro pré-romano que inventariámos enquadra-se num âmbito cronológico que deverá balizar-se entre os séculos V e I a.C.. No entanto, algumas peças poderão ter uma cronologia um pouco mais recuada - século VI a.C. -, como veremos adiante.

As peças mais antigas balizáveis na Idade do Ferro encontradas no território português coincidem, como vimos, com os primeiros contactos com os navegadores fenícios, ocorridos no século VII-VI a.C. e encontram-se nas necrópoles sidéricas alentejanas. No entanto, é sabido que a expansão fenícia ao longo da costa atlântica foi bastante rápida, como revelam os dados de Santa Olaia, na Foz do Mondego, onde a chegada de populações orientais/mediterrânicas está atestada ainda no século VII a.C. (Pereira, 1993 e 1994).

Relativamente às contas, considerando que se trata de um conjunto considerável de peças, optámos por dividir a nossa análise em determinados “sub-grupos” (chamemo-lhes assim). Deste modo, iremos, primeiro, apresentar as contas polícromas, as quais, por sua vez, repartimos pelas contas com motivos oculados e pelos restantes tipos a partir dos quais se pode inferir eventual cronologia sidérica, independentemente do seu contexto arqueológico (ao qual, em todo o caso, faremos referência). Em seguida, apresentaremos as contas monócromas, particularmente, aquelas que apresentam contextos mais seguros e que são provenientes de escavações mais recentes e as que, mais uma vez, independentemente do seu contexto, poderão enquadrar-se em “tipos” da Idade do Ferro.

Contas policromas oculadas

Entre os tipos de contas habitualmente balizáveis na Idade do Ferro destacam-se as “oculadas”. A tradição deste tipo de contas é bastante antiga. Lois Sherr Dubin indica que contas deste género foram feitas em ágata, calcedónia e onyx, pelo menos, desde o III milénio a.C. (Dubin, 2009: 309).

Na nossa área de estudo, a prospecção que realizámos veio revelar um incremento significativo do número de sítios em que se regista a presença deste tipo de materialidade. Como vimos, nos dois levantamentos realizados até à data, num (Silva e Pinto, 2000), apenas é referido um total de seis contas de vidro, cinco das quais oculadas, com cronologia sidérica, distribuídas por quatro sítios (em Romariz, Santa Maria da Feira – uma conta oculada; no Castro das Ermidas, Vila Nova de Famalicão; em Santo Estevão da Facha, Ponte de Lima – duas contas oculadas; no Castro de S. Domingos, em Lousada – duas contas oculadas); e, no outro (Pereira, 2011), já exluídas as peças cuja classificação consideramos questionável (ver Capítulo I, p.11), são referidas dezasséis contas oculadas distribuídas pelos seguintes sítios: Stº Estevão da Facha (Ponte de Lima - uma conta); Castro do Vieito (Viana do Castelo - três contas oculadas); Monte das Eiras Velhas (S. Mamede de Este, Braga - uma conta); Castro de São Domingos (Lousada – duas contas); Cruito (Baião – uma conta); Castro de Salreu (Estarreja - uma possível conta oculada); Cabeço do Vouga (Águeda – quatro contas); Castro de Romariz (Santa Maria da Feira - duas contas oculadas) e Crasto de Palheiros (Murça – uma conta).

A nossa investigação veio revelar um total de trinta e sete contas com motivos oculados distribuídas por vinte e três sítios (Tabela 3 e Est.2 - Mapa 2). Uma nota para referir que não conseguimos aceder à totalidade dos materiais por motivos diversos, sendo, o principal, por se terem perdido ou se desconhecer o seu paradeiro. Apesar deste facto, procurámos apresentar os diferentes sub-tipos de contas oculadas que analisámos, directa ou indirectamente (nos casos de peças publicadas com imagem).

Refira-se que uma das contas oculadas foi já analisada acima e corresponde à conta negra decorada com nódulos de vidro de várias cores, detectada no Povoado da Santinha, em contexto do Bronze Final (nº inv.247). Trata-se de uma peça que tipologicamente nada tem a ver com as contas mais recentes de cronologia fenício-púnica, pós século VIII a.C..

Tabela 3

| Estação Arqueológica | Nº contas oculadas | Contexto Cronológico | Nº Invº |
|--|--------------------|-----------------------|-------------------------------|
| Cabeço do Vouga | 6 | Idade do Ferro/Romano | 1; 8; 25; 28; 39; 45 |
| Morro da Sé (Viseu) | 1 | Idade do Ferro | 801 |
| Castro de Salreu | 1 | Idade do Ferro | 90 |
| Vale da Malhada | 1 | Idade do Ferro (?) | 127 |
| Castro de Romariz | 3* | Idade do Ferro | 91 |
| Necrópole de Gulpilhares | 1 | Romano | Peça referida na bibliografia |
| Monte Mozinho | 1 | Romano | 400 |
| Cruito | 1 | Romano | 353 |
| Citânia de Sanfins | 1 | Idade do Ferro | 390 |
| Castro de S. Domingos | 3** | Idade do Ferro | 354; 355 |
| Crasto de Palheiros | 1 | Idade do Ferro | 612 |
| Villa Romana da Estela (Póvoa de Varzim) | 1 | Romano | 415 |
| Castro de São Lourenço | 1 | Idade do Ferro | 261 |
| Castelo de Faria | 1 | Idade do Ferro/Romano | 197 |
| Citânia de Briteiros | 2 ⁶ | Idade do Ferro/Romano | 294 |
| Balneário Castrejo de Braga (C.P.) | 1 | Idade do Ferro | 248 |
| Necrópole dos C.T.T. (Braga) | 2*** | Idade do Ferro/Romano | |
| Castro das Eiras Velhas | 1 | Idade do Ferro/Romano | 250 |
| Povoado da Santinha | 1 | Bronze Final | 247 |
| Citânia de Santa Luzia | 1 | Idade do Ferro (?) | 506 |

⁶ Para além da peça que inventariámos, nos apontamentos do Coronel Mário Cardozo consta uma outra, de cor azul, oculada a branco, como referimos na Nota 3.

| | | | |
|--------------------------------|---|-------------------|---------------|
| Castro do Vieito | 3 | Romano – século I | 544; 545; 546 |
| Castro de Stº Estevão da Facha | 2 | Idade do Ferro | 453; 458 |
| Cividade de Cossourado | 1 | Idade do Ferro | 439 |

Tabela 3. Tabela de distribuição das contas oculadas

*Informação pessoal do Dr. Marcelo Mendes Pinto; ** Informação pessoal do Dr. Marcelo Mendes Pinto; *** Informação oral obtida no Museu D. Diogo de Sousa.

Passamos agora a apresentar uma descrição sumária dos materiais:

- **Cabeço do Vouga (Lamas do Vouga):** 6 contas oculadas. Uma turquesa, esferóide oblata, oculada a azul escuro (pupila), castanho e branco – **nºinv.1**; meia conta negra, globular, oculada a preto (pupila preta) e a branco ou amarelo - **nºinv.8**; meia conta turquesa, esferóide oblata, oculada a azul escuro (pupila azul) e branco - **nºinv.25**; uma conta negra, de forma sub-triangular, com três óculos, a preto (pupila) e branco coincidentes com os três “vértices” – **nºinv.28**; meia conta esferóide oblata, fragmentada, azul escura, com três cavidades alinhadas horizontalmente que sugerem a existência de “olhos” em vidro de cor diferente que se terão descolado da matriz – **nº inv.39**; uma conta azul, fragmentada, cupiforme alongada (tonelete), com rebordo amarelo numa das extremidades e decoração ondulada a branco formando um olho na parte central na mesma cor - **nº inv.45**.

- **Morro da Sé (Viseu):** meia conta oculada de cor verde ou azul turquesa, oblata (?), com os “óculos” a azul escuro (pupila azul escura) e branco – **nºinv.801**.

- **Castro de Salreu (Estarreja):** uma possível conta oculada, fragmentada, de forma esferóide oblata ou anular, em vidro opaco branco, com uma depressão que sugere a presença de uma incrustação oculada que se terá descolado da matriz (Pereira, 2011: 131-132) – **nºinv.90**.

- **Sítio de Vale da Malhada (Sever do Vouga):** 1 conta azul escura, sub-cilíndrica curta, com pupilas castanhas e íris brancas. Os “olhos” são estratificados - **nºinv.127**;

- **Castro de Romariz (Santa Maria da Feira):** 1 grande conta globular, azul, com “óculos” estratificados a azul (pupila azul), castanho e branco - **nºinv.91**. Para além desta, segundo informação pessoal do Dr. Marcelo Mendes Pinto, terão surgido mais duas contas oculadas negras, com óculos de cor branca, uma das quais é referenciada pelo autor no, referido, artigo “Comércio Púnico com o Noroeste” (Silva e Pinto, 2001: 235), mas cujo paradeiro desconhecemos;
- **Castro de Monte Mozinho (Penafiel):** 1 conta azul clara, sub-cilíndrica curta, com óculos azuis (pupila azul) e brancos - **nº inv.400**;
- **Cruito (Baião):** 1 conta turquesa, esferóide oblata, com óculos a azul escuro (pupila azul) e branco - **nºinv.353**;
- **Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira):** 1 conta negra, de formato sub-triangular, com os óculos a preto (pupila negra) e branco, estratificados, coincidentes com os três “vértices” - **nºinv.390**;
- **Castro de S. Domingos (Lousada):** 3 contas oculadas (desconhece-se o paradeiro de uma delas e outra perdeu-se definitivamente), idênticas, esferóides oblatas, de cor turquesa, com os óculos a azul escuro (pupila azul) e branco - **nºinv.354/355**;
- **Craсто de Palheiros (Murça):** 1 conta oculada, esferóide oblata, de cor azul turquesa, com os óculos a azul escuro (pupila), castanho e branco – **nº inv.612**;
- **Villa Romana da Estela (Póvoa de Varzim):** fragmento de conta turquesa, anular, com um óculo a azul escuro (pupila azul) e branco - **nºinv.415**;
- **Castro de São Lourenço (Esposende):** 1 conta amarela, eventualmente sub-triangular, com 3 óculos azuis (pupila azul) e brancos - **nºinv. 261**;
- **Castelo de Faria (Barcelos):** meia conta turquesa, globular, com óculos a azul escuro (pupila) e branco. A pupila apresenta-se em forma de coração - **nºinv.197**;

- **Citânia de Briteiros (Guimarães):** menos de meia conta turquesa, globular, com dois óculos alinhados verticalmente de cor azul (pupila azul) e branca - **nº inv.294**; uma conta, referida nos apontamentos do Coronel Mário Cardozo (que incluem um esboço da peça), aparentemente esferóide oblata, com matriz azul escura e olho com íris branca, não havendo referência à cor do ponto central. No esboço apenas surge um “olho” representado que, provavelmente, se repetiria em torno da peça duas ou três vezes.
- **Balneário Castrejo de Braga (Estação da C.P.):** meia conta azul turquesa, sub-cilíndrica curta, com óculos azuis escuros (pupila azul escura) e brancos - **nº inv.248**;
- **Povoado das Eiras Velhas (São Mamede de Este, Braga):** conta esferóide oblata, de cor azul escuro, com três “olhos” alinhados na horizontal, a branco e azul escuro (pupila azul escura – **nº inv. 250**).
- **Citânia de Santa Lúzia (Viana do Castelo):** 1 conta azul escura, sub-cilíndrica curta, com pupilas castanhas e íris brancas. Os “olhos” são estratificados - **nº inv.506**;
- **Castro do Vieito (Viana do Castelo):** 3 contas oculadas. Uma turquesa, fragmentada, globular, com “óculos” a branco e azul escuro (pupila azul escura) – **nº inv.544**; outra, também turquesa, esferóide oblata, com “óculos” a branco e azul escuro (pupila azul escura) – **nº inv.545** e uma terceira, esferóide oblata com matriz amarelo escuro e “óculos” a branco e azul escuro (pupila azul escura) – **nº inv.546**.
- **Castro de Stº Estevão da Facha (Ponte de Lima):** 2 contas oculadas. Uma turquesa, globular (?), oculada a azul escuro (pupila azul) e branco - **nº inv.453**; a outra também turquesa, dupla ou segmentada, com os óculos também a azul escuro (pupila azul) e branco - **nº inv.458**;
- **Cidade de Cossourado (Paredes de Coura):** 1 conta oculada, sub-triangular, de cor negra, com três óculos a negro (pupila) e branco (anel) – **nº inv.439**;

Para além das contas oculadas mencionadas, temos conhecimento do achado de outras que passamos a referir:

- **Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia):** num trabalho de Maria Lobato relativo a esta estação arqueológica (Lobato, 1995), a autora cita o relatório de escavação de José Fortes, que intervencionou o local em 1908, onde consta a referência ao surgimento de um conjunto de contas de colar em vidro, em que se inclui “...*uma conta oculada de vidro azul escuro, ornada com círculos brancos, com 9mm por 6mm, de tradição pré-romana...*”, na sepultura C3 (98). A conta estaria acompanhada por quatro vasos cerâmicos (Lobato, 1995: 39 e 42), no entanto, este espólio não foi localizado pelo que não é possível retirar quaisquer ilações do contexto, sendo que a necrópole apresenta níveis mais antigos que serão enquadráveis na Idade do Bronze.

- **Necrópole Lusitano-Romana dos C.T.T. (Braga):** na deslocação que efectuámos ao Museu D. Diogo de Sousa fomos informados do surgimento de duas contas de colar oculadas na referida estação que, no entanto, ainda não se encontravam disponíveis para estudo.

Outros Tipos de Contas Polícromas

Para além das contas oculadas, existem outros tipos de contas que podem ser cronologicamente situados em fase pré-romana devido às suas características morfológicas, ou ao seu contexto, ou a ambos. Na tabela 4 apresentamos a relação dos sítios, tipos e cronologia provável dos mesmos:

Tabela 4

| Estação Arqueológica | Tipologia | Tipo de Decoração | Cores | Cronologia | Nº Invº |
|------------------------|-----------------|--|--|--|---|
| Vale da Malhada | Oblata | Espiral | Preto (base) Vermelho (decor.); | II Idade do Ferro (?) | 154 |
| | Cupiforme curta | Ondulada | Preto (base) Vermelho (decor.); | | 172 |
| | Cupiforme curta | Banda/linha | Preto (base) Branco (decor.) | | 193 |
| Castro de Penices | Oblata | Banda/linha horizontal; | Preto (base) Branco (decor.); | Séc. IV-II a.C. | 321 |
| | Oblata | Linha em espiral | Azul (base) Branco (decor.) | | 320 |
| Castro das Ermidas | Oblata | Banda/linha horizontal | Azul (base) Branco (decor.) | Séc. IV-II a.C. | 328 |
| Castro de São Lourenço | Oblata | Apliques | Preto (base) Amarelo (decor.) | II Idade do Ferro (?) | 262 |
| Castelo de Faria | Gomada | Bandas/linhas horizontais | Azul (base) Branco ou azul claro (decor.) | Séc. V-III a.C. (Ruano, 1996) | 196 |
| Citânia de Briteiros | Cilíndrica | Espiral | Cinza/castanho (base) Branco (decor.) | Séc. IV a.C. (Ruano, 1996) | 291 |
| | Gomada | Banda/linha horizontal | Azul escuro (base) Branco (decor.) | Séc. V-III a.C. (Ruano, 1996) | Peças referidas nos apontamentos do Coronel Mário Cardozo |
| | Gomada | Banda/linha horizontal | Azul escuro (base) Branco (decor.) | Séc. V-III a.C. (Ruano, 1996) | |
| Citânia de São Julião | Oblata | Banda/linha horizontal | Preto (base) Branco (decor.) | Séc. X-IX | 337 |
| Cividade de Cossourado | Fusiforme | Linhas finas onduladas e em ziguezague horizontal, alternadas. | Cinza (base) Branco/amarelo (decoreção) | Séc. VII a.C.- (?) (BEIRÃO, et alii, 1970) | 440 |

Tabela 4. Tabela de distribuição de contas policromas não “oculadas”.

Contas Monóchromas com Forma

Dentro das contas monóchromas temos também alguns “tipos” que poderão de, acordo com os dados que apurámos, enquadrar-se numa cronologia sidérica. Em primeiro lugar, por integrarem vários exemplares, citamos as contas gomadas, ou aos gomos, azuis escuras (Ruano, 1996: 43 e 62-65). Este tipo surge, devidamente contextualizado, no Castro de Valinhas (**nº inv. 73 e 78**) e, sem contexto, no conjunto de Vale da Malhada (**nº inv. 136**) e no Castro do Monte do Padrão (**nº inv 420 e 422**). Encarnación Ruano (Ruano, 1996: 63-65) refere que os achados mais antigos deste tipo surgem nas necrópoles de Málaga (Trayamar e Jardín), datadas dos séculos VII-VI a.C., havendo também exemplares nas necrópoles de Ampúrias (séc. VI a.C.) e a partir dos séculos V e IV espalham-se surgindo em Ibiza, na região levantina e na Meseta, sendo o século III a.C., segundo a autora, o seu limite cronológico. No entanto, referimos que as duas peças provenientes do Castro do Monte do Padrão (Santo Tirso) são cronologicamente colocadas no período romano, balizadas entre a 1ª metade do século II e meados do século III da nossa era (Moreira, 2007), mas tratam-se de peças sem contexto pelo que não é possível esclarecer devidamente a questão. Em todo o caso, os seus “gomos” parecem ser maiores o que poderá indicar que se trata de uma variante com efectiva cronologia romana.

Para além destas, temos também uma conta elíptica ou elipsoidal (**nº inv. 452**), de cor azul escuro, encontrada em Stº Estevão da Facha (Ponte de Lima), em contexto, com cronologia apontada entre o início do séc. III e meados do séc. II a.C.. Ruano (Ruano, 1996: 68), refere 15 contas deste tipo, provenientes de uma sepultura datada dos séculos VII-VI a.C..

Contas Monóchromas Simples

Entre as contas ditas simples, a maior parte dos tipos eventualmente integráveis em fase pré-romana, integram as contas anulares, e sub-esféricas (cupiformes curtas, esferóides oblatas e cilíndricas curtas).

Castro de Valinhas (Arouca): apresenta um conjunto considerável de contas, mas apenas as provenientes do Sector S da escavação apresentarão uma cronologia sidérica relativamente segura - entre os séculos IV-II a.C. -. Para além das duas gomadas azuis escuras já referidas, são dez contas, sendo cinco azuis escuras (**nºinv. 67, 70, 71, 72 e 77**); duas azuis claras translúcidas (cor natural do vidro – **nºinv.68 e 69**); uma castanha (**nºinv.75**) e duas pretas opacas (**nºinv.74 e 76**).

Castro de Romariz (Santa Maria da Feira): de Romariz conhece-se um conjunto de nove contas azuis escuras, oblatas e anulares (**nºinv. 92-100**). Quatro contas provêm de contextos do séc. VI a.C. (Estratos 6 e 7 – **nº inv. 92-94 e 97**), uma é oriunda de um contexto do século V a.C. (Estrato 5 – **nº inv. 95**); outra ainda está contextualizada nos séculos IV/III a.C. (Estrato 4A – **nº inv. 96**) e três surgiram em contexto romano – séc. I a.C.- final do séc. I d.C. - (Estrato 2 – **nºinv. 98-100**).

Castro de Ovil (Espinho): foram detectadas nove contas de vidro: duas castanhas, seis azuis escuras e uma azul clara translúcida (cor natural). Trata-se de um sítio em que a ocupação romana é residual e em que três das contas (**nºinv. 84, 85 e 87**) provêm de um estrato datado por radiocarbono do séc. III a.C. (Fase IA do sítio). Estes dois motivos associados ao ar de família do conjunto, apontam para que haja uma grande probabilidade de que a totalidade dos materiais seja de cronologia sidérica.

Castro de S. Paio (Vila do Conde): Desta estação são provenientes quatro contas azuis escuras, duas de maior dimensão (**nº inv. 429 e 430**) e duas pequenas anulares (**nº Inv. 431 e 432**). A cronologia sidérica dos materiais baseia-se, exclusivamente, na referência

existente no inventário dos materiais obtido no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Citânia de Sanfins: à excepção da conta oculada referida acima, os materiais desta estação parecem ter, todos, cronologia tardia, já claramente romana, sendo de destacar o conjunto de contas incolores com ouro, tipo “gold-in-glass”, que apontam para o séc. I da nossa Era (**nºinv. 371-381, 385, 386 e 388**). De uma forma geral, o conjunto parece enquadrar-se entre os séculos I a.C. e I d.C..

Castro de S. Domingos (Lousada): no Castro de São Domingos surgiram os seguintes materiais monócromos: uma conta de um azul muito escuro, defeituosa e opaca (**nº inv. 356**), outras nove contas azuis escuras (**nºinv. 357/365**), uma conta incolor com ouro (?) (**nºinv. 366**) e uma outra conta de vidro incolor (**nº inv. 367**). A primeira terá cronologia sidérica pelas suas características e pela indicação que recebemos do autor dos trabalhos. As outras azuis serão já de cronologia romana. As incolores enquadram-se no lote de contas da família “gold-in-glass” com o enquadramento cronológico já indicado.

Castro de Penices (Vila Nova de Famalicão): deste sítio provém um conjunto de contas de vidro com cronologia pré-romana – séc. V / II a.C. -, seis azuis escuras (**nºinv.315, 316, 317, 319 e 322**) e uma verde amarelado, opaca (**nºinv.318**), para além de outras três que serão um pouco mais tardias (séc. I a.C.- I d.C.).

Crastoeiro (Mondim de Basto): deste sítio provém um conjunto de dezassete contas de vidro de cronologia um pouco mais tardia dentro da Idade do Ferro regional, datado entre os séculos II e I a.C.. Trata-se de um conjunto bem contextualizado, particularmente útil para calibrar alguns “tipos” menos conhecidos. As contas bem contextualizadas são: uma castanha (**nº inv. 547**); três azuis, duas das quais metades (**nºinv. 549, 550 e 551**); uma pequena conta amarela opaca (**nºinv.552**) e duas contas incolores com ouro de tipo “gold-in-glass” (**nºinv. 553 e 554**). As restantes contas são todas azuis escuras, exceptuando outra incolor com ouro e uma castanha que terão enquadramento cronológico idêntico.

Crasto de Palheiros (Murça): o Crasto de Palheiros merece desde logo destaque por se tratar do sítio mais interior do conjunto considerado. Para além da conta oculada, já citada, o local forneceu outras cinquenta e quatro contas e vidro, ocupando a quarta posição dos sítios com maior número de contas e o primeiro lugar se considerarmos apenas os sítios com materiais devidamente contextualizados. Não efectuámos o registo directo dos materiais mas chegámos a vê-los e tivemos acesso a uma publicação sobre os mesmos, em que infelizmente não constam imagens (Abrunhosa, no prelo). O conjunto é assim formado por: treze contas incolores com ouro (**nºinv. 564-576**); treze pequenas contas amarelas opacas (**nºinv.577-589**); dez pequenas contas anulares azuis escuras (**nºinv. 592-601**); dez contas grená/castanhas (**nº inv.602-611**); três contas azuis escuras de maior dimensão (**nºinv.612, 613 e 614**) e duas contas que terão duas cores, uma verde e azul e outra azul e vermelha (**nºinv.590 e 591**). Genericamente, o conjunto parece-nos de um momento tardio da Idade do Ferro, já marcado pela Romanidade, entre os séculos I a.C. e I d.C., dada a presenças das pequenas contas amarelas opacas, das anulares azuis também de dimensão reduzida e das contas com ouro tipo "*gold-in-glass*". A excepção poderão ser as contas azuis de maior dimensão, duas das quais estariam associadas à conta oculada que surgiu no sítio, pelo que a sua cronologia poderá ser dos séc. IV-III a.C..

Castro de São Lourenço: para além das referidas contas polícromas de cronologia sidérica, desta estação são provenientes algumas contas monócromas azuis. Para duas destas contas (**nºinv. 259 e 260**) é indicada uma cronologia da Idade do Ferro no inventário fornecido pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende.

Também nesta estação, surgiu um colar de contas de vidro e ouro (27 contas, **nºinv. 263/289**), de tipo "*gold-in-glass*", com contexto bem conhecido e que corrobora o que já foi dito relativamente à cronologia deste "tipo".

Citânia de São Julião (Vila Verde): Apresenta um conjunto formado por: duas contas azuis escuras, uma das quais fragmentada (**nºinv. 334 e 340**) e uma conta de cor azul com aparentes pontos brancos (**nº inv. 338**) e a conta de vidro com ouro (**nºinv. 339**) já referida no ponto relativo aos materiais enquadráveis no Bronze Final que terá

cronologia tardia (séc. I a.C.- séc. I d.C.). A cronologia da Idade do Ferro dos materiais referidos é indicada no inventário dos materiais do Museu D. Diogo de Sousa.

Castro de Stº Estevão da Facha (Ponte de Lima): esta estação forneceu um conjunto de contas de níveis bem datados mas, infelizmente, não tivemos acesso directo aos materiais. Assim, o conjunto é formado por: quatro contas azuis escuras com cronologia entre finais do séc. II a.C. e meados do séc. I (**nºinv. 447/450**); uma pequena conta azul escura datada entre o início do séc. III a.C. e meados do séc. II a.C. (**nº inv. 451** – sem imagem); quatro contas azuis escuras datadas do séc. IV a.C. (**nºinv. 454/457**) e seis contas azuis escuras, uma das quais será parcialmente roxa (?), datadas do séc. VI-V a.C. (**nº inv. 459-464**).

Castro de Romarigães (Paredes de Coura): de Romarigães são conhecidas três contas azuis escuras, duas das quais esferóides oblatas e a outra identificada como um conjunto de fragmentos (**nºinv. 441, 442 e 443**).

As cores

Na tabela seguinte (Tabela 5), apresentamos a relação do número de contas por cada cor relativamente às contas monóchromas e apenas às principais cores. Salientamos que estamos a considerar a totalidade das contas inventariadas que inclui várias contas romanas de época imperial e, pelo menos, quatro contas com cronologia Medieval/Moderna.

Tabela 5

| Cores | Nºde Contas |
|--------------------------|--------------------|
| Azul escuro | 355 |
| Azul | 40 |
| Azul claro | 24 |
| Verde | 15 |
| Amarelo (opaco) | 146 |
| Incolor / incolor c/ouro | 70 (62 c/ouro) |
| Castanho | 45 |
| Preto | 24 |
| Branco | 27 |
| Vermelho | 1 (medieval) |
| Violeta | 1 |

Tabela 5. Principais cores presentes nas contas monócoras

Aqui, apenas uma nota para destacar que a grande maioria das contas monócoras apresenta cor azul, o que está de acordo com os dados conhecidos a nível global e que se explica por vários motivos, desde uma eventual maior facilidade técnica na sua obtenção, até questões de índole mágico-religiosa, pois o vidro azul teria propriedades apotropaicas, situação que abordaremos com maior pormenor mais adiante.

Síntese / Considerações Gerais

Na análise, acima realizada, seguimos, essencialmente, dois parâmetros de : materiais que pelas suas características morfo-tipológicas (nalguns casos associadas ao contexto) podem ser balizados cronologicamente na Idade do Ferro e materiais que, pelo seu contexto, apresentam o mesmo enquadramento cronológico.

A metodologia adoptada permitiu, não só, definir um leque de sítios e um volume de materiais sidéricos significativo e significativamente maior, relativamente ao anteriormente conhecido, como possibilitou um melhor enquadramento cronológico de alguns “tipos” de contas, pior conhecidos pelos investigadores e relativamente aos quais subsistiam dúvidas, caso das pequenas contas, geralmente anulares, de cor amarela, em vidro opaco e das contas de vidro com ouro, conhecidas por “gold-in-glass”,

relativamente às quais parece possível indicar, com base nos dados tipológicos e bibliográficos, uma cronologia tardia, já associada ao mundo romano (séc. I a.C.-séc. I d.C.).

Salientamos também, a presença de contas “oculadas” em contextos romanos (séc. I), não sendo possível aferir se se tratam de peças produzidas no período romano ou de situações de sobrevivência dos materiais no registo arqueológico. Salientamos, a este propósito, que as contas “oculadas” terão continuado, de facto, a ser fabricadas e comercializadas no período romano ainda que não nos seja, no estado actual dos nossos conhecimentos, possível estabelecer uma distinção tipológica (se é que existe) entre as peças produzidas até ao século II a.C. e as posteriores, pelo que, por ora, optámos por integrar a totalidade deste tipo de contas no universo pré-romano.

Genericamente, no que concerne aos materiais sidéricos, a análise que realizámos permitiu confirmar os indicadores cronológicos de que dispúnhamos e que apontavam para o balizamento cronológico, da esmagadora maioria das peças, entre os séculos V e II a.C.. No entanto, como referimos acima, nalguns casos é possível sugerir datas um pouco mais recuadas, eventualmente, dentro do século VI a.C., para a chegada de algumas peças à região, quer por motivos contextuais, quer por razões meramente tipológicas. Enquadram-se, no primeiro caso, quatro contas azuis de Romariz (**nº inv. 92-94 e 97**) e seis contas azuis escuras de Stº Estevão da Facha (**nº inv. 459-464**). No segundo, poder-se-ão incluir a grande conta globular de Romariz (**nº inv. 91**), a conta elipsoidal de Stº Estevão da Facha (**nº inv. 452**) e as contas oculadas de Vale da Malhada e Santa Luzia (**nº inv. 127 e 506**, respectivamente). A primeira, apesar de ter surgido em contexto do séc. I a.C. (Estrato 3), é, claramente, uma peça mais antiga, com grande probabilidade, coeva das quatro contas, referidas acima, encontradas na mesma estação⁷. Tratar-se-á, eventualmente, de uma peça que, dado o seu cariz excepcional

⁷ Segundo nos indicou o Professor Doutor Armando Coelho Ferrerira da Silva, a quem, desde já, deixamos o nosso agradecimento, esta peça tem, pelo menos, um paralelo, encontrado em Itália, datável dos séculos VII-VI a.C..

(não tem paralelo nas restantes contas oculadas encontradas na região) e o seu valor, real e simbólico, poderá ter, eventualmente, sido passada de geração em geração conseguindo, desse modo, sobreviver alguns séculos. A segunda, foi encontrada em contexto do séc. III-II a.C., mas Encarnación Ruano (Ruano, 1996: 68) refere paralelos datáveis dos séculos VII-VI a.C.. As últimas são, também elas, distintas das restantes contas oculadas encontradas na região, inclusive do ponto vista tecnológico, pois apresentam “olhos” estratificados (apenas a referida grande conta oculada de Romariz apresenta, também, esta característica), sendo os paralelos mais aproximados (geográfica e tipologicamente) conhecidos, provenientes do Crasto de Tavarede, provavelmente, balizáveis no século VI a.C., de acordo com o que se sabe relativamente à cronologia da ocupação sidérica da estação. As peças de Santa Luzia e da Malhada têm, no entanto, pelos motivos já expostos, de ser encaradas com algum cuidado, pois não só se tratam de peças de contexto desconhecido, como não é seguro o próprio sítio de origem das mesmas.

No entanto, apesar do exposto, consideramos que os dados que sugerem uma eventual cronologia anterior ao século V a.C. são ainda bastante escassos e, genericamente, pouco seguros pelo que devem ser encarados com alguma cautela.

VI.2.iii - Vasos

O quadro existente relativamente à presença deste tipo de peças é meramente residual no conjunto dos materiais. De facto, apenas se conhecem no Norte de Portugal três fragmentos de vasos em vidro elaborados sobre núcleo de argila ou areia, sendo dois deles provenientes do mesmo arqueosítio, Castro das Ermidas (Vila Nova de Famalicão) e o outro do Morro da Sé (Arqueosítio da Rua D. Hugo nº 5), no Porto (respetivamente os **nºs inv. 327, 329 e 409** do inventário realizado – Anexo II). A estes, talvez se possa juntar o fragmento indeterminado, de cor azul turquesa (**nº inv.445**), encontrado em Stº Estevão da Facha em nível datado do século IV a.C. (Almeida et alii, 1981: 75, Est.VI, nº 8).

Os três fragmentos passíveis de classificação correspondem: a um *aryballos/amphoriskos* em vidro azul escuro semi-translúcido decorado com nódulos brancos ou plumas integrável no Grupo II de Harden (Harden, 1981); a um fragmento de bordo, colo e arranque de asa de *aryballos*, em vidro azul translúcido, com lábio em toro, em vidro opaco amarelo, integrável no Grupo I de Harden e a um fragmento de *amphoriskos*, em vidro azul cobalto, translúcido, decorado com bandas horizontais amarelas sobre o ombro e alternância de zigue-zagues na mesma cor e azul claro, também integrável no Grupo I de Harden.

Como vimos, tratar-se-ão de peças produzidas nos *ateliers* alexandrinos ou ródios, balizados entre o século VI e os inícios do séc. II a.C.. Considerando os extremos cronológicos mais improváveis, os achados poderão ser datados entre os séculos V e III a.C..

Das informações de que dispomos, no Noroeste Peninsular apenas se conhecem mais três sítios com vestígios similares (vasos para perfumes, óleos e unguentos): um fragmento de *aryballos*, em vidro policromo, identificado no Castro de O Neixón Pequeno (A Coruña), em contexto desconhecido; um fragmento, de *aryballos* ou *anphoriskos*, enquadrável entre o século VI a.C. e o século IV a.C, proveniente da estação O Neixón Grande (A Coruña), do interior de uma fossa (Ayan Vila *et alii*, 2008); e um fragmento de *aryballos*, balizável entre finais do século VI e inícios do século IV a.C., exumado no povoado de Chandebrito, Pontevedra (Ladra e Ibáñez, 2009).

VI.2.iv - *Braceletes*

A presença de braceletes de vidro no conjunto do território português é absolutamente residual, não parecendo ter havido uma grande tradição relativamente à utilização deste tipo de adornos. Para além disso, os exemplares de que temos referências parecem ser todos tardios, com cronologia romana, não sendo tipologicamente relacionáveis com os ditos celtas, característicos dos finais da Idade do Ferro da Europa Central.

VI.2.v - Dispersão geográfica dos achados

Como se pode constatar (Estampa 2-Mapa 2) existe uma clara concentração dos achados de vidro enquadráveis numa cronologia sidérica, nas regiões mais litorais, junto ao curso ou à desembocadura dos principais rios, ainda que existam exceções, sendo a mais notória a do Crasto de Palheiros que, apesar da sua óbvia localização muito interior, se encontra próximo do rio Tua, afluente do Douro. A importância de Palheiros e a justificação para a presença de materiais de importação no local – conta oculada e fragmento de cerâmica ática – que, até ao momento, apenas foram encontrados nos sítios litorais poderá advir da, eventual, presença de um pequeno núcleo metalúrgico no local (Sanches, 2008) o que terá propiciado a chegada de elementos de prestígio provenientes do litoral ao Crasto, no âmbito de um quadro de trocas comerciais transregional.

O quadro geográfico apresentado vai de encontro ao que já foi dito relativamente ao cariz marcadamente litoral dos vestígios de origem púnico-gaditana, de resto, extensível ao território galego. Nos mapas 3 e 4 (Estampas 3 e 4), apresentamos a informação relativa à distribuição dos achados de vidro, cerâmica ática e cerâmica púnica no Norte de Portugal e na região galaico-asturiana.

VII - O SIGNIFICADO DO VIDRO NO CONTEXTO DO I MILÉNIO A.C. NO NORTE DE PORTUGAL

VII.1 - A origem do vidro encontrado no Noroeste Peninsular e a sua cronologia

Do ponto de vista da produção vidreira, como já referimos anteriormente, os dados mais recentes da arqueometria, têm vindo a demonstrar, com alguma segurança, que, até à Alta Idade Média, o vidro provinha, quase que exclusivamente, do Mediterrâneo Oriental, designadamente, da costa Sirio-Palestina e do Egipto (Picon e Vichy, 2003: 13-17). Era nessas regiões que se produzia o vidro em bruto que depois seria comercializado para alguns centros de produção secundária, localizados quer nas mesmas zonas, quer, eventualmente, em regiões mais ocidentais onde se verificaram alguns achados que sugerem produção vidreira.

O vidro em bruto seria vendido/comercializado sob a forma de lingotes, como demonstram os achados de Uluburun e Sanguinaires A. No caso do primeiro, há também evidências de que as contas seriam transportadas em recipientes, soltas e não integradas em colares.

Do ponto de vista dos agentes que se dedicaram ao comércio do vidro para as regiões do ocidente ibérico vimos que, numa fase mais antiga, balizada entre os finais do II milénio e os inícios I milénio a.C., os responsáveis terão sido populações circummicénicas (cipriotas) e de origem levantina (sírios e cananeus). É, precisamente, desta fase de transição, entre milénios, que datam os achados mais antigos de vidro no Norte de Portugal, encontrados no Povoado da Santinha (Amares) e no Castro de São Julião (Vila Verde).

Ao nível dos achados vítreos na área de estudo, parece assistir-se, no período compreendido entre os séculos IX e, pelo menos, VI a.C., a um desaparecimento do

vidro do registo arqueológico, não tendo, até ao momento, sido encontrados materiais que possam ser enquadrados na fase fenícia dos contactos orientalizantes.

Com segurança, parece ser só a partir do século V a.C., já em fase de hegemonia púnica no que concerne ao comércio com a costa atlântica portuguesa, eventualmente, através de intermediários de origem gaditana, que os achados de vidro, sobretudo contas de colar, mas não só, se multiplicam, exponencialmente, nos sítios do Noroeste Peninsular, ainda que, no conjunto e por comparação com outras materialidades, sejam quase residuais.

A presença de cerâmica ática (Queiroga, 1992; Arruda, 2007) e de cerâmica púnica, em vários sítios da região, na grande maioria dos casos coincidentes com a presença de vidro e cronologicamente balizáveis nos séculos V-III a.C., corrobora a cronologia apontada para esta fase de contactos.

Apesar da presença de cerâmica ática em várias estações da região, a influência grega, essencialmente fócia, parece ter sido mais sensível na costa mediterrânica levantina e catalã, sendo que os referidos achados gregos devem poder também enquadrar-se no âmbito do comércio púnico-gaditano com as costas portuguesas ocorrido neste período.

A partir de meados/último quartel do séc. II a.C., ou já no século I a.C., sob o domínio romano, parece haver um novo incremento da presença de contas de vidro, com o surgimento, inclusive, de alguns tipos novos, caso das pequenas contas amarelas opacas e das contas “*gold-in-glass*”.

Apesar das campanhas de pacificação do território peninsular, conduzidas por Décimo Júnio Bruto terem ocorrido entre 138 e 133 a.C., o domínio romano do território do Noroeste Peninsular só se efectivou a partir de 27 a.C. com as reformas de Augusto. De qualquer forma, entre os finais do século III a.C. e os meados do século I d.C., não parece ter ocorrido uma ruptura ou alteração significativa ao nível das produções vítreas face ao que se verificava anteriormente, quer a nível de rotas comerciais, quer de centros produtores que continuaram a estar localizados nos mesmos locais do

Mediterrâneo Oriental, funcionando um pouco à margem das transformações políticas ocorridas no mediterrâneo ocidental e no ocidente peninsular.

A grande ruptura verificada ao nível da produção vidreira foi de cariz tecnológico e prendeu-se com a invenção da técnica do soprado, provavelmente, também na região sírio-palestina, mas esta só se verificou já em meados do século I da nossa Era.

VII.2 - O comércio com o Noroeste Peninsular: entre o Atlântico e o Mediterrâneo

É um facto que, sobretudo a partir dos finais da Idade do Bronze, entre os séculos XII e IX a.C., “...um amplo leque de objectos circulou por um vasto espaço que abrange territórios compreendidos entre a Bretanha francesa e o Mediterrâneo Oriental e existem abundantes testemunhos de que a Península Ibérica, quer meridional, quer ocidental, foi tocada por esse processo.” (Arruda, 2008).

A generalidade dos investigadores considera que o peso “Atlântico” é particularmente significativo durante o Bronze Final, entre os finais do II milénio a.C. e o primeiro quartel do I milénio a.C.. Tratava-se de uma actividade comercial vocacionada, quase exclusivamente para itens de prestígio e mercadorias de grande valor, sobretudo metais. No território português são várias as evidências da influência deste comércio. Podemos citar, entre outras: a metalurgia de cariz mediterrânico de Baiões; a cronologia dos primeiros ferros encontrados no nosso território, a presença de algumas fíbulas, designadamente, as de arco multi-curvilíneo, etc. É sobretudo das regiões do interior de Portugal que provém os principais vestígios de cariz orientalizante mais antigos, vestígios esses que correspondem, maioritariamente, a elementos de adorno, como contas de vidro, fíbulas e pinças (Arruda, 2008: 357), datados entre os séculos XI e IX a.C.. Também o Noroeste Peninsular, de que faz parte a nossa área de estudo, se encontra inserido nesta vasta rede de intercâmbios cuja grande motivação foram, como já referimos, os metais, com particular destaque para o estanho, sobretudo nesta fase mais antiga (Senna-Martinez, 2010: p.13-26).

Armando Coelho Ferreira da Silva chama a atenção para o papel que as influências e contactos de populações alógenas terão desempenhado na dinâmica evolutiva cultural na região. Como vimos, os estudos deste autor revelam que a etapa de formação da cultura castreja, na transição entre o II e o I milénio está relacionada com o desenvolvimento excepcional da actividade metalúrgica (Silva, 2007: 38) que, como já foi referido acima, parece ter originado uma implantação de povoados *ex-novo* em pontos estratégicos, maioritariamente em posições elevadas (outeiros e remates de esporões), de altitude média e bom controlo visual da paisagem envolvente. Esta implantação visava, sobretudo, o controlo das bacias fluviais e exploração de recursos naturais, designadamente, os mineiros, com destaque para o estanho e o ouro, e o domínio das principais vias de penetração e comercialização, o que revela a integração das sociedades do noroeste num sistema económico de largo espectro. (Silva, 2007: 38). O objectivo desta alteração estratégica relativamente à realidade conhecida para a fase anterior deveu-se, certamente, a uma necessidade, por parte das elites locais, de domínio do território e dos mecanismos de produção e intercâmbio dos produtos metálicos e dos recursos minerais da região.

Senna-Martínez (Senna-Martínez, 2010: p.13-26) constata esta mesma realidade na região da Beira interior, designadamente, no Grupo Baiões/Santa Luzia onde, a partir do último quartel do II milénio a.C., começam a surgir algumas peças e, sobretudo, modelos metálicos de origem mediterrânica, distribuídos por três categorias formais principais: as primeiras fíbulas; os primeiros objectos de ferro e os ponderais.

O principal motivo subjacente a estes, tão precoces, influxos culturais mediterrânicos seria a, já abordada, procura pelos metais, particularmente, do estanho, necessário para a obtenção de bronze. Houve, certamente, entre as populações do mundo antigo, mediterrânicas e atlânticas, uma necessidade crescente de estanho, devido à generalização da tecnologia do bronze e à escassez ou inexistência deste minério em várias regiões. Tal situação terá conduzido à procura de um abastecimento regular (mesmo que em escala reduzida) deste metal. Refira-se que, sob a forma mineral de cassiterite (óxido de estanho) este metal ocorre nos “*placers*” aluviais desde as Beiras até ao Noroeste Peninsular (Senna-Martínez, 2010: p.13-26)

Senna-Martínez sugere que o desenvolvimento posterior “...da influência orientalizante durante os séculos VIII a VI a.C., de que é um bom exemplo o aparecimento dos “*ports of trade*” de Santarém e Santa Olaia...” traduzirá um esforço de intensificação de contactos com estas áreas interiores e produtoras de estanho por parte das populações do Mediterrâneo Oriental, à época, os Fenícios.

O desenvolvimento de uma capacidade produtiva de metal local em Santa Olaia (provavelmente, ferro) poderá ser, assim, encarado como uma solução alternativa ao fracasso das intenções iniciais. Se, à capacidade de produzir localmente ferro, se adicionar a possibilidade de captação de escravos como outra das suas actividades no *hinterland*, em estreita relação com os seus “clientes” do âmbito litoral, tal torna possível a sua conexão com o processo de colapso deste mundo interior, o qual parece centrar-se nos séculos VII a VI a.C.. Por outro lado, tal facto explicaria por que os povoados litorais, face ao colapso dos interiores, continuam a desenvolver-se na Segunda Idade do Ferro com destaque para os casos do Crasto de Tavadre e Conímbriga (Senna-Martínez, 2010 13-26) e para a generalidade dos povoados da nossa área de estudo.

O estanho, como recurso estratégico no Mediterrâneo, terá, certamente, perdido importância com o desenvolvimento da metalurgia do ferro, situação que, em parte, coincide com o colapso fenício oriental, em meados do século VI a.C..

Esta realidade vai inverter-se no decurso do século V a.C. pois o desenvolvimento da marinha de guerra ateniense irá exigir para cada esporão de trirreme uma quantidade de 500 kg de bronze, que corresponde a cerca de 50 kg de estanho (Senna-Martínez, 2010: 22). A partir do séc. V a.C., segundo Heródoto, os Gregos obtinham a maior parte do estanho de que necessitavam através da colónia ocidental de Massília onde este metal chegava a partir das Cassitérides (Bretanha e Sul das Ilhas Britânicas).

De resto, a pressão grega no Mediterrâneo Ocidental irá colidir com os interesses de Cartago que se vê, também, obrigada a desenvolver a sua armada, voltando a necessitar de estanho.

É, assim, neste quadro de busca dos recursos metalíferos que não abundavam no mundo antigo, em que ainda não haviam tecnologias suficientemente avançadas para possibilitar o alcance de veios minerais mais profundos, que se enquadram os achados, quer de cunho atlântico, quer mediterrânico, que se registam no ocidente peninsular entre os finais do II milénio e os finais do I milénio a.C., de que fazem parte, igualmente, os achados vítreos.

É, efectivamente, a partir do século V a.C., de acordo com o quadro que apresentámos, que se generalizam os achados vítreos na região do Noroeste Peninsular, designadamente, das contas de vidro (González-Ruibal, 2004: 40).

No âmbito do comércio púnico-gaditano com a região galaica, determinados sítios costeiros terão funcionado como verdadeiros *emporia*, atraindo o comércio de longa distância para a região e filtrando apenas uma parte dos bens para as regiões do interior. Segundo Ruibal e outros autores, estes *emporia* permitiriam a negociação local dos significados das importações, funcionando um pouco como centros de teste às mesmas, sancionando ou recusando as novidades (González-Ruibal, 2004: 40).

VII.3 - A função e o significado social e simbólico: o vidro no quotidiano

É nossa intenção neste ponto abordar, essencialmente, a importância que os objectos de vidro que chegaram ao Noroeste Peninsular no período considerado – entre os finais do II milénio e os finais do I milénio a.C. – tiveram para as populações locais. Mas aqui deparamo-nos com o grave problema da escassez de dados.

Curiosamente, Mário Cruz, no seu trabalho sobre o vidro romano encontrado na região (Cruz, 2009), queixa-se, precisamente, da ausência de estudos comparativos que permitam abordar a questão da importância do vidro no quotidiano das populações do

Noroeste Peninsular: não existem dados estatísticos; comparações percentuais dos vidros com outros materiais; nem análises de dispersão dos materiais nas escavações. O autor refere que a razão principal para justificar o estado de coisas é o facto de os vidros, à semelhança, de resto, com o que ocorre com os metais, não serem simplesmente deitados para o lixo quando se partem, sendo reciclados, prática documentada, pelo menos, a partir do sec. I a.C. que provoca “...uma distorção na leitura dos dados que torna inglório e inútil o exercício de tratamento estatístico dos achados de vidro.” (Cruz, 2009: 158).

No entanto, sendo real a questão da escassez de dados, o quadro relativo ao vidro pré-romano e romano não é equivalente: a escassez de dados, no caso do primeiro, prende-se com a realidade física: existem, efectivamente, muito poucos achados vítreos balizáveis na Idade do Ferro. Por outro lado, sendo certo que os objectos de vidro perduraram no tempo, sabemos que, mais uma vez, no caso do vidro proto-histórico, determinados “tipos” terão chegado ao território peninsular em períodos bem definidos no tempo como a amostra estudada demonstra (veja-se, a título de exemplo, o caso da grande conta de Romariz que terá, certamente, cronologia bastante anterior à do contexto em que foi encontrada). A associação existente, em grande parte dos sítios que forneceram peças de vidro com contexto sidérico, com outras materialidades, designadamente, cerâmica púnica e cerâmica grega ática (ver Est.3-Mapa3), corrobora a cronologia das peças e define o período entre os séculos V e III a.C., como o momento áureo do comércio de vidro pré-romano com o Noroeste Peninsular.

Sabemos, também, que os estatutos do vidro proto-histórico e do vidro romano não são exactamente coincidentes. A partir do advento da técnica do soprado o vidro perdeu grande parte do seu valor simbólico e económico passando a ser produzido a uma escala proto-industrial.

Também a questão da reciclagem das peças vítreas sidéricas não se colocará pois não se conhecem quaisquer evidências de produção vidreira nesta região anteriores ao período romano (Cruz, 2009).

Relativamente ao problema dos contextos, este constitui, efectivamente, um problema no caso do Noroeste Peninsular. Desde logo, temos o facto de os materiais serem na sua totalidade provenientes de habitats, na medida em que, na região, não foram ainda detectadas necrópoles com cronologia sidérica, pois as que são conhecidas integram-se já no quadro da Romanização do território. A este facto, associa-se o de não existirem análises de dispersão dos materiais nos castros escavados⁸, o que impossibilita a retirada de conclusões relativamente a eventuais associações dos mesmos a grupos específicos (elites).

A juntar a este problema, relativamente à maioria dos materiais analisados, ou não se conhece o contexto, ou tratam-se de materiais provenientes de contextos pouco claros, como limpezas ou recolhas de superfície.

Se, no caso dos vasos, a sua raridade e o seu valor, à qual se tem de juntar o do seu conteúdo – perfume –, fazem com que seja improvável que os mesmos fossem acessíveis a membros das comunidades que não pertencessem às elites, relativamente às contas de vidro, pelo menos no que concerne às monócromas, talvez pudessem ser mais acessíveis a um maior número de membros das comunidades castrejas. O advento da Romanidade com o surgimento da técnica do soprado terá, certamente, implicado uma perda do valor do vidro contribuindo para a sua generalização também pelas camadas sociais mais baixas.

⁸ A excepção a este panorama é o caso do Vieito (Silva, 2009: FIGURE 3.6), mas os dados apresentados são demasiado escassos e isolados para que possam avançar-se conclusões, para além de se tratar de um castro de cronologia romana (fundação augústea).

VII.3.i - As contas: objectos de adorno, de prestígio e mágico-simbólicos

As contas de vidro são objectos que terão servido, essencialmente, como adorno e, certamente, como itens diferenciadores e produtores de identidade pessoal. As características plásticas e estéticas do vidro levaram a que este fosse, desde os inícios, utilizado na joalheria, como substituto de pedras preciosas e semi-preciosas relativamente às quais oferecia, certamente, grande vantagem económica na medida em que podia ser produzido artificialmente, não estando dependente das contingências da extracção natural. Outras vantagens, eram a sua plasticidade quando quente; a maior facilidade de poder ser trabalhado a frio; a grande variabilidade na combinação de cores; o brilho e a transparência. A grande desvantagem do vidro, relativamente às pedras preciosas, era a sua fragilidade, ou seja, a facilidade com que os objectos de vidro se podiam partir acidentalmente.

A par do valor económico, o vidro no mundo antigo possuía uma aura de elemento com poderes mágico-religiosos. Entre os elementos de vidro mais marcadamente associados ao mundo mágico, contam-se as contas oculadas e os pendentos amuleto que teriam qualidades apotropaicas sendo especialmente usados contra o mau-olhado. A crença do poder do mau-olhado, também conhecida por “fascinação” está bem atestada desde os tempos egípcios, e tratou-se de um fenómeno que se espalhou por todo o mundo antigo, subsistindo, ainda hoje, em certas partes do Mediterrâneo onde ainda se utiliza, como principal amuleto protetor, uma conta representando um olho ou, simplesmente, uma conta de cor azul, presas à roupa ou como peças de joalheria.

Maloney (Maloney, 1976: 49) refere, a este propósito, que a cor azul simboliza, em si mesma, protecção contra o mau-olhado, o que poderá explicar que a grande maioria das contas disseminadas pelas áreas de influência mediterrânica, caso do território português, seja de facto dessa cor. Garrison e Arensberg (Maloney, 1976: 311), reforçam ainda mais a importância da cor azul considerando que, para as sociedades do Mediterrâneo oriental, representava a realeza e, conseqüentemente, implicaria a ideia de protecção por um poder superior, talvez devido à associação entre a realeza e a pedra semi-preciosa azul, lápis lazuli, na sociedade egípcia.

Apesar de haver alguma tendência a associar as contas ao sexo feminino devido à sua conexão ao mundo das jóias e das pedras preciosas, não dispomos de dados contextuais para o Noroeste que nos permitam comprovar essa asserção puramente empírica e um pouco moldada pelo nosso olhar a partir daquela que é a realidade actual.

Apenas podemos tentar chegar a algumas conclusões a este nível pela comparação com outras regiões.

Assim, sabemos que noutras áreas geográficas em que são conhecidos contextos de necrópole, como no caso do sul de Portugal, os espólios e representações associados a sepulturas em que se verifica a presença de contas de vidro parece indicar que em muitos casos se tratam de indivíduos do sexo masculino, eventualmente de guerreiros. Em muitas das sepulturas é frequente a presença, por exemplo, de punhais e pontas de lança (Dias et alii, 1970). No entanto, os recentes dados obtidos na Necrópole de Palhais, Beringel, Beja (Santos et alii, 2009) sugerem que elementos como os punhais podem surgir, amiúde, associados a enterramentos femininos.

O facto é que as contas de colar na generalidade do mundo pré-romano oriental e ocidental aparecem, indiscriminadamente, associadas a homens, mulheres ou crianças, não perecendo que o sexo ou a idade fossem critérios importantes para o seu uso, o que, de resto, do ponto de vista conceptual, está de acordo com o seu carácter e função principal que era a de amuleto, de entidade protectora, com poderes mágico-religiosos.

Mário Cruz refere mesmo um exemplo curioso de utilização de contas por animais em Xanten, no *Limes Germanico*, onde foram encontrados cavalos enterrados com os respectivos arreios e enfeites, os quais incluíam belos colares compostos, exclusivamente, por contas de pasta de vidro azul-turquesa, as conhecidas contas “meloas”, características de contextos do Alto Imperio.

Regressando ao mundo dos humanos, é sabido que também no Antigo Egipto estes materiais eram utilizados tanto por homens como por mulheres, sob várias formas: colares, braceletes, nos tornozelos, no cabelo, presas no vestuário, etc.

No Egeu, nas necrópoles micénicas, também surgem contas em túmulos de ambos os sexos ainda que sejam mais comuns nos enterramentos femininos e estejam, geralmente, associadas às elites.

No Chipre e na costa Sírio-Palestina também foram usadas contas como cabeças de alfinete.

Uma hipótese que deve ser aqui colocada é a de as contas, independentemente do seu cariz apotropaico, terem uma função algo diferente quando usadas por homens ou por mulheres: no caso masculino poderiam funcionar mais como elemento indicador de um elevado status social que se sobrepunha às questões estéticas, ao passo que, no caso feminino, o seu uso poderia obedecer mais a preocupações estéticas, ainda que, em ambas as situações possuisse essas duas valências, para além de outras, como as propriedades mágicas.

No conjunto dos materiais estudados há uma excepção que demonstra uma eventual associação das contas a contextos considerados mágico-religiosos e a eventuais rituais de purificação. Trata-se da conta encontrada no Blaneário Castrejo de Braga. Em face das características apontadas para estes materiais, parece uma associação lógica e uma situação a rever.

Genericamente, como referimos, os materiais vítreos tendem a ir perdendo o seu valor ao longo do I milénio a.C. até se generalizarem no quotidiano das populações com o advento da técnica do soprado, a partir do séc. I. As contas, em particular as oculadas e, eventualmente, algumas azuis monóchromas, terão mantido a sua função mágica, protectora contra o “mau-olhado”, mas as restantes tenderão a ser cada vez mais encaradas, exclusivamente, como objectos de adorno.

Independentemente dos contextos, é seguro, pelos dados indicados, que as peças mais antigas possuiriam um valor que apenas as tornaria acessíveis às elites.

Tendo em consideração a realidade fragmentada e fragmentária do registo – tratam-se de materias provenientes de habitats dos quais, genericamente, não se conhecem os padrões de dispersão - e a ausência de contextos para grande parte dos materiais, não é, de facto, possível, no estado actual dos conhecimentos, ir muito mais além do que o exposto.

VII.3.ii - Os vasos sobre núcleo de areia ou argila

Relativamente aos vasos sobre núcleo de argila, foi já referido que a sua função primordial era a de transportar essências e óleos perfumados (Ferrari, 1995). Como vimos, desde muito cedo verificou-se uma associação entre estas duas mercadorias de grande valor, o vidro e os cosméticos, devido às propriedades específicas do primeiro, aliadas certamente à componente estética, que tornava a aquisição do produto, guardado no interior, ainda mais apelativa.

No fundo, acabava por se tratar de uma mercadoria com um duplo valor. O facto é que, como diz Teresa Rossell “...a aceitação do vidro como contentor “ideal” de perfumes na Antiguidade, foi tão acertada que ainda hoje nos finais do século XX perdura.” (Rossell, 1995: 162).

Por tudo o que foi dito até aqui, parece agora claro que o valor dos vasos de vidro sobre núcleo de areia, ou argila, não advinha, exclusivamente, da sua função como contentor de perfumes (Queiroga, 1992: 71). Como salientou Daniela Ferrari (Ferrari, 2005: 24) o facto de, nalguns vasos, ainda se encontrar o núcleo leva a que se coloque a hipótese de que este tipo de vasos seriam peças valiosas independentemente do seu conteúdo, sendo comercializados como itens de prestígio e possuindo, eventualmente, um valor simbólico de cariz magico-religioso, situação que é reforçada por se encontrarem. Maioritariamente, em contextos funerários ou em santuários.

Também Jiménez Ávila (Jiménez Ávila, 1999: 142) coloca a hipótese, com base no caso dos achados de vasos de vidro no sítio de habitat de Pajares, na Estremadura espanhola, de que às populações que habitavam as regiões mais interiores peninsulares não chegassem os perfumes mas apenas os vasos vazios que seriam comercializados pelo seu próprio valor e beleza cromática, num processo de comércio secundário ou de refluxo promovido, eventualmente, desde os centros do Guadiana ou dos situados a sul do Tejo. Ao contrário do que é habitual, a totalidade dos fragmentos de vasos de Pajares parece proceder de zonas de habitat distinguindo-se neste aspecto, como vimos, de outras áreas peninsulares em que estes vasos são preferencialmente utilizados no mundo funerário, de resto, mais de acordo com o cariz aristocrático a que está associado o perfume e o seu uso no Mediterrâneo antigo.

O vidro foi, efectivamente, até, como vimos, ao surgimento da técnica do soprado, uma matéria-prima de luxo que, na grande maioria dos contextos, surge associada às elites ou em contextos de cariz mágico- religioso como é o caso dos depósitos votivos, com alguns exemplos conhecidos no Sul de Portugal, já referidos.

Somos da opinião que a presença deste tipo de artefactos, no Noroeste Peninsular estará certamente ligada às elites locais e ao seu desejo de aquisição de itens de prestígio que as legitimassem e diferenciasssem da restante população. Apesar de termos, ao longo do presente trabalho, salientado o grande valor intrínseco e polivalente do vidro, algo que também é válido, claramente, em relação aos vasos, peças de grande beleza estética, profusamente decoradas, a sua presença implica também, com grande probabilidade, a do perfume, o que poderá significar a existência de uma nova forma de diferenciação entre as elites da região e os seus pares: o cheiro.

A extrema raridade destes artefactos aliada ao seu cariz elitista faz, assim, com que a probabilidade do seu uso generalizado no quotidiano das populações castrejas se afigure como muito improvável.

VIII - DISCUSSÃO

Chegou então a altura de realizar um balanço crítico do conjunto dos dados apresentados.

Partimos para esta “cruzada”, cientes das dificuldades que se nos iram colocar. Os levantamentos existentes sobre vidro pré-romano eram muito parcos, sendo uma materialidade, claramente, negligenciada pela generalidade dos investigadores que, aparentemente, terão também eles ficado mais fascinados pela componente estética destes materiais do que, propriamente, pelo seu eventual valor científico.

Esta situação é, apesar da relativa raridade destes materiais, algo estranha, quando pensamos que outros que lhe estão culturalmente e fisicamente associados, caso das cerâmicas ática e púnica, mereceram, desde sempre, outro tipo de atenção (sobretudo a primeira).

Salientemos, então, alguns dados objectivos que a nossa investigação permitiu aferir:

- o número de sítios com vidro proto-histórico identificados na nossa área de estudo passou de cinco, seis e doze, consoante os levantamentos consultados, para trinta e três, ultrapassando, largamente, o que se conhece, neste momento, relativamente à distribuição das cerâmicas púnica e ática no Norte de Portugal;
- apesar da problemática questão dos contextos, foi possível definir três momentos distintos de importações vítreas no período estudado: um primeiro momento no Bronze Final, na transição entre milénios (séc. X a.C.), representado por alguns poucos achados em também poucos sítios, mas cujos contextos e características morfo-tipológicas não oferecem dúvidas; um segundo momento a partir do séc. V (eventualmente, recuável até os meados do século VI a.C.) e até meados do séc. II a.C., caracterizado pelas típicas produções de cunho púnico que integram a generalidade das contas com motivos oculados e outras produções tipologicamente características; um terceiro momento, que se enquadrará entre os finais do séc. II a.C. e perdurará pelo século I d.C., já marcado

pelo processo de Romanização do território, em que se verifica a introdução de alguns tipos novos de contas (pequenas contas de vidro amarelo opaco, pequenas contas anulares azuis, contas de vidro com ouro, etc.) que parecem manifestar uma certa tendência para a diminuição de tamanho, eventualmente relacionada com uma funcionalidade diferente (pulseiras em vez de colares?). Como vimos, este terceiro momento apresentará sub-divisões, pois o comércio com o Atlântico ter-se-á mantido nas mãos de Gadiritas (ou Gaditanos) até, pelo menos, meados do século I a.C., sendo que só após as reformas augusteas se terá efectivado o domínio romano no Noroeste Peninsular;

- o quadro geral de distribuição dos sítios é marcadamente litoral e disperso por toda a costa portuguesa e galega, evidenciador da prática de um comércio de cabotagem, associado à busca pelos recursos metalíferos existentes no Noroeste Peninsular. No âmbito deste comércio, alguns castros costeiros terão desempenhado o papel de *emporía*, centros que recebiam as produções alógenas e as redistribuíam na região após um processo de selecção e filtragem das mesmas (González-Ruibal, 2004: 40). Não deixa de ser curioso notar que os mais recentes mapas conhecidos com a distribuição de materiais de importação púnica para a área galega (leia-se contas oculadas, cerâmica ática e cerâmica púnica) revelem, aproximadamente, o mesmo número de sítios que os agora identificados na nossa área de estudo (Est.4 – Fig.4). De resto, González-Ruibal e outros autores (González-Ruibal et alii, 2007: 69), salientam que o comércio púnico no Noroeste da Península Ibérica terá tido uma intensidade superior ao que se suporia à partida, indicando a existência de cerca de cinquenta castros galegos, portugueses e asturianos com presença de materiais com essa origem. Efectivamente, os dados mais recentes, a que juntamos agora os do presente trabalho, permitem concluir que ainda que a marginalidade do noroeste ibérico relativamente às redes comerciais do Mediterrâneo seja real, esta tem sido exagerada pela investigação. Esta situação deve-se, como salientou González-Ruibal, sobretudo, à falta de estudos regionais sobre os contactos comerciais pré-augústeos e à assumpção de que os povos do norte peninsular se encontrariam quase completamente alheados do mundo mediterrânico (González-Ruibal et alii, 2007: 69).

Passemos agora à resposta concreta às questões que colocámos no início do nosso trabalho:

- Em que período(s) é que os vidros terão chegado ao território nacional?

Os vidros mais antigos encontrados no nosso território serão os provenientes da Necrópole da Idade do Bronze da Atalaia (Schubart, 1965 e 1975), no Baixo Alentejo (35 contas de vidro), que não deverão ser anteriores ao início do último quartel do II milénio a.C., considerando o exposto por Ruiz-Gálvez Priego (2009).

- Quando é que surgem pela primeira vez no Noroeste Peninsular?

- Face ao exposto, esta será talvez a resposta menos problemática. Os achados do Povoado da Santinha (Amares) e de São Julião estão, particularmente, bem contextualizados e são, tipologicamente, bem distintos das restantes produções inventariadas. A estes achados junta-se o da conta encontrada em Vigo, Pontevedra (González Ruibal, 2004: 289 e Fig. E do presente trabalho) que terá cronologia coeva. Assim, os dados conhecidos apontam para o momento de transição entre os milénios algures entre os séculos XI e X a.C..

- Qual a sua proveniência?

- Apesar dos dados provenientes de Frattesina (Rovigo, Norte de Itália), ao nível da produção vítrea, as características dos materiais e os dados arqueométricos mais recentes apontam para uma origem no Mediterrâneo oriental para a generalidade das peças encontradas no ocidente, pois era aí que se localizavam os principais *ateliers* primários de produção até ao período medieval.

- No que concerne aos responsáveis pela sua chegada ao território peninsular, tudo indica uma origem circum-micénica (cipriotas) ou sírio-palestina (cananeus) para as peças mais antigas encontradas no Noroeste (Séc. XI-IX a.C.); púnico-gaditana para as

encontradas em contextos castrejos entre os séculos VI/V e I a.C. e romana a partir de meados ou do último quartel do séc. I a.C..

- Por que meios/vias chegaram até ao nosso território e, em particular, ao Noroeste Peninsular?

- Relativamente aos materiais mais antigos colocam-se duas hipóteses: a da chegada pela via marítima às costas portuguesas, a partir de onde teriam sido transportados para os territórios um pouco mais interiores de Amares e Vila Verde; a vinda a partir do sul do território peninsular, através de rotas comerciais interiores que, a partir da região de Huelva, chegariam aos recursos estaníferos existentes no Noroeste. Em qualquer dos casos, a sua presença é mais um testemunho da inserção do território no quadro dos contactos estabelecidos entre o Atlântico e o Mediterrâneo a partir dos finais do II milénio a.C..

- Qual a diversidade tipológica dos materiais encontrados até à data na nossa área de estudo?

Seguindo a linha de orientação do restante trabalho e enfatizando mais as diferentes produções ou “tipos” culturais do que as diferenças formais das peças verificamos existir um quadro de pouca diversidade em que destacaríamos:

- Relativamente aos contextos do Bronze Final, salientamos dois tipos: a conta tipo “*glass crumb bead*”, com paralelos em ambientes micénicos e a conta globular decorada com uma faixa branca horizontal, associada à imitação da ágata;

- Quanto aos materiais da Idade do Ferro, os principais tipos inventariados são: contas com motivos oculados, tipo de clara tradição proto-histórica que também está presente, como vimos, em contextos romanos (não sendo possível adiantar, no estado actual dos conhecimentos, se tal se deve a uma questão de sobrevivência no registo arqueológico, por se tratarem de materiais valiosos que poderiam, eventualmente, ser passados entre gerações, ou de efectivas produções romanas, algo perfeitamente possível, uma vez que

a tradição das contas oculadas se manteve no período romano); contas azuis escuras (perduram cronologicamente); contas castanhas, sobretudo as anulares de maior dimensão (apesar de também perdurarem cronologicamente); uma conta cônica com decoração em espiral; gomadas azuis escuras, num caso (ao qual podemos juntar duas contas encontradas em Briteiros, entretanto desaparecidas), com decoração de dupla linha horizontal a branco (pensamos que as monócoras deste tipo poderão também perdurar no período romano); uma conta fusiforme, com decoração de finas linhas brancas onduladas ou em zigue-zague; uma conta elipsoidal (relativamente ao exemplar de Stº Estevão da Facha); contas oblatas (ou sub-esféricas) decoradas com uma faixa horizontal branca (na tradição da peça mais antiga de imitação da ágata), designadamente, os dois exemplares provenientes dos castros de Penices e das Ermidas.

Estes seriam os principais tipos balizáveis em período pré-romano, nomeadamente, no Bronze Final, sobre o séc. X a.C. e na fase púnica, entre os séculos VI/V e II a.C., aos quais devem ser adicionados os fragmentos de vasos para perfumes encontrados na região.

- Qual a sua função e significado (social e simbólico) para as populações do Noroeste peninsular?

- Quem utilizava estes produtos? Os homens? As mulheres? Ambos?

- A estas duas questões, sobretudo à segunda, não nos foi possível obter uma resposta tão objectiva, dado, por um lado, o cariz dos contextos – habitats – e por outro, o seu absoluto desconhecimento na maior parte dos casos. Para além destes factores, há uma ausência de análises de dispersão deste tipo de materiais no interior dos povoados. Relativamente ao primeiro ponto, no entanto, os dados sugerem que as populações locais se encontravam integradas (sendo contudo difícil aferir em que grau) na esfera de influência simbólica e mágico-religiosa mediterrânica, o que não implica, necessariamente, que os objectos tivessem exactamente o mesmo significado para as populações do Noroeste que para as populações mediterrânicas, pois tratavam-se de mundos religiosos enquadrados em cosmogonias diferentes. Relativamente, aos vidros proto-históricos é também muito provável, considerando o seu valor, que a sua posse

fosse exclusiva das elites, que procuravam, desse modo, por um lado, proteção mágica adicional e, por outro, destacar-se e, em simultâneo, integrar-se nas correntes de “moda” da época, certamente representadas pelos itens de cunho mediterrânico.

O conjunto dos dados apresentados, aqui, de forma resumida visava responder a uma última questão: **a cronologia dos materiais exumados no Norte de Portugal pode, de algum modo, relacionar-se com momentos de transição identificáveis ao nível do registo arqueológico e com aquilo que se sabe relativamente à evolução das sociedades do Noroeste Peninsular?**

Em face do exposto, a resposta é claramente afirmativa pois, como vimos, os períodos mais marcantes da cultura castreja foram precisamente: o início do I milénio a.C. (origem/formação no âmbito dos primeiros contactos mais ou menos sistemáticos entre os mundos mediterrânico e atlântico); a partir do séc. V a.C., etapa marcada pelo início dos apports de origem púnica e a partir do séc. II/I a.C., com o aparecimento dos grandes povoados com funções de lugares centrais e evidenciando um “proto-urbanismo”, já sob estímulo romano. Fica assim patente, que as peças de vidro não devem ser negligenciadas podendo constituir um indicador válido, a nível cronológico e cultural, relativamente à questão dos contactos, de resto idêntica às restantes “materialidades”, desde que haja um melhor conhecimento dos arqueólogos a seu respeito, como, de resto, referimos no início do presente trabalho.

O peso do vidro no quadro das importações mediterrânicas que chegaram ao nosso território é, relativamante, reduzido (pelo menos em termos quantitativos), mas a presença destes materiais, em particular dos mais antigos (Bronze Final e Idade do Ferro), devido ao seu grande valor, real e simbólico, é uma prova da importância crescente da região do Noroeste Peninsular no Mundo Antigo, associada, sem dúvida, à sua riqueza em metais, sobretudo, ao estanho e ao ouro e da sua integração nas principais redes comerciais da época.

IX - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento e a análise que realizámos visam, sobretudo, ser um ponto de partida, uma base em que futuras investigações e investigadores possam de algum modo alicerçar-se.

Praticamente todo o trabalho estava por fazer, agora estará um pouco menos.

Os indicadores que recolhemos e apresentámos demonstram que o conjunto de materiais existente é considerável, pelo que, tendo em conta a relativa ausência de linhas de investigação novas no que concerne ao I milénio a.C. do Noroeste Peninsular, nos pareceu, absolutamente, pertinente e útil a realização de um estudo sistemático do mesmo, no sentido da sua avaliação e caracterização em termos morfo-tipológicos, quantitativos e da análise dos padrões de dispersão.

Muitas questões ficam em aberto e outras linhas de investigação poderão e deverão ainda ser seguidas (lembramo-nos, a este nível, da realização de estudos arqueométricos) que, eventualmente, poderão trazer dados novos que esclareçam ou coloquem em causa algumas das conclusões necessariamente provisórias que avançámos.

Aliás, a problemática da definição da proveniência/origem dos materiais e de modelos de origem alógena, o seu correcto enquadramento cronológico e a compreensão de como esses estímulos foram absorvidos pelas comunidades do Noroeste, são o ponto de partida para uma melhor compreensão da sua dinâmica evolutiva.

O vidro não merece ser encarado como um parente pobre entre as restantes materialidades, pois a sua história na Antiguidade é a de um produto altamente luxuoso, cobiçado pelas elites e presente de reis.

Finalizamos na expectativa de que o nosso trabalho possa, efectivamente, contribuir, não só para um melhor conhecimento da sociedade “castreja”, mas também da própria sociedade “europeia” através de uma maior compreensão da dinâmica de contactos atlântico-mediterrânica que se terá intensificado neste período de forma notável.

A forma como as várias sociedades europeias e mediterrânicas foram tocadas por esta vasta rede de contactos, as opções que as várias comunidades das várias regiões efectuaram ao nível de quais as novidades assimilar e quais rejeitar, foram decisivas no processo de definição da sua identidade, isto é, no processo de etnogénese da região, que marcaria de forma decisiva toda a história mundial subsequente até aos nossos dias.

X - BIBLIOGRAFIA

ABRUNHOSA, A. (no prelo). *O contributo da arqueometria no estudo da composição e processos de fabrico das contas de vidro da estação arqueológica Crasto de Palheiros (Murça-Vila Real)*.

ALARCÃO, J. (1968). *Vidros romanos de Museus do Alentejo e Algarve*. Sep. Conimbriga. Coimbra. 7, p. 7-39.

ALARCÃO, J. (1970a). *Abraded and engraved Late-Roman glass from Portugal*. *Journal of Glass Studies*. Corning. XII, p. 28-34.

ALARCÃO, J. (1970b). *Vidros romanos de Balsa*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. III, IV, p. 237-261.

ALARCÃO, J. (1971a). *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos*. *Conimbriga*. Coimbra. 10, p. 25-43.

ALARCÃO, J. (1971b). *Vidros romanos de Aramenha e Mértola*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. III, 5, p. 191-200.

ALARCÃO, J. (1975). *Bouteilles carrées au fond décoré du Portugal romain*. *Journal of Glass Studies*. Corning. 17, p. 47-53.

ALARCÃO, J. (1976a). *Céramiques diverses et verres*. In *Fouilles de Conimbriga*. Mission Archéologique Française au Portugal, Musée Monographique de Conimbriga. 6, p. 155-223.

ALARCÃO, J. (1976b). *Vidros romanos procedentes da colecção do rei D. Manuel*. *Conimbriga*. Coimbra. 15, p. 55-61.

ALARCÃO, J. (1978a). *Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia*. Conimbriga. Coimbra. 17, p. 101-112.

ALARCÃO, J. (1978b). *Vidros do Castelo de Alcácer do Sal*. Setúbal Arqueológica. Setúbal. 4, p. 155-166.

ALARCÃO, J. (1981). *Roman Glass from Tróia (Portugal)*. Annales du 8ème Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre (Londres-Liverpool, 18-25 septembre, 1979). Liège: [s.n.], p. 105-110.

ALARCÃO, J. (1984). *Sete jarros de vidro romanos*. Lucerna. Nº extraordinário, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, p. 173-178.

ALARCÃO, J. de (1992). *A Evolução da Cultura Castreja*. Conimbriga, vol. XXXI, p. 39-71, Coimbra.

ALARCÃO, J. (1996). *O primeiro milénio a.C.. In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa*, p. 15-30.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1963a). *Quatro pequenas colecções de vidros romanos*. Revista de Guimarães. 73: 3-4, p. 367-395.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1963b). *Vidros romanos do Museu Martins Sarmiento*. Revista de Guimarães. 73: 1-2, p. 175-208.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1963c). *Découvertes archéologiques récentes de verres*. Portugal. Bulletin des Journées Internationales du Verre. Liège: Journées Internationales du Verre, Secrétariat Général Permanent. 2, p. 113-114.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1964a). *Vidros romanos do Museu de Soares dos Reis*, Sep. Revista Museu. Porto. s. 2, 8, p. 5-11.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1964b). *Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*. In *Revista de Guimarães*. 74: 1-2, p. 79-130.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1965). *Vidros romanos de Conímbriga*. Coimbra: Museu Monográfico de Coimbra.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1967). *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*. Conímbriga. Coimbra. 6, p. 1-45.

ALARCÃO, A (1989). *O vidro em Portugal*. Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga; setembro - dezembro, 1989; no âmbito da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, Lisboa.

ALFONSI, G. et alii (1997). *L'Epave Sanguinaires A*. In *Cahiers d'Archéologie Subaquatique* 13, 35-74.

ALMAGRO-GORBEA, M. e TORRES ORTIZ, M. (2009). *La colonización de la costa atlántica de Portugal: fenícios ou tartesios?* In *Acta Paleohispanica X, Actas do X Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas, Lisboa 26-28 de Fevereiro de 2009*. *Paleohispanica* 9, Zaragoza, p. 113-142.

ALMEIDA, C. A. B. (1990). *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais (Estudos Regionais 7/8)*.

ALMEIDA, C. A. B. (1996). *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Porto, Faculdade de Letras do Porto (diss. doutoramento).

ALMEIDA, C.A.B. de (1997). *Barcelos-Sul do Cávado. Inventário Arqueológico*, in *Barcelos Património*, vol. II, nº 5, C.M. de Barcelos.

ALMEIDA, C. A. B. e ALMEIDA, A. P. (2008). *Castro de S. Lourenço – Esposende*. Câmara Municipal de Esposende.

ALMEIDA, C. A. F. (1983). *Cultura castreja: Evolução e problemática*. In *Arqueologia*, 8, Porto, GEAP, p. 70-74.

ALMEIDA, C. A. F. de; et alii (1981). *Escavações Arqueológicas em Stº Estevão da Facha*. Arquivo de Ponte de Lima, nº 3 (Separata), Ponte de Lima.

AMARAL, P. (1993). *O povoamento romano no vale superior do Tâmega*, Porto, Faculdade de Letras (diss. mestrado).

AMBERT, P. e BARGE-MATHIEU, H. (1989). *Essai sur les perles en “verre” antérieures à l’âge du fer en Languedoc*. In, Michel Feugère (dir.), *Le verre préromain en Europe Occidentale*. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, p. 7-18.

ARRUDA, A.M. (1993). *A ocupação da idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no Contexto da expansão Fenícia para a Fachada Atlântica Peninsular*. In *Os Fenícios no Território Português*. *Revista de Estudos Orientais*, vol. IV, Instituto Oriental, Lisboa, p. 193-214.

ARRUDA, A.M. (1995). *O Oriente no Ocidente*. In MEDINA, J., ed. – *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Lisboa: Clube Internacional do Livro, vol. II, p. 17-44.

ARRUDA, A. M. (1997). *As Cerâmicas Áticas de Castro Marim*. *Arqueologia e História Antiga*, 2, Colibri, Lisboa.

ARRUDA, A. M. (2001). *A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo*. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, número 2, Lisboa.

ARRUDA, A. M. (2007) - *Cerâmicas gregas encontradas em Portugal*. In *Vasos Gregos em Portugal - Aquém das Colunas de Hércules*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 135-140.

ARRUDA, A. M. (2008) - *Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré coloniais no sul do território actualmente português*. In Celestino Pérez, S.; Rafel, N.; Armada, X.-L., (Eds) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII VIII ANE): La Precolonización a debate*. Madrid: CSIC, p. 355-370.

AUBET SEMMLER, E. (1994). *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Crítica.

AYÁN, V. et alii (2008). *Arrecendos púnicos: un novo anaco de aríbalos no Castro Grande de Neixón (Boiro, Coruña)*. In *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 55, 121; pp. 73-92.

BARKOUDAH, J., HENDERSON, J. (2006). *Plant ashes from Syria and the manufacture of a glass: ethnographic and scientific aspects*, *The Journal of Glass Studies* 48; 297-321.

BARROS, L. de; et alii (1993). *Fenícios na margem sul do Tejo – Economia e integração cultural no povoado do Almaraz – Almada*. In *Os Fenícios no Território Português*. *Revista de Estudos Orientais*, vol. IV, Instituto Oriental, Lisboa, p. 143-182.

BARTHELEMY, M. (1992). *El vidrio fenicio-púnico en la Península Ibérica y Baleares*. In *Producciones artesanales fenicio púnicas. VI Jornadas de Arqueologia Fenicio Púnica (Ibiza 1991)*. In *Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza*, 27, Ibiza, 29-40.

BECK, H. C. (1973). *Classification and Nomenclature of Beads and Pendants*. Liberty Cap Books, York, Pennsylvania.

BEIRÃO, C. de M. e GOMES, M. V. (1983). *A Necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila nova de Milfontes)*. In *O Arqueólogo Português, Série IV*, 1, Lisboa, p. 207-266.

BEIRÃO, C. de M. et alii (1985). *O depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações*. In *O Arqueólogo Português*, Série IV, 3, p. 45-136.

BEIRÃO, C. de M. (1990) *Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. In *Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-História ao Período Romano*. *Revista de Estudos Orientais*, vol.I, Instituto Oriental, Braga.

BETTENCOURT, A.M.S. (1988). *Carta Arqueológica do Concelho de Sever do Vouga-relatório preliminar*. Coimbra/Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000). *O Povoado de São Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze e na transição para a Idade do Ferro*. *Cadernos de Arqueologia*, Monografias 10, Universidade do Minho, Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2001). *O Povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. *Cadernos de Arqueologia*, Monografias 12, Universidade do Minho, Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2005). *O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro?* In *Castro, um lugar para habitar. Colóquio*. In *Cadernos do Museu 11*, Museu Municipal, Penafiel.

BEVERIDGE, P.; et alii (2004). *O Vidro. Técnicas de Trabalho de Forno*. Ed. Estampa, Lisboa, 2004.

BOON, G. C. (1977). *Gold-in-Glass Beads from the Ancient World*. *Britannia*, Vol. 8, pp. 193-207.

CARDOZO, M. (1943). *Antiguidades Transmontanas*. In *Revista de Guimarães*, 53 (3-4); pp. 109-116.

CARDOZO, M. (1996). *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia descritiva*. Guimarães.

CENTENO, R. S. (2011). *O Castro de Romariz, Aveiro, Sta. Maria da Feira*. C. M. S. M. Feira.

CENTENO, R. M. S. e OLIVEIRA, A. J. (coord.) (2008). *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. C. M. de Santa Maria da Feira.

CHAVES, L. (1955). *Contas de pasta vítrea do Museu Etnológico*. In *Revista de Guimarães*, 65 (1-2); pp. 137-141.

COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Diffusion de Boccard, Publ. Centre Pierre Paris, 11, col. Maison Pays Ibériques 20, Paris.

CORREIA, V.H. (1993). *Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego*. *Revista de Estudos Orientais*. Lisboa. 4, p. 229-283.

CORREIA, V. H. (1995-1997). *A epigrafia pré-latina de Bensafrim*. In *O Arqueólogo Português*, Série IV, 13-15, p.181-209.

CRUZ, M. (2009). *O Vidro Romano do Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Braccara Augusta*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

DEGRYSE, P., SHORTLAND, A.J. (2009). *Trace elements in provenancing raw materials for roman glass production*, in *Geologica Belgica*, 12/3-4:135-143.

DIAS, M. M. A.; et alii (1970). *Duas Necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique*. In *O Arqueólogo Português*, III Série, IV, Lisboa, p. 184-189.

DIAS, M. M. A.; et alii (1983). *Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)*. In *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, Lisboa, p. 197-206.

DINIS, A. P. (1993). *Ordenamento do território da bacia do Ave no I milénio a. C.*, Porto, Faculdade de Letras (diss. mestrado).

DINIS, A. P. (2001). *O Povoamento da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. In *Cadernos de Arqueologia*, Monografias, Universidade do Minho, Braga.

DUBIN, L. S. (2009). *The History of Beads. From 100,000 B.C. to the Present*. Abrams, New York.

EISEN, G. (1916). *The characteristic of Eye Beads from the Earliest Times to the Present*. In *American Journal of Archaeology*, vol. 20, No. 1, pp.1-27

FABIÃO, C. (2001). *Importações de origem mediterrânica no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I Milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte*, in *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000, Universidade Aberta, Lisboa, 197-228.

FERRARI, D. (1993). *Vidrio policromo en el antiguo Mediterráneo – formas y decoraciones*. In *Revista de Arqueologia*, nº 147.

FERRARI, D. (2005). *El vidrio prerromano*. In, *La fragilidad en el tiempo. El vidrio en la antigüedad*. Museu d'arqueologia de Catalunya-Barcelona, p. 21-27.

FERREIRA, M. A. (1994) - *Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo in Mare Liberum*. In *Revista de História dos Mares*, nº 8; dir. Luís Adão da Fonseca, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, pp. 117-200.

FERREIRA, M. A. (1997) - *Seventeenth and eighteenth century glassdrinking vessels and bottles from Lisbon – Portugal*. In *Conímbriga*, n.º 36; dir. Jorge de Alarcão, Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra, s.l., pp. 183-190.

FERREIRA, M. A. (2003) - *Vidro arqueológico da região de Sintra (séculos XVI-XVII)*. In *Arqueologia Medieval*, n.º 8; dir. Cláudio Torres, Edições Afrontamento/Faculdade de Letras – Universidade do Porto, Porto (pp. 279-291)

FERREIRA, M. A. (2004) - *Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Santa Clara-aVelha de Coimbra: resultados preliminares*. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. VII - N.º 2; coord. Ant.º Marques de Faria, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 541-583)

FEUGÈRE, M. (dir.) (1989). *Le verre préromain en Europe Occidentale*. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac.

FEUGÈRE, M. (1989). *Les vases en verre sur noyau d'argile en Méditerranée nord-occidentale*. In, Michel Feugère (dir.), *Le verre préromain en Europe Occidentale*. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, 29-62.

FIGUEIRAL, I. M. A. C. R. e QUEIROGA, F. M. V. R. (1988). *Castelo de Matos 1982-86*. In *Arqueologia* 17, pp. 137-150.

FOY, D., ed. (2003). *Coeur de verre. Production et diffusion du verre antique*. monique Mergoïl, Montagnac.

FOY, D. e NENNA, M., dir. (2003). *Échanges et commerce du verre dans le monde antique*. Actes du colloque de L'AFAV Aix-en-Provence et Marseille, 7-9 juin 2001. Instrumentum, Monographies, 24, Ed. Monique Mergoïl, Montagnac.

GARCIA-HERAS, M., RINCÓN, J.M., JIMENO, A. e VILLEGAS, M.A. (2005). *Pre-Roman coloured glass beads from the Iberian Peninsula: a chemico-physical characterisation study*. In *Journal of Archaeological Science* Volume 32, Issue 5, May 2005, Pages 727-738.

GOLDSTEIN, S. M. (1979). *Pre-Roman and Early Roman Glass in the Corning Museum of Glass* (Catalog Series).

GOMES, M. V. (1990). *O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smithing gods ou deuses ameaçadores*. In *Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-História ao Período Romano*. In *Revista de Estudos Orientais*, vol.I, instituto Oriental, Braga.

GOMES, M. V. (2001). *Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica no Sul de Portugal*. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000, Universidade Aberta, Lisboa, p. 99-148.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2004a). *Un askós ibicenco en Galicia: notas sobre el carácter del comercio púnico en el noroeste ibérico*. In *Complutum*, Vol. XV, Madrid: 33-43.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2004b). *Facing two seas: Mediterranean and Atlantic contacts in the north-west of Iberia in the first millennium BC*. In *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 23 (3), Blackwell Publishing; pp. 287-317.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006). *Past the Last Outpost: Punic Merchants in the Atlantic Ocean (5th-1st centuries BC)*. In *Journal of Mediterranean Archaeology*, 19.1; pp. 121-150.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. et alii (2007). *Comercio mediterráneo en el Castro de Montealegre (Pontevedra, Galicia). Siglo II a.C. - inicios del siglo I a.C.*. In, *Archivo Español de Arqueología*, Vol. 80, pp. 43-74.

GORIN-ROSEN, Y. (2000). *The Ancient Glass Industry in Israel: Summary of the finds and New Discoveries*. In, *La route du verre. Ateliers primaires et secondaires du second millénaire av. J.-C. au Moyen Âge*. Lyon.

GRATUZE, B. e BILLAUD, Y. (2003). *La circulation des perles en verre dans le bassin méditerranéen de l'âge du Bronze moyen jusqu'au Hallstatt*. In, Danièle Foy et Marie-Dominique Nenna direction, 2003. *Échanges et commerce du verre dans le monde antique*. Actes du colloque de L'AFAV Aix-en-Provence et Marseille, 7-9 juin 2001. *Instrumentum*, Monographies, 24, Ed. Monique Mergoil, Montagnac, p.11-16.

HAEVERNICK, T. E. (1964). *Contribuição para a história dos vidros antigos. Contas de pasta vítrea policroma designadas contas "agri", contas de "roseta", de "asnas" ou de "estrela"*. In *Revista de Guimarães*, 74, pp. 290-316.

HARTMANN, G., KAPPEL, I., GROTE, K. & ARNDT, B. (1997). *Chemistry and Technology of Prehistoric Glass from Lower Saxony and Hesse*. In *Journal of Archaeological Science*, Volume 24, Issue 6, June 1997, Pages 547-559.

HAWKES, C. F. C. (1952). *Las relaciones en el Bronce Final entre la Península Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y la Europa Central y Mediterránea*. Ampurias. Barcelona. 14, p. 81-119.

HAYES, J. W. (1957). *Roman & Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum: A Catalogue*. Royal Ontario Museum, Ontario.

HENDERSON, J. (1985). *The raw materials of early glass production*. In *Oxford Journal of Archaeology* 4: 267 – 291.

HENDERSON, J. (1989). *The Scientific Analysis of Ancient Glass*. In *Scientific Analysis in Archaeology*. Oxford University Committee for Archaeology, Monograph N° 19; UCLA Institute of Archaeology, *Archaeological Research Tools* 5.

HENDERSON, J. (1989). *The Earliest Glass in Britain and Ireland*. In, Michel Feugère (dir.), *Le verre préromain en Europe Occidentale*. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, 19-28.

HENDERSON, J. (1989). *The Evidence for Regional Production of Iron age Glass in Britain*. In, Michel Feugère (dir.), *Le verre préromain en Europe Occidentale*. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, 63-72..

HENDERSON, J. (1991). *Novas perspectivas sobre velhos materiais: O significado arqueológico e as análises científicas de obsidiana, pedra, metal e vidro*. In *Paleoecologia e Arqueologia II*. Vila Nova de Famalicão, p.129-172.

HENDERSON, J. (2000). *The Science and Archaeology of Materials. An Investigation of Inorganic Materials*. Routledge.

HENDERSON, J. (2002) *Tradition and experiment in the first millennium A.D. glass production – The emergence of early glass technology in late Antiquity*. In *Accounts of Chemical Res.* 35: 594 – 602.

HENDERSON, J. (2005). *The use of oxygen, strontium and lead isotopes to provenance ancient glasses in the Middle East*. In *Journal of Archaeological Science* 32; 665-673.

INGRAM, R. (2005). *Faience and glass beads from the Late Bronze Age shipwreck at Uluburun*. Texas A&M University.

ISINGS, C. (1957). *Roman Glass from dated finds*. Gröningen: D. B. Wolters.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1999). *Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares: Estudio preliminar*. In: Celestino Pérez, S. (ed.) *El yacimiento protohistórico de Pajares. Vilanueva de la Vera. Cáceres I. Las necrópolis y el tesoro áureo*. Mérida: junta de Extremadura (Memórias de Arqueología Extremeña, 3), p. 139-153.

- JORGE, S. O. (ed.) (1998). *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* In *Trabalhos de Arqueologia* 10, IPA, Lisboa.
- KARANTZALI, E. (2001). *The Mycenaean Cemetery at Pylona on Rhodes*. BAR-IS 988. Oxford: Archaeopress.
- LADRA, L. e IBÁÑEZ, X. V. (2009). *Intervención arqueológica no Castro de Chandebrito: avance de resultados*. *Anuario Brigantino*, 32; pp. 93-108.
- LOBATO, M. J. F. (1995). *A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)*. In *Portugália*, Nova Série, vol.XVI, FLUP, Porto, p. 31-72.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1991). *El imperialismo cartagines y las ciudades fenicias de la Peninsula Iberica entre los siglos VI-III a.C.*. In *Studi di Egittologia e di Antichità Puniche*, a cura di E. Acquaro e S. Pernigotti, 9. Giardini Editori e Stampatori, Pisa.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1933). *A área xeográfica da cultura Norte dos castros*. HMS, p. 99-107.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1953). *La civilización céltica en Galicia*. Santiago de Compostela.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1980). *A cultura castrexa*, in Otero Pedrayo, R., dir., *Historia de Galiza*, 3. *Prehistoria*, Madrid, Akal, p. 211-537, 595-651 (addenda).
- MACIEL, T. (1997). *Padrões de povoamento proto-histórico no Vale do Neiva*, Porto, Faculdade de Letras do Porto (diss. Mestrado).
- MALONEY, C. ed. (1976). *The Evil Eye*. New York: Columbia University Press.
- MARTÍN, A. M. (1999). *Ex Occidente Lux. El comercio Micénico en el Mediterráneo Central y Occidental (1625-1100 AC)*. In *Complutum*, 10, 229-266.

MARTÍN, A. (2005). *El vidrio en el noreste catalán. Comercio y uso desde la prehistoria hasta la época ibérica*. In, *La fragilidad en el tiempo. El vidrio en la antigüedad*. Museu d'arqueologia de Catalunya-Barcelona, p. 28-32.

MARTINS, M. (1990). *O Povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Braga (*Cadernos de Arqueologia- Monografias*, 5).

MATOŤIAN, V. (2000). *Données nouvelles sur le verre en Syrie au II millénaire av. J.-C.: le cas de Ras Shamra-Ougarit*. In NENNA, M.-D., ed. (2000). *La route du verre. Ateliers primaires et secondaires du second millénaire av. J.-C. au Moyen Âge*. Lyon.

MOREIRA, Á. B. (2007). *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção Arqueológica*. Câmara Municipal de Santo Tirso.

NENNA, M.-D., ed.(2000). *La route du verre. Ateliers primaires et secondaires du second millénaire av. J.-C. au Moyen Âge*. Lyon.

NICHOLSON, P. T. e JACKSON, C. M. (2000). *Tell El-Amarna and the Glassmakers' Workshop of the Second Millenium BC*. In NENNA, M.-D., ed.(2000). *La route du verre. Ateliers primaires et secondaires du second millénaire av. J.-C. au Moyen Âge*. Lyon.

NOLEN, J. U. S. (1988). *Vidros de S. Cucufate*. In *Conimbriga*, 27, p. 5-59.

NOLEN, J. U. S. (1994). *Cerâmicas e vidros da Torre de Ares (Balsa)*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

NOLEN, J. U. S. (1996). *Vidros romanos da Herdade de Represas (Beja)*. In *Miscelânea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri. p. 345-368.

PAUTREAU, J. P. e QUEIROGA, F. M. V. R. (1990). *Le Castro das Ermidas. Village Fortifié du Portugal*. In *Archéologie*, nº 253, Paris, pp. 44-49.

PEDRO, I. (1995). *O povoamento proto-histórico na região de Viseu*, Porto, Faculdade de Letras do Porto (diss. Mestrado).

PEREIRA, A. da S. e GONZÁLEZ, C. M. (1988). *Castro do Cruito*. In *Arqueologia Dezassete*. Porto, p.151-158.

PEREIRA, G. R. (2011). *Dinâmicas Culturais e Influências Meridionais no NW Peninsular: Intercâmbio Púnico entre os Séculos VI e III a.C.*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de letras da Universidade do Porto.

PEREIRA, I. (1993). *Figueira da Foz. Santa Olaia*. In *Os Fenícios no Território Português*. In *Revista de Estudos Orientais*, vol. IV, Instituto Oriental, Lisboa, p. 143-182.

PEREIRA, I. (coord.) (1994). *Idade do Ferro* [Catálogo]. C.M. da Figueira da Foz.

PICON, M. e VICHY, M. (2003). *D'Orient en Occident: l'origine du verre à l'époque romaine et Durant le haut Moyen Âge*. In FOY, D. e NENNA, M., (dir.) (2003). *Échanges et commerce du verre dans le monde antique*. Actes du colloque de L'AFAV Aix-en-Provence et Marseille, 7-9 juin 2001. *Instrumentum*, Monographies, 24, Ed. Monique Mergoïl, Montagnac.

PINTO, J. M. M. (2008). *Do Castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na Bacia Superior do rio Sousa*. In *Oppidum*, número especial, p.45-63.

QUEIROGA, F. M. V. R. (1985). *Escavações Arqueológicas no Castro das Ermidas. A Campanha de 1983*. Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

QUEIROGA, F. M. V. R. (1992). *War and Castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, Oxford (diss. doutoramento).

QUEIROGA, F. M. V. R. (2009). *A Cidade de Riodouro Revisitada*. Boletim Cultural, Vol. 43, Póvoa de Varzim, p. 278-295.

RENFREW, C.; BAHN, P. (1991). *Archaeology: Theories, methods and practice*, London, Thames and Hudson.

RODRIGUES, M. C. (1993): *Contribuição para o Estudo das Contas de Origem Mediterrânica recolhidas em Angola*. In *Actas do 1.º Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica*, vol. 3. Lisboa: Instituto Mediterrânico, UNL, pp. 349-364.

RODRIGUES, M. C. (1997): *Contribuição para o Estudo de Contas de Vidro de Origem Mediterrânica recolhidas na Baixa Pombalina de Lisboa*. In *Actas do II Colóquio Temático – Lisboa Ribeirinha*. Divisão de Arquivos, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 247- 275.

RODRIGUES, M. C. (2003): *The importance of the long glass beads of Mediterranean origin collected in the ‘Baixa Pombalina’ of Lisbon – Contribution to the study of the ‘Nueva Cadiz’ type beads*. In *Zephyrus*, vol. LVI, pp. 207-233. Edición Universidad de Salamanca.

RODRIGUES, M. C. (2007): *Glass beads as identity element of the african in the cultural past of Lisbon from the mid XV century until the 1755 earthquake – a study of “Nueva Cadiz” and “Chevron” type beads*. In *Zephyrus*, 60, 2007, 279-301.

ROSSELL, T. C. (1995). *Recipientes de Vidrio para Unguentos y Perfumes*. In *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 35, p. 153-164.

ROSSELL, T. C. (2005). *El vidrio antiguo. Técnicas de fabricación y decoración*. In, *La fragilidad en el tiempo. El vidrio en la antigüedad*. Museu d’arqueologia de Catalunya-Barcelona, p. 13-20.

ROVIRA I PORT, J. (1996a). *Una cuenta singular vitrificada de tipo orientalizante entre los depósitos funerarios de un túmulo catalán del Bronce Medio: El Monumento I de El Bosc de Correa (L'Espunyola, Berguedà, Cataluña)*. In *Trabajos de Prehistoria* 53, n.º 1, 1996, pp. 155-162.

ROVIRA I PORT, J. (1996b). Ámbar y pasta vítrea. Elementos de prestigio entre el neolítico avanzado y el bronce final del nordeste de la península ibérica. Un primer estado de la cuestión. *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, N.º. 16, 1995, pp. 67-92.

RUANO RUIZ, E. (1995a). *Cuentas polícromas prerromanas decoradas con "ojos"*. Espacio, Tiempo y Forma, série II, *Historia Antigua*. 8, p. 255-286.

RUANO RUIZ, E. (1995b). *El collar com contas y colgantes de vidrio de la tumba nº 33 de la Albufereta (Alicante)*. In *Boletín de la Asociación de Amigos de la Arqueología (Homenage a H. Schubart)*. 35, p. 193-203.

RUANO RUIZ, E. (1996). *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Ibiza: *Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa y Formentera*, vol. 36.

RUANO RUIZ, E. (1997). *Perles en verre provenant de la nécropole ibérique d'el Cigarralejo, Mula (Murcie, Espagne)*. In: Perlen. Archäologie, Techniken, Analysen (Akten der Internationalen Perlensymposiums in Manheinn, 1994). Bona: Dr. Rudolph Habelt G., p. 13-40.

RUANO, E.; HOFFMANN, P.; RINCÓN, J. M. (1997). *Primeros resultados de los análisis químicos comparativos entre materiales de vidrio prerromanos procedentes de diferentes áreas españolas*. In *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. 37, p. 121-137.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1993). *El occidente de la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterráneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce*. In *Complutum*. Madrid. 4, p. 41-68.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995). *El significado de la Ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro*. En Ruiz-Galvez 1995, 129-155.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998). *La Europa atlántica en la Edad del Bronce: un viaje a las raíces de la Europa Occidental*. Barcelona: Crítica.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (2009). *Qué hace un micénico como tú en un sitio como éste? Andalucía entre el colapso de los palacios y la presencia semita*. In *Trabajos de Prehistoria* 66, N.º 2, julio-diciembre 2009, pp. 93-118.

RUTTEN, F. J. M., ROE, M. J., HENDERSON, J. e BRIGGS, D. (2006). *Surface analysis of ancient glass artefacts with ToF-SIMS: a novel tool for provenancing* Applied Surface Science 2006, 7124-7127.

SALVADOR, J. F.; SILVA, A. M. S. P. (2010) *O Castro de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro*. In Pinto, Filipe M. Soares (coord. de) – *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 2010, p. 53-73.

SANCHES, M. de J. (1992). *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*. In *Monografias Arqueológicas*, 3, GEAP, Porto, 1992.

SANCHES, M. de J. (1997). *Dissertação de doutoramento: Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro: o abrigo do Buraco da Pala no contexto regional*. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2 vols., Porto.

SANCHES, M. de J. (2000-2001). *O Crasto de Palheiros (Murça). Do Calcolítico à Idade do Ferro*. In *Portugalia*, Nova Série, vol. XXI-XXII, Porto.

SANCHES, M. de J. (2004). *Crasto de Palheiros-Murça. Considerations on the study and interpretation of a prehistoric mega-construction*. In *Journal of Iberian Archaeology*, 6, (2004), Porto, ADECAP, pp.117-145.

SANCHES, M. de J. (2008). *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Município de Murça, Murça.

SANDE LEMOS, F. (1993). *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento, 3 Vol., Universidade do Minho, Braga.

SANTOS, F. et alii (2009). *A Necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo*. In *IV Encontro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva, pp.746-804.

SANZ LOBO, E. (2005). *El vidrio como materia escultórica: técnicas de fusión, termoformado, casting y pasta de vidrio*. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Bellas Artes, Madrid.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989). *Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego*, Lisboa, Faculdade de Letras (diss. doutoramento);

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995a). *Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular*. In *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*. Lisboa: IPM/MNA, p. 118-122.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995b). *No alvorecer da vida urbana: Bronze Final e presenças orientalizantes no centro de Portugal*. In *Portugal e o Mundo: do passado ao presente*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 63-84.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2010). “*Um mundo entre mundos*” *O grupo Baiões / Santa Luzia, sociedade; metalurgia e relações inter-regionais*. In *Porcom, Oilam, Taurom Cabeço das Fráguas: o santuário no seu contexto*. Actas da Jornada realizada no Museu da Guarda a 23 de Abril de 2010, coordenadas por Thomas G. Schattner e Maria João Correia Santos. *Iberografias, Revista de Estudos Ibéricos*, nº6, Centro de Estudos Ibéricos, Guarda.

SHORTLAND, A. J. (2007). *Who Were the Glassmakers? Status, Theory and Method in Mid-Second Millenium Glass Production*. In *Oxford Journal of Archaeology*, 26 (3), pp. 261-274.

SCHUBART, H. (1965). *Atalaia: uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo*. Minerva Comercial, Lisboa.

SCHUBART, H. (1975). *Die Kultur der Bronzezeit im Südwestern der Iberischen Halbinsel*. Vol. 1, Text; Vol. 2, Tafeln. Berlin, Walter de Gruyter.

SILVA, A. C. F. (1981-82) *Novos dados sobre a organização social castreja. Portugalia*, Nova Série, 2-3, Porto, Instituto de Arqueologia, p. 83-94;

SILVA, A. C. F. (1983-84). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e cronologias*. *Portugalia*, Nova Série, 3-4, Porto, Instituto de Arqueologia (Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), 1983, p. 83-94;

SILVA, A. C. F. (1990a). *A Idade do Ferro em Portugal*. In *Nova História de Portugal*, 1, Lisboa, Presença, p. 257-341;

SILVA, A. C. F. (1990b). *Influências orientalizantes na formação da cultura castreja do Noroeste peninsular*. In *Revista de Estudos Orientais*, 1, Lisboa, Instituto Oriental, p. 135-155;

SILVA, A. C. F. (1993). *A cidade castreja. Análise de um processo de protourbanização. A cidade - Jornadas inter e pluridisciplinares*, 2, Lisboa, Universidade Aberta, p. 11-26;

SILVA, A. C. F. (1995a). *Portuguese Castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process*. In *Proceedings of the British Academy*, 86, Oxford, p. 263-289.

SILVA, A. C. F. (1995b). *A evolução do habitat castrejo e o processo de protourbanização no noroeste de Portugal durante o Iº milénio a. C..* In *Revista da Faculdade de Letras*, II série, 12, Porto, p. 505-546.

SILVA, A. C. F. (1999). *A Cultura Castreja no Norte de Portugal*. In *Revista de Guimarães*, Volume Especial, I, Guimarães, pp. 111-132.

SILVA, A. C. F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, A. C. F. da (coord.) (2007). *Pedra Formosa. Arqueologia experimental – Vila Nova de Famalicão*. Catálogo da Exposição. C. M. Vila Nova de Famalicão / M. N. de Arqueologia.

SILVA, A. C. F. da e GOMES, M. V. (1994) *Proto-História de Portugal*. Universidade Aberta, Lisboa.

SILVA, A. C. F. da e PINTO, J. M. M. (2001). *Comércio púnico com o Noroeste*, in *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000, Universidade Aberta, Lisboa, p. 229-238.

SILVA, A. J. (2008). *Vivre au delà du fleuve de l'Oubli. Portrait de la communauté villageoise du Castro do Vieito, au moment de l'intégration du NO de la péninsule*

ibérique dans l'orbi romanum (estuaire du Rio Lima, NO du Portugal). Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SILVA, A. M. S. P. (1994). *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

SILVA, C. T. da e CORREIA, A. (1977). *O Castro da Cárcoda*. Separata, Edição da Junta Distrital de Viseu.

SILVA, F. P. da (2010). *Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga. Sítio da Mina*. Guia da estação e do visitante. Câmara Municipal de Águeda.

SINGER, G. N. G. (2007). *El barco naufragado en Uluburum y el intercambio de bienes en el Mediterráneo Oriental*. In *DavarLogos* 7.1: 19-32.

SLEEN, W. G. N. van der (1973). *A Handbook on Beads*. George Shumway Publisher, York, Pennsylvania.

SPAER, M. (1993). *Gold-glass beads: a review of the evidence*. In *Journal of the Society of Bead Researchers*, vol. 5.

STERNINI, M. (1995). *La Fenice di Sabbia*. Storia e Tecnologia del vetro antico, Bari.

TAVARES, A. A. (2001). *Os Púnicos no contexto mediterrâneo e ibérico*. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000, Universidade Aberta, Lisboa, p.7-24.

TORRES ORTIZ, M. (2008). *Los 'tiempos' de la precolonización*. En S. Celestino, N. Rafel y X.-L. Armada (eds.): *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e)*. *La precolonización debate*. C.S.I.C. y Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma. Madrid: 58-67.

VAGNETTI, L. (1996). *Primi contatti fra il mondo minoico-miceneo e il mediterraneo occidentale*. En Pugliese Carratelli: 109-116.

VAGNETTI, L. (1997). *Espansione e diffusione dei Micenei*. En Sentis: 133-172.

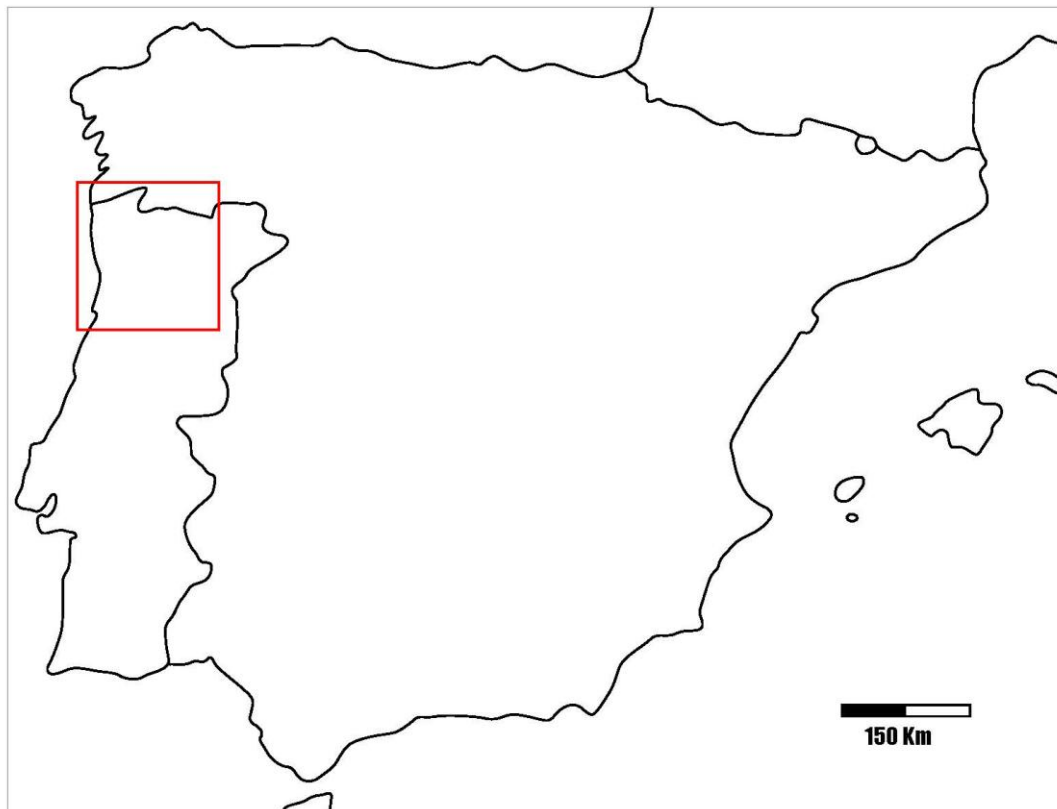
VENCLOVÁ, N. (1990). *Prehistoric glass in Bohemia*. Archeologický ústav ČSAV, Praga.

VILAÇA, et alii (2002). *Provenience analysis of prehistoric amber artifacts in Portugal*. In *Madriider Mitteilungen*, 43, Heidelberg, pp.61-78.

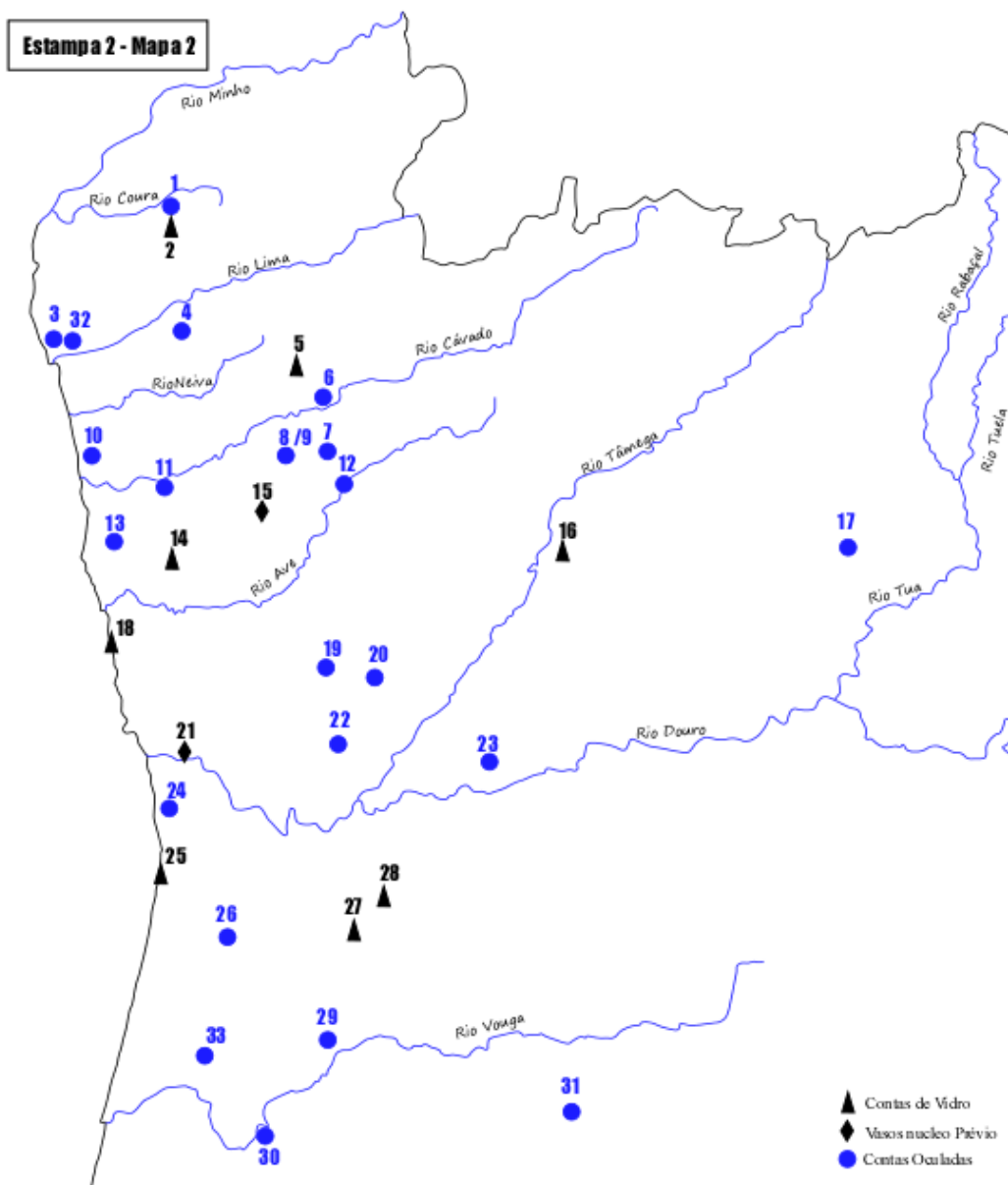
XI - ANEXOS

XI.1 - Estampas

Est. 1 - Mapa 1

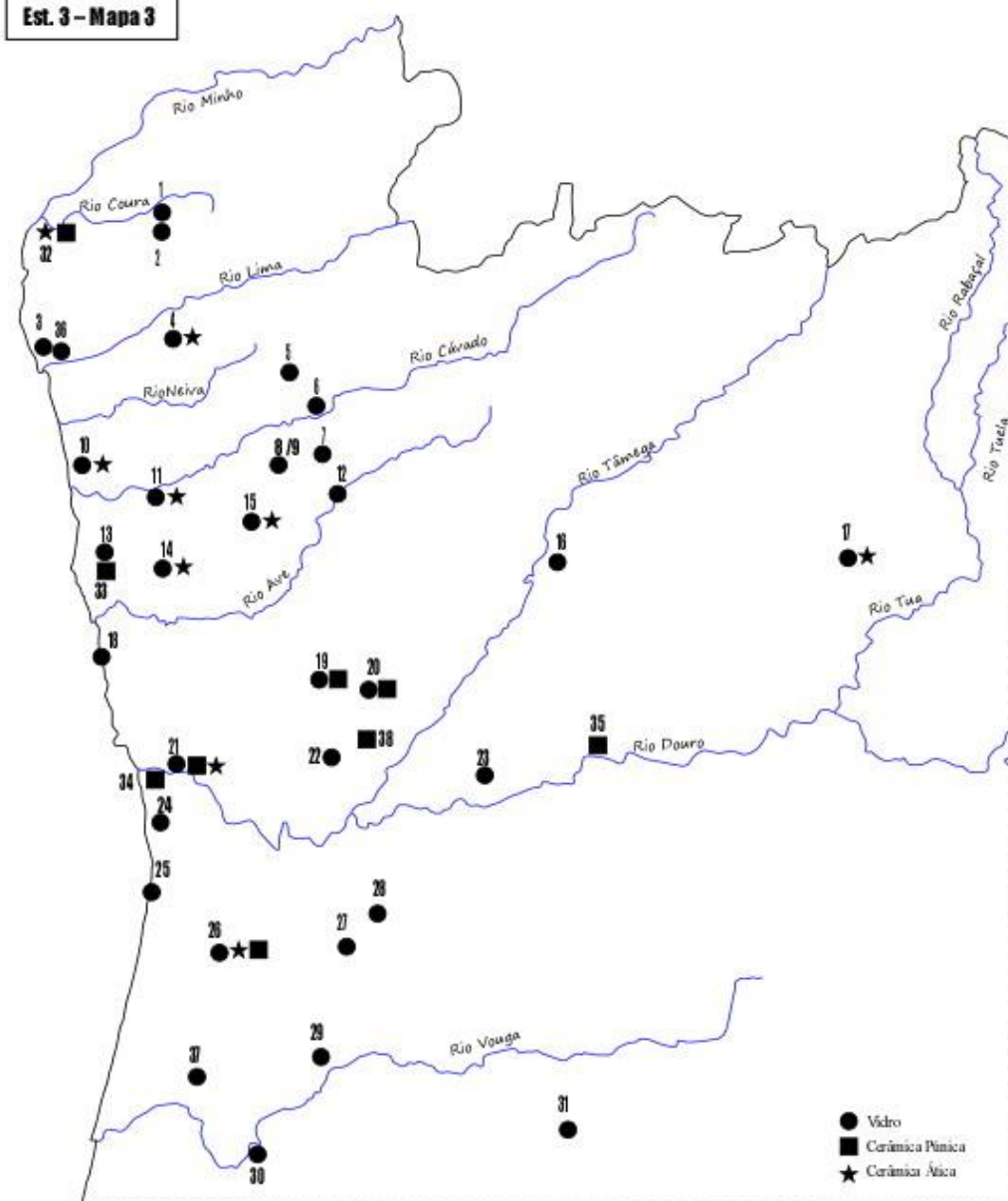


Área de estudo



1. Cidade do Cossourado; 2. Castro de Romarigães; 3. Citânia de Santa Luzia; 4. Castro de Stº Estevão da Facha; 5. Citânia de São Julião; 6. Povoado da Santinha; 7. Monte das Eiras; 8/9. Balneário Castrejo CP/Necrópole CTT; 10. Castro de São Lourenço; 11. Castelo de Faria; 12. Citânia de Briteiros; 13. Villa da Estela; 14. Castro de Penices; 15. Castro das Ermidas; 16. Crastoeiro; 17. Crasto de Palheiros; 18. Castro de S. Paio; 19. Citânia de Sanfins; 20. Castro de São Domingos; 21. Morro da Sé (Porto); 22. Monte Mozinho; 23. Cruito; 24. Necrópole de Gulpilhares; 25. Castro de Ovil; 26. Castro de Romariz; 27. Cidade; 28. Castro de Valinhas; 29. Vale da Malhada; 30. Cabeço do Vouga; 31. Morro da Sé (Viseu); 32. Castro do Vieito; 33. Castro de Salreu.

Mapa com distribuição do vidro pré-romano

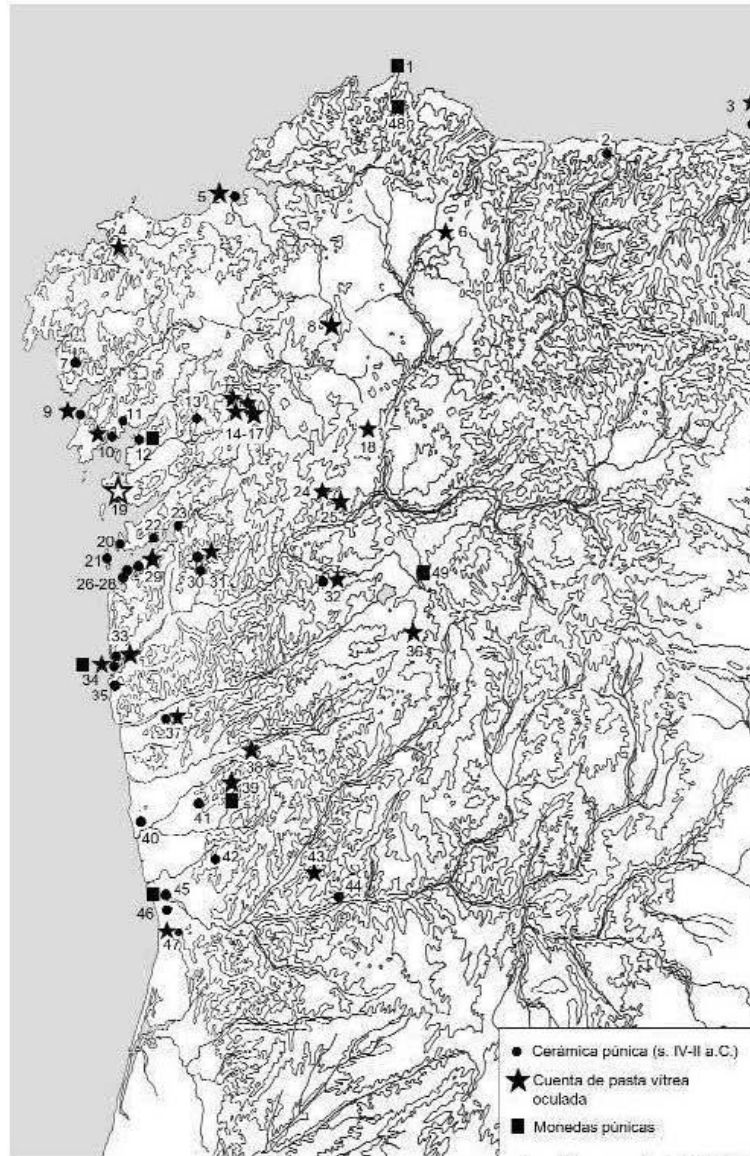
Est. 3 – Mapa 3

Legenda:

1. Cidade do Cossourado; 2. Castro de Romarigães; 3. Citânia de Santa Luzia; 4. Castro de S^{te} Estevão da Facha; 5. Citânia de São Julião; 6. Povoado da Santinha; 7. Monte das Eiras; 8/9. Balneário Castrojo CP/Necrópole CTT; 10. Castro de São Lourenço; 11. Castelo de Faria; 12. Citânia de Briteiros; 13. Villa da Estela; 14. Castro de Penices; 15. Castro das Ermidas; 16. Crastoioiro; 17. Crasto de Palheiros; 18. Castro de S. Paio; 19. Citânia de Sanfins; 20. Castro de São Domingos; 21. Morro da Sé (Porto); 22. Monte Mozinho; 23. Cruito; 24. Necrópole de Gulpilhares; 25. Castro de Ovil; 26. Castro de Romariz; 27. Cidade; 28. Castro de Valinhas; 29. Vale da Malhada; 30. Cabeço do Vouga; 31. Morro da Sé (Viseu); 32. Coto da Pena; 33. Cidade de Terroso; 34. Castelo de Gaia; 35. Cidadelhe; 36. Castro do Vieito; 37. Castro de Salreu; 38. Suvidade de Recesinhos

Mapa de distribuição dos sítios com vidro proto-histórico: cerâmica ática e cerâmica púnica

Est. 4 – Mapa 4



Materiais púnicos (s. V-II a.C.) no Noroeste de la Península Ibérica (segundo González Rubal 2003: fig. 4.158).
 1. Bares; 2. Coaña; 3. Campa Torres; 4. Bomeiro; 5. Elviña; 6. Viladonga; 7. Recarea; 8. A Graña; 9. Baroña; 10. O Achadizo; 11. Neixón Grande; 12. Alobre; 13. Alto do Castro de Cuntis; 14. Castrovite; 15. Guimarei; 16. O Marco; 17. Cortegada; 18. Vilela; 19. A Lanzada; 20. O Facho de Donón; 21. Castro de Hortas (Isla Norte, Cies); 22. Montealegre; 23. A Peneda do Viso; 24. Cameixa; 25. Lánsbica; 26. Toralla; 27. Cabo do Mar; 28. Castro Castriño de Coia; 29. Vigo; 30. Fozara; 31. Trofia; 32. Coelhóbriga; 33. A Forca; 34. Santa Trega; 35. Coto da Pena; 36. Saceda; 37. Santo Estevão da Facha; 38. Sabroso; 39. Briteiros; 40. Terroso; 41. As Ermidas; 42. Sanfins; 43. Cruito; 44. Cidadelhe; 45. Monro da Sé; 46. Castelo de Gaia; 47. Romaniz; 48. Viveiro; 49. Montederramo.

Est. V

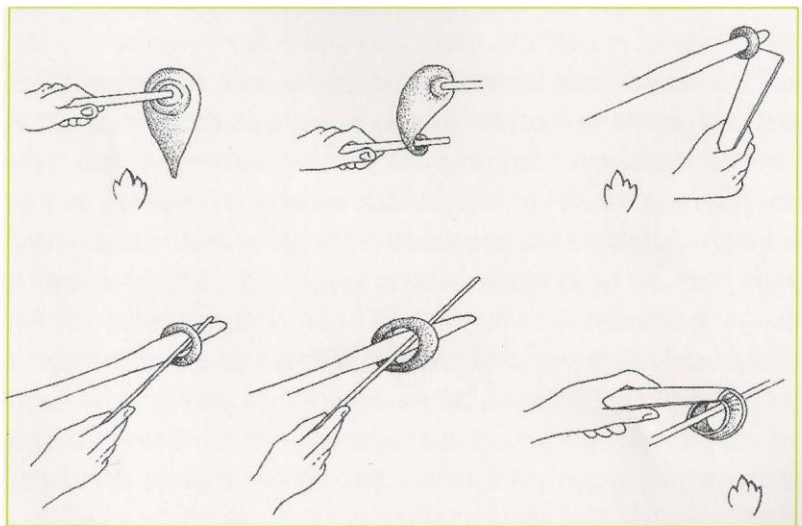


Fig.1 – Técnica do vidro estirado e modelado sobre uma vareta (desenho de M. A. Grau, retirado de Rossell, 2005: 16).

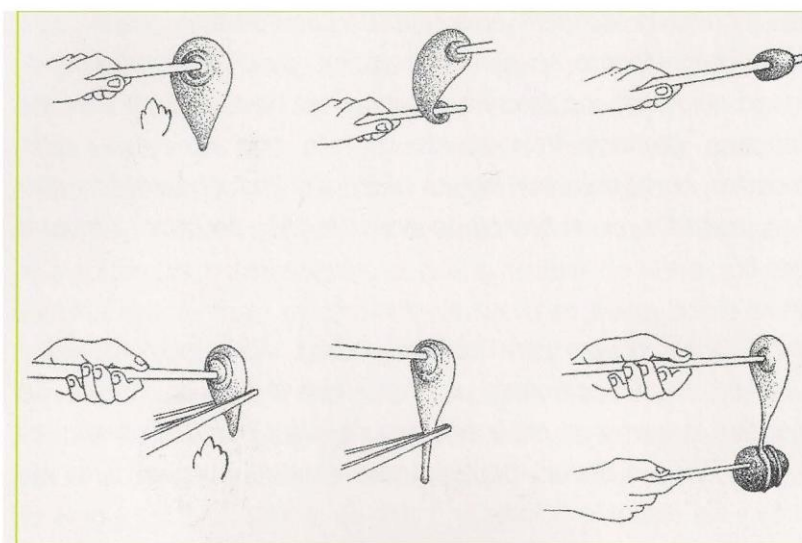


Fig. 2 – Técnica do vidro estirado e modelado sobre uma barra (desenho de M. A. Grau, retirado de Rossell, 2005: 16).

Est. VI

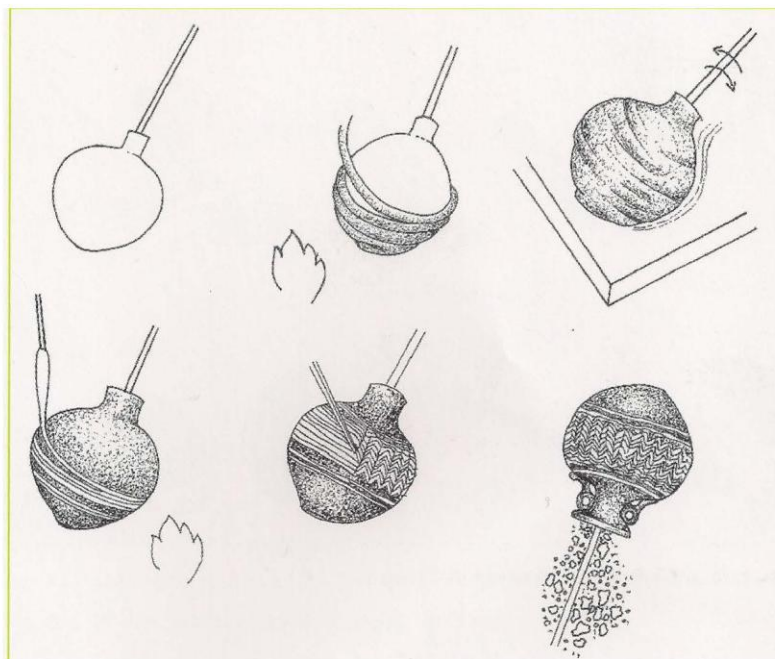


Fig. 3 – Técnica do vidro modelado sobre um núcleo (desenho de M. A. Grau, retirado de Rossell, 2005: 17).

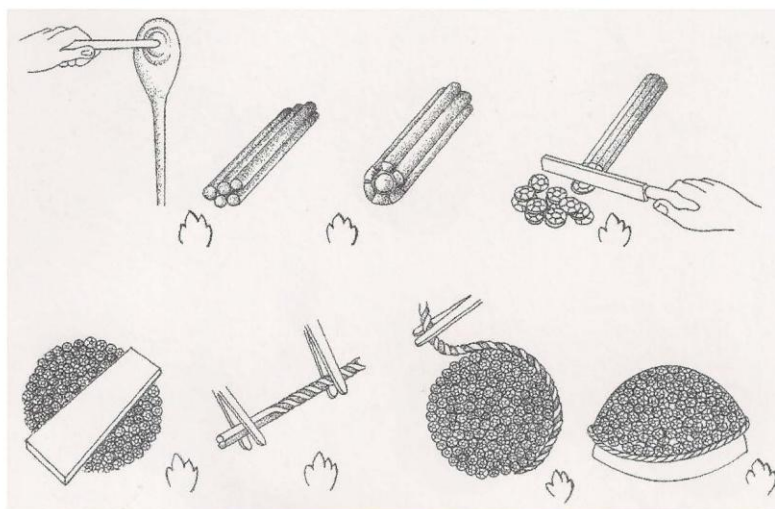


Fig. 4 – Técnica do vidro mosaico (desenho de M. A. Grau, retirado de Rossell, 2005: 18)

Est. VII

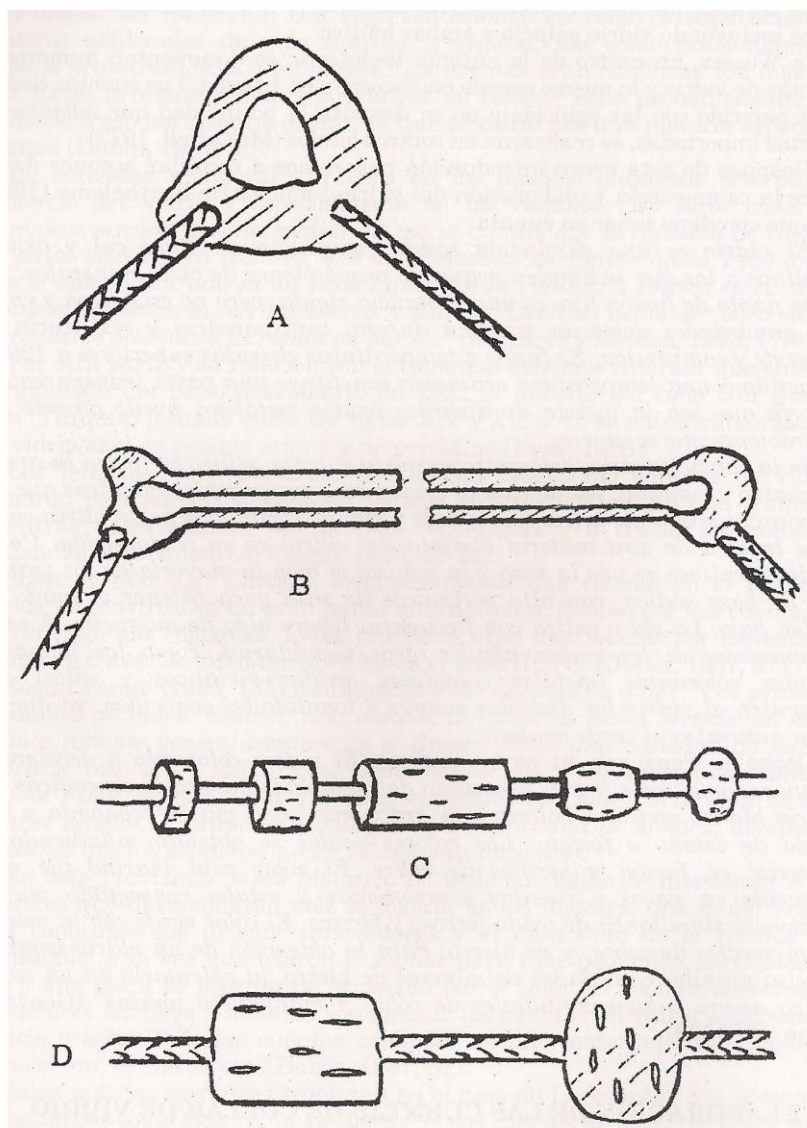


Fig. 5 – Técnica de fabrico de contas de vidro (segundo Van der Sleen, 1973: 24).

Est. VIII

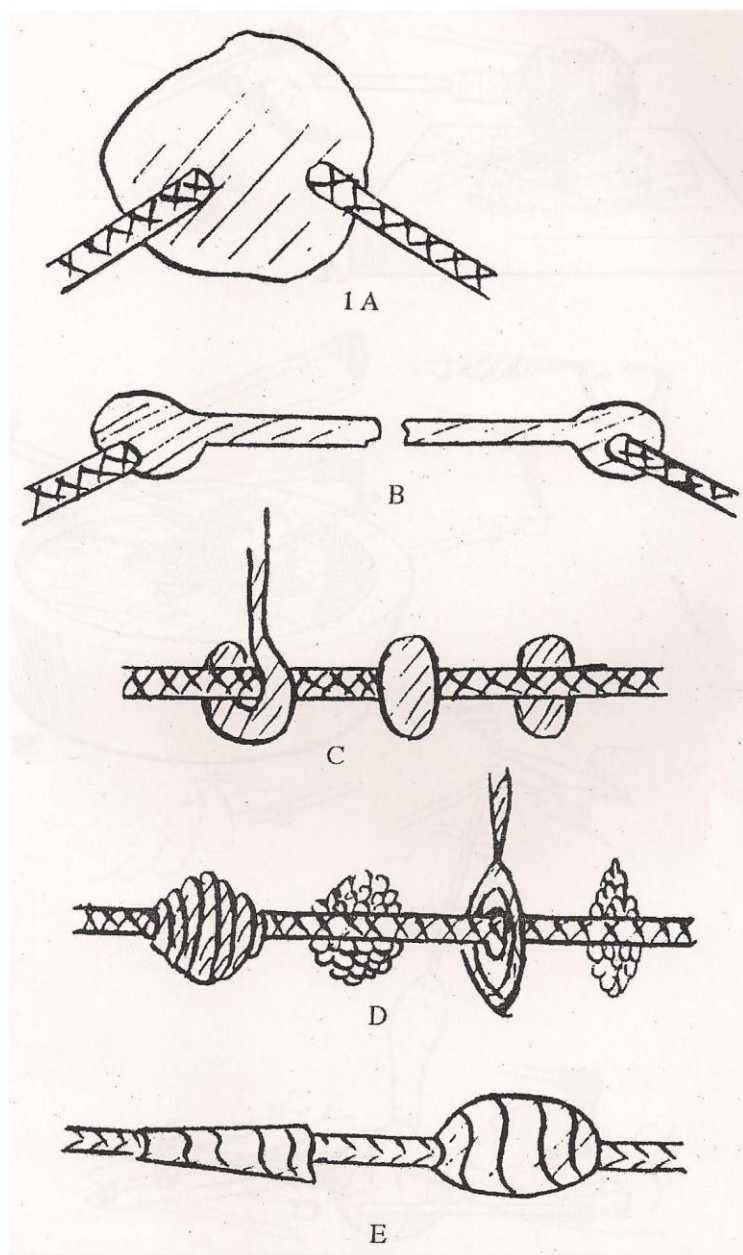
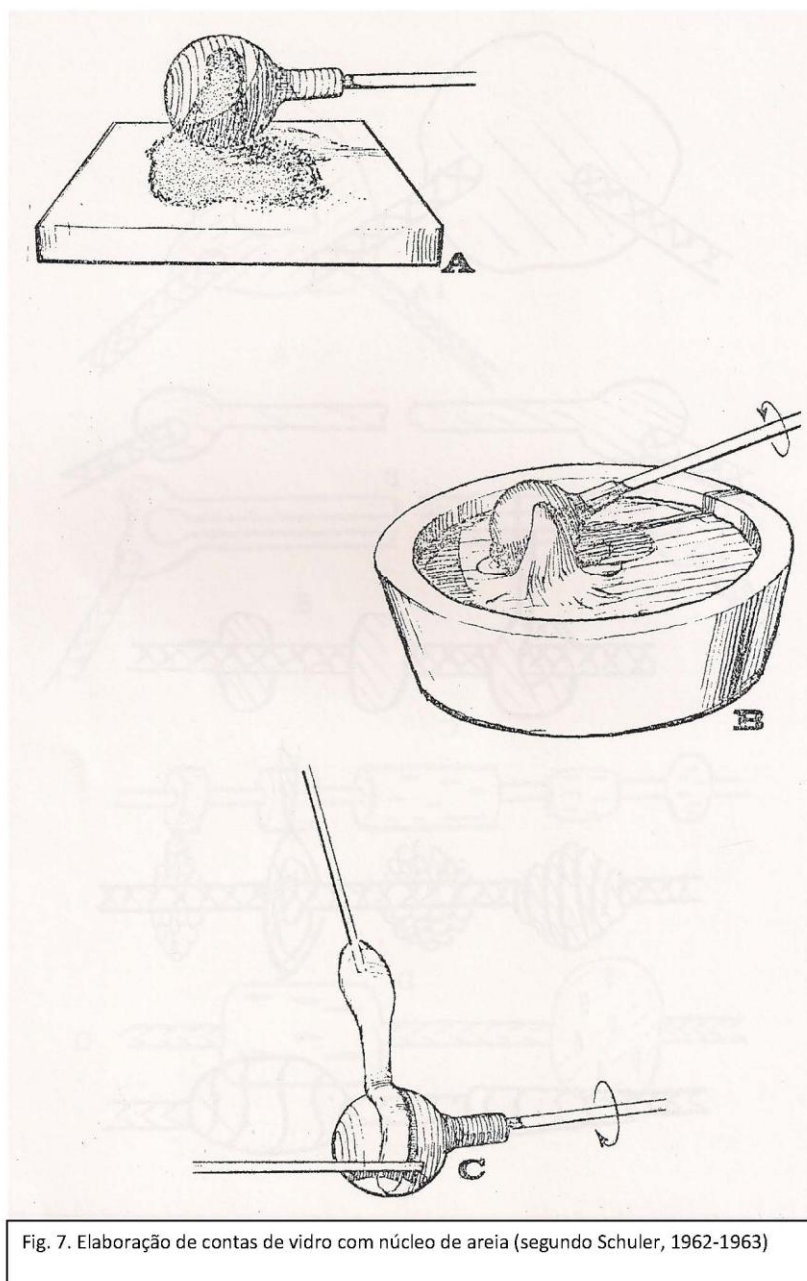


Fig. 6 – Técnica de fabrico de contas de vidro (segundo Van der Sleen, 1973: 20).

Est. IX



Fichas de Inventário

XI.1.i - Nota explicativa

As fichas de inventário apresentadas em seguida, foram realizadas com base no levantamento que efectuámos. Dado o cariz, algo complexo, da informação apresentada importará deixar, aqui, algumas explicações/orientações que ajudarão os investigadores, ou simples interessados, a uma melhor e mais eficaz consulta e compreensão dos dados.

O objectivo inicial das fichas de inventário realizadas foi o de apresentar uma exaustiva listagem das peças encontradas no Norte de Portugal com possível cronologia sidérica. No entanto, devido às lacunas de conhecimento existentes, fomos forçados a proceder a uma recolha mais exaustiva que incluiu também materiais (contas de colar) com clara cronologia posterior e que optámos por integrar no nosso inventário final com o objectivo de criar uma base mais sólida na qual os investigadores e interessados nestas matérias se possam alicerçar.

Passemos então a clarificar alguns pontos:

Os materiais estão organizados com base em três vectores que optámos por articular:

- **Numérica e sequencialmente:** é de salientar que há fichas que englobam mais do que uma peça. Nalguns casos, inclusive, em que tipologicamente tal se revelou pertinente, optámos por incluir algumas dezenas de peças na mesma ficha, sem no entanto, perder de vista a contagem efectiva das mesmas (ex: uma ficha que reporte a trinta peças surgirá com o n°inv. 61/90);
- **Administrativamente:** de acordo com o código administrativo associado ao distrito, concelho e freguesia em que surgiram;
- **Por sítio arqueológico:** as peças de cada sítio encontram-se agrupadas e em sequência numérica.

Relativamente à cronologia dos materiais, esta, sempre que assente em dados mais seguros, fossem eles contextuais ou tipológicos, foi expressamente indicada. Nos casos de peças descontextualizadas de tipos cronologicamente transversais, para as quais não nos era possível, no actual estado de conhecimentos, apresentar um balizamento seguro, optámos por colocar os dois períodos mais prováveis da seguinte forma: Idade do Ferro/Romano.

No que concerne aos dados apresentados, existem algumas discrepâncias na informação que disponibilizamos para as várias peças, que se prendem com os motivos já expostos ao longo do texto, designadamente, com a questão do acesso directo ou indirecto que tivemos à informação e aos materiais. Isto levou a que, para algumas peças, apresentemos a informação completa e que, para outras, falte o preenchimento de determinados campos relacionados com as suas características morfológicas ou, ainda, que as imagens apresentadas não patenteiem a melhor qualidade ou sejam mesmo inexistentes. De facto, alguns dos dados foram cedidos pelos próprios investigadores, outros foram retirados de publicações e outros resultaram da análise directa que efectuámos nas várias autarquias e museus que visitámos. Em vários casos utilizámos os elementos disponíveis que, por vezes, se resumem a descrições e desenhos publicados.

Finalmente, uma nota para a questão da tipologia. Como referimos, alicerçámo-nos, a este nível, sobretudo, nos trabalhos de H. C. Beck (1973) e de W. G. N. Van der Sleen (1973). Neste sentido, considerámos pertinente deixar, aqui, uma tabela em que se estabelece a correspondência das designações pelas quais optámos, com as utilizadas pelos principais autores e, em particular, com as referências constantes na tabela tipológico-formal apresentada por Beck.

Tabela 6

| Designação utilizada | Designação de Ruano (1996) | Designação de Van der Sleen (1973) | Designação de Beck (1973) | Referência de Beck (1973) |
|--------------------------|----------------------------|------------------------------------|--|---------------------------|
| Oblata | Esferica | Oblate | Oblate | I.B.1.a |
| Anular | Anular | Annular | Oblate disk | I.A.1.a |
| Globular | Esferica | Globular | Circular | I.C.1.a |
| Esférica | Esferica | Globular | Circular | I.C.1.a |
| Discóide | Anular | Lenticular | Oblate disk | I.A.1.a |
| Cupiforme | Esferica | Barrel | Standard Barrel | I.C.1.b |
| Cupiforme curta | Esferica | Barrel | Short Barrel | I.B.1.b |
| Cupiforme alongada | Esferica | Barrel | Long Barrel | I.D.1.b |
| Cilíndrica | Cilíndrica | Cylinder | Standard Cylinder | I.C.4.f.b |
| (sub) Cilíndrica curta | Cilíndrica | Cylinder | Short Cylinder | I.B.4.f.b |
| Cilíndrica alongada | Cilíndrica | Cylinder | Long Cylinder | I.D.4.f.b |
| Gomada | Agallonada | Melon | Gadrooned (melon) | XXIII.B.1.a ou b |
| Segmentada / Dupla | | Segmented / Double | Segmented / Double | XVII.A.1.b |
| Sub-triangular (oculada) | Esferica (oculada) | | Triangular Impressed / Stratified Eye Bead | XLVI.A.6.c / A.7.c |
| Bitroncocónica | Biconica | Truncated concave bicone | Short concave truncated bicone | I.B.2.f ou I.B.3.f |
| Fusiforme | Fusiforme | | | I.D1.a ou I.C.4.f.b |
| Forma de coração | Acorazonada | | | |
| Sub-quadrangular | | Tabular / Spacing | Tabular / Spacing | XVI.C.2.b (Type X.a) |
| Elipsoidal | Elipsoidal | Oval ou Ellipsoid | Ellipsoid | I.D.1.a |

Tab. 6 – Tabela de correspondência tipológica

A respeito da tipologia apresentada e das designações pelas quais optámos gostaríamos, apenas, de deixar o comentário relativamente a uma delas, dado que as restantes serão, em nosso entender, relativamente familiares no quadro da terminologia habitualmente utilizada nos descritores de materiais arqueológicos. A nossa opção pela designação oblata correspondeu à tradução directa do termo inglês utilizado por Beck: *oblate*. Esta designação traduz um termo geométrico e nada tem a ver com o significado da palavra em português corrente. Neste sentido, um esferóide oblato corresponderá a um esferóide achatado, por oposição a um esferóide prolato que é alongado. Alternativamente, no entanto, poderão ser utilizados os termos sub-esférico, esferóide (peças achatadas) ou oval/ovalóide (peças alongadas).

XI.1.ii - Tabela de Índice das Fichas

| Distrito de Aveiro | | |
|--------------------------------|----------------------|------------------|
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Cabeço do Vouga | Águeda | 1 – 57 |
| Cividade | Arouca | 58 – 59 |
| Castro de Valinhas | Arouca | 60 – 79 |
| Castro de Ovil | Espinho | 80 – 88 |
| Castro de Salreu | Estarreja | 89 – 90 |
| Castro de Romariz | Santa Maria da Feira | 91 – 100 |
| Vale da Malhada | Sever do Vouga | 101 – 195 |
| Distrito de Braga | | |
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Castelo de Faria | Barcelos | 196 – 246 |
| Povoado da Santinha | Amares | 247 |
| Balneário Castrejo (Braga) | Braga | 248 – 249 |
| Castro das Eiras Velhas | Braga | 250 |
| Castro do Sr. dos Desamparados | Esposende | 251 |
| Castro de São Lourenço | Esposende | 252 – 289 |
| Povoado de Stº Ovídio | Fafe | 290 |
| Citânia de Briteiros | Guimarães | 291 – 312 |
| Citânia de Sabroso | Guimarães | 313 |
| Castro de São João de Rei | Póvoa de Lanhoso | 314 |
| Castro de Penices | Famalicão | 315 – 325 |
| Castro das Ermidas | Famalicão | 326 – 333 |
| Povoado de São Julião | Vila Verde | 334 – 340 |
| Distrito de Bragança | | |
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Castelo Velho | Mirandela | 341 |
| Distrito do Porto | | |
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Alto do Cruito | Baião | 342 – 353 |
| Castro de São Domingos | Lousada | 354 – 367 |
| Castro de Guifões | Matosinhos | 368 – 370 |
| Citânia de Sanfins | Paços de Ferreira | 371 – 397 |
| Monte Mozinho | Penafiel | 398 – 408 |
| Morro da Sé (Porto) | Porto | 409 |
| Villa Romana da Estela | Póvoa de Varzim | 410 – 417 |
| Cividade de Terroso | Póvoa de Varzim | 418 – 419 |
| Castro do Monte do Padrão | Santo Tirso | 420 – 428 |
| Castro de S. Paio | Vila do Conde | 429 – 432 |
| Bom Jesus de Gaia | Vila Nova de Gaia | 433 – 436 |
| Castro de Alvarelos | Trofa | 437 – 438 |

| Distrito de Viana do Castelo | | |
|-------------------------------------|------------------|------------------|
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Cividade de Cossourado | Paredes de Coura | 439 – 440 |
| Castro de Romarigães | Paredes de Coura | 441 – 443 |
| Castro de Stº Estevão da Facha | Ponte de Lima | 444 – 464 |
| Citânia de Santa Luzia | Viana do Castelo | 465 – 543 |
| Castro do Vieito | Viana do Castelo | 544 – 546 |
| Distrito de Vila Real | | |
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Crastoeiro | Mondim de Basto | 547 – 563 |
| Crasto de Palheiros | Murça | 564 – 618 |
| Castelo da Fonte do Milho | Peso da Régua | 619 – 627 |
| Distrito de Viseu | | |
| <i>Sítio</i> | <i>Concelho</i> | <i>Nº Fichas</i> |
| Castro da Cárcoda | S. Pedro do Sul | 628 – 800 |
| Morro da Sé (Viseu) | Viseu | 801 |

XI.1.iii - Fichas

| | | | | | | |
|-------------------------------------|--|--|-------------------------------------|--|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 1 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: oblata-oculada | | Cromatismo: polícromo | | Cores: azul claro, azul cobalto, branco e castanho | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | |
| Peso(gr): 2.gr. | | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | | | | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |
| imagem 4 | | | | | | |



Descrição:
Conta de colar oblata, oculada, em vidro azul claro. Apresenta 7 “óculos”, em zigue-zague, c/ a pupila azul escuro, e três anéis - branco, castanho, branco -.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|--|-------------------------------------|------------------------------|--|--|
| Nº inventário: 2 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | |
| Peso(gr): 1,3 gr. | | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | | | | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |
| imagem 4 | | | | | | |



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 3

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

Cromatismo: policromo

Cores: branco e azul escuro.

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

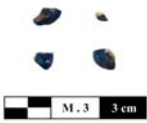
Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
4 fragmentos de conta de colar, em vidro branco e azul escuro.

Nº inventário: 4

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,1 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular em vidro azul escuro translúcido.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 5 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,3 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
Conta de colar anular em vidro branco opaco.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 6 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,7 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco. Ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 7

Sítio: Cabeço do Vouga

Distrito: Aveiro

código adm. 01.01.10

Concelho: Águeda

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia:

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,6 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
1/2 conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 8

Sítio: Cabeço do Vouga

Distrito: Aveiro

código adm. 01.01.10

Concelho: Águeda

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia:

Cronologia: Idade do Ferro

Tipologia: globular-oculada

Cromatismo: policromo

Cores: azul escuro (?) /amarelo

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,7 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
1/2 conta de colar globular, oculada, em vidro azul escuro (?) opaco. São visíveis 3 “óculos” seguidos, estratificados, com pupila azul e três anéis - amarelo, azul, amarelo.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 9 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,6 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido. Parece ter alguns pontos brancos que poderão ser propositados e decorativos. Idêntica à nº 389.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 10 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: castanho | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 1,1 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro castanho translúcido.

Nº inventário: 11

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

anular

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,5 gr.

Localização actual:


Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul claro translúcido.

Nº inventário: 12

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

cupiforme curta

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 2,1 gr.

Localização actual:


Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 13

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

oblata

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1,4 gr.

Localização actual:


Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 14

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

oblata

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,2 gr.

Localização actual:


Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





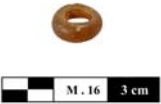
Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro translúcido azul claro. Conserva-se c. de 1/3 da peça.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 15 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,7 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 16 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo acastanhado | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,4 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro amarelo acastanhado.

Nº inventário: 17

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: segmentada /dupla

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar segmentada/dupla em vidro de cor azul claro translúcido. Uma das partes encontra-se fragmentada.

Nº inventário: 18

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Fragmento de conta de colar anular em vidro azul escuro. Conserva-se c. de 1/3 da peça.

Nº inventário: 19

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,7 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
c. de 1/3 de conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro azul escuro.

Nº inventário: 20

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: anular(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,6 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto, semi-translúcido.

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 21 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,5 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto.

| | | | | | | |
|--------------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 22 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: cupiforme curta | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,6 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro, quase opaco.

Nº inventário: 23

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Bibliografia:

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,2 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
1/2 conta de colar anular, em vidro translúcido de cor azul claro.

Nº inventário: 24

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Bibliografia:

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,7 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

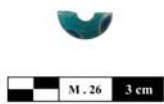
imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido de cor azul claro.

| | | | | | | |
|-------------------------------------|--|----------------------------------|--|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 25 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: oblata-oculada | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul turquesa,azul cobalto e branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,4 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
- de 1/2 conta de colar oblata, oculada,em vidro de cor azul turquesa. Os “óculos” estão agrupados em pares com orientação vertical,

| | | | | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 26 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: castanho | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): 0,3 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro castanho amarelado translúcido.

Nº inventário: 27

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,5 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto opaco

Nº inventário: 28

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: sub-triangular-oculada

Cromatismo: policromo

Cores: preto/branco

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1,1 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar sub-triangular, oculada, em vidro de cor preta. A pupila é preta com três anéis - branco, preto, branco -.

Nº inventário: 29

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

anular

Cromatismo:

monocromático

Cores:

castanho

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1,1 gr.

Localização actual:


Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro castanho translúcido. Encontra-se fragmentada (4/5) e é bastante irregular.

Nº inventário: 30

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia:

anular

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,4 gr.

Localização actual:

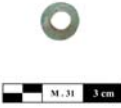
Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido de cor azul claro.

Nº inventário: 31

Sítio: Cabeço do Vouga

Distrito: Aveiro

código adm. 01.01.10

Concelho: Águeda

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia:

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,3 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido de cor castanho amarelado.

Nº inventário: 32

Sítio: Cabeço do Vouga

Distrito: Aveiro

código adm. 01.01.10

Concelho: Águeda

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia:

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,5 gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido de cor castanho amarelado.

Nº inventário: 33

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Nº inventário: 34

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: oblata(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,6 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
- de 1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul escuro.

Nº inventário: 35

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: segmentada/dupla

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,9 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar segmentada/dupla, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Nº inventário: 36

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: cilíndrica alongada

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,6 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar cilíndrica alongada, em vidro castanho translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

azul oscuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

azul oscuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto. Apresenta três perfurações circulares na superfície, sensivelmente alinhadas (remenescências de decoração oculada?)

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

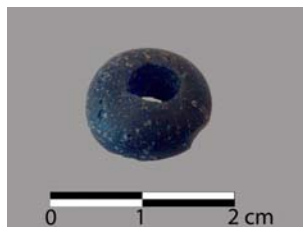
Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 41

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 1.gr.


Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Nº inventário: 42

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 0,8 gr.

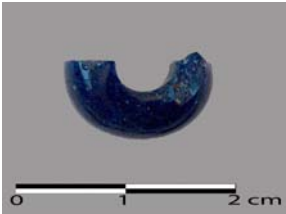
Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

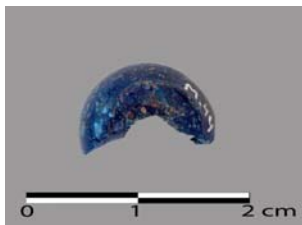
Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



- de 1/2 conta de colar sub-cilíndrica curta com extremidades convexas, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



- de 1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

- de 1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Nº inventário: 45

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: tonelete (oculada?)

Cromatismo: policromo

Cores: azulescuro, amarelo, branco

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 9,4

Peso(gr): 0,2 gr.




Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

1/3 de conta de colar tipo tonelete (cupiforme alongada), em vidro de cor azul. Rematada por extremidade anelar amarela. Decoração ondulada e oculada (?) a branco.

Nº inventário: 46

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 11,59

Diam. Orifício (mm): 6,09

Alt./Compr. (mm): 5,07/3,59

Peso(gr): 0,6 gr.



Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

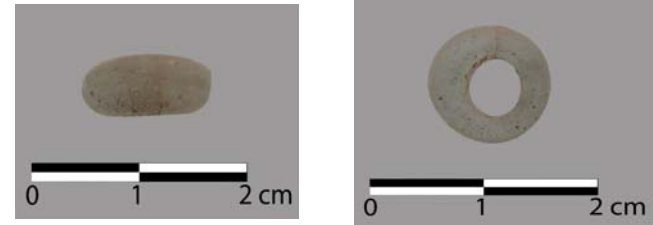
imagem 4



Descrição:

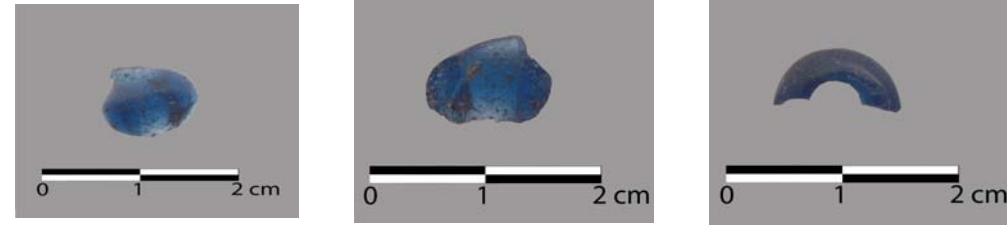
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro castanho, translúcido .

| | | | | | | |
|----------------------------|------------------------------|-----------------------------|------------------------------|--|--------------------------------------|--|
| Nº inventário: 47 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul claro | | | | |
| | | | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,48 | Diam. Orifício (mm): 4,87 | Alt./Compr. (mm): 4,62/3 | Peso(gr): 0,5 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:
 Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro translúcido de cor azul claro. .

| | | | | | | |
|----------------------------|------------------------------|--------------------------------|------------------------------|--|--------------------------------------|--|
| Nº inventário: 48 | | código adm. 01.01.10 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Cabeço do Vouga | | | Concelho: Águeda | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Lamas do Vouga | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: globular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| | | | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,10 | Diam. Orifício (mm): 4,57 | Alt./Compr. (mm): 7,16/6,26 | Peso(gr): 0,2 gr. | Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:
 1/2 conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto, translúcido.

Nº inventário: 51

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Diam./Larg. (mm): 11,64

Diam. Orifício (mm): 4,64

Alt./Compr. (mm): 6,04/5,51

Peso(gr): 0,8 gr.

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar oblata, de secção semi-circular, em vidro translúcido de cor azul claro..

Nº inventário: 52

código adm. 01.01.10

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Cabeço do Vouga

Concelho: Águeda

Distrito: Aveiro

Freguesia: Lamas do Vouga

Bibliografia:

Tipologia: globular (?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 4,7

Peso(gr):

Localização actual: Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/4 de conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto translúcido

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

azul oscuro

monocromático

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

azul oscuro

monocromático

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4



1/2 conta de colar anular em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

1/2 conta de colar anular em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

fragmento de conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Conserva-se c. de 1/5 da peça.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

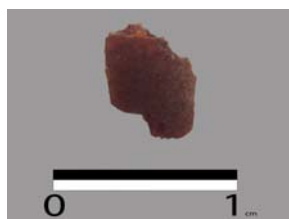
Cores:
castanho

Localização actual:

0,2 gr.

Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

imagem 4

**Descrição:**

Conjunto de 5 pequeníssimos fragmentos de conta de colar cilíndrica, em vidro castanho avermelhado semi-translúcido.

Cronologia:
Bronze Final(?) - séc. VII-IV a.C.

Bronze Final(?) - séc. VII-IV a.C.

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

PEREIRA, G. R. (2011) p. 134

Localização actual:

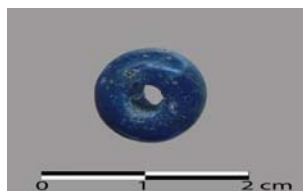
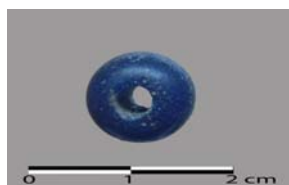
3,2

8.16

1.gr.

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4

**Descrição:**

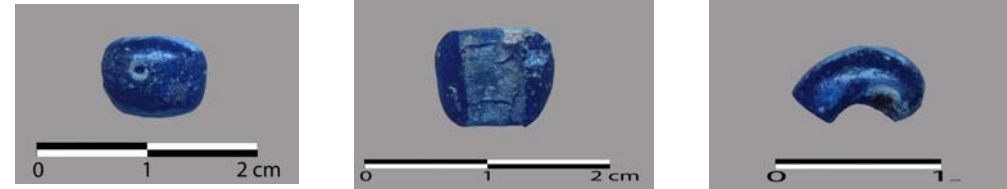
Conta de colar oblata, em vidro opaco azul escuro.

| | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 59 | | código adm. 01.04.15 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Bronze Final(?) - séc. VII-IV a.C. | |
| Sítio: Povoado da Cidade | | | Concelho: Arouca | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Rossas/Urrô | | Bibliografia: PEREIRA, G. R. (2011) p. 134 | | |
| Tipologia: oblata | Cromatismo: monocromático | Cores: preto | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,1 | | Diam. Orifício (mm): 3,2 | Alt./Compr. (mm): 8,09 | Peso(gr): 1.gr. | Localização actual: Na posse do Dr. António M. Silva | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro (?) opaco, preto.

| | | | | | | |
|---------------------------|---------------------------|--------------------------|------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 60 | | código adm. 01.04.16 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro de Valinhas | | | Concelho: Arouca | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Santa Eulália | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: globular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| | | | | | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: | | |
| | | 7,42 | 0,4 | Na posse do Dr. António M. Silva | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
Fragmento de conta de colar globular, em vidro semi-translúcido azul cobalto. Conserva-se c. de 1/3 da peça.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

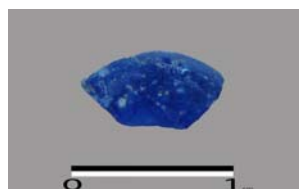
Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Fragmento de conta de colar cupiforme curta (?), em vidro translúcido de cor azul cobalto.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

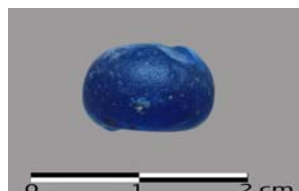
Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Conta de colar oblata em vidro translúcido azul cobalto. Conserva-se um pouco mais de 1/2 peça.

Nº inventário: 63

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Diam./Larg. (mm): 10,03

Diam. Orifício (mm): 5,14

Alt./Compr. (mm): 5,1/3,54

Peso(gr): 0,5

Localização actual: Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido azul claro.

Nº inventário: 64

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,15

Diam. Orifício (mm): 4,4

Alt./Compr. (mm): 8,48

Peso(gr): 0,5

Localização actual: Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido de cor azul cobalto.

Fragmento de conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro translúcido de cor azul cobalto. Conserva-se c. de 1/5 da peça.

Nº inventário: 67

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

6,69

0,2

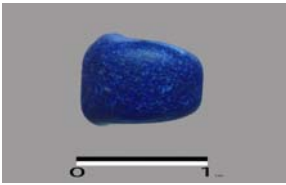
Na posse do Dr. António M. Silva

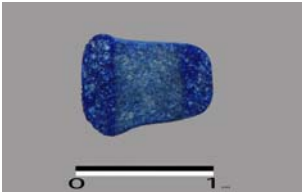
imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Fragmento de conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro opaco azul cobalto. Conserva-se c. de 1/4 da peça.

Nº inventário: 68

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

9,18

3,6

4,97

0,5

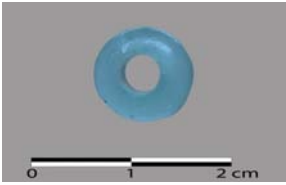
Na posse do Dr. António M. Silva

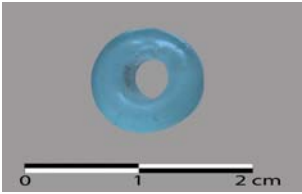
imagem 1

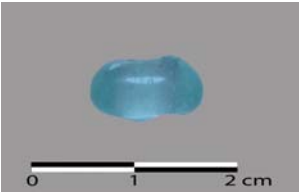
imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Conta de colar oblata de secção semi-circular, em vidro translúcido azul claro.

Conta de colar fragmentada, globular, em vidro translúcido de cor azul cobalto. conservam-se c. de 3/4 da peça.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

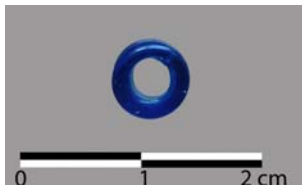
Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro translúcido de cor azul cobalto.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

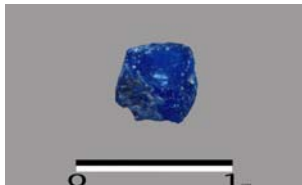
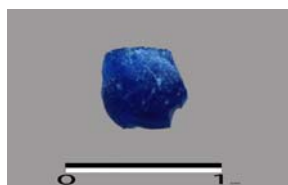
Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Fragmento de conta de colar cupiforme curta (?), em vidro translúcido de cor azul cobalto.

Conta de colar oblata em vidro opaco de cor preta.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Cores:

castanho

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro translúcido castanho.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Cores:

```
preto
```

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro opaco preto.

Nº inventário: 77

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 5,7

Peso(gr): 0,4 gr.

Localização actual: Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:

Fragmento de conta de colar anular, em vidro translúcido de cor azul cobalto. Conserva-se menos de 1/2 da peça.

Nº inventário: 78

código adm. 01.04.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Valinhas

Concelho: Arouca

Distrito: Aveiro

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Tipologia: gomada

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm): 5,4

Alt./Compr. (mm): 9,88

Peso(gr): 0,8 gr.

Localização actual: Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:

Fragmento de conta de colar gomada, em vidro translúcido de cor azul cobalto. Conserva-se menos de 1/2 da peça.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Arouca

Freguesia: Santa Eulália

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Na posse do Dr. António M. Silva

imagem 4



Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro translúcido azul cobalto.

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Espinho

Freguesia: Paramos

Bibliografia:

Cores:

castanho

SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73.

Localização actual:

Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro castanho amarelado.

Cronologia:

Idade do Ferro

Concelho: Espinho

Freguesia: Paramos

Cores:

azul oscuro

Bibliografia:

SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73.

Localização actual:

Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:

Idade do Ferro

Concelho: Espinho

Freguesia: Paramos

Cores:

azul claro

Bibliografia:

SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73.

Localização actual:

Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho

imagem 4



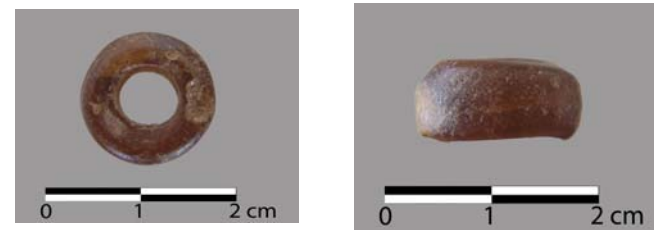
Descrição:

Conta de colar anular, em vidro translúcido de cor azul claro.

| | | | | | | | |
|-----------------------|--|---------------------------|--|---|--|--|--|
| Nº inventário: 83 | | código adm. 01.07.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | | Concelho: Espinho | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | Peso(gr): | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| | | | | | | imagem 4 | |

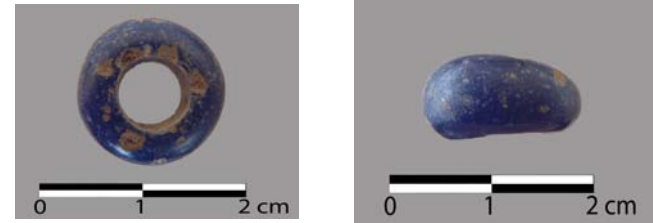
Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | | |
|------------------------|--|---------------------------|-------------------|------------------------------|---|--|--|
| Nº inventário: 84 | | código adm. 01.07.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | Concelho: Espinho | | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: castanho | | | |
| Diam./Larg. (mm): 13,1 | | Diam. Orifício (mm): 6 | | Alt./Compr. (mm): 6,12 | | Peso(gr): 1,2 gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| | | | | | | imagem 4 | |



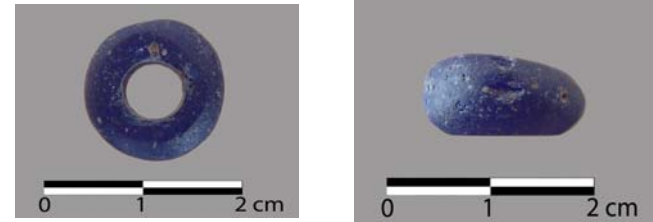
Descrição:
Conta de colar anular, em vidro translúcido castanho amarelado

| | | | | | | | |
|------------------------|--|---------------------------|--|------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 85 | | código adm. 01.07.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | | Concelho: Espinho | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 13,5 | | Diam. Orifício (mm): 6,3 | | Alt./Compr. (mm): 6,7/5,5 | | Peso(gr): 1,3 gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
 Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | | |
|------------------------|--|---------------------------|--|------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 86 | | código adm. 01.07.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | | Concelho: Espinho | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 13,6 | | Diam. Orifício (mm): 5,62 | | Alt./Compr. (mm): 6,5/5,45 | | Peso(gr): 1,3 gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
 Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | | |
|----------------------------------|--|-------------------------------------|--|-------------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 87 | | código adm. 01.07.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | | Concelho: Espinho | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 14,5 | | Diam. Orifício (mm): 6 | | Alt./Compr. (mm): 7/9 | | Peso(gr): 2.gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|---|--|--|
| Nº inventário: 88 | | código adm. 01.07.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de Ovil | | | Concelho: Espinho | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Paramos | | Bibliografia: SALVADOR, J.F. e SILVA, A.M.S.P. (2010) p. 53-73. | | |
| Tipologia: cupiforme curta | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 14,2 | | Diam. Orifício (mm): 5,5 | Alt./Compr. (mm): 6/7,7 | Peso(gr): 1,7 gr. | Localização actual: Gabinete de Arqueologia-C.M. Espinho | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nota: imagem 1 retirada de Pereira, G. R. (2011), Fig.32, p. 132

| | | | | | | |
|---------------------------------------|--|--------------------------------------|---------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 91 | | código adm. 01.09.22 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro- séc. VI a.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: globular-oculada | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul/castanho/branco | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.53, nº 21. CENTENO, R. (2011) p. 50, nº 21 | | |
| Diam./Larg. (mm): 30,9 | | Diam. Orifício (mm): 13,87 | Alt./Compr. (mm): 29,2 | Peso(gr): 23.gr. | Localização actual: Museu dos Lóios | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



Descrição:

Conta globular de grandes dimensões, em vidro azul. Os “óculos” têm o ponto central da mesma cor do fundo, sendo rodeados por 5 anéis a branco e castanho. Os óculos são estratificados. A peça foi encontrada em contexto romano (estrato 3) mas as suas características apontam para uma cronologia bastante mais antiga, eventualmente, anterior ao próprio século VI a.C..

| | | | | | | | |
|--------------------------|--|---------------------------|--|--------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 92 | | código adm. 01.09.22 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro - séc. VI a.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | | | Bibliografia: | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.53, nº 22. CENTENO, R. (2011) p. 50, nº 22 | |
| Diam./Larg. (mm): 10,9 | | Diam. Orifício (mm): 3,01 | | Alt./Compr. (mm): 7,1 | | Peso(gr): 1.gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Museu dos Lóios | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:

Conta oblata, de secção semi-circular, em vidro de cor azul escuro. semi-translúcido.

código adm. 01.09.22 **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro - séc. V a.C.

Concelho: Santa Maria da Feira

Freguesia: Romariz

CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 25.
CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 25

CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 25.
CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 25

monocromático

azul oscuro

CENTENO, R. (2011) p. 51, n° 25

Localização actual:

1.8 gr.

Museu dos Lóios

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul muito escuro, quase preto e quase opaco.

código adm. 01.09.22 **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro - séc. IV-III a.C.

Concelho: Santa Maria da Feira

Freguesia: Romariz

CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 26.
CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 26

CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 26.
CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 26

monocromático

azul oscuro

CENTENO, R. (2011) p. 51, n° 26

Localização actual:

8,9

1,4 gr.

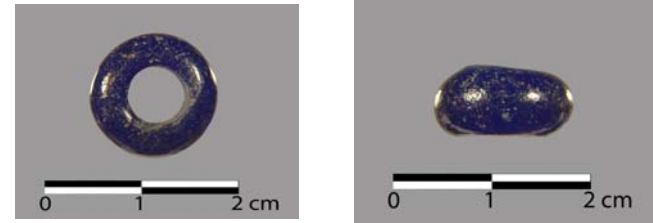
Museu dos Lóios

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul escuro translúcido.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 97 | | código adm. 01.09.22 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro - séc. VI a.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 27. CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 27 | | |
| Diam./Larg. (mm): 12,4 | Diam. Orifício (mm): 5,66 | Alt./Compr. (mm): 6 | Peso(gr): 1.gr. | Localização actual: Museu dos Lóios | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul escuro, semi-translúcido.

| | | | | | | | |
|---|--|-------------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 98 | | código adm. 01.09.22 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano - séc. I a.C.- séc. I d.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | | | Bibliografia: | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord. (2008) p.54, nº 28. CENTENO, R. (2011) p. 51, nº 28. | |
| Diam./Larg. (mm): 8,5 | | Diam. Orifício (mm): 4,48 | | Alt./Compr. (mm): 4,9 | | Peso(gr): 0,3 gr. | |
| Localização actual: Museu dos Lóios | | | | | | | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | imagem 4 | |



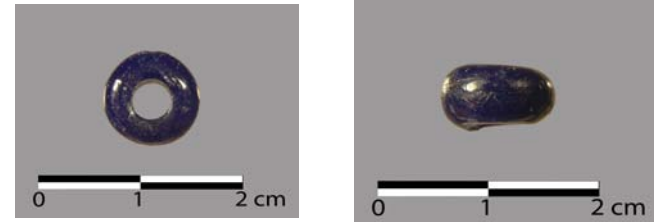
Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul escuro translúcido.

| | | | | | | | |
|----------------------------------|--|-------------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 99 | | código adm. 01.09.22 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano - séc. I a.C.- séc. I d.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | | | Bibliografia: | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.54, nº 29. CENTENO, R. (2011) p. 52, nº 29 | |
| Diam./Larg. (mm): 11,4 | | Diam. Orifício (mm): 4,7 | | Alt./Compr. (mm): 7,1 | | Peso(gr): 1.gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Museu dos Lóios | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

| | | | | | | | |
|---------------------------------|--|-------------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 100 | | código adm. 01.09.22 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano - séc.I a,C.- séc. I d.C. | |
| Sítio: Castro de Romariz | | | | Concelho: Santa Maria da Feira | | | |
| Distrito: Aveiro | | Freguesia: Romariz | | | | Bibliografia: | |
| Tipologia: anular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. coord.(2008) p.55, nº 30. CENTENO, R. (2011) p. 52, nº 30 | |
| Diam./Larg. (mm): 9,2 | | Diam. Orifício (mm): 3,95 | | Alt./Compr. (mm): 5,2 | | Peso(gr): 0,5 gr. | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Museu dos Lóios | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 101

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 11,86

Diam. Orifício (mm): 5,52

Alt./Compr. (mm): 6,12

Peso(gr): 0,7 gr.

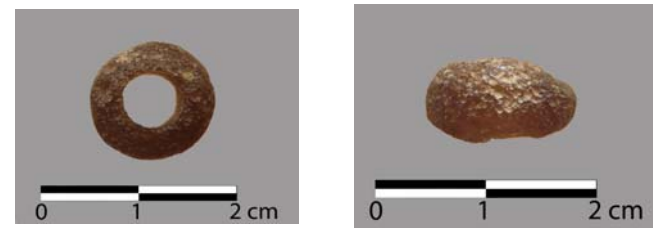
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro castanho semi-translúcido

Nº inventário: 102

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,46

Diam. Orifício (mm): 5,17

Alt./Compr. (mm): 5,05/4,06

Peso(gr): 0,6 gr.

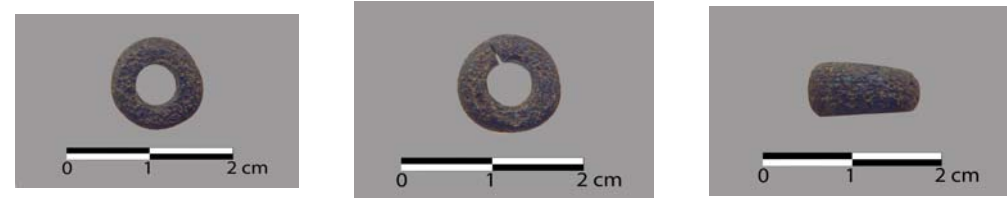
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 103

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,46

Diam. Orifício (mm): 4,17

Alt./Compr. (mm): 6,83

Peso(gr): 1,1 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 104

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: preto

Diam./Larg. (mm): 14,13

Diam. Orifício (mm): 6,82

Alt./Compr. (mm): 8,14/7,1

Peso(gr): 1,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro preto opaco.

Nº inventário: 105

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,28/13,6

Diam. Orifício (mm): 6,46

Alt./Compr. (mm): 7,89/5,41

Peso(gr): 1,6 gr.

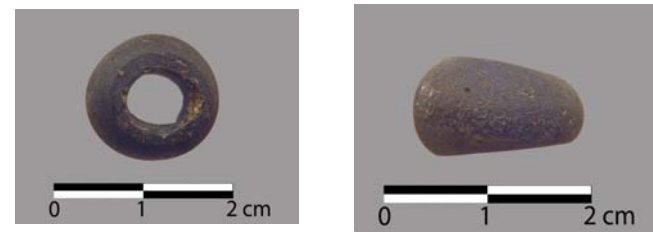
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 106

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,93

Diam. Orifício (mm): 5

Alt./Compr. (mm): 10,36

Peso(gr): 2,7 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro azul escuro. Ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 107

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm): 14,95

Diam. Orifício (mm): 6,27

Alt./Compr. (mm): 9,38/8,39

Peso(gr): 2,5 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul opaco.

Nº inventário: 108

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 16,68

Diam. Orifício (mm): 5,8

Alt./Compr. (mm): 7,32

Peso(gr): 2,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-transparente.

Nº inventário: 109

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,11

Diam. Orifício (mm): 5,16

Alt./Compr. (mm): 9,14

Peso(gr): 2,4 gr.

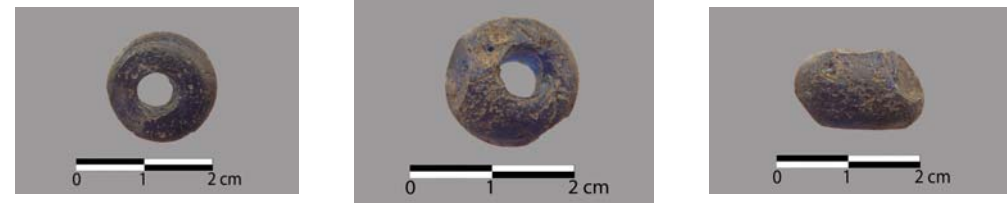
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo fragmentada.

Nº inventário: 110

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,54

Diam. Orifício (mm): 5,55

Alt./Compr. (mm): 11,27/9,9

Peso(gr): 2,4 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro azul escuro opaco. Algo defeituosa.

Nº inventário: 111

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,06

Diam. Orifício (mm): 5,47

Alt./Compr. (mm): 7,9/6,49

Peso(gr): 2,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 112

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,38

Diam. Orifício (mm): 6,42

Alt./Compr. (mm): 8,71/5,68

Peso(gr): 1,7 gr.

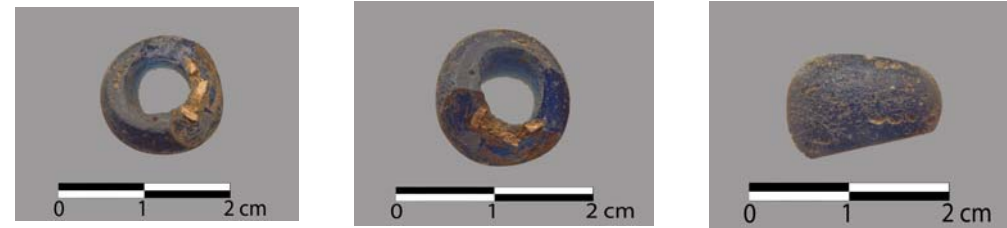
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo fragmentada.

Nº inventário: 113

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,19

Diam. Orifício (mm): 6,19

Alt./Compr. (mm): 7,59

Peso(gr): 1,9 gr.

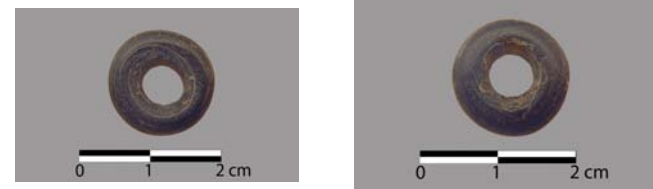
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro.

Nº inventário: 114

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 11,58

Diam. Orifício (mm): 5,55

Alt./Compr. (mm): 5,26

Peso(gr): 0,7 gr.

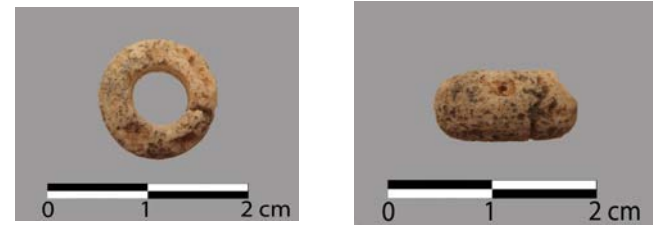
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro branco opaco.

Nº inventário: 115

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,72

Diam. Orifício (mm): 6,22

Alt./Compr. (mm): 7,71

Peso(gr): 2.gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 116

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,74

Diam. Orifício (mm): 5,79

Alt./Compr. (mm): 8,47

Peso(gr): 2,4 gr.

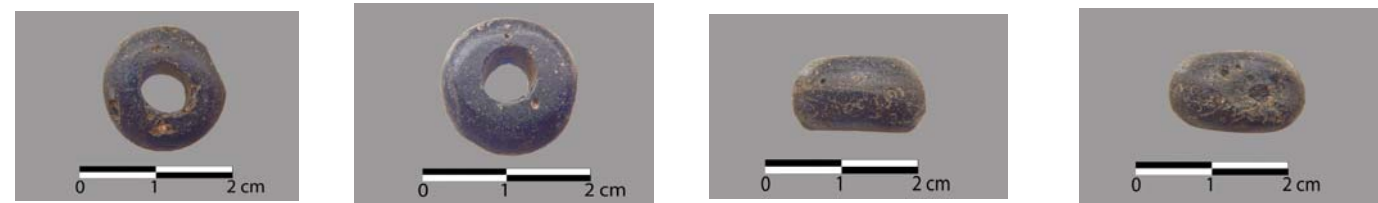
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 117

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: polícromo

Cores: azul escuro e vermelho

Diam./Larg. (mm): 13,71

Diam. Orifício (mm): 6,52

Alt./Compr. (mm): 9,05/8,35

Peso(gr): 2,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro opaco com inclusões a vermelho opaco

Nº inventário: 118

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 16,7

Diam. Orifício (mm): 7

Alt./Compr. (mm): 10,56/6,9

Peso(gr): 2,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Conta de colar anular (?), em vidro castanho opaco. Algo deformada e descntrada.

Nº inventário: 119

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 12,53

Diam. Orifício (mm): 5,69

Alt./Compr. (mm): 6,93

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro castanho opaco.

Nº inventário: 120

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,67

Diam. Orifício (mm): 4,72

Alt./Compr. (mm): 10,45/8,5

Peso(gr): 2,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-transparente.

Nº inventário: 121

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,36

Diam. Orifício (mm): 5,55

Alt./Compr. (mm): 9

Peso(gr): 2,7 gr.

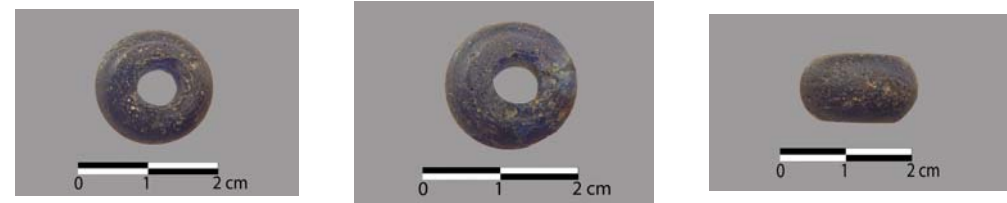
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul cobalto semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 122

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,69

Diam. Orifício (mm): 6,14

Alt./Compr. (mm): 8,1

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 123

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,13

Diam. Orifício (mm): 7,07

Alt./Compr. (mm): 7,72

Peso(gr): 1,8 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 124

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,93

Diam. Orifício (mm): 6,37

Alt./Compr. (mm): 8,23/7,51

Peso(gr): 1,8 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 125

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,07

Diam. Orifício (mm): 5,11

Alt./Compr. (mm): 8,17/6,01

Peso(gr): 1,4 gr.

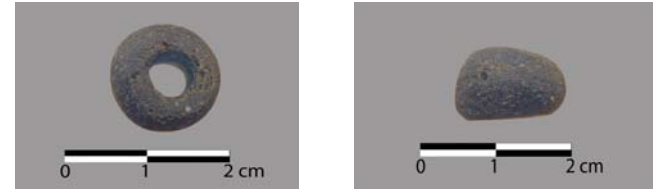
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 126

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,76

Diam. Orifício (mm): 5,6

Alt./Compr. (mm): 7,52

Peso(gr): 2,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 129

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,1

Diam. Orifício (mm): 5,07

Alt./Compr. (mm): 7,71/6,53

Peso(gr): 1,7 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 130

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: preto

Diam./Larg. (mm): 11,48/13,27

Diam. Orifício (mm): 7,11/5,04

Alt./Compr. (mm): 7,13/5,85

Peso(gr): 1.gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular em vidro preto opaco. É bastante irregular apresentando um formato oval.

Nº inventário: 131

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,32

Diam. Orifício (mm): 5,49

Alt./Compr. (mm): 7,99

Peso(gr): 1,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta, com duas extremidades convexas em vidro azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 132

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 12,51

Diam. Orifício (mm): 4,67

Alt./Compr. (mm): 10,6/8,72

Peso(gr): 1,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ duas extremidades convexas em vidro branco opaco.

Nº inventário: 133

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar/pendente

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: defeituosa (segmentada)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 31, 03

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr): 5,7 gr.

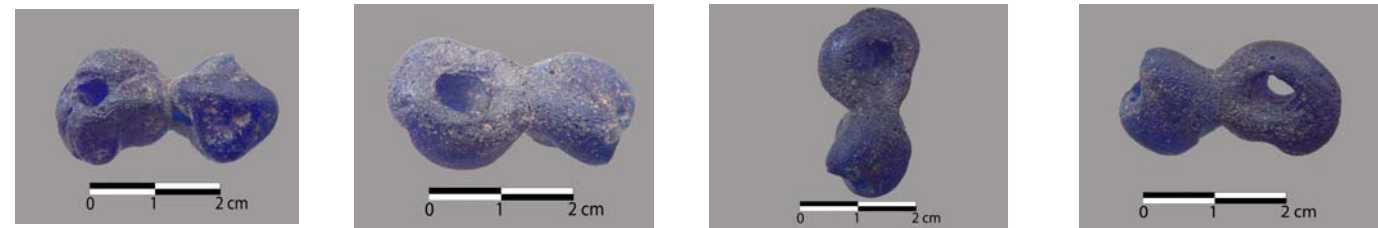
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Peça formada por duas contas de vidro azul escuro, coladas e muito defeituosas. Pode ter sido utilizada como pendente.

Nº inventário: 134

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,07

Diam. Orifício (mm): 6,96

Alt./Compr. (mm): 8,28/5,22

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 135

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,3

Diam. Orifício (mm): 4,15

Alt./Compr. (mm): 10,32/9,21

Peso(gr): 2,4 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro azul escuro opaco. Ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 136

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro (?)

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: gomada

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,14

Diam. Orifício (mm): 6,06

Alt./Compr. (mm): 9,06

Peso(gr): 2,1 gr.

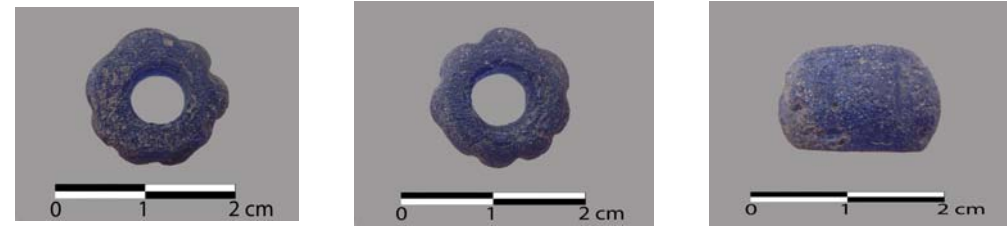
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar gomada (aos gomos), em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 137

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

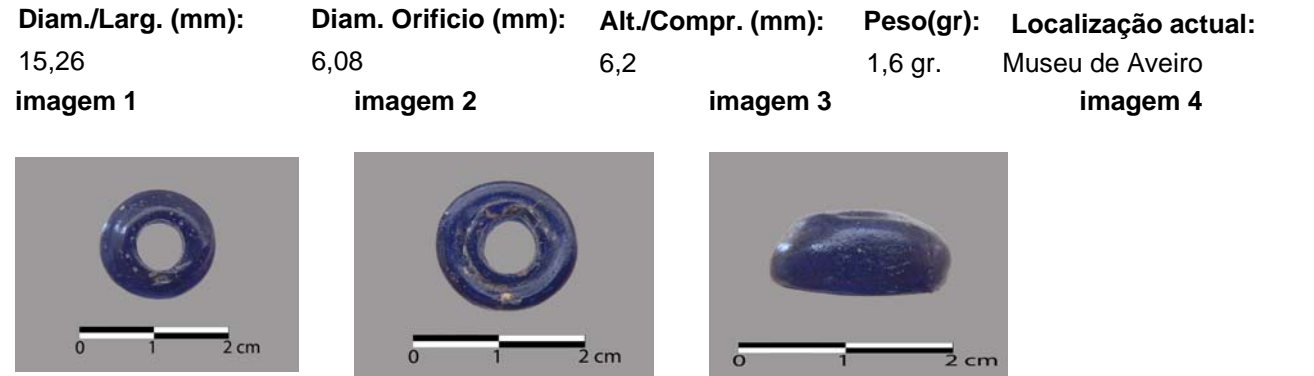
Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 138

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

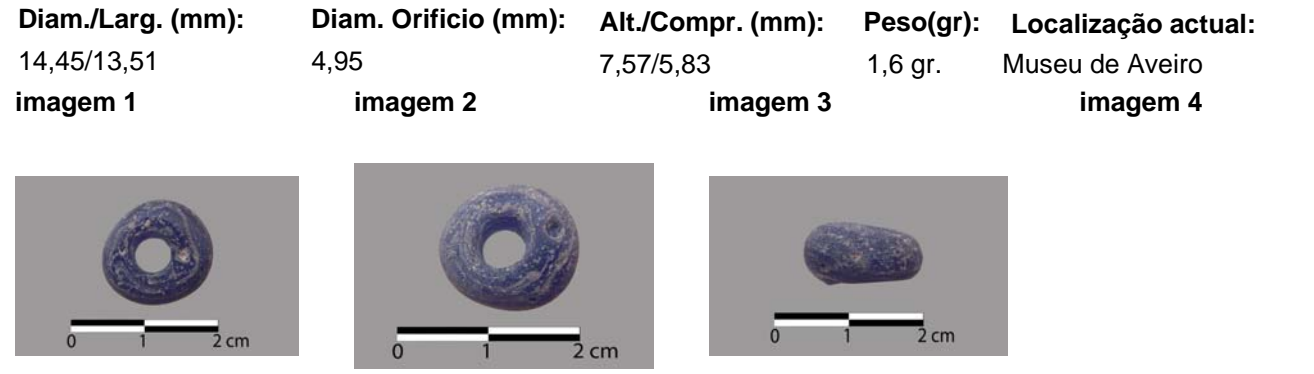
Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 139

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul (?)

Diam./Larg. (mm): 13,14

Diam. Orifício (mm): 6,53

Alt./Compr. (mm): 6,99/5,47

Peso(gr): 1,1 gr.

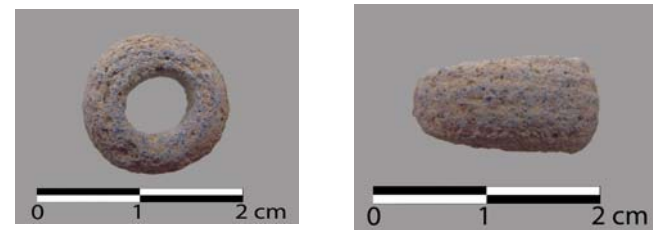
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro (?) azul opaca . Apresenta tonalidades amarelas que parecem resultar da degradação da cor

Nº inventário: 140

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,11

Diam. Orifício (mm): 6,14

Alt./Compr. (mm): 5,5

Peso(gr): 0,8 gr.

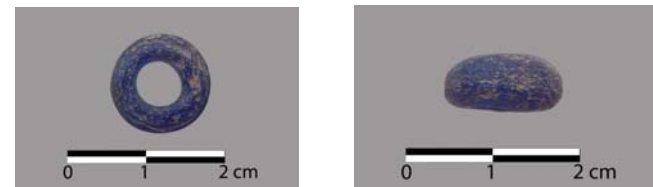
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 141

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,94

Diam. Orifício (mm): 5,84

Alt./Compr. (mm): 8,67/6,21

Peso(gr): 1,4 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro opaco.

Nº inventário: 142

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,57

Diam. Orifício (mm): 6,18

Alt./Compr. (mm): 9,44/6,66

Peso(gr): 1,8 gr.

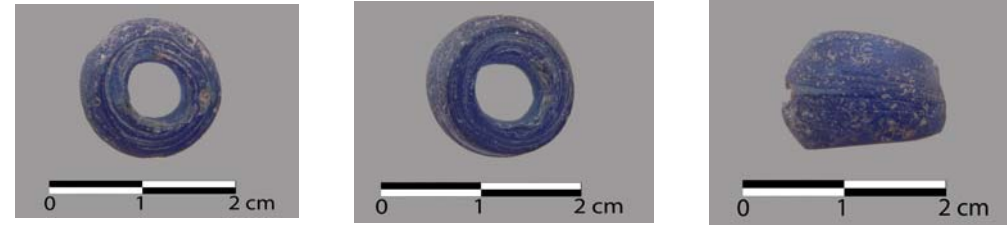
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro.

Nº inventário: 143

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,6

Diam. Orifício (mm): 5,52

Alt./Compr. (mm): 10,53/8,92

Peso(gr): 2,5 gr.

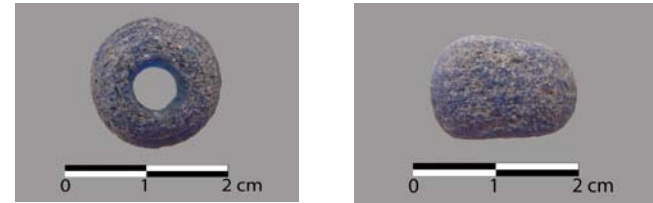
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 144

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 12,14

Diam. Orifício (mm): 5,98

Alt./Compr. (mm): 6,51/5,47

Peso(gr): 0,8 gr.

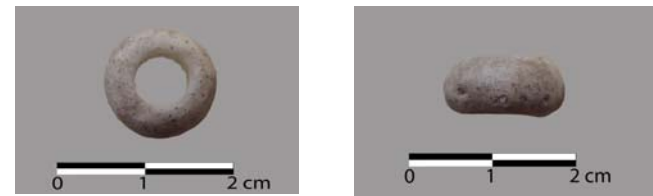
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro branco opaco.

Nº inventário: 145

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,35

Diam. Orifício (mm): 4,53

Alt./Compr. (mm): 5,71/4,7

Peso(gr): 0,8 gr.

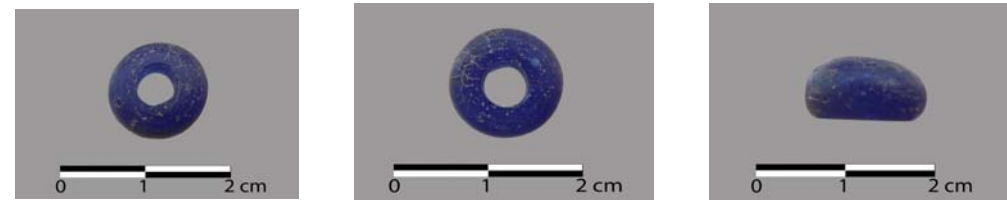
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 146

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,19

Diam. Orifício (mm): 4,91

Alt./Compr. (mm): 6,67/5,87

Peso(gr): 1,2 gr.

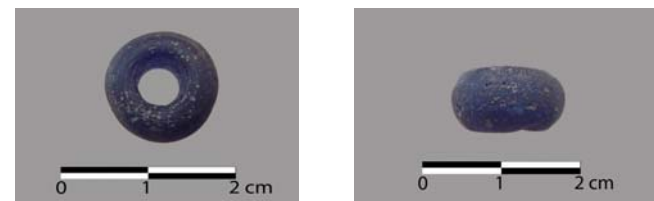
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 147

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: verde amarelado

Diam./Larg. (mm): 11,39

Diam. Orifício (mm): 4,39

Alt./Compr. (mm): 6,05

Peso(gr): 0,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro verde amarelado, translúcido. Ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 148

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,83

Diam. Orifício (mm): 5,11

Alt./Compr. (mm): 7,57/7,18

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro azul escuro opaco.

Nº inventário: 149

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,54/12,68

Diam. Orifício (mm): 5,8

Alt./Compr. (mm): 8,15

Peso(gr): 1,7 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro azul escuro quase opaco. É algo irregular.

Nº inventário: 150

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15

Diam. Orifício (mm): 5,83

Alt./Compr. (mm): 8,61/7,47

Peso(gr): 2,3 gr.

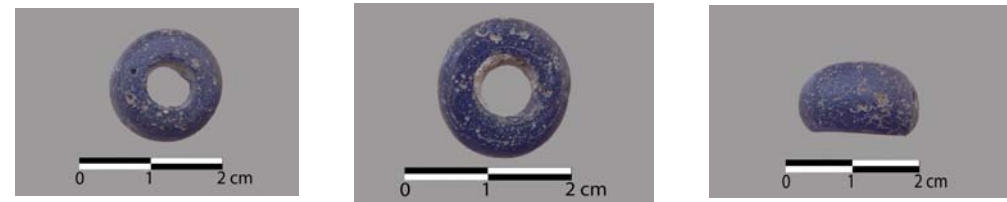
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-transparente.

Nº inventário: 151

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 17,77/14,6

imagem 1



Diam. Orifício (mm): 6,49/4,62

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 11,42/7,44


imagem 3



Peso(gr): 3,5 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro castanho avermelhado opaco. É muito irregular e apresenta fissuras na superfície.

Nº inventário: 152

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)


Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

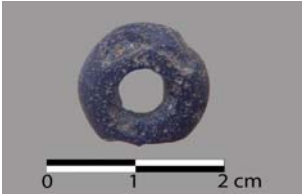
Diam./Larg. (mm): 13,62

imagem 1




Diam. Orifício (mm): 5,25

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 8,79/6,34

imagem 3



Peso(gr): 1,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 4

Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 153

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular (?) defeituosa

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm): 17,08/15,65

imagem 1

Diam. Orifício (mm): 6,35

imagem 2

Alt./Compr. (mm): 7,52/5,16

imagem 3

Peso(gr): 1,5 gr.

imagem 4

Localização actual: Museu de Aveiro



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul opaco. É muito irregular e apresnta a superfície muito deteriorada.

Nº inventário: 154

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: policromo

Cores: preto e vermelho

Diam./Larg. (mm): 13,36

imagem 1

Diam. Orifício (mm): 5,69

imagem 2

Alt./Compr. (mm): 7,13/6,11

imagem 3

Peso(gr): 1,2 gr.

imagem 4

Localização actual: Museu de Aveiro



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro preto opaco, aparentemente decorada por linha a vermelho em espiral.

Nº inventário: 155

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,4

Diam. Orifício (mm): 5,85

Alt./Compr. (mm): 6,92/5,55

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 156

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,61

Diam. Orifício (mm): 5,85

Alt./Compr. (mm): 6,05

Peso(gr): 1,1 gr.

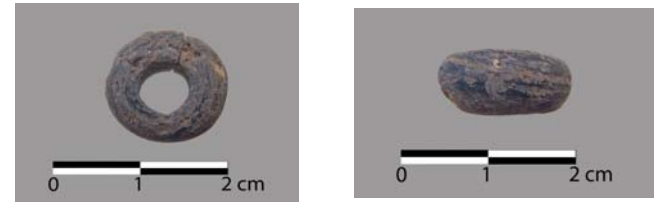
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 157

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 11,22

Diam. Orifício (mm): 4,51

Alt./Compr. (mm): 7,13/6,46

Peso(gr): 1,1 gr.

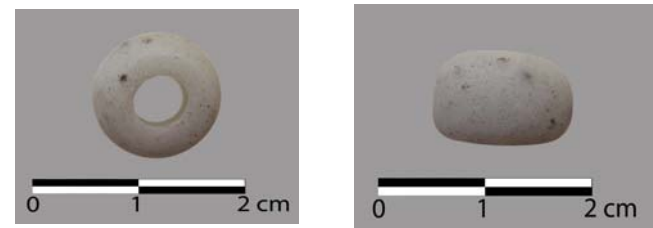
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro branco opaco.

Nº inventário: 158

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 13,53

Diam. Orifício (mm): 5,59

Alt./Compr. (mm): 8,37/7,45

Peso(gr): 1,7 gr.

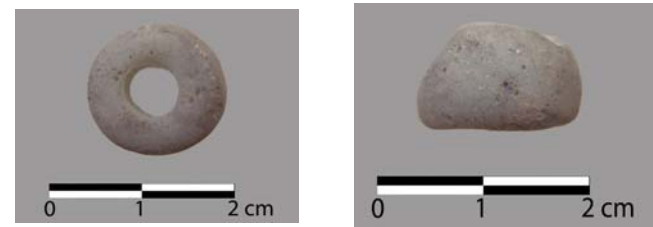
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro branco opaco.

Nº inventário: 159

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

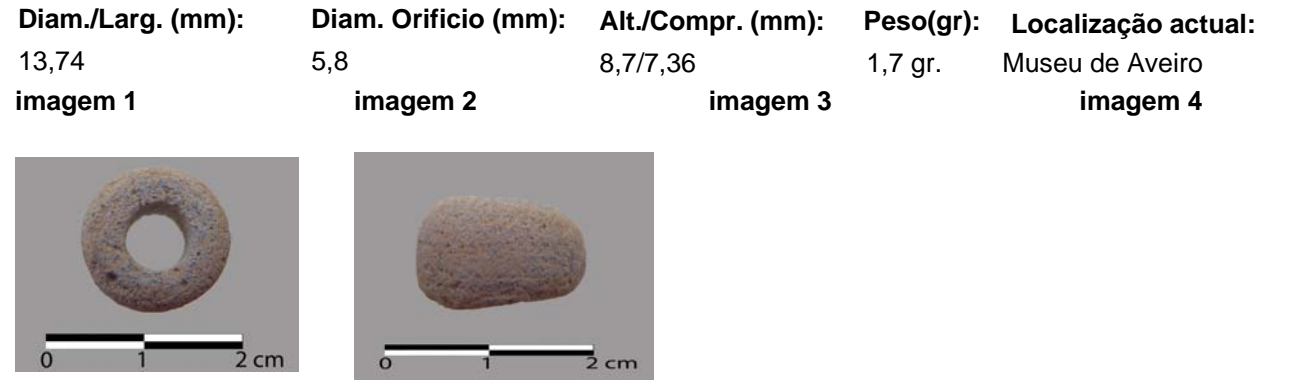
Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul



Nº inventário: 161

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,74

Diam. Orifício (mm): 6,9

Alt./Compr. (mm): 6,32/4,38

Peso(gr): 0,8 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 162

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,55

Diam. Orifício (mm): 5,98

Alt./Compr. (mm): 6/5,5

Peso(gr): 1.gr.

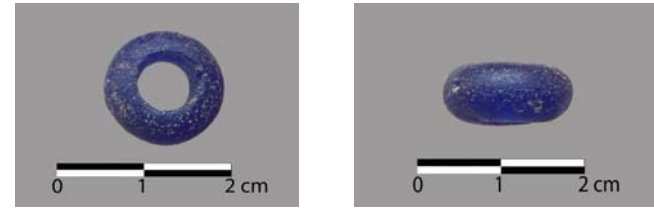
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 163

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,39

Diam. Orifício (mm): 3,81

Alt./Compr. (mm): 6,94

Peso(gr): 1,4 gr.

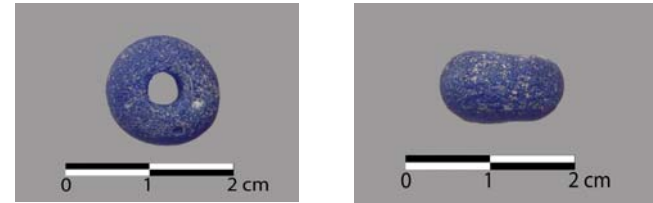
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 164

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,55

Diam. Orifício (mm): 4,57

Alt./Compr. (mm): 6,57

Peso(gr): 1.gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 165

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica (?) curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,3

Diam. Orifício (mm): 4,79

Alt./Compr. (mm): 7,7/6,33

Peso(gr): 1,3 gr.

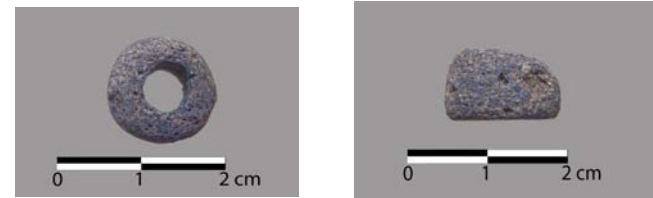
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro azul escuro opaco.

Nº inventário: 166

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: defeituosa

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,27

Diam. Orifício (mm): 5,72

Alt./Compr. (mm): 7,41

Peso(gr): 1,8 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar em vidro azul escuro. Encontra-se algo fragmentada e é muito defeituosa.

Nº inventário: 167

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: preto(?)

Diam./Larg. (mm): 14,48/13,67

Diam. Orifício (mm): 5,38

Alt./Compr. (mm): 9,94/7,85

Peso(gr): 2,4 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro preto opaco.

Nº inventário: 168

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 13,26/11,01

Diam. Orifício (mm): 4,66

Alt./Compr. (mm): 7,4

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro branco opaco.

Nº inventário: 169

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,6

Diam. Orifício (mm): 5,6

Alt./Compr. (mm): 6,93

Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 170

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,8

Diam. Orifício (mm): 5,05

Alt./Compr. (mm): 7,85/5,6

Peso(gr): 0,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 171

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,31

Diam. Orifício (mm): 4,83

Alt./Compr. (mm): 9,19/7,37

Peso(gr): 1,2 gr.

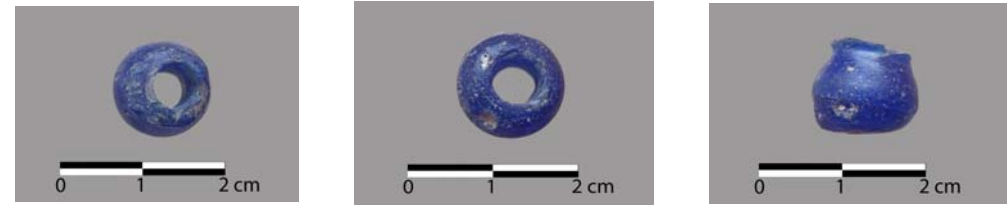
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro azul escuro semi-translúcido

Nº inventário: 172

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: policromo

Cores: preto e vermelho

Diam./Larg. (mm): 13,28

Diam. Orifício (mm): 4,98

Alt./Compr. (mm): 8,54/7,19

Peso(gr): 1,9 gr.

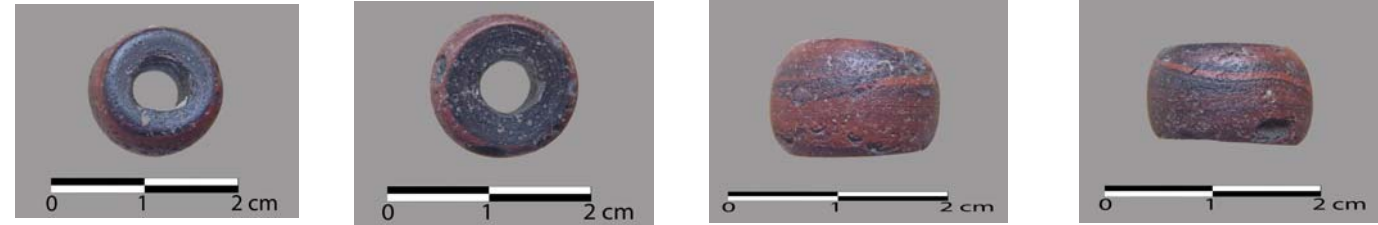
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta em vidro preto e castanho avermelhado opaco.

Nº inventário: 173

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,29

Diam. Orifício (mm): 4,76

Alt./Compr. (mm): 8,59/7,76

Peso(gr): 1,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 174

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,4/14,32

Diam. Orifício (mm): 6,17

Alt./Compr. (mm): 7,44/6,19

Peso(gr): 2.gr.

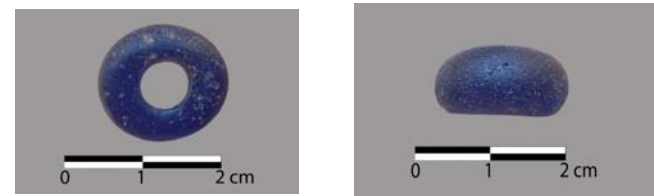
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 362

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15,01/13,08

Diam. Orifício (mm): 5,79/3,76

Alt./Compr. (mm): 8,44

Peso(gr): 2,1 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido. É algo defeituosa apresentando formato oblongo.

Nº inventário: 175

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,64/13,68

Diam. Orifício (mm): 5,02

Alt./Compr. (mm): 9,68/8,49

Peso(gr): 2,2 gr.

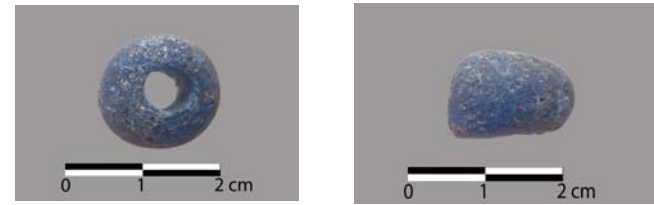
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de azul escuro, semi-translúcido.

Nº inventário: 176

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,3

Diam. Orifício (mm): 6,5

Alt./Compr. (mm): 5,13

Peso(gr): 0,7 gr.

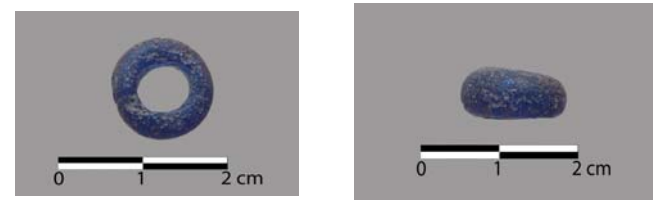
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido. Apresenta uma falha devido a fractura.

Nº inventário: 177

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: preto(?)

Diam./Larg. (mm): 11,62

Diam. Orifício (mm): 5,18

Alt./Compr. (mm): 6,16/5,12

Peso(gr): 0,7 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro preto opaco.

Nº inventário: 179

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,05

Diam. Orifício (mm): 4,17

Alt./Compr. (mm): 6,08/4,88

Peso(gr): 0,8 gr.

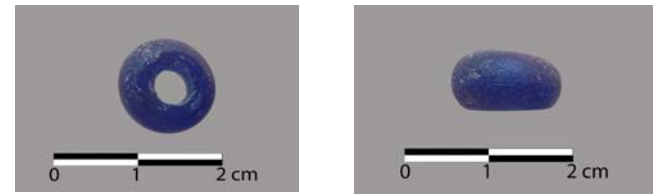
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro sem-translúcido.

Nº inventário: 180

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,35

Diam. Orifício (mm): 4,24

Alt./Compr. (mm): 6,72/5,71

Peso(gr): 0,9 gr.

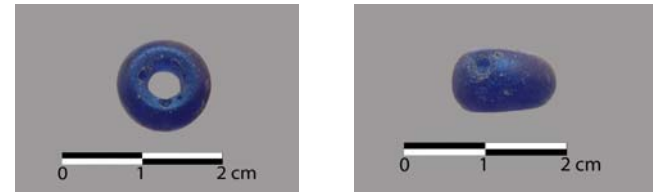
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 181

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,5

Diam. Orifício (mm): 4,64

Alt./Compr. (mm): 7,5/6,72

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul muito escuro quase opaco.

Nº inventário: 182

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm): 12,55

Diam. Orifício (mm): 5,6

Alt./Compr. (mm): 7,31/5,39

Peso(gr): 0,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro (?) de cor azul. Apresenta relexos amarelos que pensanos serem provocados pela degradação da cor.

Nº inventário: 183

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: preto

Diam./Larg. (mm): 12,98

Diam. Orifício (mm): 6

Alt./Compr. (mm): 7,21/5,8

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro preta opaco.

Nº inventário: 184

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,3

Diam. Orifício (mm): 5,18

Alt./Compr. (mm): 7,58/6,22

Peso(gr): 1,2 gr.

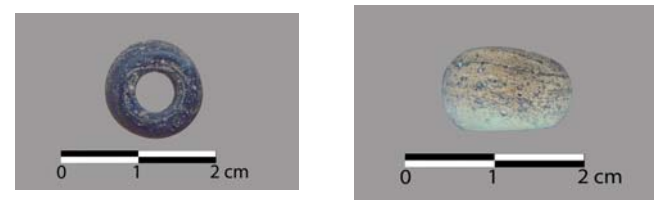
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul muito escuro quase opaco

Nº inventário: 185

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 9,48

Diam. Orifício (mm): 5,47

Alt./Compr. (mm): 5,21

Peso(gr): 0,3 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro castanho translúcido.

Nº inventário: 186

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 11,5

Diam. Orifício (mm): 3,69

Alt./Compr. (mm): 7,75/5,24

Peso(gr): 1.gr.

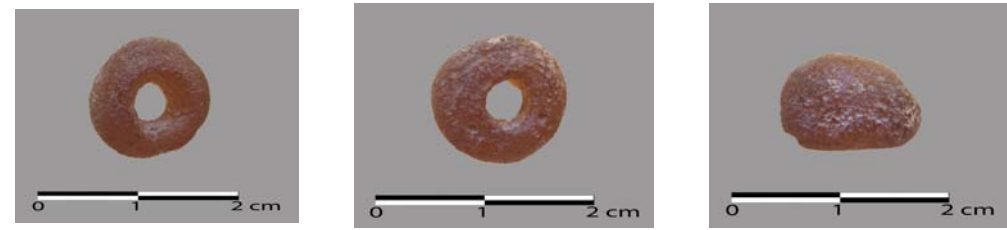
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro castanho translúcido.

Nº inventário: 187

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,05

Diam. Orifício (mm): 6,16

Alt./Compr. (mm): 6,91

Peso(gr): 1,2 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul muito escuro quase opaco.

Nº inventário: 188

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 12,72

Diam. Orifício (mm): 3,63

Alt./Compr. (mm): 6,07

Peso(gr): 1.gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro branco opaco.

Nº inventário: 189

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,47

Diam. Orifício (mm): 4,73

Alt./Compr. (mm): 6,73/4,9

Peso(gr): 0,9 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 190

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,78

Diam. Orifício (mm): 4,29

Alt./Compr. (mm): 6,98/4,72

Peso(gr): 0,8 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 191

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,98

Diam. Orifício (mm): 5,13

Alt./Compr. (mm): 8,1

Peso(gr): 1,6 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas em vidro azul muito escuro quase opaco.

Nº inventário: 192

Sítio: Vale da Malhada

Distrito: Aveiro

código adm. 01.17.05

Concelho: Sever do Vouga

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: policromo

Cores: azul escuro(ou preto) e castanho

Diam./Larg. (mm): 12,99

Diam. Orifício (mm): 6,25

Alt./Compr. (mm): 6,87/5,78

Peso(gr): 1.gr.

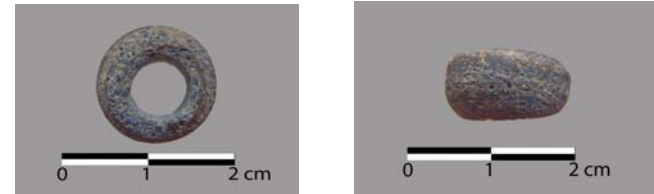
Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul muito escuro ou preto com linhas ténues de cor castanho avermelhado.

Nº inventário: 193

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: policromo

Cores: preto/branco

Diam./Larg. (mm):
12,67

Diam. Orifício (mm):
5,99

Alt./Compr. (mm):
7,55/6,13

Peso(gr):
1,4 gr.





Localização actual:
Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta em vidro preto, decorada com uma banda horizontal de pasta de vidro branca.

Nº inventário: 194

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: preto

Diam./Larg. (mm):
12,39

Diam. Orifício (mm):
5,62

Alt./Compr. (mm):
7,41/6,4

Peso(gr):
1,2 gr.




Localização actual:
Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro preto opaco.

Nº inventário: 195

código adm. 01.17.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Vale da Malhada

Concelho: Sever do Vouga

Distrito: Aveiro

Freguesia: Rocas do Vouga (Lugar Vila Seca)

Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S.(1988)

Tipologia: sub-cilíndrica (?) curta

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 14,49

Diam. Orifício (mm): 5,25

Alt./Compr. (mm): 10,25/7,17

Peso(gr): 2,1 gr.

Localização actual: Museu de Aveiro

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica (?) curta c/ extremidades convexas. em vidro branco opaco. Apresenta um formato muito irregular.

Nº inventário: 196

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: gomada

Cromatismo: policromo

Cores: azul cobalto/branco

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 7,92

Peso(gr): 0,2 gr.

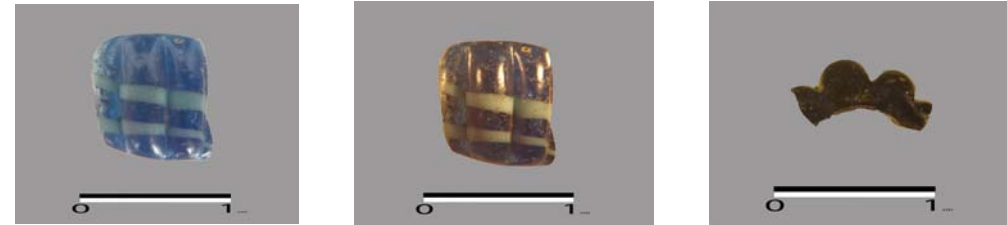
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
c. de 1/3 de conta de colar gomada, em vidro de cor azul cobalto, decorada com duas linhas horizontais e paralelas em vidro branco ou azul claro.

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Barcelos

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Cromatismo:
polícromo

Cores:
azul
turquesa/branco/azul
cobalto

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3.98

5.71

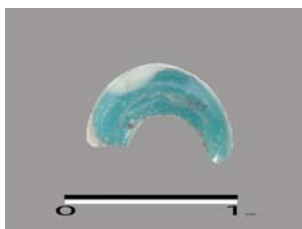
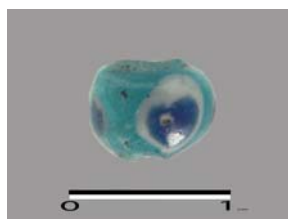
0,1 gr.

Museu de Olaria

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

1/2 conta de colar globular, oculada, em vidro azul turquesa. Pupila azul cobalto, em forma de coração, envolvida por anel de cor branca. São visíveis 3 óculos.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Barcelos

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Cromatismo:
monocromático

Cores:
preto

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(qr):

Localização actual:

2.5

9.94

1.5 gr.

Museu de Olaria

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

c. de 3/4 de conta de colarglobular, de secção semi-circular, em vidro preto opaco.

Nº inventário: 201

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 4,76

Diam. Orifício (mm): 2,29

Alt./Compr. (mm): 2,63

Peso(gr): ?

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 202

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,83

Diam. Orifício (mm): 5,12

Alt./Compr. (mm): 8,45

Peso(gr): 2,3 gr

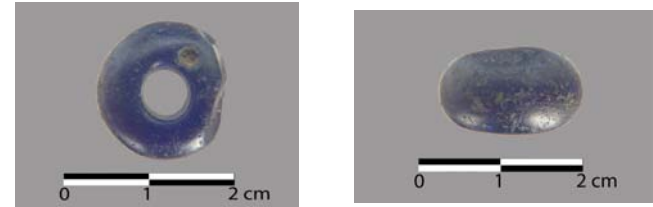
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 203

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,35

Diam. Orifício (mm): 5,36

Alt./Compr. (mm): 5,87/5,54

Peso(gr): 0,9 gr

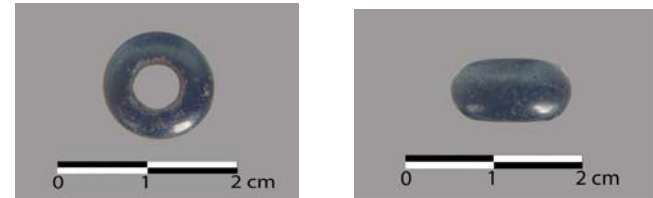
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 204

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,57

Diam. Orifício (mm): 3,19/3,58

Alt./Compr. (mm): 9

Peso(gr): 1,3 gr

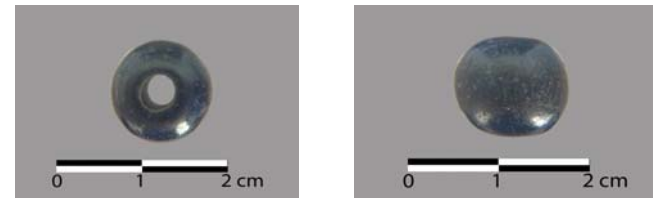
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 205

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,77

Diam. Orifício (mm): 2,9

Alt./Compr. (mm): 7,09/6,09

Peso(gr): 0,5 gr

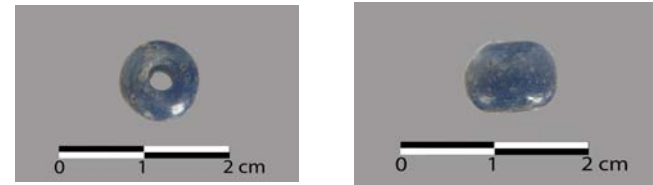
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 206

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,84

Diam. Orifício (mm): 2,8

Alt./Compr. (mm): 6,94/6,5

Peso(gr): 0,7 gr

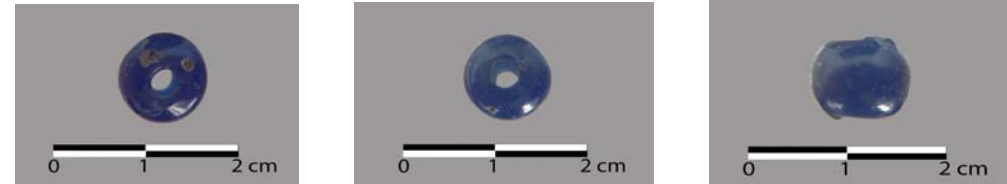
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 207

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: cilíndrica alongada

Cromatismo: monocromático

Cores: verde

Diam./Larg. (mm): 3,35

Diam. Orifício (mm): 2,01

Alt./Compr. (mm): 6,31

Peso(gr): - 0,1 gr

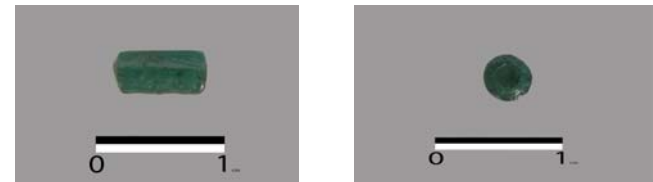
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cilíndrica alongada, em vidro de cor verde translúcido.

Nº inventário: 208

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: cilíndrica alongada

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 3,45

Diam. Orifício (mm): 2

Alt./Compr. (mm): 12,58

Peso(gr): 0,2 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar tubular/cilíndrica alongada, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 209

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 9,8

Diam. Orifício (mm): 3,43

Alt./Compr. (mm): 7,8/7,2

Peso(gr): 0,9 gr

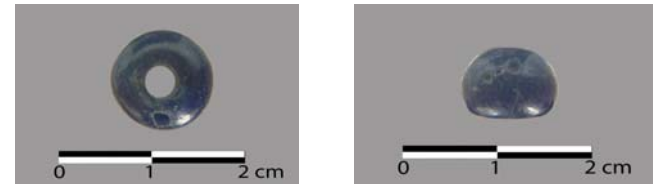
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 210

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,96

Diam. Orifício (mm): 3,03

Alt./Compr. (mm): 6,5

Peso(gr): 0,6 gr

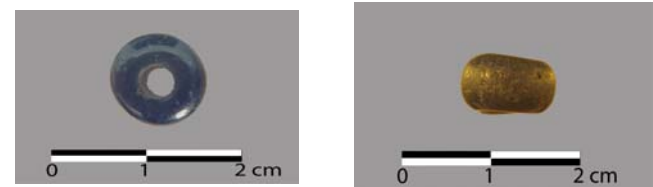
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 211

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 9,83

Diam. Orifício (mm): 3,25

Alt./Compr. (mm): 6,18/5,35

Peso(gr): 0,7 gr

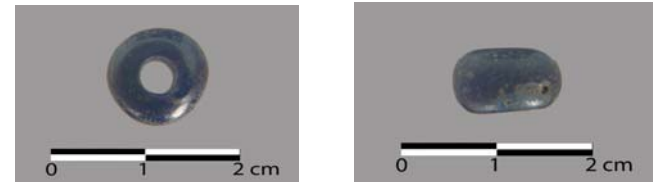
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 212

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,17

Diam. Orifício (mm): 2,73

Alt./Compr. (mm): 7,18/6,59

Peso(gr): 0,6 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 213

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 9,28

Diam. Orifício (mm): 3,86

Alt./Compr. (mm): 7,17/6

Peso(gr): 0,6 gr

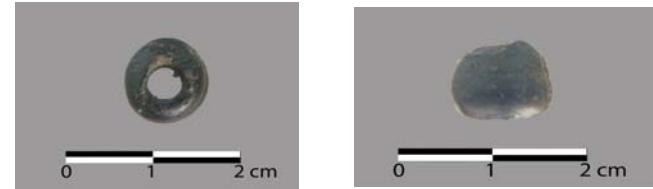
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 214

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,98

Diam. Orifício (mm): 5,72

Alt./Compr. (mm): 8,7/7,3

Peso(gr): 0,7 gr

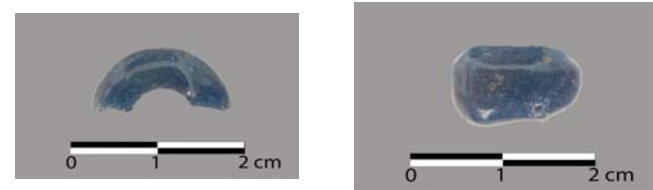
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
1/2 conta de colar oblata em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 215

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)


Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: amarelo


Diam./Larg. (mm): 9,8

imagem 1




Diam. Orifício (mm): 5

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 6,79/4,54


imagem 3



Peso(gr): 0,3 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 4



Descrição:
2 fragmentos de conta de colar anular, em vidro amarelo opaco. Os fragmentos não colam.

Nº inventário: 216

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

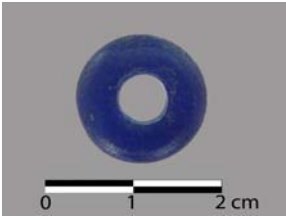
Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro


Diam./Larg. (mm): 13,46

imagem 1



Diam. Orifício (mm): 5

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 7,27

imagem 3

Peso(gr): 1,7 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 4

Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 217

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,14

Diam. Orifício (mm): 5,37

Alt./Compr. (mm): 5,65/5,05

Peso(gr): 0,8 gr

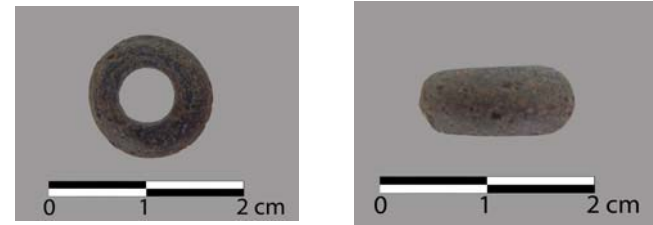
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto quase opaco. A superfície encontra-se muito erodida.

Nº inventário: 218

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,39

Diam. Orifício (mm): 6,86

Alt./Compr. (mm): 6,13/5,12

Peso(gr): 0,7 gr

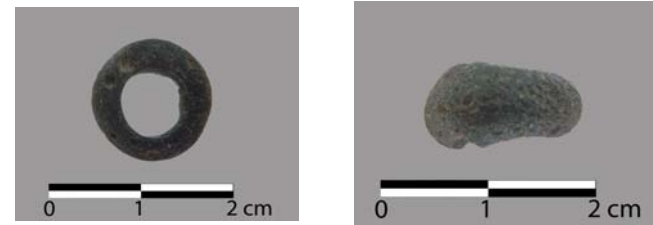
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco. A superfície encontra-se muito erodida tornando difícil discernir a cor.

Nº inventário: 219

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,6

Diam. Orifício (mm): 5,23

Alt./Compr. (mm): 8,05/5,46

Peso(gr): 1,5 gr

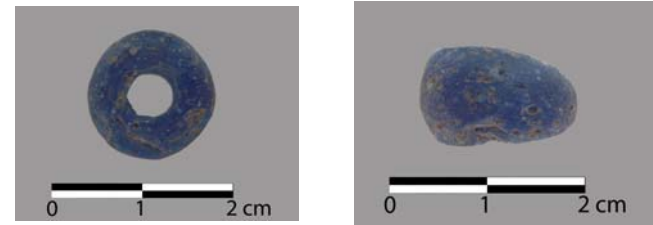
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 220

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,68

Diam. Orifício (mm): 5,85

Alt./Compr. (mm): 6,7/5,46

Peso(gr): 0,8 gr

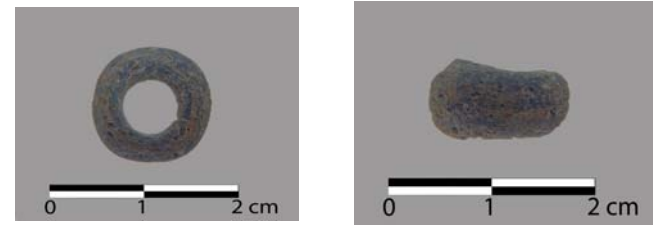
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto quase opaco. A superfície encontra-se muito erodida.

Nº inventário: 221

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Tipologia:

oblata

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Diam./Larg. (mm):

11,81

imagem 1

Diam. Orifício (mm):

4,7

imagem 2

Alt./Compr. (mm):

6,07/5,46

imagem 3

Peso(gr):

1.gr

Localização actual:

Museu de Olaria

imagem 4

Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 222

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Tipologia:

cupiforme curta

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Diam./Larg. (mm):

10,79

imagem 1

Diam. Orifício (mm):

5,4

imagem 2

Alt./Compr. (mm):

6,48/5,42

imagem 3

Peso(gr):

0,9 gr

Localização actual:

Museu de Olaria

imagem 4

Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 223

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,71

Diam. Orifício (mm): 6,42

Alt./Compr. (mm): 6,73/5,8

Peso(gr): 1,3 gr

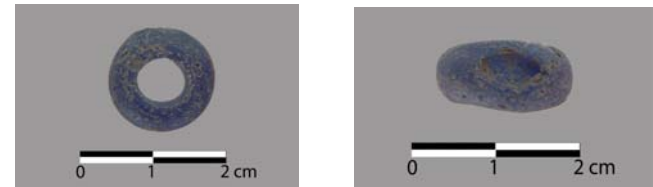
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 224

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,8

Diam. Orifício (mm): 6,3

Alt./Compr. (mm): 5,8

Peso(gr): 0,8 gr

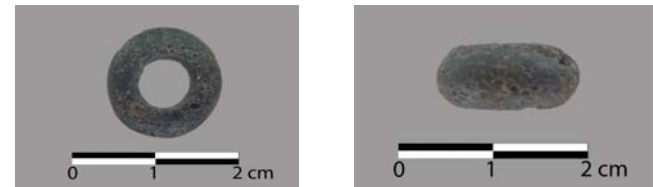
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto quase opaco. A superfície encontra-se muito erodida.

Nº inventário: 225

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,03

Diam. Orifício (mm): 5,55

Alt./Compr. (mm): 9,33/6,8

Peso(gr): 1,6 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 226

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,6

Diam. Orifício (mm): 5,73

Alt./Compr. (mm): 6,49

Peso(gr): 1,1 gr

Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. A superfície encontra-se bastante erodida.

Nº inventário: 227

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,84

Diam. Orifício (mm): 5,62

Alt./Compr. (mm): 6,89

Peso(gr): 0,9 gr

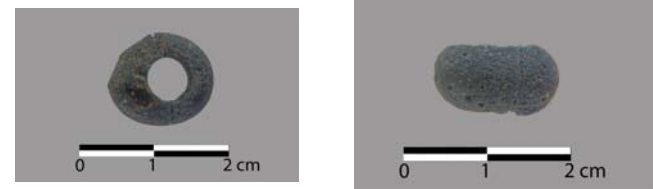
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto quase opaco. Superfície bastante erodida e ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 228

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,51

Diam. Orifício (mm): 6,36

Alt./Compr. (mm): 5,07/4,63

Peso(gr): 0,8 gr

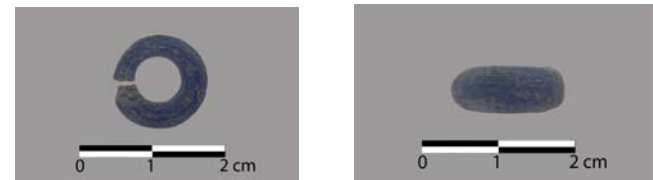
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. A superfície encontra-se erisada.

Nº inventário: 229

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,54

Diam. Orifício (mm): 5,52

Alt./Compr. (mm): 7,18/5,34

Peso(gr): 1,4 gr

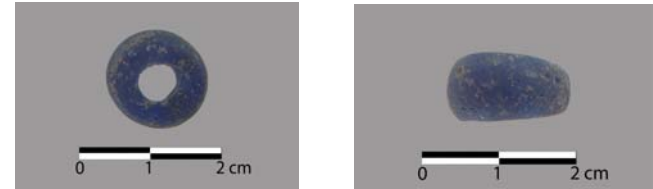
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. A superfície encontra-se erodida.

Nº inventário: 230

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,88

Diam. Orifício (mm): 5,21

Alt./Compr. (mm): 7,29/5,82

Peso(gr): 1,2 gr

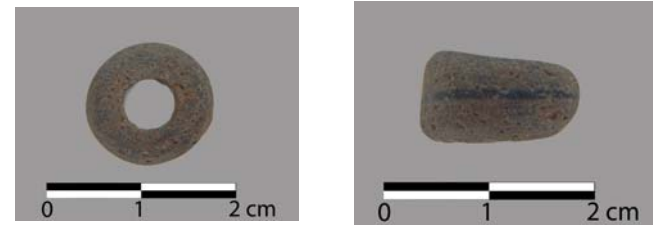
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul escuro (?) opaco. A superfície encontra-se bastante erisada.

Nº inventário: 231

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,87

Diam. Orifício (mm): 4,86

Alt./Compr. (mm): 6,69/5,22

Peso(gr): 0,8 gr

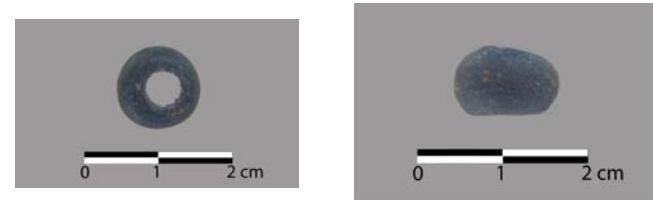
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. A superfície encontra-se erodida.

Nº inventário: 232

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 12,63

Diam. Orifício (mm): 5,64

Alt./Compr. (mm): 8,25/6,05

Peso(gr): 0,9 gr

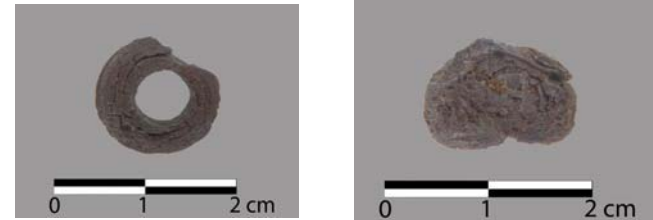
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro castanho opaco. É difícil discernir a cor. Encontra-se ligeiramente fragmentada. Superfície muito fissurada.

Nº inventário: 233

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Tipologia:

anular (?)

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Diam./Larg. (mm):

15,03

imagem 1

Diam. Orifício (mm):

6,54

imagem 2

Alt./Compr. (mm):

7,47/6,46

imagem 3

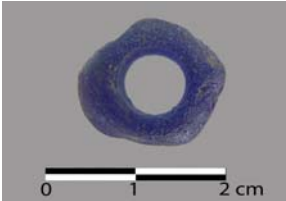
Peso(gr):


1,4 gr

Localização actual:

Museu de Olaria

imagem 4





Descrição:

Conta de colar anular em vidro azul cobalto semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada o que lhe confere um aspecto muito irregular.

Nº inventário: 234

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Tipologia:

cupiforme curta

Cromatismo:

monocromático

Cores:

azul escuro

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Diam./Larg. (mm):

15

imagem 1

Diam. Orifício (mm):

5,78

imagem 2

Alt./Compr. (mm):

9

imagem 3

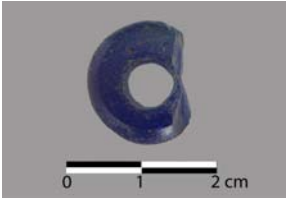
Peso(gr):


2.gr

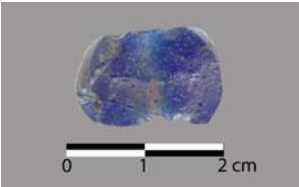
Localização actual:

Museu de Olaria

imagem 4







Descrição:

Conta de colar cupiforme curta, em vidro de cor azul cobalto translúcido. Ligeiramente fragmentada faltando c. de 1/5 da peça.

Nº inventário: 235

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 12,19

Diam. Orifício (mm): 5,24

Alt./Compr. (mm): 7/6,3

Peso(gr): 0,8 gr

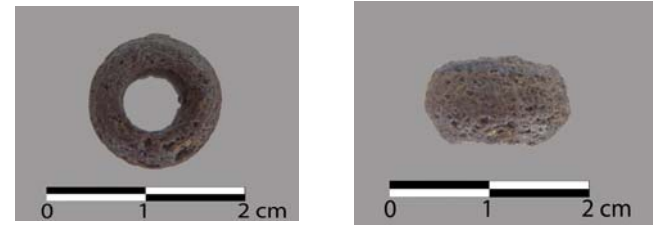
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular em vidro castanho (?) opaco.

Nº inventário: 236

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata (?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,79

Diam. Orifício (mm): 5,69

Alt./Compr. (mm): 6,92/4,39

Peso(gr): 1,2 gr

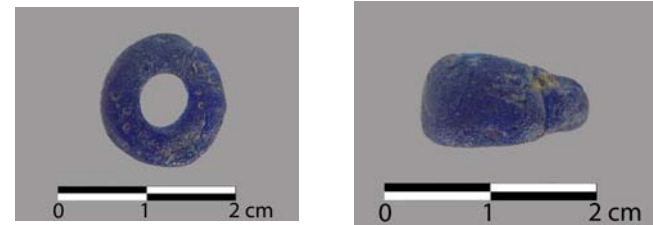
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Defeituosa.

Nº inventário: 237

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm): 12,47

Diam. Orifício (mm): 7,4

Alt./Compr. (mm): 4,64

Peso(gr): 0,6 gr

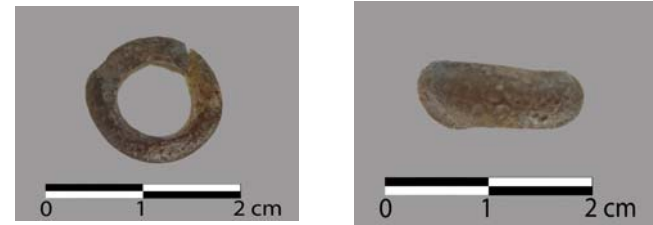
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro castanho amarelado. Encontra-se bastante erodida.

Nº inventário: 238

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,07

Diam. Orifício (mm): 6,1

Alt./Compr. (mm): 5,49/4,13

Peso(gr): 0,5 gr

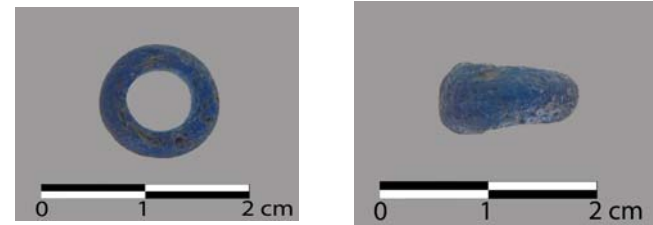
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 239

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14,44

Diam. Orifício (mm): 6,47

Alt./Compr. (mm): 7,04/5,47

Peso(gr): 1,3 gr

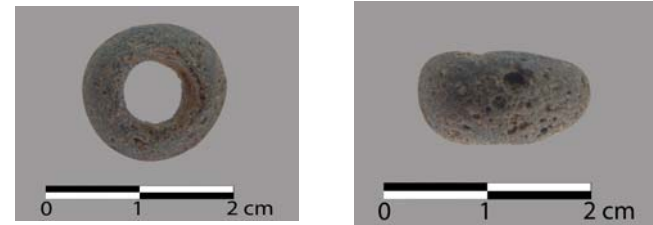
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro de cor azul escuro (?). Encontra-se muito erodida mas a cor parece ser a indicada.

Nº inventário: 240

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,62

Diam. Orifício (mm): 4,9

Alt./Compr. (mm): 4,95/5,57

Peso(gr): 1.gr

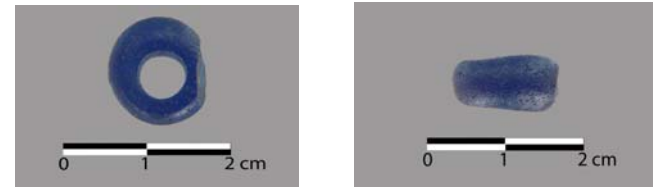
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada .

Nº inventário: 241

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho (?)

Diam./Larg. (mm): 12,7

Diam. Orifício (mm): 5,66

Alt./Compr. (mm): 6,3/6,7

Peso(gr): 1,2 gr

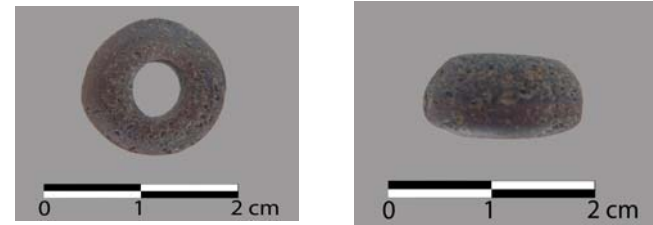
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro castanho (?).

Nº inventário: 242

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,74

Diam. Orifício (mm): 4,6

Alt./Compr. (mm): 5,65

Peso(gr): 0,9 gr

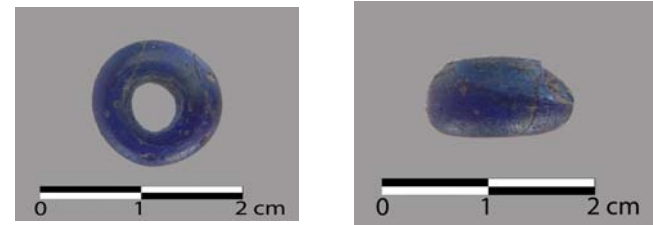
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 243

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro (?)

Diam./Larg. (mm): 10,69

Diam. Orifício (mm): 4,55

Alt./Compr. (mm): 5,66/5,05

Peso(gr): 0,7 gr

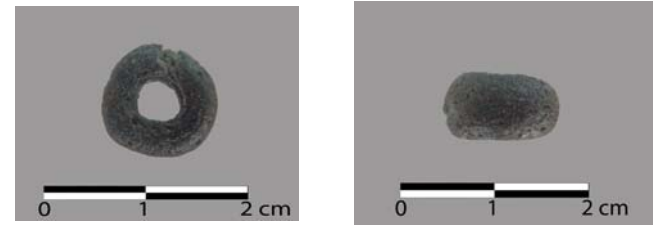
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em pasta vítrea de cor indeterminada (azul escuro ou preto) opaco.

Nº inventário: 244

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 9,58

Diam. Orifício (mm): 4,26

Alt./Compr. (mm): 4,94/3,89

Peso(gr): 0,5 gr

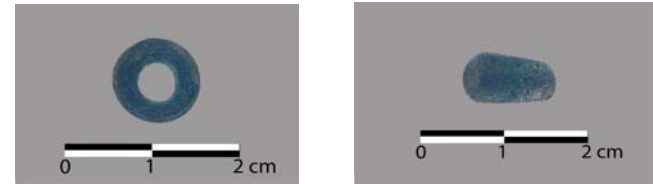
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 245

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: branco(?)

Diam./Larg. (mm): 10,2

Diam. Orifício (mm): 5,57

Alt./Compr. (mm): 4,5/4,19

Peso(gr): 0,4 gr

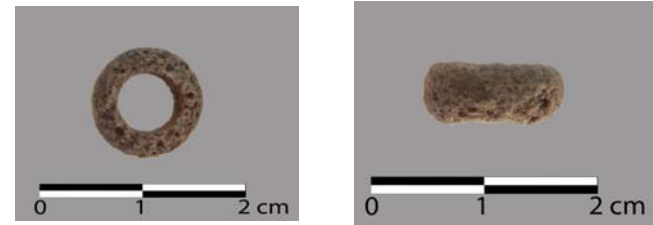
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro branco opaco com superfície muito irregular.

Nº inventário: 246

código adm. 03.02.37

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo de Faria

Concelho: Barcelos

Distrito: Braga

Freguesia: Gilmonde

Bibliografia: ALMEIDA, C.A.B. de (1997)

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 12,33

Diam. Orifício (mm): 4,95

Alt./Compr. (mm): 7,5/6,2

Peso(gr): 1,2 gr

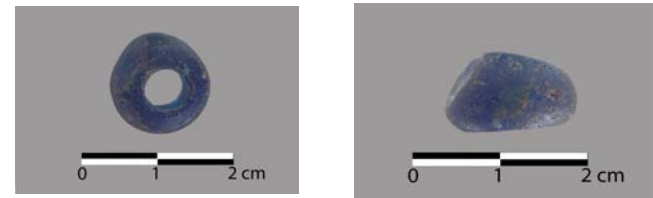
Localização actual: Museu de Olaria

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



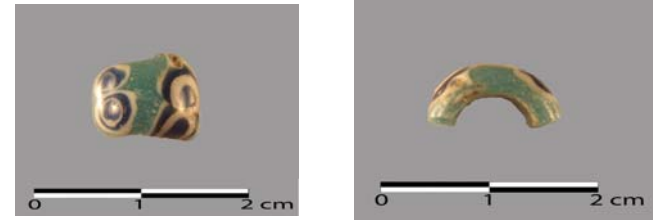
Descrição:
Conta de colar oblata, irregular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Ligeiramente fragmentada.

| | | | | | | |
|--|------------------------------------|--|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 247 | | código adm. 03.03.01 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Bronze Final - séc. XI-IX a.C. | |
| Sítio: Povoado da Santinha | | | Concelho: Amares | | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: Amares | | Bibliografia: BETTENCOURT, A.M.S. (2001) p.51 e Est. XLI:2 | | |
| Tipologia: oblata-oculada tipo “glass crumb bead” | Cromatismo: polícromo | Cores: preto/branco/azul claro/amarelo/vermelh o | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 15,03/13,48 | Diam. Orifício (mm): 4,5 | Alt./Compr. (mm): 8,47/10,02 | Peso(gr): 2,2 gr | Localização actual: Museu D. Diogo de Sousa | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:
 Conta oblata, oculada, em vidro preto com decoração oculada de cor azul claro, amarelo, branco e vermelho escuro.

| | | | | | | |
|---|--|-------------------------------------|--|----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 248 | | código adm. 03.03.24 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro - séc. II a.C. | |
| Sítio: Balneário Castrejo (Est. C.P.) | | | Concelho: Braga | | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: Maximinos | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: sub-cilíndrica curta- oculada | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul claro, azul escuro e branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,85 | | Diam. Orifício (mm): 5,76 | Alt./Compr. (mm): 8,15/6,82 | Peso(gr): 0,4 gr | Localização actual: Museu D. Diogo de Sousa | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



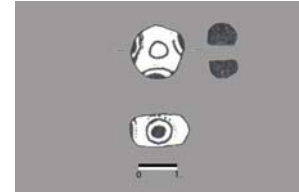
Descrição:
 1/2 conta sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, oculada (4 óculos), em vidro azul turquesa com pupila azul escuro envolvida por três anéis (branco/azul/branco).

| | | | | | | |
|---------------------------------------|--|------------------------------|---|---------------------|--|--|
| Nº inventário: 249 | | código adm. 03.03.24 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Moderno-século XVII | |
| Sítio: Balneário Castrejo (Est. C.P.) | | | Concelho: Braga | | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: Maximinos | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: esférica | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul escuro, branco e castanho | | | |
| Diam./Larg. (mm): 6,93 | | Diam. Orifício (mm): 1,56 | Alt./Compr. (mm): 7 | Peso(gr): 0,5 gr | Localização actual: Museu D. Diogo de Sousa | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |
| | | | | imagem 4 | | |



Descrição:
Conta esférica tipo “Chevron” em vidro azul, decorada junto ao orifício em ambas as extremidades c/ estrela a branco e castanho.

| | | | | | | | |
|--------------------------------|--|------------------------------|--|------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 250 | | código adm. 03.03.44 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro das Eiras Velhas | | | | Concelho: Braga | | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: S. Mamede de Este | | | | Bibliografia: Dinis, A. P. (1993) - Pag. 40, Est. XIII, 1 | |
| Tipologia: oblata-oculada | | Cromatismo: policromo | | Cores: azul escuro/branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | Peso(gr): | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Na posse de A. P. Dinis | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar oculada, oblata, de forma sub-circular,decorada com três “olhos” com fundo branco e ponto central azul escuro.

código adm. 03.06.13 **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano-séc.I a.C./I d.C.

Sítio: Castro Sr. dos Desamparados **Concelho:** Esposende

Freguesia: Palmeira de Faro

Bibliografia:

Cromatismo:

Cores:

monocromático

azul oscuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

5.52

6.63/5.54

C.M. Esposende

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 252 código adm. 03.06.15 Tipo de peça: conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de S. Lourenço **Concelho:** Esposende

Freguesia: Vila Chã

Bibliografia:

Cromatismo:

Cores:

monocromático

azul oscuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4,49

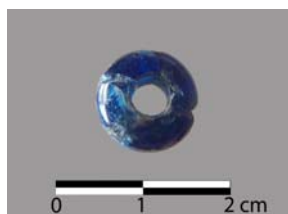
7.61

C.M. Esposende

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto translúcido. A superfície encontra-se um pouco erodida e lascada.

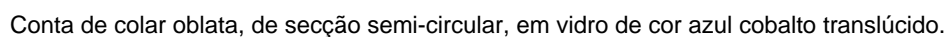
Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

azul oscuro

imagem 4



Cronologia:
Romano tardio-séc. IV d.C.

Romano tardio-séc. IV d.C.

Bibliografia:

```
preto
```

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica, com faces côncavas, em vidro preto opaco.

Cronologia: Romano

Concelho: Esposende

Freguesia: Vila Chã

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
incolor

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

11,75

4,66

8,09

C.M. Esposende

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar globular, em vidro translúcido e incolor.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Esposende

Freguesia: Vila Chã

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

12

4,14

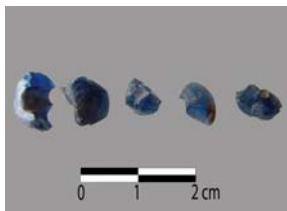
imagem 3

C.M. Esposende

imagem 1

imagem 2

imagem 4



Descrição:

5 fragmentos de conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

imagem 4



Fragmentos de conta de colar em vidro de cor azul cobalto translúcido. Encontra-se muito detruída não possibilitando a reconstituição formal.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

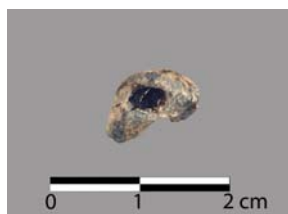
Cores:

azul oscuro

Localização actual:

C.M. Esposende

imagem 4



Fragmentos de conta de colar oblata (?) em vidro azul cobalto translúcido. Encontra-se muito detruída.

Fragmentos de conta de colar oblata (?) em vidro azul cobalto translúcido. Encontra-se muito detruída.

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Esposende

Freguesia: Vila Chã

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

12

13

C.M. Esposende

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:

Conta de colar oblata (?), em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nota: imagem 1 gentilmente cedida pela Dra. Ana Paula Almeida

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Esposende

Freguesia: Vila Chã

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

6

7

C.M. Esposende

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nota: imagem 1 gentilmente cedida pela Dra. Ana Paula Almeida

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Esposende

Bibliografia:

Cores:
amarelo/branco/azul
coblato

Localização actual:

C.M. Esposende

imagem 4

Conta de colar sub-triangular, oculada, em vidro amarelo, com 3 “óculos” formados por um centro azul com três anéis - branco, azul, branco - .
Nota: imagem 1 gentilmente cedida pela Dra. Ana Paula Almeida

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Esposende

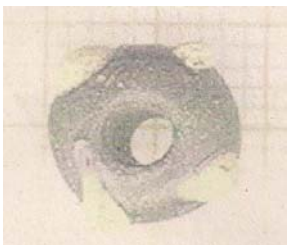
Bibliografia:

Cores:
preto/amarelo

Localização actual:

C.M. Esposende

imagem 4



Conta de colar oblata, policroma, em pasta de vidro de cor preta, com 4 apliques em pasta vítrea amarela.
nota: imagem 1 gentilmente cedida pela Dra. Ana Paula Almeida

nota: imagem 1 gentilmente cedida pela Dra. Ana Paula Almeida

Descrição:

Fragmento de conta de colar cilíndrica curta, com ambas as extremidades convexas, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 293

código adm. 03.08.41

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Briteiros

Concelho: Guimarães

Distrito: Braga

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 14

Diam. Orifício (mm): 6

Alt./Compr. (mm): 5,79

Peso(gr): 0,6 gr.

Localização actual: Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 294

código adm. 03.08.41

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Citânia de Briteiros

Concelho: Guimarães

Distrito: Braga

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Tipologia: globular-oculada

Cromatismo: policromo

Cores: azul turquesa,branco e azul claro

Diam./Larg. (mm): 5

Diam. Orifício (mm): 2

Alt./Compr. (mm): 4,34

Peso(gr): 0,1 gr.

Localização actual: Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/3 de conta de colar globular, oculada, em vidro azul turquesa. Pupilas azul claro, com 3 anéis intercalados - branco, azul e branco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Guimarães

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 4



2 fragmentos de conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia: Romano

Concelho: Guimarães

Bibliografia:

Cores:
azul turquesa

Localização actual:

Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 4



Fragmento de conta de colar gomada, tipo “melo” em vidro azul turquesa opaco

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
03.08.41

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Guimarães

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

9

4

imagem 1

imagem 2

imagem 3

Museu da Sociedade Martins Sarmento

imagem 4

**Descrição:**

Fragmento de conta de colar cilíndrica, em vidro translúcido de cor azul.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
03.08.41

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Guimarães

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

11

2,8

6,15

0,6 gr.

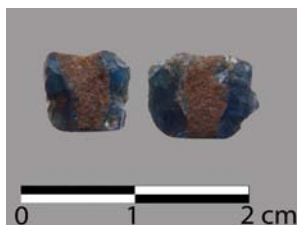
Museu da Sociedade Martins Sarmento

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

2 fragmentos de conta de colar oblata em vidro azul cobalto translúcido.

2 fragmentos de conta de colar oblata em vidro azul cobalto translúcido.

1/2 conta de colar anular, em vidro cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 301

código adm. 03.08.41

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Romano

Sítio: Citânia de Briteiros

Concelho: Guimarães

Distrito: Braga

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:


Tipologia: bitroncocónica

Cromatismo: monocromático

Cores: incolor

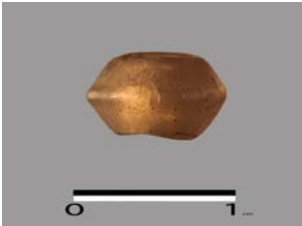
Diam./Larg. (mm): 7,66

imagem 1



Diam. Orifício (mm): 3,7

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 4,77

imagem 3

Peso(gr): 0,4 gr.

Localização actual: Museu da Sociedade Martins Sarmento

imagem 4

Descrição:
Conta de colar bitroncocónica, em vidro translúcido, incolor com ouro no interior.

Nº inventário: 302

código adm. 03.08.41

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Romano

Sítio: Citânia de Briteiros

Concelho: Guimarães

Distrito: Braga

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:


Tipologia: bitroncocónica

Cromatismo: monocromático

Cores: incolor c/ouro


Diam./Larg. (mm): 7,28

imagem 1



Diam. Orifício (mm): 2,56

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 4,03

imagem 3

Peso(gr): 0,3 gr.

Localização actual: Museu da Sociedade Martins Sarmento

imagem 4

Descrição:
Conta de colar bitroncocónica, em vidro translúcido, incolor, com ouro no seu interior.

Conta de colar oblata em vidro de cor azul escuro opaco.

Conta de colar oblata em vidro castanho avermelhado translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Guimarães

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

2,5

4,74/5,29

0,5 gr.

Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro azul muito escuro quase opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Guimarães

Freguesia: S. Salvador de Briteiros

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
amarelo

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

2,46

2.29

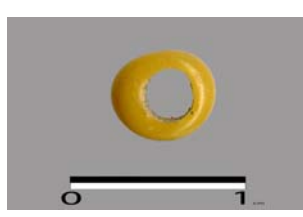
0.1 gr.

Museu da Sociedade Martins Sarmiento

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar anular de secção semi-circular, em vidro amarelo opaco.

Conta de colar oblata, em vidro verde ou azul turquesa semi-translúcido.

Conta anular, fragmentada, em vidro azul translúcido.

Conta de colar oblata de secção semi-circular, em vidro semi-translúcido azul cobalto.

Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro opaco azul cobalto decorada com quatro linhas de vidro branco horizontais, dispostas geometricamente.

Nº inventário: 323

código adm. 03.12.17

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Penices

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Gondifelos

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,73

Diam. Orifício (mm): 4,73

Alt./Compr. (mm): 6,87

Peso(gr): 1,1 gr.

Localização actual: G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro translúcido azul cobalto.

Nº inventário: 324

código adm. 03.12.17

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Penices

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Gondifelos

Bibliografia:

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,31

Diam. Orifício (mm): 2,44

Alt./Compr. (mm): 8,52

Peso(gr): 0,7 gr.

Localização actual: G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro semi-translúcido, azul escuro.

Nº inventário: 325

código adm. 03.12.17

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Penices

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Gondifelos

Bibliografia:

Tipologia:

Cromatismo:

Cores:

oblata

monocromático

azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

15,3

5,56

8,16

2,4 gr.

G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido, azul cobalto.

Nº inventário: 326

código adm. 03.12.18

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro das Ermidas

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Jesufrei

Bibliografia:

Tipologia:

Cromatismo:

Cores:

oblata

monocromático

azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

9,83

3,12

6,67

0,8 gr.

G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, de secção semi-circular, em vidro semi-translúcido, azul cobalto.

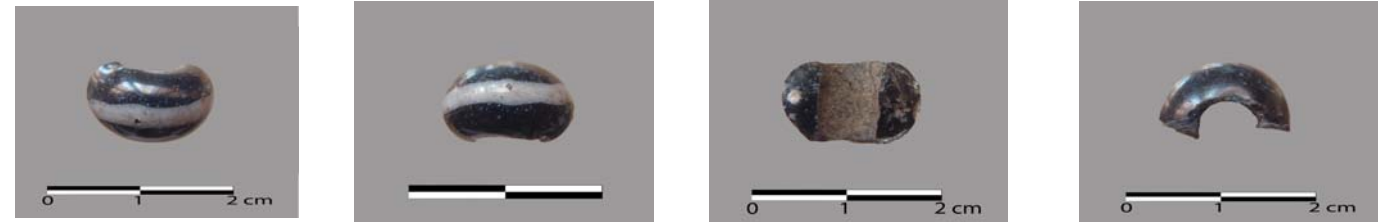
| | | | | | |
|--|----------------------|----------------------|---|-----------------------------|--|
| Nº inventário: 327 | | código adm. 03.12.18 | Tipo de peça: vaso | | Cronologia: meados séc.IV/final séc.III a.C. |
| Sítio: Castro das Ermidas | | | Concelho: V. N. de Famalicão | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: Jesufrei | | Bibliografia: | |
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: | SILVA, A.C.F.da e PINTO, J.M.M. (2001) p.234, 235 e 238. / PAUTREAU, J.P. e QUEIROGA, F.M.V.R. (1990) p.46. | | |
| amphoriskos/aryballos- Grupo II Harden | polícromo | azul escuro/branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: | |
| | | 15,53 | | G. A. de V. N. de Famalicão | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



Descrição:

Pequeno fragmento de pança de vaso de forma indeterminada- amphoriskos ou aryballos - em vidro semi-translúcido, decorado com pequenos nódulos brancos. Integrar-se-á no Grupo II de Harden - meados do séc. I.V. a.C./finais do séc. III a.C.

| | | | | | |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|---|---|
| Nº inventário: 328 | | código adm. 03.12.18 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-meados séc.IV/final séc.III a.C. |
| Sítio: Castro das Ermidas | | | Concelho: V. N. de Famalicão | | |
| Distrito: Braga | | Freguesia: Jesufrei | | Bibliografia: SILVA, A.C.F.da e PINTO, J.M.M. (2001) p.235 / PAUTREAU, J.P. e QUEIROGA, F.M.V.R. (1990) p.46. | |
| Tipologia: oblata | Cromatismo: polícromo | Cores: azul escuro/branco | | | |
| | | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 12,88 | Diam. Orifício (mm): 5,55 | Alt./Compr. (mm): 7,52 | Peso(gr): 0,7 gr. | Localização actual: G. A. de V. N. de Famalicão | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



Descrição:

1/2 conta de colar oblata, de secção semi-circular em vidro opaco, dicróico, de base azul escura decorado com uma banda horizontal branca.

Nº inventário: 329

código adm. 03.12.18

Tipo de peça: vaso

Cronologia: séc.VI-IV a.C.

Sítio: Castro das Ermidas

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Jesufrei

Tipologia: aryballos-Grupo I de Harden

Cromatismo: polícromo

Cores: azul/amarelo

Bibliografia: SILVA, A.C.F.da e PINTO, J.M.M. (2001) p.234, 235 e 238; FEUGÈRE, M. (1989) p.30; PAUTREAU, J.P. e QUEIROGA, F.M.V.R. (1990) p.46; PEREIRA, G. R. (2011) Fig. 23 - E, p.115.

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

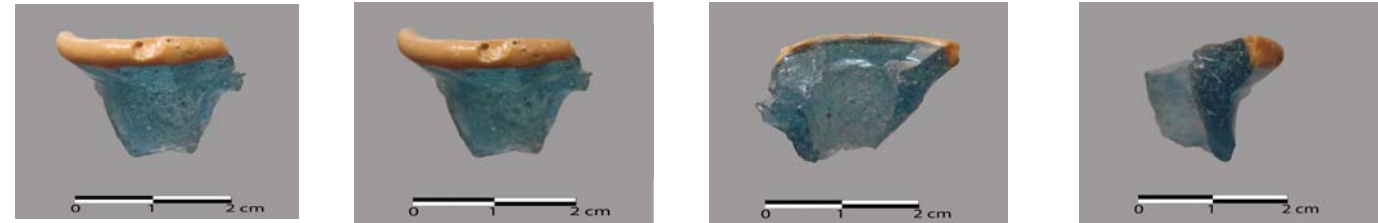
G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Fragmento de bordo e colo de vidro translúcido de cor azul com arranque de asa. O bordo é extrovertido discoidal, oblíquo para o exterior, com lábio em toro circular em vidro opaco amarelo. O colo é estrangulado com arranque de asa bifida. Integra-se no Grupo I de Harden - séc.VI-IV a. C.-.

Nº inventário: 330

código adm. 03.12.18

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro das Ermidas

Concelho: V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

Freguesia: Rossas/Urrô

Tipologia: deformada

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Bibliografia:

Diam./Larg. (mm): 11,26/8,04

Diam. Orifício (mm): 4,4

Alt./Compr. (mm): 5,02

Peso(gr): 0,3 gr.

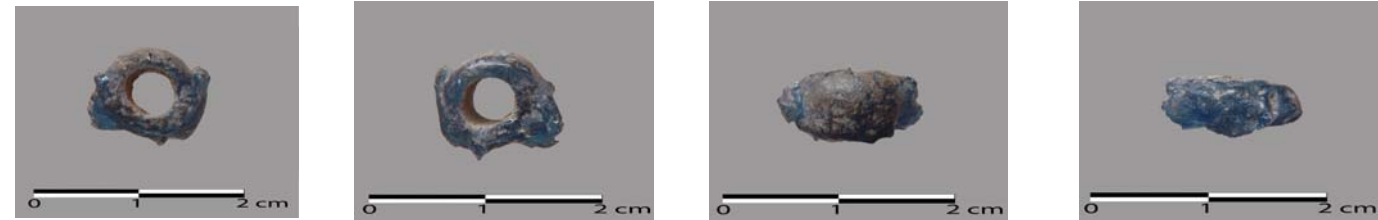
Localização actual: G. A. de V. N. de Famalicão

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar muito deformada, em vidro translúcido, azul cobalto. Apresenta uma série de irregularidades (esporões).

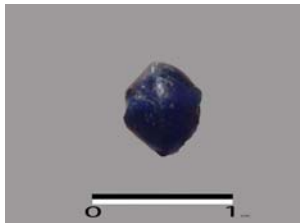
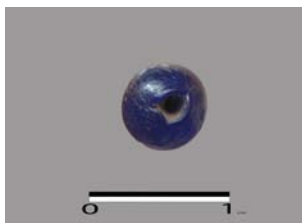
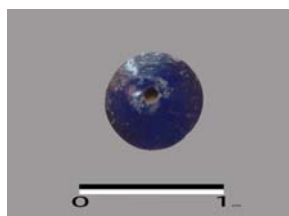
Nº inventário: 331 **código adm.** **Tipo de peça:** conta de colar(?)

Sítio: Castro das Ermidas **Concelho:** V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

| | | |
|-------------------|--------------------|---------------|
| Tipología: | Cromatismo: | Cores: |
| bitroncocónica | monocromático | azul oscuro |

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 6,13 | 1,6/1,04 | 5,08 | 0,1 gr. | G. A. de V. N. de Famalicão |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

**Descrição:**

Pequena conta de colar ou missanga bitroncocónica convexa, em vidro translúcido, de cor azul cobalto.

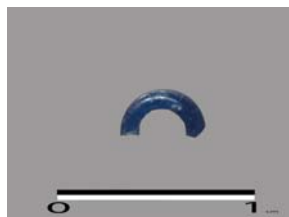
Nº inventário: 332 código adm. 03.12.18 Tipo de peça: conta de colar

Sítio: Castro das Ermidas **Concelho:** V. N. de Famalicão

Distrito: Braga

| | | |
|-------------------|--------------------|---------------|
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: |
| anular | monocromático | azul escuro |

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 4,07 | 2,07 | 1,56 | -0,1 gr. | G. A. de V. N. de Famalicão |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

**Descrição:**

1/2 conta de colar de reduzidas dimensões, anular, em vidro semi-translúcido, azul cobalto.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: V. N. de Famalicão

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro semi-translúcido, azul cobalto.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Vila Verde

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

imagem 4



3 fragmentos de pequena conta oblata em vidro azul escuro semi-translúcido. Conserva-se c. de 1/3 da peça. Os fragmentos colavam entre si.

Cronologia:
Bronze Final - séc. XI-IX a.C.

Concelho: Vila Verde

Freguesia: Ponte/Coucieiro

Bibliografia:

BETTENCOURT,A.M.S. (2000). p.27 e Est. CIV:2

Cromatismo:
monocromático

Cores:
verde azulado

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3,39

9,92/7,94

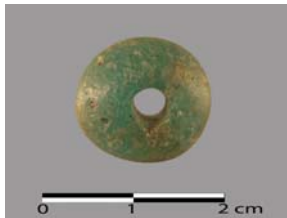
2.gr

Museu D. Diogo de Sousa

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta oblata, em vidro opaco verde azulado.

Cronologia:
Bronze Final/Idade do Ferro

Concelho: Vila Verde

Freguesia: Ponte/Coucieiro

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

2,66

8.14/7.93

1.2.gr

Museu D. Diogo de Sousa

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta globular em vidro opaco de cor azul muito escuro.

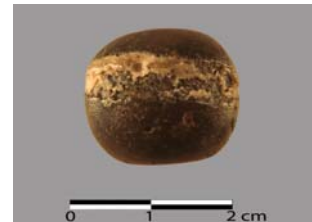
Cronologia:
Bronze Final - séc. XI-IX a.C.

Concelho: Vila Verde

BETTENCOURT,A.M.S. (2000). p.27 e Est.CIV:1

Cores:
preto e branco

imagem 4



Conta globular em vidro preta decorada com uma faixa horizontal branca.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Vila Verde

Bibliografia:

Cores:
azul/branco

imagem 4



Conta oblata em vidro azul translúcido com aparentes pontos de vidro branco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Vila Verde

Freguesia: Ponte/Coucieiro

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
incolor c/ouro

Localização actual:

Museu D. Diogo de Sousa

imagem 4



Conta cupiforme curta em vidro incolor translúcido com folha de ouro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Vila Verde

Freguesia: Ponte/Coucieiro

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Museu D. Diogo de Sousa

imagem 4



Conta oblata, secção semi-circular em vidro azul escuro.

Nº inventário: 341

Sítio: Castelo Velho

Distrito: Bragança

código adm. 04.07.21

Concelho: Mirandela

Freguesia: Mirandela

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia:

Cronologia: Romano

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: verde amarelado

Diam./Larg. (mm): 10,58

Diam. Orifício (mm): 4

Alt./Compr. (mm): 5,39

Peso(gr): 0,8 gr


Localização actual: Museu D. Diogo de Sousa


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta oblata em vidro verde amarelado translúcido.

Nº inventário: 342

Sítio: Alto do Cruito

Distrito: Porto

código adm. 13.02.06

Concelho: Baião

Freguesia: Gôve

Tipo de peça: conta de colar

Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158.

Cronologia: Romano - séc. I

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 5,78

Diam. Orifício (mm): 3,9

Alt./Compr. (mm): 1,45

Peso(gr): 0,1 gr.


Localização actual: Museu Municipal de Baião


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 343

Sítio: Alto do Cruito

Distrito: Porto

código adm. 13.02.06

Concelho: Baião

Tipo de peça: conta de colar

Freguesia: Gôve

Cronologia: Romano - séc. I

Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158.

Diam./Larg. (mm): 5,6/5,4

Tipologia: globular

Diam. Orifício (mm): 2,06

Cromatismo: monocromático

Alt./Compr. (mm): 4,32

Cores: incolor

Peso(gr): 0,1 gr.



Localização actual: Museu Municipal de Baião

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular em vidro translúcido, incolor.

Nº inventário: 344

Sítio: Alto do Cruito

Distrito: Porto

código adm. 13.02.06

Concelho: Baião

Tipo de peça: conta de colar

Freguesia: Gôve

Cronologia: Romano-séc. I

Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158.

Diam./Larg. (mm): 9,3

Tipologia: oblata

Diam. Orifício (mm): 4,26

Cromatismo: monocromático

Alt./Compr. (mm): 6,8/5,24

Cores: azul claro

Peso(gr): 0,6 gr.

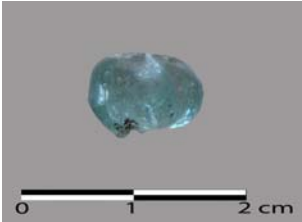
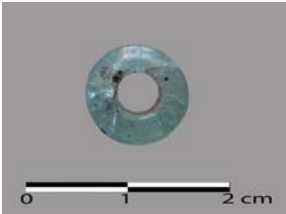
Localização actual: Museu Municipal de Baião

imagem 1

imagem 2

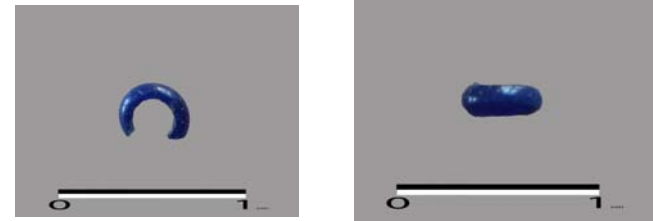
imagem 3

imagem 4



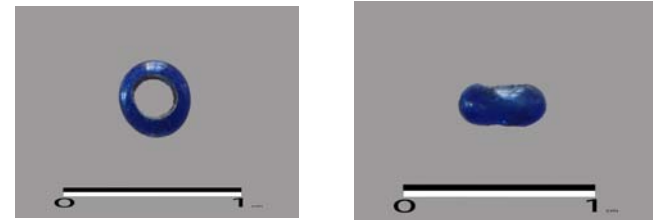
Descrição:
Conta oblata em vidro translúcido azul claro.

| | | | | | | |
|---------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 345 | | código adm. 13.02.06 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano - séc. I | |
| Sítio: Alto do Cruito | | | Concelho: Baião | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Gôve | | Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158. | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 3,7 | | Diam. Orifício (mm): 2,44 | Alt./Compr. (mm): 1,55 | Peso(gr): | Localização actual: Museu Municipal de Baião | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta anular fragmentada e fragmento da mesma conta. em vidro azul cobalto semi-translúcido. Conserva-se pouco mais de metade da peça.

| | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 346 | | código adm. 13.02.06 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano - séc. I | |
| Sítio: Alto do Cruito | | | Concelho: Baião | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Gôve | | Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158. | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 4,14 | | Diam. Orifício (mm): 2,2 | Alt./Compr. (mm): 2,04 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Baião | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta anular, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 347

Sítio: Alto do Cruito

Distrito: Porto

código adm. 13.02.06

Concelho: Baião

Freguesia: Gôve

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Romano - séc. I

Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158.

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: verde acastanhado

Diam./Larg. (mm): 3,35

Diam. Orifício (mm): 1,3

Alt./Compr. (mm): 2,19

Peso(gr): -0,1 gr.

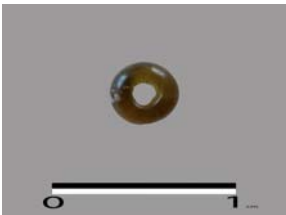
Localização actual: Museu Municipal de Baião


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:
Conta de colar oblata em vidro translúcido de cor verde acastanhado..

Nº inventário: 348

Sítio: Alto do Cruito

Distrito: Porto

código adm. 13.02.06

Concelho: Baião

Freguesia: Gôve

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Romano - séc. I

Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158.

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 11,93

Diam. Orifício (mm): 4,9

Alt./Compr. (mm): 6,62

Peso(gr): 1,2 gr.


Localização actual: Museu Municipal de Baião


imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4

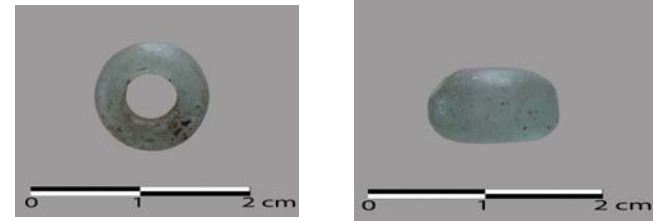






Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro, quase opaco.

| | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--|
| Nº inventário: 349 | | código adm. 13.02.06 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Romano - séc. I |
| Sítio: Alto do Cruito | | Concelho: Baião | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Gôve | | Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158. |
| Tipologia: oblata | Cromatismo: monocromático | Cores: azul claro | | |
| Diam./Larg. (mm): 9,85 | Diam. Orifício (mm): 4,48 | Alt./Compr. (mm): 3,9/5,3 | Peso(gr): 0,6 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Baião |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro translúcido de cor azul claro.

| | | | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|--|
| Nº inventário: 350 | | código adm. 13.02.06 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Romano - séc. I |
| Sítio: Alto do Cruito | | Concelho: Baião | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Gôve | | Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158. |
| Tipologia: bitroncocónica | Cromatismo: monocromático | Cores: incolor | | |
| Diam./Larg. (mm): 8,31 | Diam. Orifício (mm): 2,6 | Alt./Compr. (mm): 5,75 | Peso(gr): 0,2 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Baião |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar bitroncocónica, em vidro translúcido, incolor. Encontra-se fragmentada, conservando-se pouco mais de 1/3 da peça.

| | | | | | | |
|---------------------------|---------------------------|------------------------|--|--|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 353 | | código adm. 13.02.06 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Alto do Cruito | | | Concelho: Baião | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Gôve | | Bibliografia: PEREIRA, A. e GONZALEZ, C. (1988) pp. 151-158. | | |
| Tipologia: oblata-oculada | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul turquesa/branco/azul cobalto | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,57 | Diam. Orifício (mm): 3,87 | Alt./Compr. (mm): 8,17 | Peso(gr): 0,5 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Baião | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:


1/2 conta de colar oblata, oculada, em azul turquesa. são visíveis 6 “óculos”com ponto central azul escuro rodeado por 5 anéis - branco/azul/branco/azul/branco -.

| | | | | | | |
|---------------------------------------|--|----------------------------------|---|--|--|--|
| Nº inventário: 354/355 | | código adm. 13.05.08 | Tipo de peça: contas de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-séc. IV/III a.C. | |
| Sítio: Castro de S. Domingos | | | Concelho: Lousada | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Cristelos | | Bibliografia: PINTO, J.M.M. (2008) p.52 SILVA, A.C.F. da e PINTO, J.M.M. (2001) p.235 | | |
| Tipologia: oblatas-oculadas | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul turquesa/azul cobalto/branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): 7,5 | | Diam. Orifício (mm): 3 | Alt./Compr. (mm): 4 | Peso(gr): | Localização actual: Na posse do Dr. Marcelo M. Pinto | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:

Contas oculadas oblatas, em vidro azul turquesa opaco. Óculos com ponto central a azul escuro com três anéis - branco/azul/branco-.

| | | | | | | |
|--|--|---------------------------|------------------------------|---------------|--|--|
| Nº inventário: 356 | | código adm. 13.05.08 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de S. Domingos | | | Concelho: Lousada | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Cristelos | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 11/9 | | Diam. Orifício (mm): 4 | Alt./Compr. (mm): 5 | Peso(gr): | Localização actual: Na posse do Dr. Marcelo M. Pinto | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | imagem 4 | |
|  | | | | | | |
| Descrição: | | | | | | |
| Conta oblata, algo defeituosa, em vidro azul escuro, opaca e poroso com uma protuberância lateral, apresentando irregularidades. | | | | | | |

| | | | | | | |
|---|--|---------------------------|-------------------------------|---------------|--|--|
| Nº inventário: 357/365 | | código adm. 13.05.08 | Tipo de peça: contas de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro de S. Domingos | | | Concelho: Lousada | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Cristelos | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anulares/oblatas | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: Na posse do Dr. Marcelo M. Pinto | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | imagem 4 | |
| Descrição: | | | | | | |
| 9 Contas anulares/oblatas(?) em vidro azul cobalto. | | | | | | |

Cronologia: Romano

Concelho: Lousada

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

imagem 4



Conta globular em vidro incolor, eventualmente, com inclusão de ouro no seu interior.

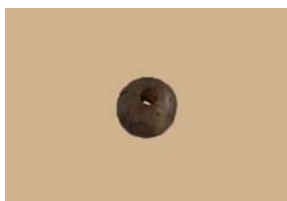
Cronologia: Romano

Concelho: Lousada

Bibliografia:

Cores:
incolor

imagem 4



Conta globular em vidro incolor. A pasta tem pequenas bolhas internas.

Conta globular em vidro incolor. A pasta tem pequenas bolhas internas.

Descrição:

Conta de colar gomada em vidro negro opaco.

| | | | | | | |
|---|--|--|--|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 370 | | código adm. 13.08.02 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano tardio (séc. IV-V) | |
| Sítio: Castro de Guifões | | | Concelho: Matosinhos | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Guifões/Monte Castelo | | | Bibliografia: | |
| Tipologia: cupiforme alongada | | Cromatismo: monocromático | Cores: preto | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,25 | | Diam. Orifício (mm): 2,97/2,21 | Alt./Compr. (mm): 13,04/9,85 | Peso(gr): 0,9 gr. | Localização actual: G. M. de Arqueologia e História de Matosinhos | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar cupiforme alongada em vidro negro opaco. Decorada nas extremidades com uma sucessão de pequenas linhas incisas.

| | | | | | | |
|---|--|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------|--|--|
| Nº inventário: 371 | | código adm. 13.09.15 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano | |
| Sítio: Citânia de Sanfins | | | Concelho: Paços de Ferreira | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Sanfins | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: cupiforme alongada (c/ duplo colarinho) | | Cromatismo: monocromático | Cores: incolor c/ouro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 5,55 (eixo) | | Diam. Orifício (mm): 2,25 | Alt./Compr. (mm): 9,75 | Peso(gr): 0,3 gr | Localização actual: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar elipsoidal (ou cupiforme alongada), com duplo colarinho nas extremidades em vidro translúcido, incolor, com ouro no seu interior.

Conta de colar bitroncocónica, em vidro translúcido, incolor, com ouro no seu interior.

Conta de colar globular, em vidro translúcido castanho.

Conta de colar globular, em vidro preto opaco.

Nº inventário: 390

código adm. 13.09.15

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro

Sítio: Citânia de Sanfins

Concelho: Paços de Ferreira

Distrito: Porto

Freguesia: Sanfins

Bibliografia:

Tipologia: sub-triangular-oculada

Cromatismo: policromo

Cores: preto/branco

Diam./Larg. (mm): 10,73

Diam. Orifício (mm): 3,29

Alt./Compr. (mm): 6,1

Peso(gr): 0,9 gr


Localização actual: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins


imagem 1


imagem 2


imagem 3

imagem 4









Descrição:

Conta de colar sub-.triangular, oculada,com formato sub-triangular em vidro preto. Apresenta 3 “óculos”, A pupila é preta com três aneis a branco e preto,

Nº inventário: 391

código adm. 13.09.15

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Sanfins

Concelho: Paços de Ferreira

Distrito: Porto

Freguesia: Sanfins

Bibliografia:

Tipologia: sub-cilíndrica curta(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: preto

Diam./Larg. (mm): 10,51

Diam. Orifício (mm): 3,4

Alt./Compr. (mm): 8,15

Peso(gr): 1,1 gr


Localização actual: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins


imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4





Descrição:

Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro preto (ou azul muito escuro).

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
13.09.15

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Sanfins

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4.84

6.95

1.2 gr

Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
13.09.15

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Sanfins

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4.55

11.57

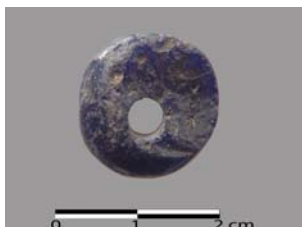
3.2 gr

Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar globular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. Encontra-se ligeiramente fragmentada.

Conta de colar cupiforme curta em vidro bege.

Pequena conta de colar globular em vidro de cor preta, opaco.

Nº inventário: 404 **código adm.** 13.11.13 **Tipo de peça:** conta de colar

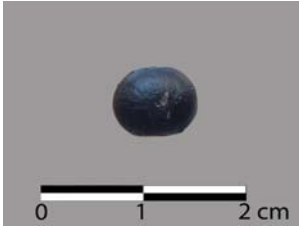
Cronologia: Romano

Sítio: Monte Mozinho **Concelho:** Penafiel

Distrito: Porto **Freguesia:** Galegos/Oldrões **Bibliografia:**

| | | |
|-------------------|--------------------|---------------|
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: |
| globular | monocromático | preto |

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 7,23 | | 5,65 | -0,1 gr. | Museu Municipal de Penafiel |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:

Possível conta de colar globular em vidro de cor preta. Idêntica à anterior mas sem perfuração.

Nº inventário: 405 **código adm.** 13.11.13 **Tipo de peça:** conta de colar

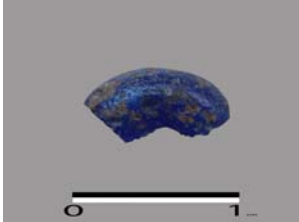
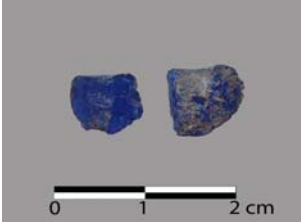
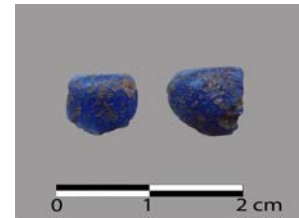
Cronologia: Romano

Sítio: Monte Mozinho **Concelho:** Penafiel

Distrito: Porto **Freguesia:** Galegos/Oldrões **Bibliografia:**

| | | |
|-------------------|--------------------|---------------|
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: |
| oblata | monocromático | azul escuro |

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| | | 6,04 | 0,2 gr. | Museu Municipal de Penafiel |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:

2 fragmentos de conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido (não colam).

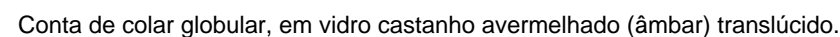
Cronologia:
Romano-séc.I

Concelho: Póvoa de Varzim

Bibliografia:

Cores:
castanho

imagem 4



Cronologia:
Romano-séc.I

Concelho: Póvoa de Varzim

Bibliografia:

Cores:
azul

imagem 4



Conta de colar oblata, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

| | | | | | | |
|------------------------------|--------------------------|------------------------------|------------------------------|--|--------------------------|--|
| Nº inventário: 414 | | código adm. 13.13.07 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano-séc.I | |
| Sítio: Vila Romana da Estela | | | Concelho: Póvoa de Varzim | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Vila Mendo-Estela | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: globular | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul turquesa | | |
| Diam./Larg. (mm): 7,87 | Diam. Orifício (mm): 2,5 | Alt./Compr. (mm): 6,3 | Peso(gr): | Localização actual: Museu Municipal-C.M. Póvoa de Varzim | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta de colar globular, de secção semi-circular, em vidro azul turquesa opaco

| | | | | | | |
|--------------------------------|----------------------|------------------------------|------------------------------|--|---------------------------------------|--|
| Nº inventário: 415 | | código adm. 13.13.07 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano-1ª metade do séc.I | |
| Sítio: Vila Romana da Estela | | | Concelho: Póvoa de Varzim | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Vila Mendo-Estela | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: anular(?) - oculada | | Cromatismo: policromo | | Cores: azul turquesa/branco/azul cobalto | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): 3,67 | Peso(gr): | Localização actual: Museu Municipal-C.M. Póvoa de Varzim | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Fragmento de conta de colar anular, oculada em vidro azul turquesa. É visível apenas 1 “óculo”: ponto central azul escuro, com anel de cor branca.

Cronologia:
Romano-1ª metade do séc.I

Distrito: Porto **Freguesia:** Vila Mendo-Estela **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|--------------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 5 | 3,5 | 2,3 | | Museu Municipal-C.M. Póvoa de Varzim |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

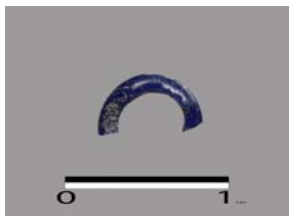


- de 1/2 conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:
Romano-1ª metade do séc.I

Distrito: Porto **Freguesia:** Vila Mendo-Estela **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|--------------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 5,98 | 3,88 | 1,88 | | Museu Municipal-C.M. Póvoa de Varzim |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



- de 1/2 conta de colar anular, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Cronologia:
Romano-1ª metade séc.II-meados séc.III

MOREIRA, A. B. (2007), p.100, nº 198.

Cores:
azul escuro

imagem 4



Conta de colar gomada, fragmentada, em vidro opaco de cor azul cobalto semi-translúcido.

Cronologia:
Romano-1^a metade séc.II-meados séc.III

MOREIRA, A. B. (2007), p.100, nº 199.

Cores:
azul turquesa

imagem 4



Conta de colar gomada tipo “melo”, fragmentada, em vidro opaco de cor azul turquesa.

Cronologia:
Romano-1ª metade séc.II-meados séc.III

MOREIRA, A. B. (2007), p.101, nº 203.

Cores:
azul escuro

imagem 4



Conta de colar gomada,em vidro azul cobalto translúcido Apresenta 11 gomos verticais.

Cronologia:
Romano-1ª metade séc.II-meados séc.III

MOREIRA, A. B. (2007), p.101, nº 204.

Cores:
azul escuro

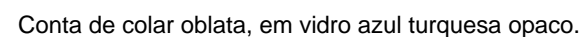
imagem 4



Conta de colar globular, em vidro azul cobalto quase opaco.

Cronologia:
Romano-1ª metade séc.II-meados séc.III

Cronologia:
Romano-1ª metade séc.II-meados séc.III



| | | | | | | | |
|----------------------------------|--|---------------------------|--|------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 426 | | código adm. 13.14.13 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano-1ªmetade séc.II-meados séc.III | |
| Sítio: Castro do Monte do Padrão | | | | Concelho: Santo Tirso | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Monte Córdova | | | | Bibliografia: MOREIRA, A. B. (2007), p.101, nº 207. | |
| Tipologia: sub-cilíndrica curta | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 13 | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): 9 | | Peso(gr): | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Museu Municipal Abade Pedrosa | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Fragmento de conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro azul cobalto semi-translúcido. Conserva-se c. de 1/3 da peça.

| | | | | | | | |
|----------------------------------|--|--------------------------|--|------------------------------|--|---|--|
| Nº inventário: 427 | | código adm. 13.14.13 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano-1ªmetade séc.II-meados séc.III | |
| Sítio: Castro do Monte do Padrão | | | | Concelho: Santo Tirso | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Monte Córdova | | | | Bibliografia: MOREIRA, A. B. (2007), p.101, nº 208. | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: polícromo | | Cores: preto/branco | | | |
| Diam./Larg. (mm): 21 | | Diam. Orifício (mm): 4 | | Alt./Compr. (mm): 11 | | Peso(gr): | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Localização actual: Museu Municipal Abade Pedrosa | |
| | | | | | | imagem 4 | |



Descrição:
Conta de colar oblata em vidro preto, decorado com um meandro em vidro branco. É algo assimétrica.

| | | | | | | |
|---|--|-------------------------------------|-------------------------------------|------------------|---|--|
| Nº inventário: 428 | | código adm. 13.14.13 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano-1ªmetade séc.II-meados séc.III | |
| Sítio: Castro do Monte do Padrão | | | Concelho: Santo Tirso | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Monte Córdova | | | Bibliografia: MOREIRA, A. B. (2007), p.101, nº 209. | |
| Tipologia: oblata | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 14 | | Diam. Orifício (mm): 6 | Alt./Compr. (mm): 7 | Peso(gr): | Localização actual: Museu Municipal Abade Pedrosa | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | |



Descrição:
1/2 conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | |
|--------------------------------------|--|--|--------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Nº inventário: 429 | | código adm. 13.16.13 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro | |
| Sítio: Castro de S. Paio | | | Concelho: Vila do Conde | | | |
| Distrito: Porto | | Freguesia: Labruge (lugar de Moreiró) | | Bibliografia: | | |
| Tipologia: cupiforme curta | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): 11,38 | | Diam. Orifício (mm): 4,4 | Alt./Compr. (mm): 7,66/6,4 | Peso(gr): 1,9 gr. | Localização actual: Laboratório do GAM - C.M. Vila do Conde | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



Descrição:
Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul cobalto semi-translúcido. Tem o orifício ligeiramente descentrado.

Cronologia:
Idade do Ferro

Bibliografia:

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 9,61 | 2,95 | 4,8/6,46 | 0,6 gr. | Laboratório do GAM - C.M. Vila do Conde |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar oblata, em vidro azul cobalto translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 5 | 2,9 | 2,26 | -0,1 gr. | Laboratório do GAM - C.M. Vila do Conde |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto translúcido.

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano

Concelho: Vila do Conde

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Laboratório do GAM - C.M. Vila do Conde

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro azul cobalto translúcido.

Cronologia:

Idade do Ferro/Romano/Medieval(?)

Concelho: Vila Nova de Gaia

Bibliografia:

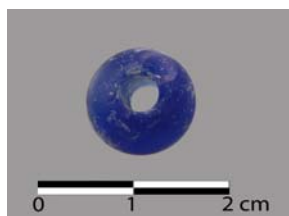
Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Solar dos Condes de Resende (Canelas)

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata, em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 434

código adm. 13.17.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano/Medieval(?)

Sítio: Bom Jesus de Gaia

Concelho: Vila Nova de Gaia

Distrito: Porto

Freguesia: Santa Marinha

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,33

Diam. Orifício (mm): 3,53

Alt./Compr. (mm): 5,6

Peso(gr): 0,4

Localização actual: Solar dos Condes de Resende (Canelas)

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, de secção semi-circular em vidro de cor azul cobalto translúcido.

Nº inventário: 435

código adm. 13.17.16

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Medieval(?)

Sítio: Bom Jesus de Gaia

Concelho: Vila Nova de Gaia

Distrito: Porto

Freguesia: Santa Marinha

Bibliografia:

Tipologia: cupiforme

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 9,93

Diam. Orifício (mm): 3,28

Alt./Compr. (mm): 10,87/9,32

Peso(gr): 1,2

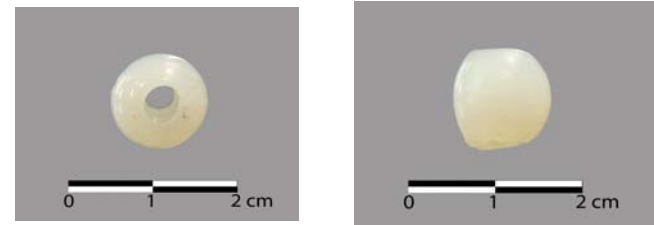
Localização actual: Solar dos Condes de Resende (Canelas)

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar cupiforme, em vidro branco algo translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Romano/Medieval(?)

Concelho: Vila Nova de Gaia

Freguesia: Santa Marinha

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul claro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

7,15

2,2

6.86

0.2

Solar dos Condes de Resende (Canelas)

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

1/2 conta de colar globular em vidro azul claro opaco.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Romano-1^a metade séc.V

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
preto

MOREIRA, A. B. (2007), p.100, nº 200.

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

17

1.3

16

Museu Municipal Abade Pedrosa

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar de formato sub-quadrangular, em vidro preto, opaco. Tem dois orifícios laterais e decoração formada por um reticulado de linhas incisas.

Conta sub-triangular, oculada, em vidro preto Apresenta 3 “óculos” sendo a zona central preta rodeada por um anel branco.

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Paredes de Coura

Bibliografia:

Cores:
preto/amarelo

Localização actual:

Museu Regional de Paredes de Coura

imagem 4



Conta fusiforme, em vidro preto decorado verticalmente por linhas irregulares e alternadas horizontais a amarelo e preto.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Paredes de Coura

Bibliografia:

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Museu Regional de Paredes de Coura

imagem 4



Conta de colar, pasta vítrea, azul
ROMA96A - Dentro da estrutura 1 - M1(3)
Esc : 1:1

Conta de colar oblata, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto semi-translúcido.

Conta de colar oblata, de secção semi-circular, em vidro azul cobalto semi-translúcido.

Nº inventário: 442

código adm. 16.05.19

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Romarigães

Concelho: Paredes de Coura

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Romarigães

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 8,5

Diam. Orifício (mm): 2/4

Alt./Compr. (mm): 6

Peso(gr):

Localização actual: Museu Regional de Paredes de Coura

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Conta de colar, pasta vítrea, azul
ROMAUSA - Dentro da estrutura 1 - N1(3)
Esc.: 1:1

Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul cobalto.

Nº inventário: 443

código adm. 16.05.19

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro de Romarigães

Concelho: Paredes de Coura

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Romarigães

Bibliografia:

Tipologia:

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual: Museu Regional de Paredes de Coura

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
Fragmentos de conta de colar, em vidro azul cobalto.

Cronologia:
Romano (?)

Bibliografia:

Cores:
azul claro

11,2

imagem 1

1,6

imagem 2

4

imagem 3

0,8 gr.

Museu dos Terceiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro translúcido de cor azul claro.

Cronologia:
Idade do Ferro-séc. IV a.C.

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) p.75 e Est. VI, nº8

imagem 1

imagem 2

imagem 3

Localização actual:

Museu dos Terceiros

imagem 4



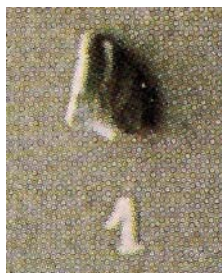
Fragmento indeterminado de cor azul turquesa. Encontra-se fragmentado em várias partes sendo paralelepípedica a parte conservada.

Cronologia:
Romano-2^a metade séc.I

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) p.38, fig XIX, nº3 e Est.VI.nº1

Museu dos Terceiros(?)



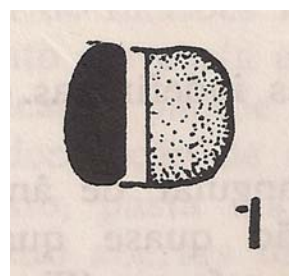
Fragmento de conta de colar gomada, tipo “melo” em vidro azul turquesa. Restam quatro gomos.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano-finais do século II
a.C./meados séc. I

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) p.51 e Est.VI, nº2, 3 e 4

Museu dos Terceiros(?)

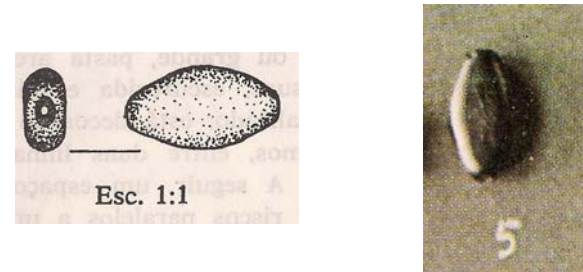


4 contas de colar, globulares e anulares, em vidro azul escuro, translúcidas, de tamanhos desiguais.


| | | | | | |
|--|-------------------------------------|------------------------------|---|----------------------------|---|
| Nº inventário: 451 | | código adm. 16.07.18 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-início do século III a.C. /meados séc.II a.C. |
| Sítio: Castro de Stº Estevão da Facha | | | Concelho: Ponte de Lima | | |
| Distrito: Viana do Castelo | | Freguesia: Facha | | | |
| Tipologia: (?) | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | Bibliografia: ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) .p.60 | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |

Descrição:
Pequena conta de colar, em vidro azul marinho, translúcida (não existe qualquer imagem desta conta na publicação).

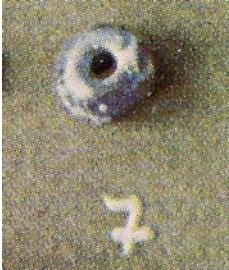
| | | | | | |
|---|-------------------------------------|------------------------------|--|----------------------------|---|
| Nº inventário: 452 | | código adm. 16.07.18 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-início do século III a.C. /meados séc.II a.C. |
| Sítio: Castro de Stº Estevão da Facha | | | Concelho: Ponte de Lima | | |
| Distrito: Viana do Castelo | | Freguesia: Facha | | | |
| Tipologia: elipsoidal-seção sub- rectangular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | Bibliografia: ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) p.60 e Est.VI, Nº5 | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | |



Descrição:
Conta de colar elipsoidal, em vidro azul escuro, translúcida, de secção sub-rectangular.

| | | | | | | |
|--|--|---------------------------------|--|------------------|--|--|
| Nº inventário: 453 | | código adm. 16.07.18 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-início do século III a.C. /meados séc.II a.C. | |
| Sítio: Castro de Stº Estevão da Facha | | | Concelho: Ponte de Lima | | | |
| Distrito: Viana do Castelo | | Freguesia: Facha | | | Bibliografia: ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981). p.60 e Est.VI, nº6; SILVA, A.C.F. da e PINTO, J.M.M. (2001). p.235 | |
| Tipologia: globular(?) - oculada | | Cromatismo: polícromo | Cores: azul turquesa, branco, azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: Museu dos Terceiros(?) | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | |
|  | | | | | | |

Descrição:
Conta de colar globular, oculada, em vidro azul turquesa, com íris branca e centro azul marinho.

| | | | | | | |
|--|--|-------------------------------------|--------------------------------------|------------------|--|--|
| Nº inventário: 454/457 | | código adm. 16.07.18 | Tipo de peça: contas de colar | | Cronologia: Idade do Ferro-século IV a.C. | |
| Sítio: Castro de Stº Estevão da Facha | | | Concelho: Ponte de Lima | | | |
| Distrito: Viana do Castelo | | Freguesia: Facha | | | Bibliografia: ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) Est.6, nº7 | |
| Tipologia: globulares/anulares | | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: Museu dos Terceiros(?) | |
| imagem 1 | | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | |
|  | | | | | | |

Descrição:
4 contas de colar globulares/anulares(?), monóchromas, em vidro translúcido azul escuro (apenas existe imagem de uma delas).

Cronologia:
Idade do Ferro-século IV a.C.

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) p.70, fig.XXXII, nº1/est.VI, nº9;
SILVA, A.C.F. da e PINTO, J.M.M. (2001). p.235

Museu dos Terceiros(?)

imagem 4



Conta de colar segmentada/dupla, polícroma, oculada, em vidro azul turquesa tendo os óculos pupilas brancas e centro azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro-séc. VI e V a.C.

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F. de et alii (1981) Est. VI, 10 e 11 e fig. 37, nº4

Museu dos Terceiros(?)

imagem 4



6 contas de colar globulares/anulares, monócromas (1 polícroma), em pasta de vidro translúcida de cor azul marinho. Uma é fabricada em duas pastas - azul marinho e roxa - (Est. VI, 10).

Nº inventário: 465

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,63

Diam. Orifício (mm): 7,29

Alt./Compr. (mm): 7,53/6,87

Peso(gr): 1,2 gr.




Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



0 1 2 cm

Descrição:

Conta de colar oblata em vidro opaco de cor azul escuro.

Nº inventário: 466

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 11,48

Diam. Orifício (mm): 6,43

Alt./Compr. (mm): 5,81, 4,69

Peso(gr): 0,5 gr.




Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



0 1 2 cm

Descrição:

Conta de colar anular, em vidro opaco) de cor branca .

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 11,98 | 4,87 | 7,03/ 5,88 | 1.gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

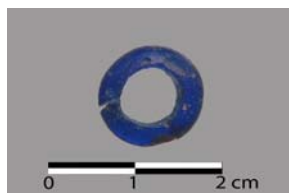


Conta de colar anular, em vidro opaco de cor azul escuro .

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 11,64 | 6,27 | 4,65 | 0,5 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em vidro azul escuro translúcido .

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
preto

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

13,58/12,99

5,05

8,35/5,19

1,4 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro preto opaco (?). É algo defeituosa e descentrada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

12,09

5,71

6,32/5,01

0,8 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

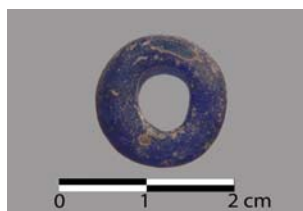
**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido Algo fragmentada

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 14,24 | 7,04 | 7,69/5,28 | 1,7 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em vidro de cor azul escuro, semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 14,46 | 7,36 | 6,61/5,63 | 1.gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em pasta vítrea de cor branca. Algo irregular.

Conta de colar anular em vidro de cor branca

Conta de colar anular, em vidro de azul escuro semi-translúcido

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 12,36 | 6,13 | 5,3/4,42 | 0,8 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em vidro azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 12 | 5,37 | 6,12/4,52 | 0,9 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em vidro azul muito escuro opaco.

Conta de colar oblata, em vidro azul escuro. É bastante defeituosa e quase opaca.

Nº inventário: 483

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

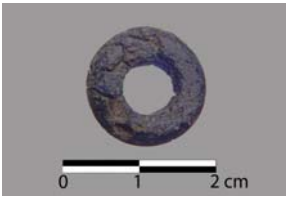
Tipologia: cupiforme curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro


Diam./Larg. (mm): 14,21

imagem 1




Diam. Orifício (mm): 6,54

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 8,92/7,21

imagem 3



Peso(gr): 1,6 gr.

Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4

Descrição:
Conta de colar cupiforme curta em vidro azul escuro semi-translúcido..

Nº inventário: 484

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

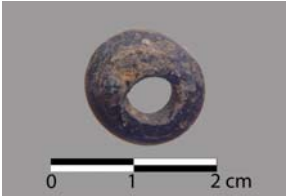
Tipologia: anular(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro


Diam./Larg. (mm): 14,82

imagem 1



Diam. Orifício (mm): 5,92

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 10,52/6,24

imagem 3



Peso(gr): 1,9 gr.

Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4

Descrição:
Conta de colar anular, em vidro azul muito escuro (quase opaco). Apresenta barbelas muito salientes e é algo descentrada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

castanho

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro castanho. Ligeiramente fragmentada e defeituosa.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro (?) azul opaco

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata em vidro (?) azul opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo fragmentada e defeituosa.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular (?), em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo defeituosa.

Conta de colar anular (?), em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo defeituosa.

Nº inventário: 497

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Tipologia: oblata (defeituosa)

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam./Larg. (mm): 13,51/12,47

Diam. Orifício (mm): 5,55/3,77

Alt./Compr. (mm): 8,5/6,53

Peso(gr): 1,3 gr.


Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal


imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro de cor branca opaco. Bastante deformada (quase oblonga)

Nº inventário: 498

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 10,75

Diam. Orifício (mm): 3,95

Alt./Compr. (mm): 6,97/6,07

Peso(gr): 1.gr.


Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal


imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-transparente.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

11.9

4.3

5,74/4,7

0,8 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido. Algo fragmentada

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

11,36

4,04

5.99

0.8 gr.

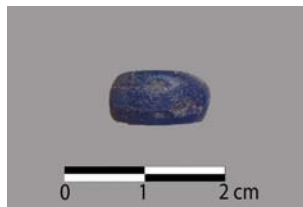
Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar anular em vidro azul escuro semi-translúcido. Ligeiramente fragmentada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3,6/2,43

8.44/5.89

1,4 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar em vidro azul escuro semi-translúcido. É muito defeituosa apresentando um formato oval/oblongo.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3,72/5,4

5.02

0,5 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar em vidro azul escuro semi-translúcido. Muito defeituosa.

Conta de colar oblata em vidro azul escuro semi-translúcido.

Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, oculada, em vidro azul escuro. Tem 10 óculos dispostos em zigue-zague, estratificados, muito deteriorados. Alguns óculos já não existem sendo visível apenas o seu negativo, na forma de depressões na superfície da peça.

Conta de colar cupiforme curta em vidro azul escuro translúcido. Ligeiramente fragmentada

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3,77/2,25

9.32

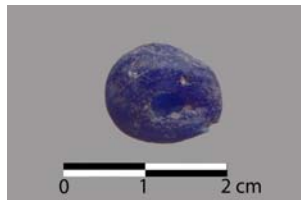
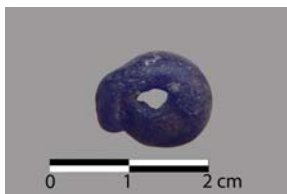
1,6 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Conta de colar em vidro azul escuro semi-translúcido, muito defeituosa.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

5,55/4,51

6.16/4.85

1,7 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Conta de colar em vidro azul escuro semi-translúcido. Defeituosa.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

```
preto
```

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta com uma extremidade côncava em vidro preto opaco

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



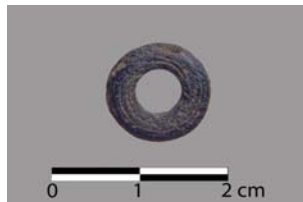
Conta de colar anular em vidro azul escuro translúcido. Ligeiramente fragmentada.

Conta de colar anular em vidro azul escuro translúcido. Ligeiramente fragmentada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 11,37 | 5,26 | 4,59 | 0,6 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

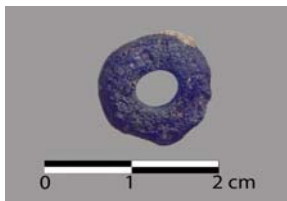


Conta de colar anular, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 12,67/11,76 | 4,8 | 5,99 | 0,9 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar oblata, em vidro azul escuro. Algo defeituosa, apresenta um elemento pétreo integrado na pasta de vidro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
branco

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro branco opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Bibliografia:

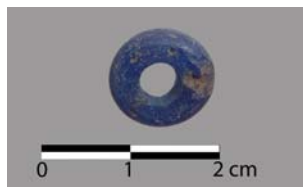
Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro azul escuro opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta, em vidro azul escuro quase opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro azul escuro opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta, em vidro azul escuro quase opaco.

Conta de colar oblata em vidro castanho translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
branco

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

12,06

4,9

7,09/6,27

1,1 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro branco sujo opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

13,7

6,6

6,27

1,1 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Conta de colar anular em vidro azul escuro opaco. Ligeiramente fracturada.

Conta de colar anular em vidro azul escuro opaco. Ligeiramente fracturada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro azul muito escuro (quase preto) opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata,em vidro azul escuro semi-translúcido.

Conta de colar anular em vidro azul escuro quase opaco. Algo defeituosa.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

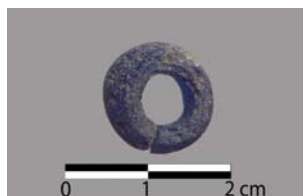
Localização actual:

1,2 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido. Encontra-se fracturada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

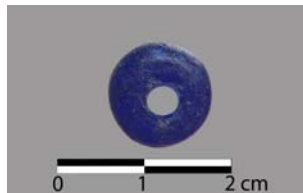
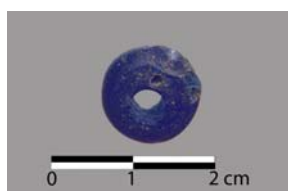
Localização actual:

1.1 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 3

imagem 4



Descrição:

Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translucido..

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar cupiforme curta, em vidro de cor azul escuro quase opaco. Ligeiramente fracturada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro azul escuro opaco. Encontra-se fracturada.

Conta de colar oblata, em vidro azul escuro opaco. Encontra-se fracturada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro azul escuro. Ligeiramente fracturada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cores:

azul oscuro

Localização actual:

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Conta de colar anular, em vidro azul escuro quase opaco.

Nº inventário: 535

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

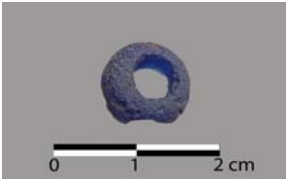
Tipologia: oblata

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro


Diam./Larg. (mm): 10,43

imagem 1




Diam. Orifício (mm): 4,7

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 6,45/3,98

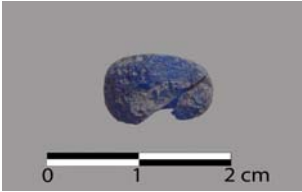
imagem 3



Peso(gr): 0,5 gr.

Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Descrição:
Conta de colar oblata, em vidro azul escuro semi-translúcido. Ligeiramente fragmentada.

Nº inventário: 536

código adm. 16.09.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Citânia de Santa Luzia

Concelho: Viana do Castelo

Distrito: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:


Tipologia: sub-cilíndrica curta

Cromatismo: monocromático

Cores: azul


Diam./Larg. (mm): 11,5

imagem 1




Diam. Orifício (mm): 4

imagem 2



Alt./Compr. (mm): 8,32/7,17


imagem 3



Peso(gr): 1,3 gr.

Localização actual: Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 4



Descrição:
Conta de colar sub-cilíndrica curta c/duas extremidades convexas, em vidro azul opaco.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
16.09.05

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo: monocromático

Cores: branco

Diam. Orificio (mm):

7.15

6.87/4.49

0.6 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro branco opaco. Ligeiramente fracturada e com a superfiie muito irregular.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
16.09.05

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam. Orificio (mm):

4.9

9.34/8.24

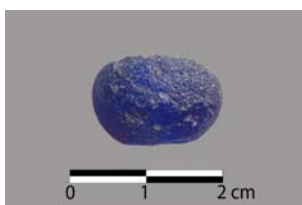
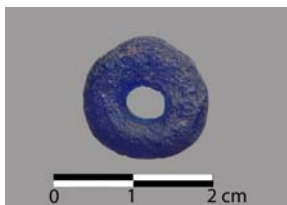
2.2 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata em vidro azul semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
branco

Localização actual:

2,5 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar segmentada/dupla em vidro branco opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa/Santa Maria Maior

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Localização actual:

8,31/8,04

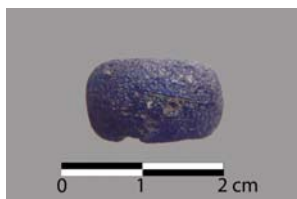
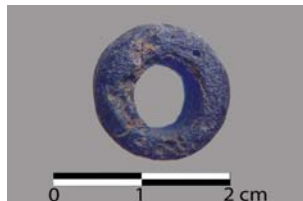
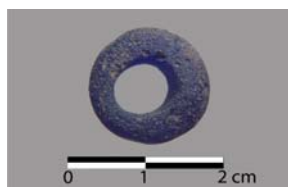
1,9 gr.

Casa dos Nichos-Museu Municipal

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar cupiforme curta, em vidro azul escuro semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 13,78 | 7,37 | 6,24/5 | 1,1 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |

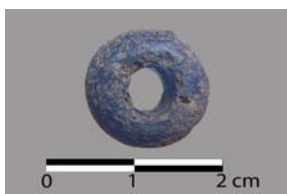


Conta de colar anular em vidro cor azul muito escuro, quase preto, opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 12,81 | 4,77 | 9,11/8,62 | 1,6 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar globular em vidro azul quase opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Areosa/Santa Maria Maior **Bibliografia:**

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|---------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 12,9/11,6 | 6,01/4,39 | 6,42 | 0,9 gr. | Casa dos Nichos-Museu Municipal |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular, em vidro preto opaco

Cronologia:
Idade do Ferro-séc. IV-II a.C.

Distrito: Viana do Castelo **Freguesia:** Perre **Bibliografia:**

SILVA, A. J. (2008) - PHOTO 3.9

Diam./Larg. (mm): **Diam. Orifício (mm):** **Alt./Compr. (mm):** **Peso(gr):** **Localização actual:**

imagem 1 **imagem 2** **imagem 3** **imagem 4**



Fragmento de conta de colar globular oculada, em vidro opaco de cor azul turquesa. Apresenta dois “óculos” com a pupila a azul escuro envolta por três anéis - branco, azul escuro e branco.
nota: imagem 1 retirada de Silva, A. J. (2008), Photo 3.9

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
16.09.26

Cronologia:
Idade do Ferro-séc. IV-II a.C.

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Perre

Bibliografia:

Cromatismo: polícromo

Cores: azul turquesa/azul escuro/branco

SILVA, A. J. (2008) - PHOTO 3.9

Diam. Orifício (mm): Alt./Compr. (mm): Peso(gr): Localização actual:

imagem 2 **imagem 3** **imagem 4**

**Descrição:**

Conta de colar oculada, em vidro opaco azul turquesa. Apresenta quatro "óculos" com a pupila a azul escuro envolta por anéis a branco e azul escuro.

nota: imagem 1 retirada de Silva, A. J. (2008), Photo 3.9

código adm. 16.09.26 **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro-séc.IV-II a.C.

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Perre

Bibliografia:

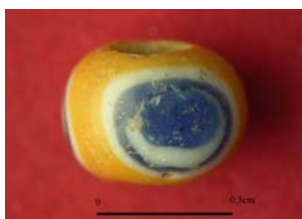
Cromatismo: policromo

Cores: amarelo/azul
escuro/branco

SILVA, A. J. (2008) - PHOTO 3.9 e PHOTO 5.1




Diam. Orifício (mm): **Alt./Compr. (mm):** **Peso(gr):** **Localização actual:**

imagem 2 imagem 3 imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oculada em vidro opaco amarelo escuro. Apresenta três “óculos” com a pupila a azul escuro envolta por três anéis - branco, azul escuro e branco.

nota: imagens 1 e 2 retirada de Silva, A. J. (2008), Photo 3.9 e Photo 5.1

| | | | |
|--|---|--|--|
| Nº inventário: 548 | código adm. 17.05.05 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Idade do Ferro/Romano |
| Sítio: Crastoeiro | Concelho: Mondim de Basto | | |
| Distrito: Vila Real | Freguesia: Mondim de Basto | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | Bibliografia: PEREIRA DINIS, A. (2001) - p.55, fig. 29, nº 7 |
| Diam./Larg. (mm): 13,9 | Diam. Orifício (mm): 7,33 | Alt./Compr. (mm): 4,77/5,98 | Peso(gr): 0,6 gr. |
| Localização actual: Museu Municipal de Mondim de Basto | | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 |
|  |  |  | |
| Descrição: - de 1/2 conta de colar anular, de secção semi-circular, em vidro de cor azul cobalto semi-translúcido. | | | |

Nº inventário: 553

código adm. 17.05.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano-séc.II-I a.C.

Sítio: Crastoeiro

Concelho: Mondim de Basto

Distrito: Vila Real

Freguesia: Mondim de Basto

Bibliografia: PEREIRA DINIS, A. (2001) p.61, Fig.33, nº9

Tipologia: globular

Cromatismo: monocromático

Cores: incolor c/ouro

Diam./Larg. (mm): 7,8

Diam. Orifício (mm): 2,68

Alt./Compr. (mm): 5,6

Peso(gr): 0,3 gr.

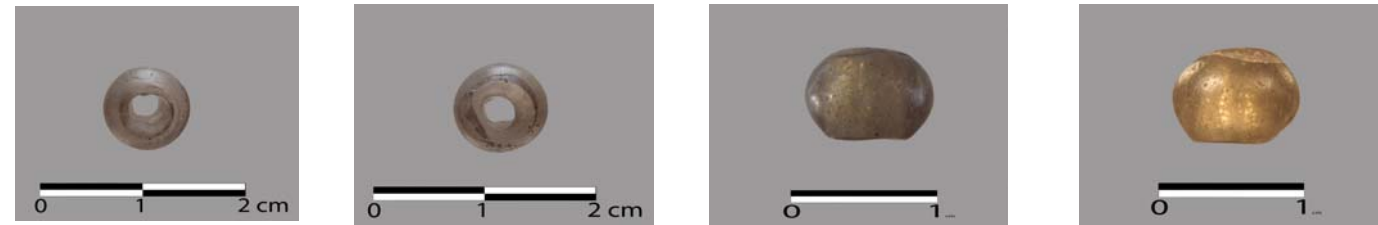
Localização actual: Museu Municipal de Mondim de Basto

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Conta de colar globular, em vidro translúcido, incolor com inclusão de ouro no seu interior.

Nº inventário: 554

código adm. 17.05.05

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro-séc.II-I a.C.

Sítio: Crastoeiro

Concelho: Mondim de Basto

Distrito: Vila Real

Freguesia: Mondim de Basto

Bibliografia: PEREIRA DINIS, A. (2001) p.87, fig.51, nº1

Tipologia: bitroncocónica

Cromatismo: monocromático

Cores: incolor c/ouro

Diam./Larg. (mm): 7,54

Diam. Orifício (mm): 3,01

Alt./Compr. (mm): 4,4/3,3

Peso(gr): 0,2 gr.

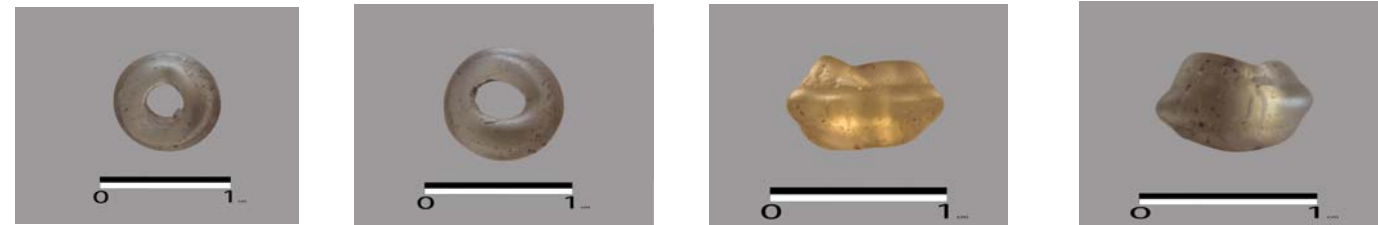
Localização actual: Museu Municipal de Mondim de Basto

imagem 1

imagem 2

imagem 3

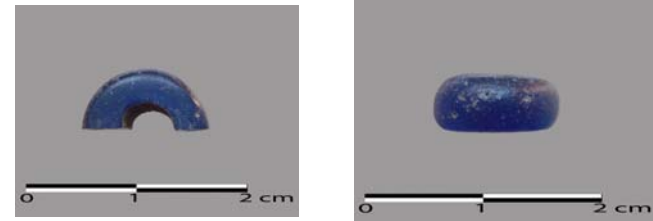
imagem 4



Descrição:
Conta de colar bitroncocónica, em vidro translúcido, incolor com inclusão de ouro no seu interior.

Conta de colar bitroncocónica, em vidro incolor com inclusão de ouro no seu interior.

| | | | | | | |
|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|---|---|--|
| Nº inventário: 559 | | código adm. 17.05.05 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Crastoeiro | | Concelho: Mondim de Basto | | | | |
| Distrito: Vila Real | | Freguesia: Mondim de Basto | | Bibliografia: PEREIRA DINIS, A. (2001) | | |
| Tipologia: cupiforme curta | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 10,7 | | Diam. Orifício (mm): 3,83 | Alt./Compr. (mm): 5 | Peso(gr): 0,3 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Mondim de Basto | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar cupiforme curta, em vidro azul cobalto semi-translúcido.

| | | | | | | |
|----------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|---|---|--|
| Nº inventário: 560 | | código adm. 17.05.05 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Crastoeiro | | Concelho: Mondim de Basto | | | | |
| Distrito: Vila Real | | Freguesia: Mondim de Basto | | Bibliografia: PEREIRA DINIS, A. (2001) | | |
| Tipologia: oblata | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 11,21 | | Diam. Orifício (mm): 4,09 | Alt./Compr. (mm): 5,83 | Peso(gr): 0,5 gr. | Localização actual: Museu Municipal de Mondim de Basto | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
1/2 conta de colar oblata em vidro de cor azul cobalto quase opaco.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo)nº inv.CP-98-29-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Descrição:

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo)nº inv.CP-98-10-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo)nº inv.CP-98-6-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Peso(gr):

Localização actual:

3,8

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 2

imagem 3

imagem 4



—

Descrição:

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-98-4-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Peso(gr):

Localização actual:

3.8

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 2

imagem 3

imagem 4



—

Descrição:

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-98-14-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-99-8-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-99-7-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

4

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-98-20-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

3

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-99-6-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
incolor c/ouro

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo) nº inv.CP-98-9-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-11-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar bitroncocónica c/ faces convexas, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-5-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta, em vidro translúcido, incolor, com inclusão de ouro no seu interior.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-30-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar discóide, em vidro translúcido, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-32-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar discóide(?), em vidro translúcido, de cor amarela. É algo deformada.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

| | | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-22-Co, p.3 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

| | | | |
|---------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--|
| Tipologia: segmentada | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-3-Co, p.3 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) |
|---------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--|

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar segmentada, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo); nº inv.CP-99-10-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-35-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-19-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

1.9

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-21-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

2

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

| | | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-13-Co, p.3 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

| | | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-15-Co, p.3 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------|---|

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-12-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

1,7

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-2-Co, p.3
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

2,1/1,4

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-13-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro opaco, de cor amarela.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-27-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar, em vidro opaco, dicróico, de cores verde e azul.

Conta de colar, em vidro opaco, dicróico, de cores verde e azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-1-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro opaco, dicróico, de cores azul e vermelho.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-34-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Cores:
azul

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-33-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Cores:
azul

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-31-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-25-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-11-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-18-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar deformada, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-26-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-03-2-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-5-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro opaco, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-1-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar anular, em vidro translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-3-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-8-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

4.4

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Descrição:

Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-02-3-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

6.5

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Descrição:

Conta de colar sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-12-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar globular, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-4-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-16-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-7-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar sub-cilíndrica curta c/ extremidades convexas, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-99-2-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, em vidro semi-translúcido, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
castanho

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-28-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar deformada, em vidro opaco, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-23-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar deformada, em vidro opaco, de cor castanha.

Cronologia:
Idade do Ferro

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-02-2-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Conta de colar oblata, oculada, em vidro opaco, de cor azul turquesa.

Conta de colar oblata, oculada, em vidro opaco, de cor azul turquesa.

Cronologia:
Romano/Idade do Ferro

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
azul

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-02-1-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

5.5

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4



Descrição:

Conta de colar cupiforme, em vidro semi-translúcido, de cor azul.

Cronologia:
Romano/Idade do Ferro

Concelho: Murça

Freguesia: Palheiros

Bibliografia:

Cores:
amarelo

ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-17-Co, p.4
SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008)

Localização actual:

imagem 2

imagem 3

Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros

imagem 4

Descrição:

Fragmentos de conta de colar, em vidro opaco, de cor amarela.

| | | | | | | | | | |
|----------------------------|--|---------------------------|--|------------------------------|--|--|--|---------------------|--|
| Nº inventário: 617 | | código adm. 17.07.07 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Romano/Idade do Ferro | | | |
| Sítio: Crasto de Palheiros | | | | Concelho: Murça | | | | | |
| Distrito: Vila Real | | Freguesia: Palheiros | | | | Bibliografia: | | | |
| Tipologia: | | Cromatismo: monocromático | | Cores: azul | | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-97-1-Co, p.4 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | Peso(gr): | | Localização actual: | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros imagem 4 | | | |

Descrição:
Fragmentos de conta de colar, em vidro opaco, de cor azul.

| | | | | | | | | | |
|----------------------------|--|---------------------------|--|-----------------------|--|---|--|---------------------|--|
| Nº inventário: 618 | | código adm. 17.07.07 | | Tipo de peça: glóbulo | | Cronologia: Romano/Idade do Ferro | | | |
| Sítio: Crasto de Palheiros | | | | Concelho: Murça | | | | | |
| Distrito: Vila Real | | Freguesia: Palheiros | | | | Bibliografia: | | | |
| Tipologia: | | Cromatismo: monocromático | | Cores: bege | | ABRUNHOSA, A. C. S. G. (no prelo): nº inv.CP-98-24-Co, p.4 SANCHES, M. J. e PINTO, D. (2008) | | | |
| Diam./Larg. (mm): | | Diam. Orifício (mm): | | Alt./Compr. (mm): | | Peso(gr): | | Localização actual: | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros imagem 4 | | | |

Descrição:
Glóbulo, em vidro opaco, de cor bege.

Nº inventário: 619

código adm. 17.08.12

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo da Fonte do Milho

Concelho: Peso da Régua

Distrito: Vila Real

Freguesia: Canelas

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 13,57

Diam. Orifício (mm): 7

Alt./Compr. (mm): 5,47

Peso(gr): 1,1 gr.


Localização actual: D.R.C.N. Porto - Casa de Ramalde


imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Conta de colar anular em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 620

código adm. 17.08.12

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo da Fonte do Milho

Concelho: Peso da Régua

Distrito: Vila Real

Freguesia: Canelas

Bibliografia:

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 15

Diam. Orifício (mm): 7,46

Alt./Compr. (mm): 7,2/5,25

Peso(gr): 1,4 gr.


Localização actual: D.R.C.N. Porto - Casa de Ramalde


imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:

Conta de colar anular em vidro azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

C. de 1/2 conta de colar oblata em vidro azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

C. de 1/2 conta de colar anular em vidro verde semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Conta de colar oblata em vidro azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

Conta de colar anular em vidro de cor azul escuro. Encontra-se ligeiramente fragmentada, tendo o fragmento c. de 3mm.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|----------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 11,91 | 3,92 | 6,51 | 1,2 gr. | D.R.C.N. Porto - Casa de Ramalde |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar oblata em vidro de cor azul escuro.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|----------------------------------|
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): | Peso(gr): | Localização actual: |
| 9,57 | 4,53 | 5,24/3,58 | 0,4 gr. | D.R.C.N. Porto - Casa de Ramalde |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Conta de colar anular em vidro de cor azul escuro

Nº inventário: 627

código adm. 17.08.12

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castelo da Fonte do Milho

Concelho: Peso da Régua

Distrito: Vila Real

Freguesia: Canelas

Bibliografia:

Tipologia: oblata(?)

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 6,07/5,05

Peso(gr): 0,3 gr.

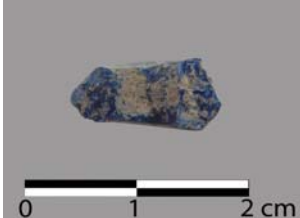

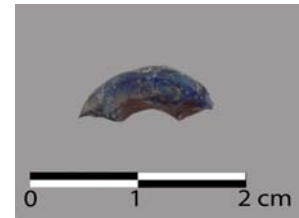
Localização actual: D.R.C.N. Porto - Casa de Ramalde

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
Fragmento de conta de colar oblata em vidro de cor azul escuro (1/4 da peça)

Nº inventário: 628

código adm. 18.16.04

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro da Cárcoda

Concelho: S. Pedro do Sul

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: SILVA, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 4,83

Diam. Orifício (mm): 2,49

Alt./Compr. (mm): 2,47

Peso(gr): -0,1 gr.


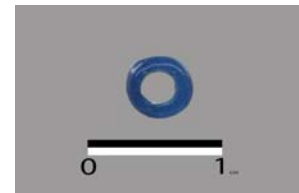
Localização actual: Pólo Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

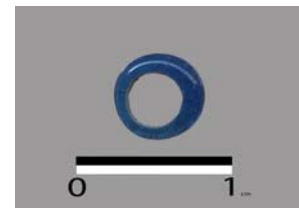
imagem 3

imagem 4



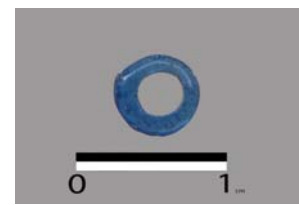
Descrição:
Conta anular em vidro azul escuro translúcido.

| | | | | |
|---------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|---|
| Nº inventário: 629 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Idade do Ferro/Romano |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | Concelho: S. Pedro do Sul | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | |
| Diam./Larg. (mm): 5,63 | Diam. Orifício (mm): 3,26 | Alt./Compr. (mm): 2,11 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
Conta anular em vidro azul escuro translúcido.

| | | | | |
|---------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|---|
| Nº inventário: 630 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Idade do Ferro/Romano |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | Concelho: S. Pedro do Sul | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | |
| Diam./Larg. (mm): 5,54 | Diam. Orifício (mm): 2,93 | Alt./Compr. (mm): 1,9 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
Conta anular em vidro azul escuro translúcido

Conta anular de secção semi-circular em vidro azul escuro semi-translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
18.16.04

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. Tcastanho. da e CORREIA, A. (1977)

| | | | |
|-------------------|--------------------|---------------|--|
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: | Silva, C. Tcastanho. da e CORREIA, A. (1977) |
| anular | monocromático | castanho | |

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4.21

6.11/4.7

0.7 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta anular em vidro castanho semi-translúcido

Nº inventário: 634 **código adm.** 18.16.04 **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

| | | | |
|-------------------|--------------------|---------------|--------------------------------------|
| Tipologia: | Cromatismo: | Cores: | Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) |
| oblata | monocromático | azul escuro | |

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4,54

6.88

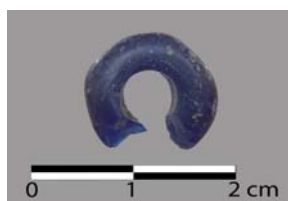
0.9 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta oblata em vidro azul escuro, fragmentada (c. 3/4 da peça) .

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 635 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: preto | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 12,68 | | Diam. Orifício (mm): 5,37 | Alt./Compr. (mm): 5,9/4,84 | Peso(gr): 1,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta de colar anular em vidro opaco preto (?)

| | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 636 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: castanho | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 11,6 | | Diam. Orifício (mm): 5 | Alt./Compr. (mm): 6,23 | Peso(gr): 0,8 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta de colar anular, algo fragmentada, em vidro castanho translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)



Conta de colar anular em vidro amarelo acastanhado translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)



Conta de colar anular em vidro amarelo acastanhado translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul claro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

5.67

5.24/4.37

0,6 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar anular em vidro azul claro translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia:

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul claro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4,41/3,08

5,39/4,3

0,6 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Conta de colar oblata, algo defeituosa, em vidro azul claro translúcido.

Conta de colar anular em vidro azul claro translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia:

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cores:

castanho

Localização actual:

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 4



Conta de colar anular de secção semi-circular em vidro castanho translúcido.

Cronologia:
Romano/Medieval

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia:

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cores:

vermelho

Localização actual:

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 4



Conta de colar cilíndrica em vidro vermelho (âmbar).

Conta de colar cilíndrica em vidro vermelho (âmbar).

Fragmento de conta de colar oblata em vidro azul escuro translúcido. Conserva-se c. de 1/3 da peça.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|-----------------------|------------------------------|--|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 647 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 11,15 | Diam. Orifício (mm): 4,83 | Alt./Compr. (mm): 6 | Peso(gr): 0,4 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Meia conta de colar anular de secção semi-circular em vidro azul escuro semi-translúcido.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|------------------------|------------------------------|--|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 648 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: azul escuro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): | Diam. Orifício (mm): | Alt./Compr. (mm): 5,55 | Peso(gr): 0,2 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 1/3 de conta de colar anular em vidro azul escuro translúcido.

Nº inventário: 649

código adm. 18.16.04

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro da Cárcoda

Concelho: S. Pedro do Sul

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm): 9,48

Diam. Orifício (mm): 4,26

Alt./Compr. (mm): 4,94

Peso(gr): 0,2 gr.


Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu


imagem 1

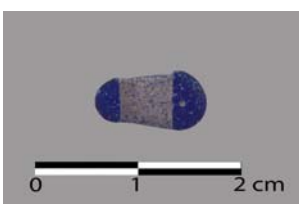
imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:
1/2 conta de colar anular em vidro azul escuro semi-translúcido.

Nº inventário: 650

código adm. 18.16.04

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro da Cárcoda

Concelho: S. Pedro do Sul

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul escuro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm): 5,2

Peso(gr): 0,2 gr.

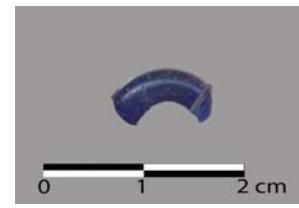
Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu

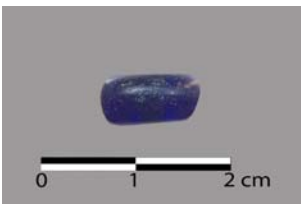
imagem 1


imagem 2

imagem 3

imagem 4







Descrição:
1/4 de conta de colar anular em vidro azul escuro semi-translúcido.

- de 1/2 conta de colar anular em vidro azul escuro.

Nº inventário: 655

código adm. 18.16.04

Sítio: Castro da Cárcoda

Tipo de peça: conta de colar

Concelho: S. Pedro do Sul

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul claro

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

8,11

0,5 gr.


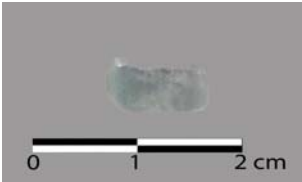
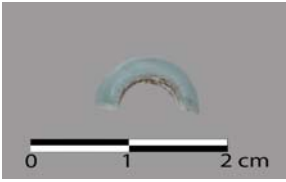
Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
c. de 1/2 conta de colar anular em vidro azul água translúcido.

Nº inventário: 656

código adm. 18.16.04

Sítio: Castro da Cárcoda

Tipo de peça: conta de colar

Concelho: S. Pedro do Sul

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: castanho

Diam./Larg. (mm):

Diam. Orifício (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

12,82

6,19

6,24/4,1

0,4 gr.




Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:
c. de 1/2 conta de colar anular em vidro castanho translúcido.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 659 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: branco | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 9,95 | | Diam. Orifício (mm): 4,72 | Alt./Compr. (mm): 4,22 | Peso(gr): 0,3 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
c. de 1/2 conta de colar anular em vidro branco opaco.

| | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 660 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: castanho | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 9,96 | | Diam. Orifício (mm): 4,96 | Alt./Compr. (mm): 3,64 | Peso(gr): 0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
- de 1/2 conta de colar anular em vidro castanho.

1/2 conta de colar oblata em vidro branco opaco.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
18.16.04

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cromatismo:
monocromático

Cores:
azul escuro

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

3,48

-0,1 gr.

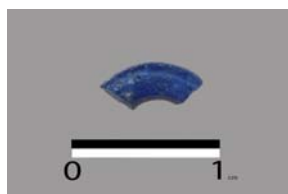
Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

c. de 1/5 de conta de colar anular de secção semi-circular em vidro azul escuro translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
18.16.04

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia:

Cromatismo:
monocromático

Cores:
branco

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Diam. Orificio (mm):

Alt./Compr. (mm):

Peso(gr):

Localização actual:

4,98

-0,1 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4



Descrição:

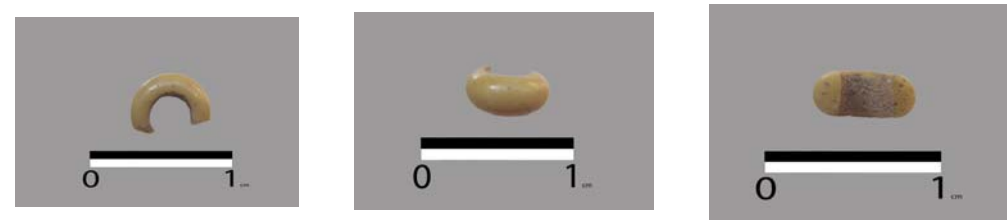
c. de 1/4 de conta de colar oblata em vidro branco opaco.

| | | | | |
|---------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|---|
| Nº inventário: 665 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Idade do Ferro/Romano |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) |
| Tipologia: globular | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | | |
| Diam./Larg. (mm): 4,5 | Diam. Orifício (mm): 3,2 | Alt./Compr. (mm): 4,74 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
c. de 1/2 conta de colar globular em vidro amarelo opaco.

| | | | | |
|---------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|---|
| Nº inventário: 666 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | Cronologia: Idade do Ferro/Romano |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) |
| Tipologia: anular | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | | |
| Diam./Larg. (mm): 5,06 | Diam. Orifício (mm): 2,63 | Alt./Compr. (mm): 2,47 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | |



Descrição:
c. de 1/2 conta de colar anular em vidro amarelo opaco.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|------------------------|------------------------------|--|-----------------------------------|--|
| Nº inventário: 667 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: oblata | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | | | | |
| | | | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 4,81 | Diam. Orifício (mm): 1,16 | Alt./Compr. (mm): 2,55 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | imagem 4 | | | |



Descrição:
 Conta de colar oblata em vidro amarelo opaco.

| | | | | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 668 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: defeituosa | Cromatismo: monocromático | Cores: azul claro | | | | |
| Diam./Larg. (mm): 4,81 | | Diam. Orifício (mm): 1,16 | Alt./Compr. (mm): 2,55 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | imagem 2 | imagem 3 | | imagem 4 | | |



Descrição:
 Conta de colar muito defeituosa em vidro azul claro translúcido.

| | | | | | | |
|-------------------------------------|--|--------------------------------|------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 669/728 | | código adm. 18.16.04 | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | | |
| Tipologia: 59 anulares e 1 globular | | Cromatismo: monocromático | Cores: amarelo | | | |
| Diam./Larg. (mm): 5,37/3,61 | | Diam. Orifício (mm): 3,35/1,88 | Alt./Compr. (mm): 2/1,8 | Peso(gr): -0,1 gr. | Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | |
| | | | | imagem 4 | | |



Descrição:

60 contas de colar (59 anulares e 1 globular) de secção semi-circular em vidro amarelo opaco. São idênticas à conta nº 40 do presente inventário.

| | | | | | | | |
|--|--|-------------------------------------|--|-------------------------------------|--|--|--|
| Nº inventário: 729 | | código adm. 18.16.04 | | Tipo de peça: conta de colar | | Cronologia: Idade do Ferro/Romano | |
| Sítio: Castro da Cárcoda | | | | Concelho: S. Pedro do Sul | | | |
| Distrito: Viseu | | Freguesia: Carvalhais | | | | Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977) | |
| Tipologia: segmentada/dupla | | Cromatismo: monocromático | | Cores: amarelo | | | |
| Diam./Larg. (mm): 4,75 | | Diam. Orifício (mm): 2,3 | | Alt./Compr. (mm): 4,9 | | Peso(gr): -0,1 gr. | |
| Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu | | | | | | | |
| imagem 1 | | imagem 2 | | imagem 3 | | imagem 4 | |



Descrição:

1/2 conta de colar segmentada/dupla em vidro amarelo opaco.

Nº inventário: 730

código adm. 18.16.04

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro da Cárcoda

Concelho: S. Pedro do Sul

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm): 4,87

Diam. Orifício (mm): 2,87

Alt./Compr. (mm): 2,08

Peso(gr): -0,1 gr.

Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar anular em vidro azul translúcido.

Nº inventário: 731

código adm. 18.16.04

Tipo de peça: conta de colar

Cronologia: Idade do Ferro/Romano

Sítio: Castro da Cárcoda

Concelho: S. Pedro do Sul

Distrito: Viseu

Freguesia: Carvalhais

Bibliografia: Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Tipologia: anular

Cromatismo: monocromático

Cores: azul

Diam./Larg. (mm): 4,97

Diam. Orifício (mm): 2,76

Alt./Compr. (mm): 1,73

Peso(gr): -0,1 gr.

Localização actual: Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Descrição:
1/2 conta de colar anular de secção semi-circular em vidro azul translúcido.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
18.16.04

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cores:

monocromático

amarelo

Localização actual:

3,4/1,17

2.67/1.03

-0,1 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

Colar formado por 65 contas sendo 61 anulares (1 dupla) e 4 globulares de secção semi-circular em vidro amarelo.

código adm. **Tipo de peça:** conta de colar
18.16.04

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Concelho: S. Pedro do Sul

Freguesia: Carvalhais

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cores:

monocromático

azul oscuro

Localização actual:

5,6

6.52

0,5 gr.

Pólo da Universidade Católica de Viseu

imagem 2

imagem 3

imagem 4

**Descrição:**

1/2 conta sub-cilíndrica curta c/extremidades convexas em vidro azul escuro semi-translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Idade do Ferro/Romano

Bibliografia:

castanho

imagem 4



Conta anular de secção em vidro castanho.

Cronologia: Romano

Romano

Bibliografia:

azul claro

imagem 4



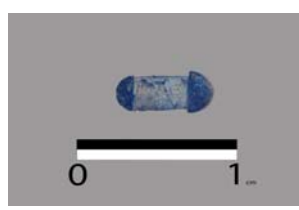
Conta anular de em vidro azul claro translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro/Romano

Silva, C. T. da e CORREIA, A. (1977)

Cores:
azul escuro

imagem 4



1/2 conta de colar anular em vidro azul translúcido.

Cronologia:
Idade do Ferro

Cores:
verde, branco e azul

imagem 4



Nota: imagem 1 retirada de Almeida, 2005, p.112; Est. XLIII, 5